

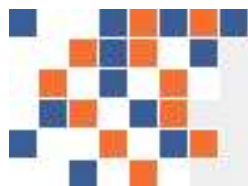
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA**  
**ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS**  
**HUMANAS – PPGICH**

**SÂMELA DE FREITAS VALAMATOS**

**‘PESSOA IDOSA’: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES NO PARQUE**  
**MUNICIPAL DE IDOSOS EM MANAUS.**

**MANAUS**

**2024**



**SÂMELA DE FREITAS VALAMATOS**

**‘PESSOA IDOSA’: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES NO PARQUE  
MUNICIPAL DE IDOSOS EM MANAUS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas com área de concentração em Teoria, História e Crítica da Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Gimima Beatriz Melo da Silva.

**MANAUS**

**2024**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

S187'?' Valamatos, Sâmelâ de Freitas  
'Pessoa idosa': : Um estudo de representações no Parque  
Municipal de Idosos em Manaus / Sâmelâ de Freitas  
Valamatos. Manaus : [s.n], 2024.  
197 f.: color.; 30 cm.

Dissertação - PPGICH - Programa de Pós Graduação  
Interdisciplinar em Ciências Humanas / UEA -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Gimima Beatriz Melo da Silva

1. Pessoa idosa. 2. Envelhecimento. 3.  
Representações Sociais. 4. Poder Simbólico. 5. Etarismo.  
I. Gimima Beatriz Melo da Silva (Orient.). II.  
Universidade do Estado do Amazonas. III. 'Pessoa idosa':

SÂMELA DE FREITAS VALAMATOS

**‘PESSOA IDOSA’: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES NO PARQUE  
MUNICIPAL DE IDOSOS EM MANAUS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, para obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas com área de concentração em Teoria, História e Crítica da Cultura.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2024.

---

Dra. Gimima Beatriz Melo da Silva – PPGICH/UEA

---

Dra. Neiva Maria Machado Soares – PPGICH/UEA

---

Dra. Eliana Maria Montenegro Monteiro – FAMETRO

*Ao meu Senhor, ao qual minha fé me leva a crer  
ter sido Ele quem me proporcionou, tanto essa  
conquista, quanto o amor e zelo que tenho para  
com as pessoas, ambos me inspiram em meus  
estudos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente ao meu Deus que abriu as melhores portas e me acompanhou, capacitou e direcionou em todos os afazeres desta pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas da Universidade Estadual do Amazonas, que possibilitou que este estudo fosse possível, me acolheu com diversas contribuições ao meu conhecimento, me fizeram crescer no desconforto de profundos questionamentos, me inspiraram a navegar por ideias e teorias antes impensadas, me ajudaram a crescer e ser melhor. A equipe técnica da Fundação Dr. Thomas e do Parque Municipal do Idoso, em especial aos professores Joel, Beatiz e Eliadne, os notórios zelo e atenção de vocês para com essa pesquisa são os responsáveis pela riqueza de detalhes que nela consta. Vocês tornaram possível a imersão no universo singular de 18 pessoas, e inspirar incontáveis outras a partir do que esta pesquisa construirá. A minha querida orientadora Dra. Gimima, que sempre se mostrou muito humanizada em suas tratativas comigo, sendo zelosa e cuidadosa com nossa pesquisa, depositando confiança em minha competência, gratidão por ser você. As minhas queridas professoras Mônica Barros e Dr<sup>a</sup> Eliana Monteiro, que me apoiam e inspiram desde a graduação. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas que me proporcionou os recursos básicos para minha dedicação a este estudo.

A minha família, começando pelo quase centenário Sr. Alcides (avô, 98 anos), a sua história e a sua cultura me aproximaram do envelhecimento humano regando essa aproximação com amor e admiração. Aos meus pais Daniel e Eunice que sempre disseram que eu era capaz e nunca me cobraram nada menos do que isso, me imputando valores e crescimento, jamais me deixando confortável com o ordinário, vocês são excelentes pais. Aos meus meninos Junior e Diego, vocês são a festa da vida, o domingo de descanso, as férias de um ano de trabalho, o porto seguro que eu escolhi para chamar de lar. Aos meus intelectuais favoritos, tios Joel e Marnice, ter vocês na família é uma inspiração acadêmica, e estar com vocês em uma mesa, é um explosão intelectual.

A esta própria pesquisa, o esforço mental que ela me exigiu foi transcendente, as experimentações que ela me proporcionou me mudaram para sempre e os resultados que ela me apresentou me marcaram profundamente, ela me oportunizou realizar um pouco de minha maior aspiração de vida: tornar-me uma versão melhor de mim mesma em relação ao amor para com o próximo e para comigo.

**A TODOS, GRATIDÃO!**

*É dever de todos zelar pela dignidade  
do idoso, colocando-o a salvo de  
qualquer tratamento desumano,  
violento, aterrorizante, vexatório ou  
constrangedor.  
Estatuto do Idoso - Artigo 10, § 3º*

## RESUMO

Esta é uma pesquisa interdisciplinar de levantamento de dados, abordagem qualitativa e cunho descritivo, produzida sobre a ótica das ciências humanas. Teve como teorias basilares a teoria das Representações Sociais, de Moscovici, a teoria do Poder Simbólico de Bourdieu, a teoria do Poder Disciplinar de Foucault, e as teorias da cultura, de Bauman, Laraia e Geertz. O questionamento dessa pesquisa foi construído a partir da legislação vigente em nosso país que atesta que toda pessoa com idade igual ou superior a 60 anos é uma 'pessoa idosa', portanto formulou-se o seguinte questionamento: “Como se sente uma pessoa que, ao chegar aos 60 anos de idade, tem sua classificação da vida definida imediata e arbitrariamente como, agora, uma 'pessoa idosa'?”. Essa pesquisa teve como objetivo geral: “captar a representação social atribuída pela pessoa com mais de 60 anos de idade cronológica ao termo classificatório 'pessoa idosa'” e objetivos específicos: “compreender qual o significado do termo 'pessoa idosa' para os participantes da pesquisa”; “identificar se há representatividade dos participantes da pesquisa pelo termo 'pessoa idosa'” e, “registrar como se sente, o participante da pesquisa, frente à classificação e/ou possibilidade de classificação 'pessoa idosa'”. Para cumprir estes objetivos, esta pesquisa realizou um levantamento de dados a partir dos próprios sujeitos ao termo 'pessoa idosa', entrevistando 18 participantes de atividades do Parque Municipal do Idoso, localizado na cidade de Manaus, contendo todos idade igual ou superior a 60 anos. Esta pesquisa cumpriu com seus objetivos específicos, encontrando as seguintes seguranças: o termo 'pessoa idosa' é uma teia complexa que abarca uma quantidade indeterminada de representações e significados, apresentando pontos de conexões e rupturas, de encontros e desencontros, sendo inadequadamente reduzido os participantes em colunas de macro aspectos, tornando-se necessário categorizar tantas classificações quanto pessoas participantes para compreender o que se representa do termo de maneira individual. 83% dos participantes compartilham uma 'pessoa idosa'. Nenhum dos participantes se sentiu violado caso fossem tratados pela nomenclatura de 'pessoa idosa', alguns pontuaram que o que os ofendeu são os tratamentos violentos e citaram 'velho' como exemplo. A ferramenta de pesquisa foi uma entrevista estruturada aberta, portanto outros dados foram encontrados, detalhados e evidentes que: ser uma 'pessoa idosa' representa estar à mercê de uma pluralidade de características biológicas, psicológicas, sociais e laborais. Ser uma 'pessoa idosa' representa vivenciar a vivência de diversos momentos em que o ageísmo é praticado pelos demais à sua volta, independentemente da idade. Ser uma 'pessoa idosa' é ser uma pessoa moderna por um termo que representa a segurança de direitos e garantias e ter os mesmos violados em diversas, se não em todas, as esferas e estar à mercê de violências, inclusive nessas esferas. Por fim, uma pesquisa relatou ainda que ser uma 'pessoa idosa' com a oportunidade de frequentar um centro de convivência de idosos é experimentar cuidado, carinho, respeito, consideração, estimativa e diversos outros bons tratamentos.

**Palavras-chave:** ‘pessoa idosa’; Envelhecimento; Representações Sociais; Poder Simbólico; Etarismo.



## ABSTRACT

This is an interdisciplinary survey, with a qualitative and descriptive approach, produced from the perspective of the human sciences. Its basic theories were Moscovici's theory of Social Representations, Bourdieu's theory of Symbolic Power, Foucault's theory of Disciplinary Power, and Bauman, Laraia and Geertz's theories of culture. The questions posed in this research were based on the legislation in force in our country, which states that anyone aged 60 or over is an 'elderly person'. The following question was therefore formulated: "How does a person feel when they reach the age of 60 and have their life classification immediately and arbitrarily defined as now being an 'elderly person'?" The general objective of this research was: "to capture the social representation attributed by people over 60 years of age to the classificatory term 'elderly person'" and the specific objectives were: "to understand what the term 'elderly person' means to the participants in the research"; "to identify whether the term 'elderly person' is representative of the participants in the research" and, "to record how the participants in the research feel about the classification and/or possibility of classification 'elderly person'". In order to meet these objectives, this research carried out a survey of data from the subjects themselves on the term 'elderly person', interviewing 18 participants in activities at the Parque Municipal do Idoso, located in the city of Manaus, all of whom were aged 60 or over. This research met its specific objectives, finding the following certainties: the term 'elderly person' is a complex web that encompasses an indeterminate number of representations and meanings, presenting points of connections and ruptures, of encounters and mismatches, with participants being inadequately reduced into columns of macro aspects, making it necessary to categorize as many classifications as there are participants in order to understand what is represented by the term in an individual way. 83% of the participants share an 'elderly person'. None of the participants felt violated if they were addressed by the name 'elderly person', some pointed out that what offended them was violent treatment and cited 'old man' as an example. The research tool was an open-ended structured interview, so other data was found, detailed and evident that: being an 'elderly person' represents being at the mercy of a plurality of biological, psychological, social and labor characteristics. Being an 'elderly person' means experiencing various moments in which ageism is practiced by others around them, regardless of their age. To be an 'elderly person' is to be a modern person by a term that represents the security of rights and guarantees and to have them violated in several, if not all, spheres and to be at the mercy of violence, including in these spheres. Finally, one survey also reported that to be an 'elderly person' with the opportunity to attend an elderly living center is to experience care, affection, respect, consideration, esteem and various other good treatments.

**Keywords:** Elderly Person; Aging; Social Representations; Symbolic Power; Ageist.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Enfrentamento Local, Brasil .....	17
Figura 2 – Enfrentamento Global, Década do Envelhecimento Saudável .....	17
Figura 3 – Entrada principal da Fundação Dr. Thomas.....	39
Figura 4 - Foto aérea do início da Fundação Dr. Thomas .....	40
Figura 5 - Foto aérea da Fundação Dr. Thomas nos dias de hoje .....	41
Figura 6 - Equipe do PADI indo a campo .....	43
Figura 7 - "Pavilhões" da ILPI-FDT, quartos coletivos .....	44
Figura 8 - Atividade em horta para os Idosos residentes na ILPI-FDT.....	44
Figura 9 - Evento “Idosos na Copa” na ILPI-FDT .....	44
Figura 10 - "Bloco FDT na Folia", Carnaval na ILPI-FDT.....	45
Figura 11 - Vista aérea do PMI .....	46
Figura 12 - Pista de Caminhada PMI.....	46
Figura 13 - Restaurante Prato Popular PMI.....	47
Figura 14 - Piscina PMI.....	47
Figura 15 - Academia ao ar livre PMI.....	47
Figura 16 - Parada de ônibus interna no PMI.....	49
Figura 17 - "Aulão" no PMI .....	49
Figura 18 - Treinamento para os Jogos Internos do Parque do Idoso .....	49
Figura 19 - Hidroginástica no PMI.....	50
Figura 20 - Feira de Artesanato Natalina PMI .....	51
Figura 21 - Parque na Roça 2023 .....	51
Figura 22 - Tarde dançante PMI.....	51
Figura 23 - Expansão do Projeto Viver Bem na Terceira Idade.....	52
Figura 24 - Sala de Aula do programa CIMEAPI no PMI .....	54
Figura 25 - Fumaça encobre a cidade de Manaus .....	55
Figura 26 - Fumaça encobre a cidade de Manaus .....	56

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes da Pesquisa.....	62
Tabela 2 - Como os navegantes percebem e/ou experimentam a ‘última viagem’ .....	65
Tabela 3 - Expectativa de vida das últimas 05 décadas, IBGE .....	80
Tabela 4 - Representações de como a sociedade percebe os navegantes. ....	100

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A disposição das opiniões dos navegantes a respeito da percepção e/ou experimentação da ‘última viagem’ .....	66
Gráfico 2 - Os participantes da pesquisa consideram 'pessoa idosa' a partir de qual idade?....	88
Gráfico 3 - Como é percebida a divisão nominal ‘pessoa idosa’ .....	92
Gráfico 4 - Os participantes da pesquisa se identificam como uma 'pessoa idosa'?.....	95
Gráfico 5 - Conteúdos expressos que demonstram tratamentos indignos as 'pessoas idosas'	101
Gráfico 6 - Conteúdos expressos que demonstram falha na preservação dos direitos e garantias da 'pessoa idosa' .....	108
Gráfico 7 - Roubos na cidade de Manaus 2021, 2022 e 2023 .....	112
Gráfico 8 - Principais problemáticas no transporte coletivo às 'pessoas idosas' .....	114
Gráfico 9 - Exemplos de comportamentos impostos a ‘pessoa idosa’ .....	119
Gráfico 10 - Levantamento de violências praticadas contra as 'pessoas idosas' a partir das entrevistas. ....	123
Gráfico 11 - Indicadores de crimes reportados contra a 'pessoa idosa' em Manaus.....	126
Gráfico 12 - Principais Representações do PMI aos participantes.....	128

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Uma navegante observando outros navegantes .....	13
CAPÍTULO 1: Os territórios disciplinares .....	22
1.1: Navegantes, tripulantes ou passageiros? A diferença entre os nomes .....	23
1.2: Nós, os navegantes: o conceito de pessoa .....	25
1.3: O oceano cultural que nos circunda.....	26
1.4: Da paisagem coletiva para a experiência subjetiva: as representações sociais.....	29
1.5: Da calma a tempestade: os poderes exercidos pelos símbolos.....	32
CAPÍTULO 2: Das ferramentas aos navegantes: métodos e participantes .....	37
2.1: As ferramentas norteadoras: métodos da pesquisa .....	37
2.2: A posição geográfica dos navegantes: lócus desta pesquisa.....	39
2.3: Os navegantes: participantes da pesquisa .....	53
2.4: O levantamento das rotas: a pesquisa em campo.....	55
2.5: A exploração das rotas: o tratamento e análise de dados.....	59
CAPÍTULO 3: Desvendando as representações: narrativas entrelaçadas. ....	61
3.1: Como os navegantes percebem e/ou experimentam a ‘última viagem’ .....	63
3.1.1: Viagem definida pelas rotas anteriores e atuais .....	68
3.1.2: A última viagem é sempre prejudicada ou limitada.....	70
3.1.3: Esta viagem requer moldes específicos.....	72
3.1.4: Navegantes dessa viagem são felizes e vitoriosos .....	74
3.1.5: Viagem feita por um barquinho capacitado e não limitado .....	74
3.1.6: Viagem regida a partir de um acumulado de experimentações .....	76
3.1.7: Quando possível frequentar um porto de convivência, essa viagem se torna melhor .....	77
3.1.8: Viagem por vezes conduzida por navegantes maus/ruins.....	78
3.1.9: Os navegantes antigos são mais eficientes que navegantes jovens.....	79
3.1.10: Viagem conduzida por navegantes merecedores de respeito e paciência.....	81
3.1.11: Viagem que pressupõe adaptações.....	81
3.1.12: Viagem marcada pelos efeitos do tempo no barco.....	82
3.1.13: Navegantes dependentes e indefesos .....	83
3.1.14: Navegantes livres .....	83
3.1.15: Navegantes que sobreviveram.....	84
3.1.16: Uma viagem que algumas pessoas oferecem resistência .....	84
3.2: Da imposição a experimentação, classificação ‘vs’ autotransclassificação .....	85

3.2.1: Como os navegantes acham que deveria ser a separação nominal cronológica que recebem?.....	87
3.2.2: Como os navegantes percebem a separação nominal cronológica que recebem? ..	92
3.2.3: Os navegantes introjetam a separação nominal cronológica que recebem? .....	95
3.2.4: Como os navegantes se sentem caso sejam chamados por separações cronológicas? .....	97
3.3: Uma tempestade: a ‘última viagem’ na esfera coletiva .....	98
3.3.1: Os navegantes recebem tratamentos indignos.....	100
3.3.2: Os navegantes vivenciam condições degradantes de ordenamento público .....	107
3.3.3: Os outros navegantes são impositivos em relação aos “meus” comportamentos .	119
3.3.4: Os navegantes recebem tratamentos violentos.....	122
3.4: Um porto seguro: o parque municipal “das ‘pessoas idosas’” .....	126
3.4.1: O Meu Porto Seguro.....	130
CONCLUSÃO: Um porto para chegar ou um barco para chamar de lar? .....	133
REFERENCIAS .....	147
ANEXOS .....	157
ANEXO 01: Transcrição das entrevistas .....	158
ANEXO 02: Ficha de inscrição .....	189
ANEXO 03: Entrevista .....	191
ANEXO 04: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	192
ANEXO 05: Termo de autorização de gravação em áudio e uso de depoimento.....	194
ANEXO 06: Entrevista extra com uma professora que leciona para ‘pessoas idosas’ .....	195

## **INTRODUÇÃO: Uma navegante observando outros navegantes**

Em nosso cotidiano temos alguns processos classificatórios que diferenciam as experimentações da vida a partir de uma ideia cronológica existencial. Classificamos o recém-chegado ao mundo como “bebê”, posterior ele recebe a classificação de “criança” então chega a “adolescência”, a “juventude”, a “adulterez” e, por fim, a “velhice”. Em cada um desses períodos existem capacidades, habilidades e comportamentos previstos, estipulados teórica, social e legalmente, tendo assim direitos, deveres, garantias, diretrizes de comportamento e tudo mais alimentado culturalmente.

Eu, enquanto pessoa e pesquisadora, sempre tive um grande apreço pelo que definimos hoje como ‘pessoa idosa’. Desde muito jovem, minhas conversas e lembranças mais afetivas, foram na companhia de pessoas que costumavam ter cabelos grisalhos, pele enrugada, um grande repertório de fala pedagógica e um cafezinho. Esse grupo me encanta os olhos até hoje.

Em minha formação inicial, em psicologia, pude ter minha primeira experimentação enquanto pesquisadora deste grupo. Nesta pesquisa, imersa no campo das ciências humanas, propus manter a classe de pesquisa, porém a partir de novos questionamentos e novos conhecimentos promovidos pelos doutores com os quais essa formação me permitiu encontrar. Conhecer o percurso metodológico dessa pesquisa é essencial para melhor compreensão de seus métodos e objetivos. Este foi estabelecido durante o primeiro ano de curso, mediante as aulas e os aprendizados e será brevemente narrado a seguir.

“A opinião pensa mal; não pensa: traduz necessidade sem conhecimento”, sendo considerada, como presente em um “espírito velho”, equiparando-a a idade de seus preconceitos (Bachelard, 1996). Como alternativa metodológica a esta condição, Bachelard nos convida a caminharmos “contra a natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro”, fugir “da certeza e da unidade” que se encontram “nos sistemas homogêneos”, desconfiar das “identidades mais ou menos aparentes”, gerando “mais ocasiões de distinguir”, desejar saber mais por intermédio de um melhor questionamento (Bachelard, 1996).

Tendemos a definir comportamentos, posturas e atitudes a partir das características físicas da idade que uma pessoa apresenta. Nossa legislação o mesmo a partir de marcos cronológicos específicos. Eu admito que há método e necessidade nisso em diversos contextos, mas a idade cronológica frequentemente é utilizada como parâmetro único para categorizar e classificar pessoas, essa prática, utilizada desta maneira, tende a homogeneizar e simplificar a diversidade das experiências de vida a apenas uma variante (Stuart-Hamilton 2002).

Bachelard, uma excelente alternativa metodológica para transcender esse ímpeto reducionista, estabelece uma discussão sobre o “espírito científico” e nos ensina quais estados o pesquisador precisa percorrer na formação metodológica de uma pesquisa para que esta seja bem produzida em fuga desses padrões, seguindo três estados descritos por ele (1996):

Primeiro estado: “o concreto”. Nesse estado há uma contemplação das unidades previamente definidas pela cultura vigente na qual o pesquisador faz parte. Como alternativa a este estado, a tomada de consciência do arbitrário se faz necessária, “tratar-se de interrogar sistematicamente o caso particular, constituído em 'caso particular do possível', [...] para retirar dele as propriedades gerais ou invariantes que só se denunciam mediante uma interrogação assim externa”, possibilitando a descoberta de uma realidade mais objetiva e uma fuga ao poder impositivo intrínseco em muitos processos classificatórios (Bachelard, 1996; Bourdieu, 2002).

Neste estágio, podemos fazer uma observação menos impositiva sobre as divisões de classes, recebendo elas o parâmetro divisório que for. As pessoas, quiçá, são tão interessantes quanto similares. Agora, seríamos grupos unidos por semelhanças, separaríamos os mesmos por diferenças? E se isso for, seríamos capazes de medir quantas semelhanças e quantas separações existem, para assim definirmos e separarmos os grupos nominalmente? E se isso fizéssemos, ajudaria de que forma em nossa evolução enquanto sociedade? Esses são exemplos de perguntas que corroboraram com a ruptura do estado concreto. Cabe a ressalva dessas perguntas não foram feitas e transcritas com o intuito de estabelecer uma resposta, nem de criticar incisivamente as estruturas, mas sim promover uma reflexão.

Segundo estado: “concreto-abstrato”. Nesse estágio Bachelard nos estimula a acrescentar “à experiência física esquemas geométricos” e, a apoiar-se numa filosofia da simplicidade, uma postura mais íntima e intuitiva da produção científica (Bachelard, 1996). Esta postura é corroborada por Bourdieu quando, nas instruções sobre a definição do objeto de pesquisa nos transcrevemos sua percepção de que este é um trabalho de grande fôlego, que se realiza um pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridas pelo que se chama ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios que orientam as ações ao mesmo tempo minúsculos e decisivos (Bourdieu, 2002).

Neste estágio, as teoria de “representações sociais” e “poder simbólico” foram evocadas para dar forma ao objeto desta pesquisa, iniciando-se uma discussão interna a respeito dos sistemas simbólicos, que são apresentados como “instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação”, construindo a realidade a partir dos conteúdos semânticos que estas recebem e representam socialmente (Moscovici, 2010; Bourdieu, 2002).



Estes sistemas de símbolos são estabelecidos coletiva e arbitrariamente e agem como poderes construtores da realidade representada, convertendo seu efeito de imposição no espectro individual, “um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que [se] é obtido pela força (física ou econômica) e só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário [...]”, podendo contribuir para “assegurar a dominação de uma classe sobre outra” e “para a submissão inconsciente dos dominados” (Bourdieu, 2002).

Terceiro e último estado: O “estado abstrato”. Este estado é o momento “em que o espírito adota informações voluntariamente subtraídas à intuição do espaço real, voluntariamente desligadas da experiência imediata”, sem perder a base afetiva com a qual a pesquisa foi estabelecida (Bachelard, 1996). Nesse estágio, chegamos ao questionamento: “o que é uma ‘pessoa idosa’?”. O termo se adequa a norma semântica legislativa de nosso país ‘pessoa idosa’: “pessoa com idade biológica cronológica igual ou superior a sessenta anos” (Brasil, 1994, 2003).

Tal pergunta, novamente, não foi elaborada na presunção de encontrar uma resposta objetiva e concreta, um denominador ou fenômeno unificador de todos, caso isso fosse, este seria uma produção substancialista, o que não é a proposta das Ciências Humanas. O objetivo desta pergunta é pensar de forma relacional, pensar o próprio real enquanto relacional a quem experimenta, o que experimenta e diversas outras variáveis, não definidoras, mas relacionais as definições (Bourdieu, 2002).

No próprio percurso definitivo dos objetivos e objeto dessa pesquisa nos deparamos com uma carga interpretativa negativa em relação ao termo “velho”, quando Bachelard compara o espírito científico preconceituoso, negativo, pronto a produzir um fazer tendencioso e pobre dentro da ciência como um “espírito velho”. Não é incomum nos nossos encontros semânticos corriqueiros, utilizarmos as variações cronológicas de mais tempo de existência como exemplos de negatividade, desuso, ultrapassado, desinteressante, urgências de mudanças para “o novo”.

Um fenômeno que contribuiu para a produção dessa pesquisa é a condição de aumento populacional mundial das ‘pessoas idosas’ em números absolutos. Um estudo da "World Population Ageing 2019" publicado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas aborda o aumento do número de ‘pessoas idosas’ no mundo, examinando a dinâmica demográfica global e os impactos do envelhecimento da população, ressaltando a importância de abordar as necessidades dos idosos em áreas como saúde, previdência social, moradia adequada, emprego e participação social e, projeta que a proporção de idosos (com 60 anos ou mais) em relação à população global irá aumentar significativamente nas próximas décadas (Organização Pan-Americana de Saúde, 2023).

Até 2050, espera-se que a população idosa do mundo ultrapasse a marca de 2 bilhões, mais que duplicando em relação ao número registrado em 2019. Esse aumento não será uniforme em todo mundo e a previsão é de que seja mais acentuado em regiões como a Ásia e a África, onde o envelhecimento da população ocorrerá em ritmo mais rápido. A Europa também continuará a ter uma proporção considerável de idosos em sua população. Essas diferenças geográficas refletem uma variedade de fatores, incluindo padrões de natalidade, mortalidade, desenvolvimento econômico, políticas de saúde e bem-estar social (Organização Pan-Americana de Saúde, 2023).

Em 2022, os resultados do Censo Demográfico realizado no Brasil, revelou um notável aumento proporcional no envelhecimento da população, a parcela de pessoas com 65 anos ou mais atingiu a marca de 22.169.101 pessoas, representando um aumento de 57,4% desde 2010. Paralelo a isso, a população com 60 anos ou mais registrou um crescimento de 56,0%, totalizando 32.113.490 (em 2010 esses números eram de 14.081.477 e 20.590.597 pessoas respectivamente) (Britto; Gomes, 2023).

Esse cenário contrasta com outra tendência consistente, que vem se configurando ao longo dos anos, de redução da proporção da população mais jovem, através da redução da natalidade; esta recuou, de 2010 a 2022, de 45.932.294 para 40.129.261 em números absolutos de pessoas menores de 14 anos, chegando ao índice de 80 'pessoas idosas' para cada 100 crianças. No Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, a quantidade de 'pessoas idosas' ultrapassou em valores absolutos o número de crianças, segundo o IBGE 2022 (Britto; Gomes, 2023).

Além disso, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a expectativa de vida dos brasileiros continua em ascensão, com projeções indicando que, até 2060, a média de vida pode chegar aos 81 anos. Diante desse cenário, Symone Maria Machado Bonfim, diretora de Proteção da Pessoa Idosa do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, destaca a complexidade do envelhecimento, que envolve aspectos sociais, culturais e mentais, ressaltando a necessidade de mudanças de paradigma para garantir o bem-estar e os direitos das pessoas idosas no Brasil e, em celebração aos 20 anos do Estatuto da Pessoa Idosa, lança a campanha "Envelhecer é o nosso futuro", em parceria com a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Brasil 2023).

**Figura 1- Enfrentamento Local, Brasil**



Fonte: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2023)

Também percebendo esse aumento populacional e a necessidade de preparar a sociedade, no dia 14 de dezembro de 2021, a ONU proclamou uma resolução que declara os anos de 2021 a 2030 como “A Década do Envelhecimento Saudável”. Esta resolução tem a emergente necessidade de promover uma “sociedade para todas as idades”, preparada para atender a população “envelhecida”, para isto, a ONU conclamou “governos, organizações internacionais e regionais, sociedade civil, setor privado, academia e mídia (...) a apoiar ativamente os objetivos da Década” (Nações Unidas no Brasil, 2020; Organização, 2021).

Alana Officer, líder da equipe de Mudança Demográfica e Envelhecimento Saudável da OMS, reforça a necessidade de colaboração, chamando atenção para a necessidade de parceiros em todo o mundo e de um novo começo que demanda novas formas de trabalhar em prol dos objetivos desta resolução, visando promover a saúde e o bem-estar das ‘pessoas idosas’ e incentivando políticas e práticas que garantam um envelhecimento saudável e ativo. Apoiar tal convocação também é um dos alvos dessa pesquisa (Nações Unidas no Brasil, 2020; Organização, 2021).

**Figura 2 – Enfrentamento Global, Década do Envelhecimento Saudável**



Fonte: Organização Mundial da saúde (2021)

E foi assim, mudando as estratégias de ação junto ao público 60+, pensando em toda a experimentação da vida, potencializando os conceitos de individualidade e subjetividade, desconstruindo-me que me questionei sobre “como se sente uma pessoa que, ao chegar aos 60 anos de idade, tem sua experimentação da vida definida imediatamente e arbitrariamente como, agora, uma 'pessoa idosa'?”, não almejando uniformizar esta aparência, mas evidenciar como essa pessoa se sente frente a esta classificação, potencializando as narrativas individuais.

Regida por esse questionamento, elaborei toda a estrutura desse trabalho, formatado e pensado de maneira a captar o sentido atribuído a esse termo, a representação e a experimentação da vida em paralelo a este processo classificatório. O objetivo geral desta pesquisa foi: “captar a representação social atribuída pela pessoa com mais de 60 anos de idade cronológica ao termo classificatório 'pessoa idosa'”. Objetivos específicos: “compreender qual o significado do termo 'pessoa idosa' para os participantes da pesquisa”; “identificar se há representatividade dos participantes da pesquisa pelo termo 'pessoa idosa'”; e, “registrar como se sente, o participante da pesquisa, frente a classificação e/ou possibilidade de classificação 'pessoa idosa'”.

Em algum momento da minha formação acadêmica, ainda no período da graduação, houve alguém explicando que uma maneira criativa de aprender as coisas é tornar as “histórias reais” em histórias lúdicas, a fim de melhorar a fixação do conteúdo por meio da representação afetiva. Por um instante, vamos imaginar que nossa vida é como um barco.

Este barco possui nossas características, nossa decoração, as marcas que a trajetória dele recebeu até aqui: arranhões no casco, desgastes na pintura, algumas áreas talvez empoeiradas, etc. , pensar nisso nos ajuda a refletir no questionamento: “quem o está segurando?” “Para onde estou sendo guiada?” “Sou eu quem está no controle?”

O oceano é o mundo em geral, por vezes uma calmaria, por vezes tempestuoso e por vezes até está acontecendo um tsunami. Neste oceano há muitos outros barcos. São outras vidas com as quais eu cruzo diariamente. Algumas dessas barras estão na mesma direção que eu, outras em direção oposta. Alguns aspectos respeitam o meu espaço, outros querem navegar no mesmo lugar que eu. Isso é muito relativo, mas uma coisa é certa, cada barquinho presente nesse oceano se aqueceu no barquinho alheio. Foi assim com todos. Essa é a parte indenitária da cultura, aquela que nos formata ao passo que a formatamos.

Neste oceano existem ilhas e continentes. São como portos. Representamos nossas conquistas ou simplesmente resultados. Alguns são objetivos almejados e planejados, outros somente destinos alcançados, necessários ou imputados. Algumas são seguras, outras perigosas. Às vezes as adversidades do oceano ou os outros barcos, ferem meu cais e eu preciso parar para

realizar uma manutenção. Em algum momento meu barco não estará no fundo desse oceano, portanto não estará mais navegando. Nessa viagem é interessante que eu aprenda a cumprir com as funções de um marujo e ainda assim me lembre de observar a linda paisagem ao redor.

Todos esses detalhes imaginários, e muitos outros, me ajudam a perceber condutas e promover reflexões tanto a mim quanto aos demais sobre questões cotidianas, profundas ou triviais. Foi buscando trazer leveza e reflexão na escrita deste trabalho que decidir nomear os capítulos usando este esporte afetivo e poético para falar sobre as características aqui pesquisadas e construir uma dialética através deles.

Por diversas vezes, a expressão a “última viagem” é utilizada, e por ela eu não quero dizer que não há nada após a morte, então menos entrar em discussões religiosas, Mas, como todo o restante, meu objetivo maior em minhas escolhas metodológicas é promover uma reflexão individual e coletiva, uma autoanálise e uma análise de si para com o outro, evocando a ideia de finitude da vida, pelo menos da vida tal qual a conhecer. Esta pesquisa não trata sobre a morte, mas sim sobre a vida experimentada no período mais próximo a este findar, partindo de uma tarefa pessoal da pesquisadora de que nossa ação de “viver” seja preservada enquanto houver vida.

A estrutura escrita da dissertação segue a seguinte ordem:

Capítulo 1: ‘Os territórios disciplinares’. Esta pesquisa não teve uma hipótese diagnóstica no início de seu fazer, mas usou de algumas teorias importantes para definir o seu objeto, métodos e objetivos, neste primeiro capítulo, é realizada uma exposição destas principais teorias.

Tópico 1.1: ‘Navegantes, tripulantes ou passageiros? A diferença entre os nomes’, é realizada uma discussão entre termo e conceito, utilizando autores como Aristóteles, Nicola Abbano, Birge Hjørland e Foucault. Tópico 1.2: ‘Nós, os navegantes: o conceito de pessoa’, é estabelecida uma discussão a respeito do termo ‘pessoa’ e do porque este foi escolhido como ferramenta linguística deste trabalho, usando os teóricos Marcel Mauss e o neurocientista Antônio Damásio. Tópico 1.3: ‘O oceano cultural que nos circunda’, é conceituada a cultura com base nos autores Bauman, Laraia e Gueerts. Tópico 1.4: ‘Da paisagem coletiva para a experiência subjetiva: as representações sociais’, oferece uma explanação do conceito de representações sociais com base em Moscovici, o fundador da teoria, citando novamente Foucault e Damásio. Tópico 1.5: ‘Da calma a tempestade: os poderes exercidos pelos símbolos’, é apresentado o conceito de poder simbólico e poder disciplinar em uma discussão entre os teóricos Bordieu e Foucault.

Capítulo 2: ‘Das ferramentas aos navegantes: Métodos e participantes’. Neste capítulo é realizada uma breve apresentação da metodologia desta pesquisa, do lócus de pesquisa e dos participantes da pesquisa.

Tópico 2.1: ‘As ferramentas norteadoras: métodos da Pesquisa’, são apresentados os moldes acadêmicos e metodológicos sobre o qual essa pesquisa aconteceu, baseado em Gil, Godoy, Lakatos; Marconi, Bourdieu e Bardin. Tópico 2.2: ‘A posição geográfica dos navegantes: Lócus desta pesquisa’ é apresentado a Fundação Dr. Thomas e o Parque Municipal do Idoso (local no qual foi realizado o levantamento de dados desta pesquisa). Tópico 2.3: ‘Os navegantes: Participantes da pesquisa’ apresenta quem foram as pessoas pesquisadas, qual sua relação com o local de pesquisa, quais suas atividades no local e o grupo aos quais pertencem. Tópico 2.4 ‘O levantamento das rotas: A pesquisa em Campo’, é apresentado o passo a passo de como aconteceu a aplicação da pesquisa em campo, com base em uma descrição de vivência. Tópico 2.5 ‘A exploração das rotas: O tratamento e análise de dados’ é explicado como foram feitas as análises dos dados coletados, quais critérios foram utilizados e quais estratégias aplicadas para transcrição, baseando-se, quando cabível, em Bardin e Gil.

Capítulo 3: ‘Desvendando as representações: narrativas entrelaçadas’. Neste Capítulo são apresentados os resultados e as análises dos resultados desta pesquisa, dividindo-os em categorias e subcategorias de análise, transcrevendo e explorando as falas dos próprios participantes e relacionando com teorias da psicologia, sociologia, antropologia e outras, quando cabível.

Tópico 3.1: ‘Como os passageiros percebem e experimentam sua ‘última viagem’’, é apresentado um dos objetivos dessa pesquisa, o “significado do termo ‘pessoa idosa’ para os participantes”. Este foi captado nas respostas as perguntas ‘o que significa ‘pessoa idosa’ para você?’ e ‘como considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?’ e as respostas resultaram em 17 categorias de análises, devidamente descritas neste.

Tópico 3.2: ‘Da imposição a experimentação, classificação ‘vs’ autoclassificação’, são discutidos os objetivos “identificar se há representatividade dos participantes da pesquisa pelo termo ‘pessoa idosa’; e, registrar como se sente, o participante da pesquisa, frente a classificação e/ou possibilidade de classificação ‘pessoa idosa’”, captados por intermédio das perguntas ‘como você classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?’ (esta sofreu alguns ajustes descritos em seu devido campo) e ‘você se identifica como uma ‘pessoa idosa’?’, os dados relacionados a estas perguntas resultaram em 4 categorias de análises.

Tópico 3.3: “Uma tempestade: a ‘última viagem’ na esfera coletiva” são dialogadas as respostas da pergunta ‘O que você acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?’,

expondo questões delicadas dos relacionamentos interpessoais, resultando em 04 categorias, nenhuma que demonstre aspectos positivos nos encontros casuais cotidianos dos participantes, não por uma imposição de análise, mas pela insuficiência de dados positivos coletados nas respostas dos participantes.

Tópico 3.4: ‘Um porto seguro: O Parque Municipal das ‘Pessoas Idosas’’ é exposto um texto com tons líricos e poéticos contendo as principais expressões representadas a pergunta 06 da entrevista ‘O que o parque municipal do idoso representa pra você’. Este último não compôs nenhum objetivo prévio deste trabalho e foi levantado mediante uma solicitação do lócus de pesquisa. Sem dúvidas, na opinião da autora, esta foi a construção mais bela de todo este, um encerramento que traz alívio a dor que os anteriores causaram.

Ao final é possível acessar, nos anexos, todas as entrevistas em sua íntegra (respeitando os limites da proteção de dados e assegurando o sigilo) para quem interessar, realizar análises posteriores e construir suas próprias percepções destes universos singulares aqui representados.

Boa leitura! Eu espero que este trabalho lhe inspire.

## **CAPÍTULO 1: Os territórios disciplinares**

Este capítulo foi construído com o objetivo de discutir as principais teorias que circundaram a construção desta pesquisa. Ele inicia-se com uma exposição teórica das diferenças entre termo e conceito. As discussões sobre termo e conceito têm suas raízes na filosofia, que tem uma interpretação predominante do ‘conceito’ como uma ligação entre a realidade mental e a realidade externa, enquanto que o termo costuma ser a palavra que utilizamos para definir essa realidade. Compreender as diferenças entre ‘coisas’, bem como distinguir as diferenças entre ‘termo’ e ‘conceito’, é fundamental para evitar erros metodológicos.

Esta pesquisa parte da premissa de sermos seres integralmente complexos, portanto, o termo utilizado para referir-se aos seres humanos, neste trabalho, foi o termo ‘pessoa’, a fim de abordar o ser de maneira mais integral possível. Vale-se a reflexão de que este termo foi escolhido para tal descrição por suas categorias estarem mais próximas do alinhamento teórico da escritora, compondo os aspectos biológicos, psicológicos e sociais do ser, colocando-os tanto como agentes quanto como sujeitos da vida, estando estes ideais melhores alinhados com a percepção da autora ao fenômeno da experiência humana. No segundo tópico deste Capítulo é explanado o conceito de pessoa a este aplicado, tendo como bases o sociólogo e antropólogo Marcel Mauss e o médico neurocientista Antônio Damásio.

Compreender a cultura é fundamental a todas as pesquisas que circundam as ciências humanas, sejam pesquisas em filosofia, psicologia, sociologia, antropologia ou quaisquer outras que tratam do comportamento. A pessoa da espécie humana possui singularidades únicas em comparação com outras formas de vida com as quais compartilhamos o planeta, que só pode ser explicado através do conceito de cultura. Para este entendimento, o terceiro tópico discute o oceano cultural que nos circunda, usufruindo dos ensinamentos do sociólogo e filósofo Bauman, e dos antropólogos Geertz e Laraia.

A cultura estrutura muito mais do que o nosso comportamento expresso. No tópico quatro deste capítulo, da paisagem coletiva para experiência subjetiva, com base em Serge Moscovici, um psicólogo social da década de 80, é estabelecida uma vasta e profunda argumentação teórica a respeito disso. Nós compreendemos, significamos, representamos a vida e, sim, nos comportamos perante o mundo, a partir do universo cultural que nos circunda.

O professor e crítico Edward Said elaborou uma frase em suas escritas sobre o imperialismo em que diz: "A Dominação e as injustiças do poder e da riqueza são fatos perenes da sociedade humana" (Said, 2011), elucidando sua percepção em relação aos aspectos de



dominação, como condições contínuas em nossa sociedade. Não almejando atribuir verdade absoluta à frase de Said, mas almejando estabelecer uma discussão, encerraremos este capítulo com a reflexão do que Foucault considera como 'poder disciplinar', um poder capaz de promover a disciplina das pessoas, promover comportamentos e funções a cada pessoa participante do sistema, e imergindo o leitor no entendimento do que é o poder exercido pelos símbolos, o que os termos que usamos culturalmente e cotidianamente e a forma que os representamos têm a ver com a forma que experimentamos a vida.

### **1.1: Navegantes, tripulantes ou passageiros? A diferença entre os nomes**

Para Aristóteles, o conceito está relacionado com as categorias e classificações que nossa mente cria para compreender o que ele determina como realidade externa, agindo estes como uma forma de organizar o mundo em nossos pensamentos e expressá-los através da linguagem. Ele enfatiza que o conceito é a forma como os seres humanos organizam mentalmente as coisas existentes, ou seja, é a ideia que temos das coisas no âmbito do pensamento individual (Francelin, 2010).

Por sua vez, o filósofo italiano Nicola Abbano, em seu dicionário de filosofia de 2003, propõe que o "conceito" compreende todos os processos que permitem a descrição, classificação e previsão dos objetos conhecidos. Isso inclui sinais ou procedimentos semânticos, independentemente de o objeto ser universal ou individual, abstrato ou concreto, próximo ou distante, destacando que, embora o "conceito do conceito" seja geralmente indicado por um "nome", esse nome não é o próprio conceito, uma vez que um mesmo nome pode representar conceitos diferentes, e um conceito pode ser representado por diversos nomes. Abbano também discute que o conceito não precisa estar estritamente ligado a coisas ou fatos reais, uma vez que pode se referir a coisas inexistentes, passadas, sem existência verificável ou com sentido específico. Ele conclui estabelecendo um paralelo entre a função do conceito e a linguagem, considerando ambas como requisitos para a comunicação (Abbagnano, 2007).

Birge Hjørland também dedicou um estudo ao promover uma distinção entre "conceito" e "termo", no qual concluiu que os "conceitos" são construções culturais que evoluem com base na construção social do conhecimento. Eles carregam o sentido de significado e são capazes de classificar interesses e teorias, pois possuem concepções concorrentes em todos os domínios do conhecimento (Melo; Bräscher, 2014).

Hjørland argumenta que os "conceitos" são dinamicamente construídos e negociados em diálogos específicos, refutando a aplicação de características universais e descrições

objetivas. Isso ocorre porque os conceitos podem variar dependendo das diferentes visões e relacionamentos semânticos, criticando a visão positivista, que busca uma representação ideal do conhecimento com base na perspectiva lógica da objetividade. Em vez disso, ele destaca a necessidade de descrições detalhadas do campo de organização do conhecimento e do ponto de vista teórico abordado, promovendo uma melhor organização do conhecimento, analisando o conceito em sua dimensão social e considerando a dinâmica contextual e instável do processo de comunicação entre pessoas. Por outro lado, o "termo", segundo Hjørland, é o elemento representativo do conceito, é a expressão verbal ou externa do conceito, o vocábulo utilizado para representá-lo (Melo; Bräscher, 2014).

O filósofo e historiador Michel Foucault publicou em 1966 "A palavra e as coisas", um livro que visa examinar as mudanças nas ciências humanas e suas estruturas de conhecimento, discutindo sobre as palavras, as coisas e as experiências, entrelaçando-as com os códigos fundamentais que uma cultura carrega, imputando nestes, ordens empíricas destinadas aos homens. As palavras para Foucault sofrem transformações de acordo com os sistemas de classificações que se encontram no entorno destas ao tempo que moldam nossa compreensão sobre o mundo. As coisas são variantes de acordo com a época, possuindo uma estrutura própria formada e formadora, pelo e do conhecimento do momento histórico em que estas são vislumbradas (Foucault, 1999).

Em síntese, Aristóteles concebe o "conceito" como a maneira pela qual a mente organiza categorias e classificações para compreender a realidade externa, destacando sua função na organização mental do mundo. Nicola Abbano, por sua vez, amplia o escopo do "conceito" ao abranger processos de descrição, classificação e previsão de objetos conhecidos, ressaltando a natureza dinâmica e não estritamente vinculada à realidade concreta. Birge Hjørland contribui com uma distinção entre "conceito" e "termo", enfatizando que os "conceitos" são construções culturais em constante evolução, dinamicamente construídas e negociadas em diálogos específicos, criticando a visão positivista, propondo uma abordagem contextual e social na organização do conhecimento. Por fim, Michel Foucault, investiga as transformações nas ciências humanas, explorando como as palavras, as coisas e as experiências são entrelaçadas com os códigos culturais, as palavras sofrem transformações através de sistemas de classificação, enquanto as coisas são variantes moldadas pelas estruturas do conhecimento histórico, e agem moldando nossa compreensão do mundo de acordo com as estruturas de conhecimento de cada época.

Essa compreensão contribui para um aprofundamento da relação entre linguagem, pensamento, conhecimento e experiência e evidencia a liquidez, fluidez e transitoriedade dos

conceitos e dos termos, fenômeno este atrelado intimamente à ordem moral, cultural, experiencial e relacional existente em determinado momento específico no qual é captado, sem fadar as palavras aos seus preceitos descritivos nas formalidades do dicionário mas, correlacionando-as ao mapa mental da pessoa que as prefere e utiliza como ferramenta de linguagem e comunicação.

## **1.2: Nós, os navegantes: o conceito de pessoa**

O ser humano não é apenas uma entidade autônoma, mas constituído socialmente através de suas interações em contextos culturais específicos, sendo uma representação social e desempenhando papéis que são moldados por convenções culturais, valores e normas compartilhados pela comunidade na qual este se encontra (Mauss, 2003). Este conceito de Mauss promove um embate com algumas discussões da filosofia e do direito que defendem o ser como completamente autônomo e responsável por si e pelo que faz de si, colocando este em uma posição relacional com seus papéis.

‘Persona’ é uma palavra que vem do latim e se refere a ‘máscara’ ou ‘personagem’ e foi nestes conceito e palavra que Mauss formatou e detalhou sua ideia de ‘pessoa’. As máscaras podem ser entendidas através da variação que cada pessoa traz em seu comportamento mediante o papel ao qual representa no momento da interação (Mauss, 2003). Hoje, em nossa sociedade, temos algumas pessoas que têm o hábito de se definir através de seus papéis, apresentando-se com uma descrição, a exemplo, eu mesma: Sâmela, filha, esposa, psicóloga, pesquisadora, etc. Tais papéis influenciam a forma como me comporto e como sou percebida mediante os ambientes nos quais os interpreto.

Geralmente, as pessoas não têm um único papel fixo, mas desempenham vários papéis ao longo de suas vidas. Um exemplo simples e palpável disto é que mudamos nosso tom de voz, postura, nível de tolerância, dinâmica de assuntos, etc., mediante o interlocutor com o qual nos relacionamos. Imagine-se falando com um filho ou um animal de estimação, agora imagine-se falando com seu chefe ou um vendedor de uma loja, agora reflita sobre a forma com que você faz um comunicado aos seus pais, reflita sobre como você se relaciona com um amor romântico. Dificilmente você manterá um padrão fixo de comportamento nessas variáveis situações.

Tal fluidez nas identidades reflete as complexas interações sociais e a adaptação a diferentes situações e eventos ao longo do tempo, essenciais à manutenção das relações e construídas por elas próprias, mediante toda a trajetória que você perpassou e aos códigos

sociais vigentes. Desta forma, é postulada a existência de uma ordem do indivíduo e da sociedade, resultando na noção de pessoa (Mauss, 2003).

Por indivíduo, estamos falando de um ente biológico indivisível cuja sua existência depende de sua integralidade. Este termo pode ser usado para se referir a pessoas, animais e plantas. Damásio, um neurocientista e neurologista, defendeu que o indivíduo é composto por mente-corpo, estando estas intrinsecamente relacionadas entre si. Contrariando a dualidade proposta por Descartes, defende que o comportamento humano parte de uma relação entre cérebro (funções cognitivas, emoções, sistema nervoso, sentidos, consciência, entre outros) e as interconexões sociais, resultando assim em um comportamento social (Damásio, 1996).

O cérebro e o corpo estão constantemente envolvidos em um processo de aprendizagem e tomada de decisões, caracterizando estas o comportamento e formatando as relações. Estes processos são contínuos e envolvem a modificação de conexões neurais em resposta às experiências, formatando assim novos comportamentos e novas formas de se relacionar com o mundo. Neste processo ocorre ainda o feedback emocional que é a participação das emoções em todas as experimentações humanas (Damásio, 1996). Desta forma, é bastante inviável atestar que o ser humano se forma independente de seu meio, o próprio processo de aprendizagem prediz a influência do externo ao interno e do interno ao externo.

Estas duas abordagens, sociológica e neurocientífica, não encerram o vasto conteúdo disponível que temos, mas elucidam esta formatação ideológica e categórica do ser individual e relacional, formador e formatado, não somente um indivíduo, nem tão pouco mero sujeito, mas ainda assim sujeito ao tempo que é indivíduo, professor e aprendiz, precursor de si e do outro, ao tempo que é definido por toda sua experimentação aprendida e relacionada, a unidade não simplificada, o objeto de estudo desse trabalho: a ‘pessoa’.

O termo “‘pessoa idosa’” foi implementado no Brasil em 2019 pela Lei nº 3.646/2019, substituindo o até então utilizado “idoso”, com a finalidade de combater a desumanização no tratamento com a pessoa por ela abrangido, rememorando a condição de “pessoa” antes da condição que classifica sua idade, sendo este feito, tratado como um reflexo da luta desta classe pelo direito a vida, dignidade e autonomia, numa perspectiva semântica inclusiva (Brasil, 2019; 2022)."

### **1.3: O oceano cultural que nos circunda**

Desde a antiguidade, temos observado e tentado explicar as aparentes diferenças nos comportamentos humanos. Muitos registros apontam erroneamente as variações no ambiente

físico como causa dessas diferenças; no entanto, essas explicações não podem ter sucesso se não considerarmos a diversidade cultural presente na "unidade da espécie humana" (Laraia, 2008).

O processo de socialização do ser humano leva à construção de um meio cultural que molda a pessoa. Ele é herdeiro de um processo acumulativo que se origina nas gerações anteriores. Isso não é resultado de um gênio isolado, mas sim de toda uma comunidade que aprende e transmite conhecimentos do passado, enquanto cria e modela novos conhecimentos para as gerações futuras. A manipulação criativa desse patrimônio cultural permite inovações e invenções, transmitindo-as entre as pessoas e criando um processo contínuo de acumulação (Laraia, 2008).

A cultura desempenha uma função universal em todas as conexões. Todos os significados são experimentados pelas pessoas, formando generalizações e variações (Langer *apud* Geertz, 1989). Geertz descreve a cultura como a "chave para o universo" (1989). A cultura abrange funções que estruturam a "ordem moral e valorativa" de uma comunidade, o modo como as pessoas veem o mundo, as discrepâncias nos comportamentos sociais e até mesmo na postura corporal, todos sendo produtos de uma herança cultural e resultados da operação de uma cultura específica (Laraia, 2008).

Através do processo de endoculturação, as pessoas aprendem comportamentos, e é importante reconhecer as diferenças educacionais que geram respostas comportamentais diversas, ligadas à cultura e não à biologia ou ao ambiente natural. Por exemplo, as diferenças entre meninos e meninas são evidentes nesse sentido. É inegável que o homem necessita atender às suas necessidades biológicas básicas para sobreviver, como alimentação, sono, respiração e atividade sexual. No entanto, a maneira como essas atividades são realizadas também está relacionada ao sistema cultural ao qual a pessoa pertence. Essa diversidade na operação de um número reduzido de funções torna o homem um ser predominantemente cultural (Laraia, 2008).

A abordagem semiótica da cultura é fundamental para acessar o mundo conceitual das pessoas e se comunicar com eles. Dois avanços são essenciais: a necessidade de compreender ações simbólicas em um universo não familiar e o desenvolvimento teórico da cultura que exige técnicas específicas (Geertz, 1989). Laraia (2008) discute a gênese da cultura, abordando dois teóricos: Lévi-Strauss, que acredita que a cultura surgiu com a primeira regra ou norma convencionalizada pelo homem, e Leslie White, que acredita que a passagem do estado animal para o humano ocorreu quando o cérebro humano foi capaz de criar símbolos. Ambas as concepções consideram a cultura como uma característica essencial da humanidade.

Geertz, ao discutir o conceito geral de cultura, cita Max Weber, que descreve o homem como um ser ligado a teias de significados que ele próprio tece. A cultura é, portanto, um sistema simbólico essencial e uma ciência interpretativa em busca de significados. Essa análise dos padrões culturais em termos de função-signo permite uma compreensão da prática humana e das estruturas subjacentes (1989). Isso leva à compreensão das unidades significativas elementares em vez dos elementos individuais (Bauman, 2012).

O termo "cultura", quando tratado como um "sistema simbólico", ganha eficácia ao isolar elementos e especificar relações entre eles. Isso leva a uma caracterização geral do sistema como um todo (Geertz, 1989). A cultura abrange funções que estruturam a "ordem moral e valorativa" de uma comunidade, a visão de mundo das pessoas, as diferenças nos comportamentos sociais e até mesmo a postura corporal (Laraia, 2008).

A escolha e os vínculos culturais são considerados um caminho que evita a "autofrustração" do ecletismo (Geertz, 1989). Não se busca negar o vínculo biológico do homem, mas sim enfatizar que a cultura é responsável por uma variedade significativa de operações humanas. Atitudes como evitar o acasalamento com parentes próximos, inventar outras realidades, criar arte, produzir ferramentas, tentar compreender a morte, falar, comunicar-se através de símbolos e representar o mundo, pensar, possuir valores, medos, escrúpulos e história são exclusividades da cultura (Bauman, 2012).

Taylor (1817 *apud* Laraia, 2008) foi o primeiro a conceituar cultura como um complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e habilidades adquiridas pelo homem como membro da sociedade. Isso reflete a multiplicidade de realidades que a cultura constrói individualmente para cada pessoa que a experimenta, como uma lente através da qual o mundo é visto. Cada pessoa usa uma lente única, gerando visões diferentes do mundo (Ruth Benedict, 1972 *apud* Laraia, 2008). Isso estimula a criatividade humana, questionando constantemente a sabedoria e a autoridade do mundo real (Bauman, 2012).

W. Goodenough (*apud* Laraia, 2008) aborda a cultura como um sistema de conhecimento, englobando as crenças, conhecimentos e práticas aceitáveis dentro de uma sociedade, o fluxo do comportamento social deve ser analisado com precisão, uma vez que é nesse fluxo que as formas culturais são articuladas. Reconhecer a cultura como um sistema de símbolos e significados permite uma compreensão mais abrangente, indo além de uma observação literal (Geertz, 1989). A cultura abrange categorias, unidades e regras de relação e comportamento (Schneider, 1908 *apud* Laraia, 2008).

"A natureza dos homens é a mesma, são seus hábitos que os mantêm separados." (Confúcio *apud* Laraia, 2008). A cultura representa um atributo humano resultante, e até mesmo

causador de um processo de socialização – uma discussão que remete a perguntas profundas sobre o que vem primeiro. Este processo é transmitido de forma cumulativa de geração a geração, incorporando novos conhecimentos e ajustando-se aos conhecimentos já transmitidos. Isso molda e é moldado pelas pessoas que fazem parte de uma determinada cultura. Através da cultura, o ser humano cria, inova, inventa, modela e preserva suas criações.

Em todas as interações, encontros e contatos, uma ordem moral e de valores permeia as pessoas. As diferenças visíveis entre visões de mundo e formas de existência são intrínsecas aos aspectos culturais que permeiam esses fenômenos. A cultura atua como uma ordenadora do universo e, às vezes, também como fonte de desordem. Ela não é uma sentença, mas sim o comportamento e a prática humana em sua totalidade.

Diferentemente das outras formas de vida no mundo, o ser humano possui a cultura. Através dela, realiza feitos grandiosos e compreendê-la é uma porta para a expansão da própria cultura. Uma cultura que reflete sobre culturas pode ser classificada evolutivamente como uma sociedade que se aprimora teoricamente para um diálogo mais eficaz entre as sociedades, promovendo, quando gerenciado adequadamente, diálogo e respeito entre as diferenças.

A pessoa é permeada por símbolos através dos quais transmite conhecimento, significados pessoais, grupais e até globais de seus próprios fenômenos. Esses significados constituem, de acordo com alguns autores, a própria cultura. O mundo é percebido, compreendido e explicado por meio dos sistemas de signos do narrador e compreendido pelo sistema de signos do ouvinte. Isso é uma contingência fundamental para todas as relações epistemológicas.

Devido a essa contingência, é crucial não apenas teorizar sobre culturas, mas também descrevê-las. É importante descrever os comportamentos observáveis e não observáveis, compreender e mergulhar nos sistemas culturais para uma visualização mais nítida. Acessar o que as pessoas que compõem essa cultura aspiram ou atribuem de significado aos fenômenos de seus encontros. Isso não apenas permite que os teóricos atuais produzam suas interpretações, mas também possibilita que os futuros teóricos atribuam novos significados, com cuidado para não fixar teorias ou objetificar pessoas. Isso leva a uma melhor metodologia de interpretação cultural.

#### **1.4: Da paisagem coletiva para a experiência subjetiva: as representações sociais**

O objetivo da teoria das representações sociais foi “[...] descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível”, tendo em vista que há uma grande

diversidade entre as pessoas, enquanto considera que "[...] uma tentativa de compreender o conhecimento e as implicações de uma sociedade a base de leis elementares de conhecimento individual", fundamentadas em "dados sensoriais ou experiência sensorial", é uma atitude artificial e sem profundidade. "As pessoas sempre aprenderam umas das outras e sempre souberam que isso é assim. Tal fato não é exatamente uma descoberta. A importância dessa proposição para a nossa teoria é que conhecimento e crenças significativas têm sua origem de uma interação mútua e não são formadas de outro modo" (Moscovici, 2010).

"Não há representações sociais sem linguagem, do mesmo modo que sem elas não há sociedade". A linguagem não é só uma ferramenta de comunicação, mas é também um processo de pensamento. Nossos pensamentos são organizados a partir de uma linguagem interna. Essa linguagem interna não está atrelada somente a fatos externos, mas também está atrelada a uma transcrição e representação deste fato por meio de uma nomenclatura interna. Por exemplo, quando apresentamos um sintoma que em algum outro momento já adquirimos o conhecimento do que pode causá-lo, imediatamente interpretamo-lo mediante este arcabouço, para então tomarmos alguma atitude em relação ao mesmo. Esta teoria "nos ajuda a resolver o problema geral de saber quando interpretar uma mensagem como significante em relação a outras e quando vê-la como um acontecimento fortuito ou casual" (Moscovici, 2010).

Existem alguns processos "de produção e consumo, [...] rituais, símbolos, instituições, normas e valores" que atuam como poderes estruturantes de nossa sociedade. Estas são experimentadas, introjetadas e aceitas pelas pessoas desta sociedade, mas não necessariamente são características individuais de cada uma dessas pessoas. Por meio da troca de ideias e de conhecimentos que o sistema de pensamento e compreensão é construído a fim de "adotar visões consensuais de ação que lhes permitem manter um vínculo social até mesmo a continuidade da comunicação da ideia" e, é sobre essa troca de conhecimentos que a psicologia social investe seus recursos teóricos, investigando os comportamentos a partir do "modo simbólico" (Moscovici, 2010).

Para realizar estes estudos, Moscovici adentra no campo dos processos culturais que considera como fator causal de organizar os conhecimentos na sociedade, estabelecer as relações, e aliados de "nossas faculdades individuais de percepção e observação do mundo externo", sendo o campo de estudo da psicologia social os próprios processos culturais, "[...] o que as sociedades pensam de seus modos de vida, os sentidos que conferem as suas instituições e as imagens que partilham, constituem uma parte essencial de sua realidade e não simplesmente um reflexo seu", e as estruturas específicas tais como igrejas, famílias, clubes, clãs e outros são "adotadas" pelas pessoas (Moscovici, 2010).



Moscovici considera que a função das representações sociais partilhadas é de responder a um desejo interno de nos familiarizar com aquilo que não é familiar, transcrever aquilo que está sendo exposto externamente em algo palpável internamente, tendo como “finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não problemática e reduzir o ‘vago’ através de um certo grau de consenso entre seus membros”, não sendo elas fixas e imóveis, mas fluidas, “como uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens”, “formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos”, adquirindo para si uma forma de se comunicar, atribuindo uma linguagem própria aos seus entendimentos que viabilizam os encontros com seus grupos (Moscovici, 2010).

Inspirado em Levy-Bruhl e Durkheim, Moscovici se aprofunda e discute as ideias que sua teoria engloba. “[...] Toda ideia, ou crença, pressupõe um grande número de outros com os quais formam uma representação total”, não tendo como caráter classificatório as premissas de verdadeiras ou falsas, mas o entendimento de que são ideias ou crenças gerais, relacionadas ou com a prática ou com a realidade, sendo então a realidade representada daquela pessoa ou grupo que as expressam, inclusive a própria ciência é tomada como um modo de representação social nesta teoria (Moscovici, 2010).

As representações sociais não são criação de uma pessoa isolada, elas aparecem no cotidiano como objetos materiais e naturais a partir de todas as interações humanas, “fazendo presentes as coisas ausentes” e apresentando as coisas de um modo que satisfaça a coerência argumentativa racional e normativa de cada grupo que está se comunicando, “constituída como um processo em que se pode localizar uma origem, mas uma origem que é sempre inacabada”, a partir de processos que se desenvolvem socialmente” e “são organizados cognitivamente”, referenciando o mundo externo a partir de um processo interno de comunicação (Moscovici, 2010).

Há uma divisão narrada pelo teórico entre dois estados mentais, caracterizando-os como "mentalidade primitiva" e "mentalidade civilizada". A primeira “mentalidade” engloba "representações comuns cujo núcleo consiste em crenças, que são, em geral, mas homogêneas, afetivas vírgulas impermeáveis à experiência ou a contradição e deixa um pouco espaço para variações individuais" e, a segunda representações comuns fundamentadas no conhecimento que são mais fluidas, pragmáticas, passíveis de teste de acerto ou erro e deixam liberdade para linguagem, a experiência e até mesmo para as faculdades críticas dos indivíduos (Moscovici, 2010).

Em ‘A palavra e as coisas’, livro já citado anteriormente no tópico 1.1, Michel Foucault discute sobre a experiência humana, sendo esta influenciada pelas estruturas do conhecimento, as categorias de pensamentos, as regras de classificação e as ideias vigentes e intrínsecas ao momento da experimentação, definindo como o homem significa a si e as suas vivências, em um enlace complexo, elaborado e invisível, relacionando o mental ao ‘real’ e o ‘real’ ao cultural (Foucault, 1999). De forma rasa e superficial, podemos ter também em Foucault, subsídios para recortarmos as palavras e os entendimentos destas de uma mera causalidade e colarmos estas como fatores de extrema importância para o significado do todo.

Damásio (1996), o neurocientista citado no tópico 1.2 deste trabalho, trabalha um conceito que se relaciona com este da teoria central deste trabalho, o conceito de ‘representação mental’, sendo estas cruciais para aprendizagem e tomada de decisões. Segundo ele, as representações mentais são formadas a partir das memórias e agem influenciando em novas memórias, assim como agem definindo os conceitos e categorias que temos internamente, ao tempo que formatam nossas respostas a estímulos. Tais representações são capazes ainda de nos fornecer subsídios para elaborar simulações mentais e imaginar situações de forma predita ao qual pensamos, por exemplo: a forma que eu represento que seja o envelhecimento me possibilita me imaginar enquanto ‘pessoa idosa’ e simular essa experimentação. Todo este aparato é descrito como funções mentais e neurológicas que se envolvem na construção da experiência final e subjetiva, incluindo a forma como interpretamos emoções, eventos e contextos, contribuindo para a nossa consciência e autoconsciência.

A discussão dessa teoria ‘representações sociais’ englobou toda a metodologia da pesquisa que aqui se aplica, não sendo exatamente uma ciência, mas um movimento necessário ao se fazer ciência, tal qual a psicologia social é considerada por Moscovici uma forma de se aprofundar nas percepções, julgamentos ou memórias das pessoas que formam e são formadas pelos sistemas sociais que estão no seu entorno (Moscovici, 2010). Este fazer não deve se limitar a pragmatização, mas teorizar a partir do próprio experimentador do fenômeno, as causas e os efeitos das classificações externas em relação às representações internas.

### **1.5: Da calma a tempestade: os poderes exercidos pelos símbolos**

O poder disciplinar, segundo Foucault, funciona não como um aparelho ou uma instituição, mas como uma técnica de poder que "fabrica pessoas dóceis e úteis", capaz de "adestrar" as pessoas como "instrumentos de seu exercício", por meio de componentes simples como "o olhar hierárquico", "a sanção normatizadora" e o "exame", construindo quadros de

realidades, prescrevendo manobras de comportamento, impondo exercícios de fazer e organizando suas "táticas" (Foucault, 1987).

O poder disciplinar conta com instituições a seu favor que agem como um controle microscópico do comportamento humano, composto de aparelhos de observação, registros e treinamentos, de forma que conduzam as pessoas aos resultados esperados de posturas comportamentais, como um condenado ao bom comportamento, o louco a um estado de calma, o doente a seguir os tratamentos, pessoas ao trabalho e ao estudo, entre outras atividades que se espera, de forma automática e naturalizada (Foucault, 1987).

O panóptico é uma dessas máquinas de sustentação do poder, que configura sobre a pessoa "ao mesmo tempo vigilância e observação, segurança e saber, individualização e totalização, isolamento e transparência", produzindo um efeito de "um estado consciente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder", no qual a pessoa "nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode vê-lo". O exercício, também parte do maquinário de sustentação do poder disciplinar, é uma técnica que impõe aos corpos tarefas repetitivas e graduais, seja em relação a atividades específicas ou em relação às outras pessoas com quem nos encontramos, realizando por "continuidade e coerção" uma qualificação observada e crescente (Foucault, 1987).

O referido estudo de Foucault teve suas reflexões a partir das mudanças nos sistemas punitivos que aconteceram no século XVIII e, concomitantemente, estenderam-se para as demais áreas das cidades. Inicialmente, o panóptico foi observado a partir de uma estrutura prisional, mas foi sendo estruturado entre pessoas, de forma que esse estado de observação constante se perpetue nos encontros sociais corriqueiros do dia a dia, tornando-se assim o princípio de sua própria sujeição. Todo esse aparato promovido pelo poder disciplinar visa provocar comportamentos específicos, desejados, estruturados e automatizados, transformando as pessoas não a partir de uma explicação ou formulação, mas a partir de um controle orgânico, capaz de se manter e perpetuar dentro das relações naturais que acontecem corriqueiramente, dirigindo os comportamentos ao que se espera economicamente e estruturalmente das pessoas (Foucault, 1987).

Em paralelo aos estudos de Foucault, temos os estudos de Bourdieu que nos trazem o entendimento do poder simbólico, um poder capaz de construir dados pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o próprio mundo; poder quase mágico que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, exercido por intermédio de um reconhecimento pessoal e uma não consciência de sua arbitrariedade enquanto poder.

Os símbolos são um "campo de produção" que possuem uma lógica interna às pessoas, produzidos a partir de interesses específicos daqueles que os produzem e "das classes, ou frações de classes que eles exprimem", "é na correspondência de estrutura a estrutura que se realiza a função propriamente ideológica do discurso dominante, intermediário estruturado e estruturante que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxia) por meio de imposição mascarada (logo, ignorada como tal) de sistemas de classificação e de estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas sociais" (Bourdieu, 2002).

Os símbolos permeiam todas as interações sociais como um instrumento "de conhecimento e de comunicação", construindo um "consensus acerca do sentido do mundo social", contribuindo "fundamentalmente para a reprodução da ordem social" por meio da "integração lógica", estabelecendo "relações de forças", "relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidas nessas relações" e que, ele próprio, acumula mais poder simbólico, se auto nutrindo e perpetuando sua ação entre as relações (Bourdieu, 2002).

Os efeitos dos poderes estruturantes não são melhores descritos quando tratados em aspectos negativos como uma ação de força que "exclui", "reprime", "recalca", "censura", "abstrai", "mascara" e/ou "esconde" algo ou algum comportamento, mas quando há uma aceitação deste, uma adesão e uma admissão por parte dos agentes sociais, ele é exercido de maneira que esta pessoa acredite ser natural determinada situação, sem questioná-la. A dominação não está, por exemplo, quando a igreja ou a escola (ou suas estruturas) manifestam ou expressam seus poderes e os impõem, "antes de mais nada, a pensar o que nos é dado pensar", mas quando se faz consentir e "chamar à existência, fazer existir" o que eles têm a "dizer" e "fazer" (Bourdieu, 2002).

A dominação simbólica está na imposição da "necessidade" que é vivenciada como uma "necessidade social", logo, como algo que se impõe sobre as pessoas naturalmente, uma vez que são incorporados nas estruturas sem questionamentos e sem resistências, mas com respeito e adesão; uma relação de forças, estabelecida e reproduzida a partir do "habitus" (Bourdieu, 2002).

O "habitus" é um "sistema de ações estruturadas e estruturantes, que se encontra inscrito sob a forma de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente reguladas e regulares sem serem fruto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins nem a submissão a fins conscientemente perseguidos" (Bourdieu, 2002).

Bourdieu nos traz o entendimento de que os sistemas de dominação simbólica estão sendo mantidos e reproduzidos por meio da imposição de representações "que vão do xamanismo à ciência, da magia à religião", de uma forma que toda a sociedade tem "toda uma história de lutas inscrita em seus quadros", no que tange a disposições adquiridas, desejos, gostos, noção de nobreza, de graça, de distinção, entre outros (Bourdieu, 2002).

São essas noções que estão atreladas a valores que, por sua vez, estão imbricados de uma consciência coletiva, uma consciência de classe, de que essa noção é justa e "lógica", ao passo que as noções daqueles que são dominados, são consideradas como "falsas" e "ilusórias", perpetuando uma diferença, uma separação, uma oposição entre dominantes e dominados, mas, na verdade, o que é percebido e internalizado é que as diferenças se dão por uma disposição, por uma naturalidade e uma normalidade, que são ditadas por quem detém o poder simbólico, e, por essa imposição, aderem a elas como um "senso comum" (Bourdieu, 2002).

Neste sentido, o poder simbólico é visto por Bourdieu como uma forma de "violência simbólica", uma "violência suave", que é uma forma de dominação que ocorre sem que os dominados percebam que estão sendo dominados, uma vez que não percebem que suas ações, gostos, valores e representações não são naturais, mas são socialmente construídas, impostas e internalizadas, perpetuando a manutenção das estruturas de dominação simbólica (Bourdieu, 2002).

Nas palavras de Bourdieu, o efeito de violência simbólica está inscrito na lógica das relações de dominação e não é apenas um efeito de linguagem, ou seja, o efeito da dissimulação que visa ocultar a relação de força através da qual ela se exerce, mas também um efeito real, imediato, de poder que se exerce sobre o agente que o sofre, ou melhor, que o faz sofrer" (2002).

Tanto Foucault quanto Bourdieu exploram a natureza complexa das relações de poder e dominação na sociedade. Foucault concentra-se nas formas disciplinares de controle que operam por meio de observação, vigilância e normalização, enquanto Bourdieu se concentra no poder simbólico e na violência simbólica, que moldam as percepções, gostos e valores das pessoas de maneira a perpetuar as estruturas de dominação de maneira sutil e internalizada. Ambos os pensadores oferecem insights importantes para entender como o poder opera nas instituições e nas interações sociais.

O estigma que a "“pessoa idosa”" por vezes carrega, frequentemente faz com que seu período de vida seja visto como "um período de estagnação e finalização, de declínio e de perdas, de desespero e temor à morte, sem possibilidades de crescimento, participação e envolvimento nos mais variados contextos" (Stuart-Hamilton, 2002), que, quando interiorizadas estas percepções, podem resultar em "riscos ao bem-estar psicológico, e à boa

qualidade de vida, e na vivência de sentimentos negativos, tais como: sentimentos de abandono, de inutilidade, de falta de autonomia, de falta de controle sobre seu meio e sobre si mesmo” (Khoury; Gunther, 2006 *Apud* Ferreira; Maia, 2009).

A cultura no qual todos nós estamos inseridos influencia diretamente em nossa vivência e, no caso da “‘pessoa idosa’”, influencia em seu status e prestígio, variando a percepção do envelhecer desde um status de honra até o descaso completo. O contexto cultural pode ser capaz de levá-lo à morte precoce pelo simples “não cuidar”, perpassando por ideias de que estas ‘pessoas idosas’ sejam simplesmente fardos (Beauvoir, 1976; Kimmel, 1980 *apud* Coutrim, 2006).

No caso da ‘pessoa idosa’ internalizar um poder negativo ao termo, pode haver uma alteração do comportamento a partir de sua percepção, como percebeu a doutoranda Carneiro e a Dra. Magalhães, ao investigar a “percepção de idosos urbanos e ribeirinhos sobre o processo de envelhecimento” em Belém-PA. Neste estudo foi apontado que os idosos “associados a um estereótipo positivo do envelhecimento, demonstram melhores desempenhos em” diversos níveis, quando “comparado com os que estavam associados com um grupo de estereótipos negativos do envelhecimento” (Carneiro; Magalhães, 2020).

Hoje a sociedade não só inspira as perguntas que devemos fazer, mas também sugere quais tipos de respostas devem ser dadas a essas perguntas, há “uma estrutura que está presente antes mesmo que nós começamos a pensar”, e esta estrutura “ decreta o que deve ser pensado”, exercendo uma força de coerção construindo “uma realidade que, embora simbólica e mental, é tão real, se não mais real, que uma realidade física” (Moscovici, 2010).

Discutir uma teoria como a teoria das representações sociais e do exercício de poderes em um trabalho acadêmico é uma forma de gerar reflexão sobre os conteúdos corriqueiros do nosso dia a dia e promover uma representação interna fundamentada a respeito das demais representações, internas e externas, gerando um melhor controle sobre a administração terminológica, tanto falada quanto sentida.

## **CAPÍTULO 2: Das ferramentas aos navegantes: métodos e participantes**

Esta é uma pesquisa interdisciplinar no campo das Ciências Humanas pertencente à linha de pesquisa do PPGICH 'espaços, memórias e configurações sociais - a dimensão identitária da cultura'. Promove uma articulação, principalmente, entre teóricos da psicologia e sociologia como fundamentação do objeto e objetivos, discussões em termos culturais, históricos e legislativos como fundamentação das representações sociais gerais do fenômeno e, por fim, um levantamento de dados contendo a própria experiência do participante da pesquisa, obtido por um processo de entrevistas e interpretado pelo método de análise de conteúdo.

Neste tópico, detalharemos os métodos que envolveram esta pesquisa: o local, compondo descrição, funcionamento, diretrizes e legislação, bem como quem foram os participantes da pesquisa, o passo a passo do procedimento de coleta de dados e como foi feita a análise de resultados.

### **2.1: As ferramentas norteadoras: métodos da pesquisa**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa com a finalidade de "captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes", explorando estas perspectivas e tendo como foco principal a descrição detalhada de um fenômeno social bastante abrangente, que engloba efeitos em todas as classes de pessoas, a classificação 'pessoa idosa'. Este trata-se de um estudo de opinião que não sobrepujou uma teoria aos dados, mas o inverso, primeiro observou-se os dados e posteriormente relacionou, quando cabível, estes a teorias pré-existentes (Godoy, 1995; Gil, 2002; Lakatos; Marconi, 2017).

No que se refere aos procedimentos, essa é uma pesquisa de levantamento, pois envolveu uma "interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer", projetada para obter informações qualitativas sobre as opiniões do grupo de pessoas participantes da pesquisa, e envolveu um minucioso planejamento por meio da elaboração de um projeto e questionário totalmente personalizados ao público participante; uma cuidadosa coleta e transcrição de dados e análise de resultados de forma interpretativa (Gil, 2002; Godoy, 1995; Lakatos; Marconi, 2017).

Quanto ao caráter, esta pesquisa é de cunho descritivo, tendo "como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno" que compõe um determinado grupo a respeito do "sentido atribuído ao termo 'pessoa idosa'" (Gil, 2002). Esta

descrição foi realizada pelos participantes da pesquisa e tão somente explanada pela pesquisadora, cumprindo, anterior a isso, com a transcrição das informações levantadas (respeitando os limites éticos e da proteção de dados) e anexação integral destas ao fim deste trabalho (ANEXO 1).

Para a coleta de dados foi utilizado o método de entrevista, "uma conversa [...] face a face de maneira metódica, que proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação que lhe é necessária" (Lakatos, Marconi; 2017) e análise de conteúdo em uma amostra de 18 pessoas de idade superior aos 60 anos frequentadoras do Parque Municipal de Idosos que aceitaram voluntariamente a participação na pesquisa e a concordância aos Termos: Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de Gravação em Áudio e Uso de Depoimento (ANEXOS 4 e 5).

O roteiro da entrevista também pode ser encontrado ao fim deste trabalho (ANEXO 3). As perguntas foram elaboradas ainda no projeto de pesquisa, com bastante minúcia e atenção, visando promover estímulo ao pensamento e à fala. Ao apresentar a proposta da pesquisa e o roteiro de entrevista ao local de pesquisa, o PMI, foi solicitado um levantamento da representação do próprio PMI para os participantes da pesquisa. Essa solicitação foi acolhida de bom grado pela pesquisadora e os dados inclusos em campo específico dos resultados.

Todas as entrevistas foram gravadas por dispositivo eletrônico próprio, a fim de preservar a postura da pesquisadora como uma ouvinte ativa e metódica, utilizando uma metodologia de trabalho que revelasse "as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conhecem e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém", incitando no entrevistado a realização de uma "autoanálise", construindo o ponto de vista dele sobre si e sobre o mundo, uma metodologia de "autoanálise guiada e acompanhada", por meio de um questionário com perguntas "sempre abertas e múltiplas e frequentemente reduzidas a uma atenção silenciosa" (Bourdieu, 2008).

Nem tudo nós pensamos e idealizamos a nível de consciência, mas há alguma representação individual de cada pessoa aos fenômenos que ela experimenta no decorrer da vida e foram esses dados que a pesquisadora estimulou a tomada de consciência, coletou-os em áudio e realizou posterior transcrição fidedigna, suprimindo dados sensíveis e corrigindo vícios de linguagem que poderiam prejudicar a leitura, mas não interferindo no sentido, visando cumprir as conformidades das garantias da pesquisa e proteção da pessoa participante da pesquisa e manter a qualidade dos dados.

Mesmo com algumas ressalvas para que o fizesse, a pesquisadora optou por não limitar o tempo de conversa, reservando-se o direito de decisão, deixou o participante livre para ocupar o tempo que fosse necessário, com as narrativas que lhe viessem à mente, dedicando-lhes a



mesma postura ativa e ouvinte durante todo o encontro, firmando o compromisso de trabalhar, na pesquisa, somente com os conteúdos que fossem pertinentes às perguntas da pesquisa, realizando-as antes, entre ou após os discursos pessoais que os participantes traziam e promovendo assim, antes de uma pesquisa, um acolhimento humano.

## **2.2: A posição geográfica dos navegantes: lócus desta pesquisa**

Esta é uma pesquisa conduzida durante a formação no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) oferecido pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA), fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), aplicada com os participantes do Programa Conviver do Parque Municipal do Idoso (PMI). O PMI é um complexo de uma organização social sem fins lucrativos coordenado pela Fundação Dr. Thomas (FDT), localizado na zona centro-sul da cidade de Manaus, rua Rio Mar, número 1324, bairro Nossa Senhora das Graças, CEP 69093-452.

**Figura 3 – Entrada principal da Fundação Dr. Thomas**



Fonte: Em Tempo (2023)

A Fundação Dr. Thomas coordena a aplicação das Políticas Públicas na cidade de Manaus. Portanto, apresentaremos, junto com a descrição do local de pesquisa, algumas diretrizes jurídicas que determinam o funcionamento deste.

No artigo 10 do Estatuto do Idoso, consta o seguinte: “É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à ‘pessoa idosa’ a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis”,

visando preservar a integridade não somente física, mas também “psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais”. Quando a ‘pessoa idosa’ e a família não possuem condições econômicas para prover o alimento necessário ao sustento deste, “impõe-se ao Poder Público [...], no âmbito da assistência social”, o provimento deste (Brasil, 1994, 2003, 2017).

A fundação Dr. Thomas surgiu em 1909 e recebeu esse nome “em homenagem ao médico canadense Harold Howard Shearme Wolferstan Thomas”, um “médico humanitário” que veio para Manaus estudar a “febre amarela” e deixou sua marca na história por meio de seus feitos que giravam em torno de ajudar e acolher pessoas em situação de vulnerabilidade, principalmente portadoras de idade superior a 60 anos, dando início assim, ao que ele denominou de “Sociedade Asilo de Mendicidade de Manaus”. Após seu falecimento em 1931, o asilo recebeu o nome de “Asilo de Mendicidade Doutor Thomas” e, em 1967, passou a ser denominado “Fundação Dr. Thomas”, integrando a administração indireta do município (Monteiro; Barros; Dib, 2023; Manaus, *s.d.*).

**Figura 4 - Foto aérea do início da Fundação Dr. Thomas**



Fonte: Iconografia (*s.d.*)

**Figura 5 - Foto aérea da Fundação Dr. Thomas nos dias de hoje**



Fonte: Lima; Guimarães (2019)

A estrutura organizacional da FDT é estabelecida por meio do "Decreto nº 2.584, de 23 de outubro de 2013", que "dispõe sobre o regimento interno da fundação de apoio ao idoso [...] e dá outras providências", tendo hoje a "responsabilidade de coordenar e avaliar a execução da Política Municipal do Idoso", através do desenvolvimento de ações "estratégicas capazes de garantir os direitos sociais da população idosa do município de Manaus e assegurar a promoção de sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade", "bem como promover articulações com as Secretarias [...] para que possam viabilizar a concretização das propostas dispostas" na Política Municipal do Idoso (Manaus, 2013; Manaus, 2022; Monteiro; Barros; Dib, 2023).

A Política Municipal do Idoso em Manaus visa não apenas estabelecer ações e estratégias, mas também mecanismos de acompanhamento, controle e avaliação que garantam os direitos sociais da população idosa. Seu objetivo principal é "promover a autonomia" e a "integração efetiva" dos idosos na sociedade, além de viabilizar formas alternativas de participação, ocupação e convívio, integrando-os às demais gerações. Para isso, busca-se priorizar o atendimento ao idoso através de suas famílias, descentralizar as ações administrativas, capacitar recursos humanos nas áreas pertinentes, implementar sistemas de informação e promover a divulgação educativa sobre os aspectos do envelhecimento. Além disso, a política visa apoiar estudos e pesquisas sobre o tema, em conformidade com a legislação federal vigente, especialmente a Lei Federal nº 8.842/1994 e seu decreto regulamentador (Lei 5.482/01 *apud* Monteiro; Barros; Dib, 2023).

No decreto nº 2.584, de 23 de outubro de 2013, dispõe que a FDT tem ainda como finalidade: "IV - planejar e executar ações para inclusão social dos idosos, podendo, para tanto,

celebrar parcerias em nível federal, estadual e municipal, a fim de construir a rede articulada de proteção e garantia aos direitos da ‘pessoa idosa’; V - captar, repassar e aplicar recursos financeiros por meio do Fundo Municipal de Direitos do Idoso, destinado a proporcionar suporte financeiro para execução de programas e projetos do setor; VI - celebrar convênios, contratos e acordos de cooperação técnica com órgãos e entidades públicos e privados, visando à execução de suas finalidades" (Manaus, 2013).

A FDT atualmente é conduzida "por um Diretor-Presidente, com o auxílio de um Consultor Técnico e um Diretor de Área" e conta com "órgãos colegiados", "órgãos vinculados", "órgão de assistência direta e assessoramento", "órgãos de apoio à gestão" e "órgãos de atividades finalísticas", todos definidos no documento de acordo com suas estrutura, atribuições e competências, abrangendo hoje, abrange três pilares de suporte: "o Programa de Atendimento Domiciliar ao Idoso (PADI), que realiza visitas domiciliares com uma equipe multiprofissional", "o Programa Longa Permanência, que presta assistência em caráter asilar à ‘pessoa idosa’", e "o Programa Conviver, que oferece atividades aos frequentadores do Parque Municipal do Idoso" (Manaus, 2013; Manaus, 2022), (recentemente houve uma expansão do Programa Conviver, falaremos sobre isso na discussão deste).

A FDT implementou ainda o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Envelhecimento em Manaus – NEPEM. Este tem o objetivo de produzir conhecimento científico, multidisciplinar e interdisciplinar nesse nicho, e atualmente conta com uma parceria de estudos e pesquisa com a Universidade Estadual do Amazonas ativa até 2026. Este fato que possibilitou a condução dessa pesquisa no local (Manaus, *s.d.*).

**PROGRAMA DE ATENDIMENTO DOMICILIAR AO IDOSO:** O PADI foi estabelecido em setembro de 1997 e representa um serviço essencial da Prefeitura Municipal de Manaus, executado pela FDT, como parte integrante da Política Municipal do Idoso. Sua essência, conforme já citado, reside na realização de visitas domiciliares, conduzidas por uma equipe multiprofissional, em resposta a solicitações feitas através do Disque Idoso 165, demanda espontânea ou pela Rede de Proteção à ‘pessoa idosa’ (Manaus, *s.d.*).

O PADI visa fornecer orientações, propor intervenções e práticas de cuidados relacionados ao processo de envelhecimento, buscando melhorar a qualidade de vida dos cuidadores e familiares. Dessa forma, almeja-se manter o idoso dentro do ambiente familiar, aprimorando a convivência entre ambas as partes e evitando a institucionalização. O programa atende tanto homens quanto mulheres com 60 anos ou mais, abrangendo toda a área urbana da cidade de Manaus (Manaus, *s.d.*).

**Figura 6 - Equipe do PADI indo a campo**



Fonte: Monteiro; Barros; Dib (2023)

**PROGRAMA DE LONGA PERMANÊNCIA:** "A FDT é a única instituição de longa permanência para idosos nos três graus de dependência em Manaus e a única pública da Região Norte" e oferece aos seus residentes um programa de apoio psicológico e social, acompanhamento fisioterapêutico, reforço nutricional, vacinação, programas de vivências coletivas, entre outras, promovendo qualidade de vida em suas dependências (Manaus, 2022).

No Brasil, o poder público tem a obrigação de incentivar a autonomia e independência das 'pessoas idosas'. Quando a 'pessoa idosa' não possui apoio familiar ou meios de sustento, cabe ao Estado fornecer o devido suporte. Para isso, é previsto em nossa legislação que, "na hipótese de inexistência de grupo familiar, de abandono, ou de carência de recursos financeiros próprios ou da própria família", esta 'pessoa idosa' seja amparada pela "assistência na modalidade asilar de atendimento", fornecida "pela União, pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios". Estes devem suprir as necessidades básicas da 'pessoa idosa', tais como "moradia, alimentação, saúde e convívio familiar" através da "modalidade asilar", garantindo um ambiente seguro e adaptado, com profissionais capacitados registrados no Conselho Municipal dos Direitos da 'pessoa idosa', oferecendo espaços para visitas, cuidados físicos e emocionais, respeito às individualidades, subjetividades e crenças religiosas (Brasil, 1993, 1994, 2003, 2017, 2019; Paraná, *s.d.*).

**Figura 7 - "Pavilhões" da ILPI-FDT, quartos coletivos**



Fonte: Alves, ofuscada através do editor de fotos online "iLoveIMG" (2019)

**Figura 8 - Atividade em horta para os Idosos residentes na ILPI-FDT**



Fonte: Fundação... (2023)

**Figura 9 - Evento "Idosos na Copa" na ILPI-FDT**



Fonte: Prefeitura... (2022)

**Figura 10 - "Bloco FDT na Folia", Carnaval na ILPI-FDT**



Fonte: FDT, ofuscada através do editor de fotos online "iLoveIMG" (09 fev., 2024)

**PROGRAMA CONVIVER:** O Programa Conviver é parte integrante da Política Municipal do Idoso e desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar dos idosos em nossa cidade. Cinco anos antes de ser iniciado, esse projeto já estava em gestação, mas sua concretização só se tornou viável com a implementação da Política Municipal do Idoso (Monteiro; Barros; Dib, 2023).

Um encontro promovido pela Fundação Dr. Thomas e pelo Fórum Permanente do Idoso reuniu diversas entidades governamentais e não governamentais, além de representantes da UFAM, pensionistas e aposentados, em junho de 1999. Esse evento, realizado ao longo de três dias, teve como objetivo discutir a Política Nacional do Idoso e elaborar propostas para sua adaptação à realidade local, culminando na criação do Plano Integrado de Ação para o desenvolvimento da Política Municipal do Idoso. No último dia do encontro, o então Prefeito de Manaus foi apresentado ao projeto e à maquete do Programa Conviver, que posteriormente se tornaria o Parque Municipal do Idoso (Monteiro; Barros; Dib, 2023).

A constituição prevê algumas modalidades de atendimentos "não asilar", sendo uma delas os Centros de Convivência para 'pessoas idosas', locais destinados "à permanência diurna da 'pessoa idosa', onde são desenvolvidas atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para a cidadania". Em 2001, a Política Municipal do Idoso recebeu regulamentação por meio do decreto 5.428/01, marcando o início da construção do Parque do Idoso conforme a maquete original. No ano seguinte, em julho de 2002, quando a estrutura do Parque estava prestes a ser concluída, um grupo de trabalho composto por uma equipe

multiprofissional foi formado, passando por capacitação biopsicossocial (Monteiro; Barros; Dib, 2023).

Para assegurar a qualidade dos serviços oferecidos no Programa Conviver, a Fundação Dr. Thomas selecionou profissionais reconhecidos nacionalmente, como a equipe do SESC de São Paulo, além de técnicos de Brasília e Curitiba. Após a conclusão das obras, o Parque Municipal do Idoso foi inaugurado em 22 de novembro de 2002, abrangendo uma área de aproximadamente 250.000 m<sup>2</sup> e oferecendo uma variedade de instalações, "incluindo uma pista de caminhada de 800m, uma piscina semi olímpica térmica, uma quadra poliesportiva coberta, um auditório com 242 lugares, salão de beleza, restaurante (atualmente funciona o Prato Popular servindo 300 refeições diárias) quatro salas de multiuso, uma sala de artesanato, pavilhão administrativo, lanchonete, sala de musculação, academia aberta e ambulatório" (Manaus, 2022; Monteiro; Barros; Dib, 2023).

**Figura 11 - Vista aérea do PMI**



Fonte: Filho (2019)

**Figura 12 - Pista de Caminhada PMI**



Fonte: Matrículas... (2021)



**Figura 13 - Restaurante Prato Popular PMI**



Fonte: Manaus (2022)

**Figura 14 - Piscina PMI**



Fonte: João (2022)

**Figura 15 - Academia ao ar livre PMI**



Fonte: Moraes (2021)

As competências previstas legalmente ao Parque Municipal do Idoso são: administrar a unidade no âmbito estratégico, logístico e operacional; viabilizar formas alternativas de participação e convívio do idoso; estimular a prática de atividades físicas, visando à manutenção e ampliação de sua independência e autonomia; oportunizar o convívio social e o aprimoramento pessoal por meio de atividades socioeducativas, culturais, artísticas e de lazer; oferecer informações e desenvolver o conhecimento acerca de processos de envelhecimento; estimular atitudes e comportamentos voltados ao envelhecimento saudável e com qualidade de vida; promover a valorização, integração e participação do idoso na vida familiar e comunitária; desenvolver ações que favoreçam a construção e o pleno exercício da cidadania; realizar os procedimentos de serviço de admissão do idoso referentes à matrícula; garantir a realização de exame de sanidade e capacidade física para o ingresso nas atividades físicas e socioeducativas; proceder à avaliação médica do resultado do exame de sanidade e capacitação física, encaminhando o idoso para a prática de atividade compatível com seu estado de saúde; executar medidas destinadas a garantir a realização dos exames de avaliação periódica do idoso; providenciar a revalidação anual da matrícula do idoso nas atividades e desenvolver outras atividades correlatas (Manaus, 2013).

Atualmente, o Parque funciona de segunda a sexta-feira, das 06h às 21h, proporcionando acesso à pista de caminhada e academia ao ar livre a todos os públicos, independentemente da idade. Os participantes dos programas que acontecem no PMI são pessoas com mais de 60 anos no turno da manhã e, no turno da tarde, no projeto “Envelhecer Feliz”, são admitidas pessoas com idades entre 50 e 59 anos. Acontecem ainda, nas dependências do PMI, a realização de outras atividades, tais como as Reuniões da Associação Brasileira de Alzheimer, turmas do Centro Municipal de Escolarização do Adulto e da ‘pessoa idosa’, entre outros (Manaus, *s.d.*). O PMI conta ainda com uma parada de ônibus interna e uma escadaria de acesso à FDT.

As atividades específicas para as ‘pessoas idosas’ ocorrem das 07h às 17h, divididas em duas turmas, distribuídas nos dias de segunda e quarta, e terça e quinta, em ambos turnos, manhã ou tarde. Nas sextas-feiras, há flexibilidade para a realização de aulões, como parte da programação mensal denominada "sextou", ou para treinos das modalidades que fazem parte dos jogos das olimpíadas da terceira idade, o “JiPi” (Jogos Internos do Parque do Idoso) (Monteiro; Barros; Dib, 2023).

**Figura 16 - Parada de ônibus interna no PMI**



Fonte: Holanda (2018)

**Figura 17 - "Aulão" no PMI**



Fonte: Prefeitura... (2024)

**Figura 18 - Treinamento para os Jogos Internos do Parque do Idoso**



Fonte: Prefeitura... (2023)

Hoje, segundo material de cadastro fornecido pela secretaria, o Parque Municipal de Idosos conta com as seguintes atividades de caráter leve: alongamento, ginástica elaborada, ginástica terapêutica, canto, oficina de memória, oficina de direito e cidadania (esta atividade foi encerrada em outubro de 2023, durante a pesquisa em campo), palestras socioeducativas, meditação, artesanato e violão e, com as seguintes atividades de caráter moderado: ginástica, hidroginástica, pilates solo, natação, dança de salão, dança coreográfica, ritmos, balé clássico e balé sentado (ANEXO 2).

Há também espaço para atividades recreativas como dominó, sinuca e xadrez, além de passeios turísticos. O calendário de eventos é amplo, contemplando comemorações de datas especiais como dia dos Pais, das Mães, dos Avós e dos Idosos, bem como festividades tradicionais como Carnaval e Festa Junina, entre outros, como é possível visualizar nas mídias sociais da Fundação Dr. Thomas Instagram e Facebook @fundacaodrthomas.

É relevante destacar também as tardes dançantes, realizadas pelo menos duas vezes por mês, onde os usuários do parque desfrutam de momentos de socialização, dança e diversão (Monteiro; Barros; Dib, 2023).

**Figura 19 - Hidroginástica no PMI**



Fonte: Prefeitura... (2024)

**Figura 20 - Feira de Artesanato Natalina PMI**



Fonte: Prefeitura de... (2023)

**Figura 21 - Parque na Roça 2023**



Fonte: Própria, ofuscada através do editor de fotos online “ILoveIMG” (2023)

**Figura 22 - Tarde dançante PMI**



Fonte: Maciel (2021)

Para a matrícula são necessários alguns documentos comprobatórios, dentre eles o comprovante de vacinação contra a COVID-19 e um atestado médico de saúde. Até setembro de 2023, o Parque Municipal do Idoso contava com cerca de 1.122 idosos matriculados, dos quais 943 são mulheres e 179 são homens, participando das diversas atividades oferecidas. A matrícula é realizada no início de cada ano, mediante disponibilidade de vagas, e os idosos já participantes precisam renovar suas matrículas, realizar novos exames e escolher suas atividades (Monteiro; Barros; Dib, 2023).

Observando a dinâmica de abertura de vagas nas atividades ofertadas pelo PMI através das divulgações no Instagram dos dois últimos anos (FDT, 05 dez., 2022; 06 dez., 2022; 04 dez., 2023; 04 dez., 2023), as inscrições foram abertas e encerradas em um período menor que 24 horas, o que denota uma insuficiência em atender as demandas.

Percebendo isso, em 2022, a Prefeitura de Manaus, por meio da Fundação Dr. Thomas, lançou o projeto 'Viver Bem na Terceira Idade', com o objetivo de alcançar um público que não conseguia participar das atividades do PMI, englobando nove associações e grupos de idosos em Manaus, abrangendo diversas áreas da cidade (Manaus, 2023).

No dia 15 de dezembro de 2023, a Prefeitura de Manaus, por meio da Fundação Dr. Thomas, lançou a expansão do projeto 'Viver Bem na Terceira Idade' no ginásio do PMI. O evento reuniu 600 idosos em um clima de música e diversão, representando um marco na consolidação da Política Municipal do Idoso na capital. Hoje o programa alcança um total de 14 núcleos e associações, promovendo qualidade de vida para mais de mil idosos em todas as zonas da cidade (Manaus, 2023).

**Figura 23 - Expansão do Projeto Viver Bem na Terceira Idade**



Fonte: Manaus, 2023

### 2.3: Os navegantes: participantes da pesquisa

A pesquisa teve como objetivo investigar as opiniões das pessoas classificadas como "Pessoas Idosas". A OMS, uma iniciativa global destinada a enfrentar os desafios globais, considera que "o envelhecimento é um dos maiores triunfos da humanidade" e define como "idoso" a pessoa com 65 anos ou mais nos países desenvolvidos e 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, acrescentando a estes uma margem de cinco anos de diferença a partir de um processo de classificação de países com base em dados como PIB, renda per capita, IDH e grau de industrialização (World Health Organization, 2005).

No Brasil, o conceito legal da "pessoa idosa" é estabelecido pelas Leis, das quais destaco as de nº 8.842/1994 da Política Nacional do Idoso e nº 10.741/2003 do Estatuto do Idoso, ambas definem que a "pessoa idosa" é a "pessoa com idade biológica cronológica igual ou superior a sessenta anos", não diferenciando essa pessoa por fenômenos como dependência, capacidade cognitiva, física ou psíquica; tomando qualquer pessoa com mais de 60 anos como uma "pessoa idosa" para todos os efeitos legais (Brasil, 1994, 2003).

As pessoas participantes da pesquisa foram delimitadas de acordo com a classificação legislada no Brasil de "pessoa idosa", devidamente matriculadas em alguma atividade do PMI ou inscritas na turma do CEMEAPI que também funciona no PMI. 83% do core total de participantes da pesquisa foram os estudantes do Centro Municipal de Escolarização do Adulto e da "pessoa idosa" (CEMEAPI), um programa de Escolarização de Jovens e Adultos (EJA) que acontece no PMI.

O CEMEAPI é um programa do segmento de Escolarização de Jovens e Adultos – EJA, estabelecido por meio da Secretaria Municipal de Educação de Manaus - SEMED, através da Gerência de Educação de Jovens e Adultos – GEJA, e tem como principal objetivo "Propor metodologias e currículo específico para jovens, adultos e idosos, que não tiveram acesso à Educação Básica em idade certa, contribuindo para o desenvolvimento de valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos" (Secretaria Municipal De Educação, 2022).

O CEMEAPI propõe-se a:

- ✓ Oferecer aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino uma organização curricular e orientações didáticas que sirvam como documento norteador do seu planejamento;
- ✓ Ofertar aos jovens, adultos e idosos oportunidades de conclusão da Educação Básica, nas etapas do 1º e 2º segmentos da EJA, por meio de uma organização curricular flexível e pautada em suas necessidades e realidades.

- ✓ Contribuir para a formação cidadã por meio de um currículo escolar que possibilite a interlocução com o mundo do trabalho, incentivo à participação social ativa e crítica;
- ✓ Proporcionar por meio de uma educação intercultural o enfrentamento aos preconceitos culturais e a discriminação;
- ✓ Estimular a autoestima dos estudantes, fortalecendo a confiança na sua capacidade de aprendizagem (Secretaria Municipal De Educação, 2022).

**Figura 24 - Sala de Aula do programa CIMEAPI no PMI**



Fonte: Própria, ofuscada através do editor de fotos online “ILoveIMG” (2023)

Não houve métricas de exclusão com base em fatores como sexo, condições de saúde, estado civil, etc. Quaisquer dados referentes a tais descrições classificatórias das pessoas participantes, quando surgiram, foram registrados e transcritos quando cabível. As exclusões da pesquisa ocorreram apenas em virtude de pessoas que não cumprissem com as diretrizes de inclusão, apresentassem limitações quanto ao tempo necessário para dispensar a participação ou não aceitassem quaisquer um dos termos essenciais desta pesquisa.



## 2.4: O levantamento das rotas: a pesquisa em campo

Esta parte da pesquisa teve início quando me dirigi ao NEPEM, localizado na FDT, e me apresentei à equipe responsável por realizar pesquisas direcionadas ao campo do envelhecimento humano na cidade de Manaus. Nesse momento, fui informado sobre o passo a passo para obter as devidas autorizações e também sobre a parceria entre a FDT e a UEA.

Um dos colaboradores do NEPEM, o psicólogo, mestre e professor Joel Cabral, antes desconhecido e hoje amigo, acompanhou-me com muito zelo e apresentou-me às "pessoas chave" do PMI, incluindo a professora Beatriz, responsável por organizar e supervisionar as atividades desenvolvidas no PMI, e a professora Eliadne, responsável pela sala de aula do CEMEAPI em funcionamento no PMI.

Ao apresentar a proposta de trabalho a ambas, foi solicitada a inclusão do levantamento já citado anteriormente, sobre o que representa o PMI para os participantes da pesquisa, o que prontamente foi feito. Após todos os passos acima e com a autorização da condução da pesquisa em mãos, dei entrada no CEP e aguardei o parecer favorável, que, apesar de alguma demora e um pequeno impasse ajustado, foi deferido.

No mês de outubro, com o parecer favorável em mãos, dirigi-me ao PMI para organizar como as coletas e as entrevistas seriam realizadas. Naquele mês, a cidade de Manaus estava passando por um lamentável momento em suas condições climáticas, devido à forte incidência de queimadas e à presença de muita fumaça em toda a cidade, chegando a ser considerada uma das cidades com a pior qualidade de ar do mundo (Marinho; Vlaxio, 2023; Monteiro, 2023; UOL, 2023).

**Figura 25 - Fumaça encobre a cidade de Manaus**



Fonte: Monteiro (2023)

**Figura 26 - Fumaça encobre a cidade de Manaus**



Fonte: Monteiro (2023)

Devido a essa condição e ao habitual calor de nossa cidade, era inviável que as entrevistas fossem realizadas em ambiente aberto, apesar do PMI oferecer espaço para isso. Nesta tratativa, a professora Beatriz foi muito solícita e cordial em disponibilizar uma sala confortável e climatizada durante todas as tardes do mês de outubro para a realização das entrevistas.

Qualquer pesquisa envolvendo humanos pressupõe previamente o consentimento de participação; esta, em específico, implica ainda na autorização de gravação. Ambos os processos são realizados mediante concordância dentro de tempos previamente elaborados pela pesquisadora. Tais termos seguem diretrizes específicas do CEP e acabam por ser, necessariamente, extensos. Tal leitura tomaria bastante tempo da pesquisa, que já se encontrava em condições desfavoráveis em relação ao tempo. Para atender a essa demanda, a professora Eliadne cedeu sua sala de aula para, em dias específicos, realizar o convite à pesquisa e os trâmites em relação aos termos.

O dia foi acordado entre a pesquisadora e a professora, e os alunos foram avisados previamente. No dia combinado, foram apresentadas aos alunos, de maneira bastante agradável e dinâmica, informações relevantes sobre a pesquisa, incluindo o título, objetivos, procedimentos, caráter voluntário, indispensabilidade dos termos, garantias do participante e ausência de ônus e bônus. Foi apresentada também a proposta dos Termos (ANEXOS 4 e 5), anunciando sua leitura a seguir. Antes do início dessa leitura, foi fornecido um momento de sala de aula invertida para apresentações, impressões e perguntas.

A leitura dos termos se deu da seguinte forma: entrega de duas vias do termo a cada candidato (impresso em letras de características e tamanho favoráveis à leitura por parte deles), seguida da leitura do termo em sua integralidade em tom de voz suficiente e clareza na oratória (neste momento, os alunos que já dominavam a leitura foram convidados a acompanharem em sua via). Após a leitura de cada parágrafo, foram prestadas informações em linguagem clara e sensível sobre o que acabara de ser lido e conversado sobre o entendimento, envolvendo a turma a participar deste momento. Ao final da leitura, foi disponibilizado tempo suficiente para cada candidato tomar a decisão de assinar ou não; e oferecido suporte, tanto meu quanto da professora, para auxiliar no processo de rubricas e assinaturas, consentindo a participação em duas vias (uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador).

Esse mesmo processo de leitura e auxílio de assinaturas para os candidatos concordantes a participar se repetiu uma vez, cumprindo assim a etapa de apresentação dos dois termos. O tempo ocupado foi relativo ao tempo total de aula, portanto todos foram liberados com o combinado de que, no dia seguinte, a pesquisadora retornaria nos dias seguintes e chamaria um de cada vez para a realização da entrevista. Nesta primeira coleta, 12 pessoas aceitaram participar da pesquisa.

Retornando ao parque no dia seguinte, no período da tarde, a pesquisadora se dirigiu à sala na qual seria realizada a entrevista a fim de organizar mesa e cadeiras em posição confortável para uma conversa cara a cara e conferir os demais aspectos da sala, como climatização, iluminação e limpeza. Findadas as conferências, a pesquisadora se dirigiu à sala de aula do CEMEAPI e convocou o primeiro participante sem chamar ninguém nominalmente, apenas cumprimentando a sala e perguntando: “Quem gostaria de me acompanhar agora?”.

Em um momento particular com o participante da pesquisa, foi expresso um agradecimento pelo consentimento e em seguida reforçado que ele poderia se retirar a qualquer momento, recusar-se a responder qualquer questão ou expressar-se sobre qualquer conteúdo ou assunto que sentisse vontade. Foi ainda reforçado o anonimato da participação dele e a informação de que as transcrições realizadas no trabalho seriam somente as relacionadas às perguntas da entrevista; demais assuntos que surgissem seriam registrados em gravação, mas não transcritos ou analisados. Findadas as tratativas iniciais, era confirmada a voluntariedade e concordância da participação, solicitada autorização para início da gravação em áudio e iniciadas as conversações. Isso se repetiu para todos os 18 participantes. A média de entrevistas por dia foi de duas entrevistas no horário da tarde.

Desta coleta inicial, uma participante não se prontificou mais a participar e o espaço dela foi respeitado de forma que ela não precisou anunciar sua retirada da pesquisa. Sempre ao

final da segunda entrevista e da aula, a pesquisadora compartilhava momentos junto aos participantes, seja em um cafezinho ou na espera do ônibus que os transportava; e esta candidata estava passando por dificuldades de saúde e financeira, ficando claro que seria inadequado questioná-la em relação a isso.

Findadas as 11 entrevistas desse primeiro grupo, no dia seguinte, a professora Beatriz acompanhou a pesquisadora e apresentou duas pessoas do grupo de pilates que se mostraram bastante interessadas em participar da pesquisa. Ambas eram amigas, então foram as três para a sala na qual estava sendo realizada a pesquisa e realizou-se a leitura dos termos da mesma maneira que narrado anteriormente, porém, em tempo suficiente para que ainda fossem conduzidas as entrevistas. Após a leitura e concordância dos termos, as amigas foram separadas e a pesquisa conduzida com cada uma delas no mesmo dia, alcançando assim a marca de 13 participantes na pesquisa. No dia seguinte, encontrou-se um senhor no pátio do PMI que, ao receber o convite para sua participação, prontamente aceitou. Os mesmos trâmites realizados para as duas participantes anteriores foram realizados com ele, conduzindo a entrevista no mesmo dia, alcançando assim a marca de 14 participantes e 08 dias de condução de entrevistas.

Ainda sobrava tempo de uso da sala, então realizou-se uma nova coleta na sala de aula da professora Eliadne, porém com a turma da manhã, convocando apenas por pessoas que tivessem disponibilidade para realizar as entrevistas no período da tarde. Quatro pessoas se prontificaram a participar e, na mesma tarde, foram realizadas entrevistas com duas novas participantes e no dia seguinte com as outras duas.

Desta forma, a pesquisa totalizou ao todo 18 participantes, 10 dias de coletas de dados e 12 dias de visitação ao parque para tratativas da pesquisa. A pesquisadora ainda participou de outras atividades do PMI mediante convites muito acolhedores dos participantes, aos quais foi dispensado muito afeto mútuo.

Todos os participantes da pesquisa demonstraram interesse em compartilhar suas histórias de vida pessoal, as quais não foram podadas. A pesquisadora percebe os participantes de uma pesquisa como alguém que disponibiliza de seu tempo, sua paciência, seu carinho e sua atividade mental para responder questões de uma "desconhecida"; portanto, ocupada pela gratidão, cada participante recebeu uma escuta ativa e interessada em suas histórias para além de suas respostas.

Ao final de cada conversação, foi feita uma “mini conferência emocional” dos participantes a fim de verificar seu estado emocional. Nenhum participante apresentou estresse, cansaço, irritabilidade, desconforto ou queixas. Todos os participantes e os professores

supracitados da FDT foram de imensa valia e auxiliaram inestimavelmente nesta pesquisa e a pesquisadora.

## **2.5: A exploração das rotas: o tratamento e análise de dados**

Terminada a coleta de dados, deu-se início à transcrição dos mesmos. A pesquisadora realizou esse processo manualmente com o auxílio do aplicativo "Transcrever por Voz", disponível para celulares com sistema Android. A transcrição ocorreu da seguinte maneira: a pesquisadora utilizou um fone de ouvido de alta qualidade para escutar os áudios, e quando se tratava de um trecho que continha a resposta a uma das perguntas, a pesquisadora usava o aplicativo para reproduzir as falas enquanto as ouvia, ao mesmo tempo que o aplicativo transcrevia o que era falado pela pesquisadora. Esse processo foi repetido para as 18 entrevistas coletadas.

Conforme mencionado anteriormente, as conversações não se limitaram às perguntas que constam no roteiro da entrevista, mas a transcrição sim. Foram omitidas intencionalmente as informações pessoais, tanto por não fazerem parte dos métodos e objetivos da pesquisa, quanto por não ser legal fazer tal transcrição, visto que os detalhes compõem todos os aspectos da pesquisa, como objetivos, métodos, etc. Tal omissão não interferiu na qualidade das informações transcritas. Quando percebida como extremamente necessária para o entendimento, alguma informação que não constava na entrevista, mas estava presente na conversa extra foi adicionada entre parênteses apenas para contextualização (isso ocorreu duas vezes quando um participante mencionou algum familiar já referenciado durante a conversa em sua resposta a alguma questão da entrevista; apenas a sinalização que indicasse do que se tratava foi adicionada).

Durante a transcrição, foram feitas pequenas supressões em alguns vícios de linguagem, como "né" e "entendeu". Todas as transcrições das entrevistas encontram-se integralmente em anexo, pois é de profundo interesse da pesquisadora que não apenas minhas análises e interpretações sejam validadas para leitura, mas também e principalmente as falas originais dos participantes da pesquisa, para que outros pesquisadores possam, eventualmente, realizar análises e estudos com base nesses dados coletados (ANEXO 1).

A análise dos dados obtidos ocorreu por meio de categorias de análise sob a ótica do "interacionismo simbólico", que parte da mesma premissa deste próprio trabalho: "a sociedade é constituída de pessoas que atuam em relação às outras pessoas e aos objetos em seu ambiente com base nos significados que essas pessoas e objetos têm para aquelas", tendo como objeto de

estudo essa própria interação simbólica, de forma que esta seja considerada primordial nesta pesquisa (Gil, 2008, p. 23), sem a presença de um pré-condicionamento a termos ou resultados esperados. Buscou-se explorar as diversas percepções do conceito de "pessoa idosa", permitindo a representação livre do participante da pesquisa, desde a autoclassificação enquanto pertencente ao conceito ou não, até a definição, e todos os demais dados levantados.

Para a análise das entrevistas, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo, que, segundo Bardin, é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (variáveis inferidas) (Bardin, 1977).

As categorias de análise foram:

- 3.1 Como os participantes da pesquisa representam o termo "pessoa idosa";
- 3.2.1 Como os participantes da pesquisa consideram que deveria ser a divisão etária;
- 3.2.2 Como os participantes da pesquisa representam a separação etária ativa em nossa sociedade;
- 3.2.3 Os participantes da pesquisa se consideram pessoas idosas?;
- 3.2.4 Como os participantes da pesquisa se sentem quando tratados pelo termo "pessoa idosa";
- 3.3 Como os participantes da pesquisa experimentam a esfera coletiva mediante a condição imposta pelo processo de envelhecimento;
- 3.4 O que o Parque Municipal do Idoso representa para os participantes da pesquisa.

O método de esclarecimento aos procedimentos lógicos envolvidos nesta pesquisa foi o método dialético. Segundo Hegel, assim como a história do mundo segue uma trajetória dialética, o homem presente neste, segue da mesma forma, e o próprio fenômeno aqui investigado parte de ordem, a princípio, política e cultural, sendo fundamental, portanto, pensar nesta pesquisa de forma a estabelecer um diálogo entre o fenômeno e o entorno do próprio fenômeno, já que este último se torna realidade experimentada quando estabelecido pelo primeiro (Gil, 2008).

### **CAPÍTULO 3: Desvendando as representações: narrativas entrelaçadas.**

Um rio tem seus próprios afluentes, funcionamento e ecossistema, mas só se sustentam quando conectados aos demais; suas existências dependem e provêm de algo muito maior, uma conexão interminável de braços e codependências que relacionam o micro ao macro, o macro ao todo e o todo ao micro, uma rede interconectada através de suas obviedades e seus mistérios, seus fenômenos observáveis e inimagináveis, uma obra de arte magnífica e gigantesca.

Por este motivo, cada pessoa participante da pesquisa recebeu o nome de um rio do nosso estado do Amazonas para representá-las, definidos por sorteio. Não ousa atribuir tamanho ou qualidade, mas sim conectar a pesquisa à ideia do que um rio, em termos poéticos transcrito no parágrafo anterior, representa: um fenômeno interminável em sua beleza e facilmente passível de admiração e prestígio.

Essa pesquisa não teve como foco nem objetivo coletar dados sociodemográficos; porém, esta solicitação foi ouvida e segue uma tabela com os principais dados dos participantes da pesquisa que foram possíveis coletar, com a ressalva de que nem todas as informações constavam nas gravações, portanto, alguns campos estão vazios. Ao todo, participaram 18 pessoas, com idades entre 60 e 84 anos, sendo 14 mulheres e 04 homens. Tal disparidade segue um padrão perceptível de participação no parque, e dados de índice de vida que retratam o disparate entre mulheres e homens.

É de profundo interesse da pesquisadora que o leitor tenha a chance de submergir nos relatos interpessoais levantados por essa pesquisa; portanto, todas as entrevistas, conforme já dito no capítulo anterior, constarão em sua integralidade (no que tange conteúdos em conformidade com os objetivos da pesquisa e que zelem pela preservação do anonimato dos participantes), transcritas em "ANEXO 01" deste trabalho, para que assim, o leitor não parta da visão unilateral da pesquisadora, mas também possa produzir suas próprias interpretações e, quiçá, estudos com base nos dados já levantados.

Ora, é válido lembrar que este trabalho parte do entendimento, ou ao menos da busca deste, de que somos uma soma incontável de fatores que nos moldam, moldam nossa percepção, nossas interpretações e nosso próprio mundo, relacionando-se com outros próprios mundos; portanto, sendo a pesquisadora parte fundamental das interpretações aqui realizadas e o leitor, parte fundamental de seu próprio entendimento e ser capaz de, conforme seu arcabouço representacional, gerar suas próprias interpretações e entendimentos a respeito do mesmo fenômeno. Espero que, expandindo o nosso fazer científico e não as agressões 'idadistas' já tão presentes em nossa sociedade, conforme veremos nos tópicos a seguir. Reforço ainda que este

trabalho não sobrepõe teorias fundamentalistas ao objeto da pesquisa; portanto, estas serão apresentadas em seus tópicos, quando cabíveis, da maneira mais dinâmica e fluente possível.

**Tabela 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes da Pesquisa**

CODNOME	SEXO	IDADE	SITUAÇÃO ECONOMICA	PROFISSÃO	INGRESSO	ATIVIDADES
Rio Juruá	F	60	Benefício	“Casa de família”	2023	CEMEAPI
Rio Mapari	F	62	Pensão	Vendedora	-	Jogos de tabuleiro e CEMEAPI
Rio Tarauacá	M	67	Aposentado, trabalhando	“Faz tudo”	-	CEMEAPI
Rio Tapajós	F	69	Aposentada	Pastora, linha de produção	2015	Hidroginástica e CEMEAPI
Rio Jutai	F	70	-	“Doméstica”	2023	CEMEAPI
Rio Solimões	F	73	Aposentada	Cozinheira	2010	CEMEAPI
Rio Jari	F	74	Aposentada	Funcionária do Estado	2017	Hidroginástica e CEMEAPI
Rio Urucu	F	75	Aposentada	Cozinheira, linha de produção, outros	-	CEMEAPI
Rio Ipixuna	F	75	Aposentada	Comerciante	-	Pilates e Hidrogistica
Rio Içá	F	75	Sem renda fixa	Secretária doméstica, faz artesanato - Mimos da Vovó	2023	CEMEAPI
Rio Purus	F	77	Aposentada e fazendo renda extra	Cozinheira e linha de produção	2010	Hidroginástica, Pilates, Dança, Crochê (todos no passado); CEMEAPI.
Rio Madeira	F	77	Aposentada	Comerciante	-	Hidroginástica (passado); Ginástica Elaborada, Alongamento, CEMEAPI
Rio Tefé	M	77	Aposentado	Seringueiro, Taxista	2023	CEMEAPI
Rio Amazonas	F	79	Aposentada	Superior completo em Administração	2004	Dança de salão, hidroginástica e oficina da memória
Rio Japurá	F	81	Benefício	Costureira	2023	Alongamento e CEMEAPI
Rio Tapauá	M	81	Benefício	Roçado desde os 07 anos	Desde a inauguração	-
Rio Marajó	M	83	Aposentado	Feirante, vendedor, carpinteiro, marceneiro, etc.	2003	Natação, Musculação, dança de salão (todos no passado); CEMEAPI
Rio Mamuru	F	84	Aposentada	Dona de casa e costureira	-	Hidroginástica e laborada

Fonte: Elaborado pela autora (2024).



### 3.1: Como os navegantes percebem e/ou experimentam a ‘última viagem’

Estando em profundo alinhamento com o objetivo geral deste trabalho "captar a representação social atribuída pela pessoa com mais de 60 anos de idade cronológica ao termo classificatório 'pessoa idosa'" e específico "compreender qual o significado do termo 'pessoa idosa' para os participantes da pesquisa", este tópico engloba o conceito, a compreensão e organização mental do mundo externo, uma construção dinâmica e não estritamente realística, partindo de uma significação cultural em constante evolução, a partir de uma interligação complexa entre o mental, o real e o cultural, dos 18 participantes da pesquisa (Foucault, 1999; Abbagnano, 2007; Francelin, 2010; Melo; Bräscher, 2014).

Assim como a terminologia de tratamento que este trabalho abordou, 'pessoa', este todo parte de um entendimento de que temos um corpo individual e indivisível, somos sujeitos dos aspectos sociais que nos circundam, temos nossa própria psiquê e construção do mundo e resultamos assim em pessoas, uma complexidade de conexões, interconexões e interrupções, nada simplistas e tão menos mensuráveis em exatos termos causais, isso foi extensamente percebido e captado nas falas individuais, sendo inviável criar caixas individuais de representações e encaixar os participantes nelas (Geertz, 1989; Mauss, 2003; Bauman, 2012).

No dicionário de sociologia, a 'velhice' não deve ser percebida apenas como uma fase biológica marcada por deterioração e limitações, mas sim como uma construção social moldada pelos contextos sociais, um conceito continuamente renegociado e redefinido em resposta às dinâmicas sociais. Em vez de ser reduzida a uma realidade biológica definida por desgaste e incapacidades, a velhice é reinterpretada em cada sociedade e período histórico, atribuindo, a sociedade, significados sociais às diferenças biológicas e cronológicas entre os indivíduos, contribuindo para a elaboração da organização social do ciclo de vida e para a atribuição de papéis e estatutos específicos a cada faixa etária (Johnson, 1997).

Conforme as ciências, muitos meios comunicacionais, e conversas cotidianas, somos categorizados a partir de nossas diferentes idades. 'Pessoa idosa' é uma dessas divisões culturalmente vistas como algo natural e cotidiano, capaz de promover uma força de "adestramento" comportamental aos que por ela são classificados, imputando por vezes formas de pensar e sentir, como experimentar seus dias e suas vivências, refletindo-se isto na forma como a sociedade trata tal classe e resultando, por vezes, em uma força de separação e preconceito (Beauvoir, 1990; Foucault, 1999; Bourdieu, 2002; Moscovici, 2010; Organização, 2022).

Um dado curioso que surgiu durante as entrevistas é que um dos participantes, o Rio Marajó, quando jovem, não percebia o envelhecimento como uma possibilidade, expresso pela seguinte fala: *"Quando eu era novo, 'pelo eu ver' minhas 'descendências ir-se embora' assim novo, com 30 anos, 40, eu achava que 50 anos era o máximo. Eu mesmo pensava em mim: 'Ah! Só quero viver até os 50 anos'. Eu falava pra mim no meu pensamento. Quando eu chego aos 50 anos: 'Meu Deus! Tá tudo bem comigo, eu tô em paz, tô com saúde, tô trabalhando, eu não quero ir agora'"* (pergunta 04).

Na teoria de Moscovici (2010), para que haja uma representação social de algo, é necessário que você visualize, experimente ou pelo menos, discuta este fato entre as pessoas a sua volta, e na fala dele, ele expressa detalhadamente que isso não aconteceu anteriormente, por não ver 'pessoas idosas' em sua realidade pregressa não se percebia e não se projetava dentro deste grupo. A proposta dessa primeira discussão é adentrarmos justamente neste universo simbólico dos 18 participantes da pesquisa a respeito do que consideram ser uma 'pessoa idosa' e como consideram a vida de uma 'pessoa idosa', submergindo das conceituações teóricas anteriormente propostas e imergindo nas conceituações individuais.

Assim como o Rio Purus definiu a 'pessoa idosa' como *"muita coisa"* (pergunta 1), esse tópico captou muitas definições distintas do que seria a 'pessoa idosa' e como seria a vida de uma 'pessoa idosa' na percepção deles. Essas informações inicialmente foram analisadas separadamente, dados da entrevista que definiam a 'pessoa idosa' versus dados que definiam a vida da 'pessoa idosa', mas, ao qualificar as respostas e organizá-las a partir de macro divisões com base na repetição de representações entre participantes, percebeu-se que isto resultaria em dois subtópicos similares e repetitivos. Portanto, para que houvesse melhor dialética e fluidez na escrita, ambas as questões estarão interpretadas a seguir nesta mesma discussão, contendo as devidas sinalizações de onde foram retiradas as falas ou representações.

Foi inviável alocar cada participante em uma só representação forçosamente, o mínimo de representações expressas e percebidas por um participante foram 2 e o máximo foram 7; ao todo foram levantadas 17 classes de representações, todas são descritas conforme os termos que foram utilizados para sua captação em seus devidos campos da discussão que seguem. Para melhor compreensão da forma que essa discussão foi estabelecida, foi elaborado a tabela 2 (tabela 2), que demarca quais representações foram expressas por quais participantes.

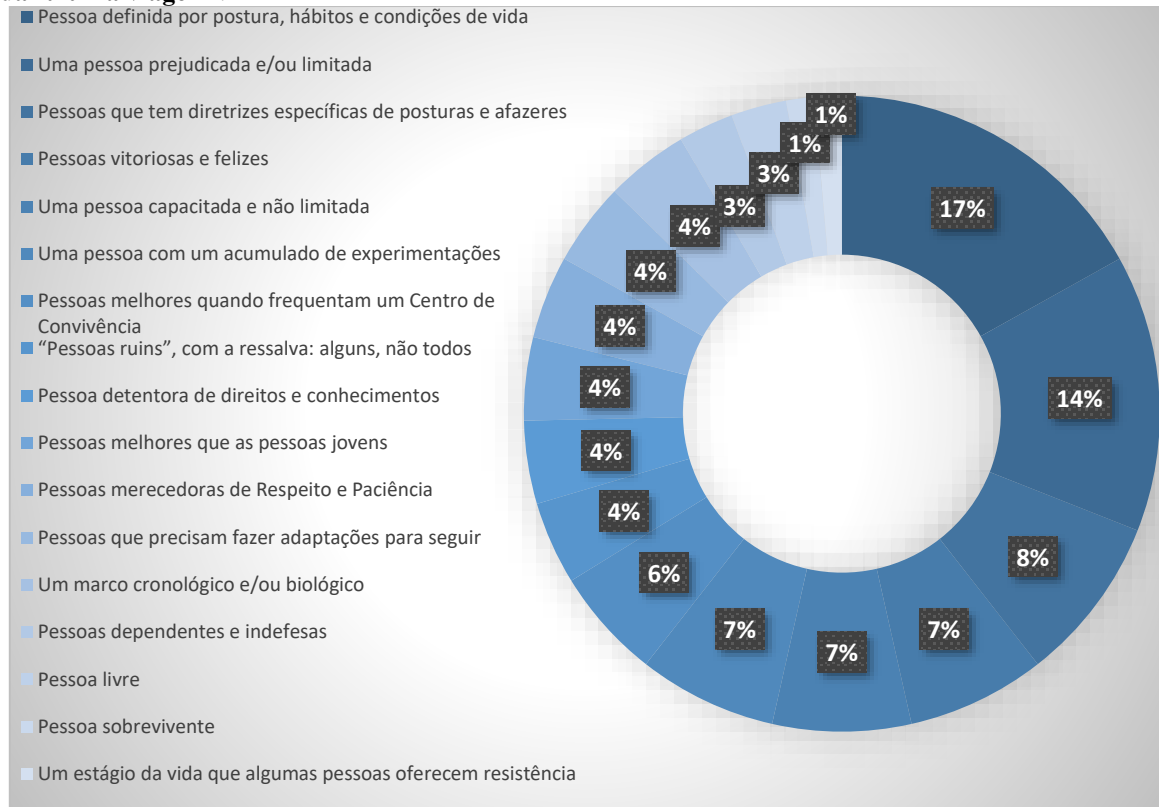
Ainda como recurso visual foi elaborado um gráfico compondo todas as representações coletadas e qual a proporção de cada uma em relação à totalidade das levantadas que significaram 'pessoa idosa' (Gráfico 1), seguido pela exposição textual do mesmo.

Tabela 2 - Como os navegantes percebem e/ou experimentam a 'última viagem'

	Representações da 'pessoa idosa' encontradas															Total de representações expressas por participantes			
	Pessoa definida por postura, hábitos e condições de vida	Uma pessoa prejudicada e/ou limitada	Pessoas que tem diretrizes específicas de posturas e afazeres	Pessoas vitoriosas e felizes	Uma pessoa capacitada e não limitada	Uma pessoa com um acumulado de experimentações	Pessoas melhores quando frequentam um Centro de Convivência	"Pessoas ruins", com a ressalva: alguns, não todos	Pessoa detentora de direitos e conhecimentos	Pessoas melhores que as pessoas jovens	Pessoas merecedoras de Respeito e Paciência	Pessoas que precisam fazer adaptações para seguir	Um marco cronológico e/ou biológico	Pessoas dependentes e indefesas	Pessoa livre		Pessoa sobrevivente	Um estágio da vida que algumas pessoas oferecem resistência	
Rio Amazonas	x	x	x			x	x								x	x		7	
Rio Içá	x																	x	2
Rio Ipixuna	x	x	x	x									x						5
Rio Japurá	x		x																2
Rio Jari	x				x														2
Rio Juruá				x	x		x			x									4
Rio Jutáí											x			x					2
Rio Madeira	x	x				x		x											4
Rio Mamuru	x	x			x														3
Rio Mapari	x			x						x					x				4
Rio Marajó		x							x		x								3
Rio Purus	x		x		x		x	x	x			x							7
Rio Solimões		x	x									x	x	x					5
Rio Tapajós	x	x				x							x						4
Rio Tapauá	x						x	x											3
Rio Tarauacá		x	x								x								3
Rio Tefé	x	x		x		x						x							5
Rio Urucu		x		x	x	x			x	x									6
<b>Total de participantes que abordam tal representação</b>	<b>12</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>		

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

**Gráfico 1 – A disposição das opiniões dos navegantes a respeito da percepção e/ou experimentação da ‘última viagem’.**



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

17% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que vivencia e experimenta situações relativas às suas condições de vida atuais e pregressas, representando esse core pelos Rios Amazonas, Içá, Ipixuna, Japurá, Jari, Madeira, Mamuru, Mapari, Purus, Tapajós, Tapauá e Tefé, totalizando 12 participantes. 14% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que experimenta prejuízos ou limitações em suas funções, sendo este core expresso pelos Rios Amazonas, Ipixuna, Madeira, Mamuru, Marajó, Solimões, Tapajós, Tarauacá, Tefé e Urucu, totalizando 10 participantes.

8% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que deve se comportar a partir de diretrizes específicas de posturas e afazeres, sendo este dado expresso pelos Rios Amazonas, Ipixuna, Japurá, Purus, Solimões e Tarauacá, totalizando 6 participantes. 7% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa vitoriosa e feliz, estes dados foram trazidos pelos Rios Ipixuna, Juruá, Mapari, Tefé e Urucu, totalizando 5 participantes.

7% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa capacitada, sem limitações, sendo estes dados expressos nas falas dos Rios Amazonas, Içá, Ipixuna, Japurá, Jari, Juruá, Jutaí, Madeira, Mamuru, Mapari, Marajó, Purus, e Urucu, totalizando 5 participantes. 7% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa com um acúmulo de experimentações, sendo essa afirmação trazida pelos Rios Amazonas, Içá, Ipixuna, Japurá, Jari, Juruá, Jutaí, Madeira, Mamuru, Mapari, Marajó, Purus, Solimões, Tapajós, Tefé e Urucu, totalizando 5 participantes.

6% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que tem melhores condições de vida quando frequentam um Centro de Convivência, especificamente o PMI, os participantes que afirmaram isso foram os Rios Amazonas, Içá, Ipixuna, Japurá, Jari, Juruá, Jutaí, Madeira, Mamuru, Mapari, Marajó, Purus, Solimões, Tapajós e Tapauá, totalizando 4 participantes. 4% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que, por vezes, é uma pessoa “ruim”, com a ressalva de que são “alguns”, e não todos, sendo essas ideias expressas pelos Rios Madeira, Purus e Tapauá, totalizando 3 participantes.

4% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa detentora de direitos e conhecimentos; colaboraram para esta classificação os Rios Marajó, Purus, e Urucu, totalizando 3 participantes. 4% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa melhor que uma pessoa jovem, sendo essas ideias expressas pelos Rios Juruá, Mapari e Urucu, totalizando 3 participantes.

4% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que merece respeito e paciência, sendo essa afirmação trazida pelos Rios Jutaí, Marajó e Tarauacá, totalizando 3 participantes. 4% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que precisam fazer adaptações para seguir, os participantes que afirmaram isso foram os Rios Purus, Solimões e Tefé, totalizando 3 participantes.

4% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que ‘pessoa idosa’ é um marco biológico e cronológico, este dado foi interpretado a partir das falas dos Rios Ipixuna, Solimões e Tapajós, totalizando 3 participantes. 3% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa dependente e indefesa, sendo isso expresso pelos Rios Jutaí e Solimões, totalizando 2 participantes.

3% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa livre, essa ideia foi expressa pelos Rios Amazonas e Mapari, totalizando 2 participantes. Por fim, 1% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa sobrevivente, essa ideia foi expressa pelo Rio Amazonas, totalizando 1 participante; e 1% dos dados levantados demonstram que os participantes da pesquisa representam que ‘pessoa idosa’ é um estágio da vida que algumas pessoas oferecem resistência, essa ideia foi expressa pelo Rio Ipixuna, totalizando 1 participante."

### 3.1.1: Viagem definida pelas rotas anteriores e atuais

12 participantes da pesquisa definiram que a ‘pessoa idosa’ e suas vivências são definidas pelos hábitos que essa pessoa cultiva, pelas posturas que essa pessoa mantém em relação aos outros e pelas condições de vida que essa pessoa tem em relação tanto a sua saúde quanto a classe social.

O Rio Jari resumiu tudo que vai constar nesse primeiro tópico ao responder que “[...] *uma ‘pessoa idosa’ ela chega bem até a idade dela, setenta, setenta e quatro, mas umas já não chegam bem por causa do sofrimento, as vezes desprezadas pelos filhos, fica doente, fica acamada dentro de casa, então essa aí já é ruim [...]*” (pergunta 2). O Rio Ipixuna colocou uma dualidade na experimentação do envelhecimento ao dizer que algumas ‘pessoas idosas’ *“são independentes e outras estão orando para Jesus levar”* (pergunta 1), *“vai muito de cada situação”* (Rio Jari, pergunta 2).

Os Rios Madeira e Tefé (pergunta 2) atrelaram um status de um bom momento de vida quando se tem saúde, enquanto que o Rio Jari também denota desta maneira, dizendo que considera sua vida boa porque não adoece facilmente, ainda consegue trabalhar nos afazeres domésticos e costurando, anda e passeia, considerando-se assim, alguém que ‘tem força’. Tefé acrescenta a conta do bem-estar também ter paz, ter uma família e ter seu cantinho, e pontua que sofrer privações em seus afazeres corriqueiros é ruim e despertam o sentimento de inutilidade (pergunta 2).

Essa condição, de envelhecimento saudável para que se haja um bem-estar não é de agora, Aristóteles já observava que: *“É preciso que o corpo permaneça intacto para que a velhice seja feliz: uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências. Ela depende ao mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter, e também do acaso. O declínio do corpo acarreta o do indivíduo inteiro”* (Beauvoir, 1990).

Não é um mistério muito grande chegarmos a essa percepção, o adoecimento nos leva ao sofrimento na maioria dos casos, nossa própria constituição se empenhou em focalizar nestes termos quando aborda as definições de “envelhecimento saudável” como um “processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permita o bem-estar da ‘pessoa idosa’”, a fim de estimular e manter as iniciativas para a promoção deste (Brasil, 2019).

Neste mesmo artigo em nossa constituição, é abordado o conceito de “envelhecimento ativo”: “processo de melhoria das condições de saúde, de modo a melhorar a qualidade de vida durante o envelhecimento” (Brasil, 2019), envelhecer ativamente prediz se movimentar, realizar atividades físicas dentro de suas capacidades e seus limites. Segundo as mídias de comunicação da FDT e do PMI, “existem sete pilares para uma maturidade saudável: Alimentação equilibrada; Atividade física; Controle de estresse; Sono reparador e Acompanhamento médico”, segundo eles, estes “revelam o segredo de uma vida plena” (FDT, 22 jan., 2024).

Corroborando com essas ideias, os Rios Purus (pergunta 1), Rio Tapauá (pergunta 6) e Rio Mapari (pergunta 3), promovem a reflexão de que ficar ocioso é bastante prejudicial. Se você fica em casa da cama pra rede, da rede pro sofá, do sofá pra cama..., *“a ferrugem vai tomar conta e daqui a pouco você tá todo travado”* (Rio Mapari, pergunta 3), mesmo quando jovem, em um determinado período, *“eu vivia em casa, tava me acabando”* (Rio Purus, pergunta 1), considerando que, quando você faz atividades, você vive bem.

A OMS compôs essa discussão alegando que “o envelhecimento saudável é um processo contínuo de otimização da habilidade funcional e de oportunidades para manter e melhorar a saúde física e mental, promovendo independência e qualidade de vida ao longo da vida” (Organização, *s.d.*), essa descrição denota outro aspecto, o da longevidade, que também é abordado pelo Rio Içá na pergunta 2, *“Eu acho que quando a pessoa toma esse cuidado desde o início, ela chega a essa idade sem muita dificuldade [...]”*, chamando atenção para o cuidado preventivo com a saúde antes que chegue a idade ou a doença.

O Rio Purus (pergunta 2) ainda condiciona uma boa vivência no período da velhice quando a pessoa está sendo cuidada e acompanhada, de forma que esta seria uma pessoa alegre e satisfeita, enquanto que o Rio Amazonas (pergunta 2) condiciona o bem-estar e a preservação da dignidade à independência financeira da ‘pessoa idosa’. Este último tema será teoricamente discutido no 3.4.1, mas podemos adiantar que estar independente financeiramente no status de ‘pessoa idosa’, geralmente, prediz uma organização na fase ainda jovem, adaptando-se ao sistema de controle financeiro do país em que se vive para que possa receber uma aposentadoria que proporcione isso.

Esta aplicação de autocuidado desde a mocidade pode ser facilitada se realizada como parte da cultura que a pessoa está inserida ou como um habitus. Segundo Bourdieu, o habitus é responsável por diversos aspectos do nosso comportamento, como nossos hábitos alimentares, posturas corporais e outros comportamentos que consideramos normais, mas que são moldados internamente de forma probabilística, influenciados por nossas interações e pela estrutura social dominante, um sistema de disposições duráveis e transponíveis, que integra todas as experiências passadas e funciona como uma matriz de percepções, apreciações e ações, pressupondo assim, uma relação dialética entre sujeito e sociedade, gerando um habitus que se relaciona com o campo (Bourdieu, 1983).

Ainda houve uma ressalva do Rio Purus (pergunta 3), expondo que acha importante que as ‘pessoas idosas’ se “eduquem” sobre seus direitos, tomem conhecimento daquilo que é direito delas, e da forma que este é exercido a fim de que sejam protegidas de maus-tratos. O Rio Amazonas (pergunta 2) trouxe a informação de que as pessoas que frequentam o Parque Municipal do Idoso são mais conhecedoras de seus direitos, e o próprio Rio Purus (pergunta 3) trouxe a informação de que, em um evento que ocorreu no PMI, dia 12 de setembro de 2023, no qual compareceram: a Delegacia do Idoso, a Ordem dos Advogados e o Ministério Público, auxiliou aqueles que participaram na aquisição deste conhecimento.

Podemos perceber a teoria de Moscovici (2010) permeando essa discussão: as representações sociais são construídas a partir do conhecimento de algo e esse conhecimento vem das experiências cotidianas. A partir daquilo que conhecemos, tomamos posse e podemos nos direcionar. Em nosso país não há muitas experiências cotidianas que nos ensinem sobre os nossos direitos e os nossos deveres, e participar de centros de convivência como o PMI e estar presente nos eventos que promovem tal conhecimento é uma condição que poucos experimentam, e podemos concluir que essa pequena parcela específica de pessoas, talvez, esteja mais protegida de maus-tratos.

### **3.1.2: A última viagem é sempre prejudicada ou limitada**

10 participantes da pesquisa descreveram a ‘pessoa idosa’ a partir de um aspecto negativo relacionado a limitações ou prejuízos. Para o Rio Marajó, “[...] *tudo se torna difícil para o idoso [...] tudo é difícil*” (pergunta 01), o Rio Mamuru também trouxe a alegação de que tudo é difícil para a ‘pessoa idosa’, enquanto que os Rios Madeira (pergunta 4) e Marajó (pergunta 2) afirmam que essa nova vivência não é muito boa. Todas as explicações a partir



dessas alegações podem ser percebidas a partir dos conceitos de “envelhecimento biológico”, “envelhecimento funcional” e “envelhecimento psicológico”, em um status de má qualidade.

O 'envelhecimento biológico' é tido como um processo dinâmico e, até o presente momento, experimentado como irreversível, terminando sempre com a perda dos sinais vitais e não ocorre de forma linear. Fatores como hereditariedade, estresse, fumo, álcool, sexo, nutrição excessiva ou insuficiente, estilo de vida, relações afetivas e a inter-relação com a própria idade provocam uma reação que somada, pode ocasionar na perda da saúde. Muitos autores se dedicaram a descrever quais os principais impactos do envelhecimento biológico, e dentre eles estão: diminuição do equilíbrio, da audição e da visão, alterações na temperatura, na incidência de dores, em áreas específicas como gustação, olfação e tato e a maior probabilidade de incidência de doenças (Stuart-Hamilton, 2002; Moraes, 2008; Moraes; Moraes; Lima, 2010; Fontaine, 2010; Healthline, 2022).

Os Rios Tapajós, Solimões, Mamuru, Urucu, Marajó e Tarauacá percebem a 'pessoa idosa' enquanto alguém que tem limitações físicas. O Rio Mamuru considera que a 'pessoa idosa' é uma pessoa que não pode mais andar (pergunta 01), enquanto que o Rio Urucu dá uma flexibilizada nisso, citando que algumas 'pessoas idosas' dependem de cadeiras de rodas para se locomover (pergunta 03). O Rio Tapajós considera que todos são pessoas que andam, se movimentam e processam mais devagar, citando, inclusive, preferir por vezes, a fila não preferencial (pergunta 03).

O enfraquecimento e o cansaço são citados pelos Rios Tarauacá (perguntas 1 e 2) e Tapajós (Pergunta 4). “[...] *you não tem aquela resistência, não pode estar subindo em árvore, não pode estar caindo*” (Rio Tarauacá, pergunta 02), “[...] *vai passando as idades, vai enfraquecendo, vai ficando mais fraquinho*” (Rio Tapajós, pergunta 04).

Os Rios Tarauacá e Marajó (ambos na pergunta 1), consideram que a ‘pessoa idosa’ sofre uma limitação na visão, “*a vista fica menor*” (Rio Marajó), denotando uma dificuldade maior em enxergar as coisas.

O Rio Tapajós apresenta, em sua fala, uma flexibilização a essas condições, apresentando dois polos: “*Tem muitos que quando chegam a partir de 60 anos, estão muito enfermos, fica prostrado, fica ali, tem vezes que a família não dá atenção, é uma pessoa abandonada. Mas tem muitas que envelhecem com saúde, não digo aquela saúde, mas que possa caminhar, possa fazer as suas coisas, dar uma fugidinha pra fazer as compras... ainda podem fazer isso*” (Rio Tapajós, pergunta 02).

Cumprir com os afazeres nos remete à segunda teoria cabível nessa discussão, do 'envelhecimento funcional'. O 'Envelhecimento Funcional' se assemelha ao envelhecimento

biológico, mas está mais relacionado à capacidade funcional em relação à atividade trabalhista e produtiva que a pessoa exerceu no decorrer da vida e também não é um fator nem linear nem homogêneo, variando de pessoa para pessoa (Bellusci; Fischer, 1999; Sobral; Paul, 2015; Negrini, 2020).

Percebendo a 'pessoa idosa' a partir desta perspectiva, o Rio Amazonas atesta que a 'pessoa idosa' passa por um processo de diminuição até a perda da capacidade de trabalho e a perda da capacidade cognitiva, estando isso relacionado às condições de vida que a pessoa experimentou, mas, quando se tratando de brasileiros, quase sempre, esse processo é bastante prejudicado por perceber um sofrimento laboral e social maior na vida dos brasileiros em relação a outros países (pergunta 04).

Os rios Ipixuna e Mamuru (ambos na pergunta 01) trazem a esta discussão aspectos do 'envelhecimento psicológico' em um escopo de mal-estar psicológico, quando não há um bom equilíbrio entre ganhos e perdas ou o estigma promove um efeito negativo nessa fase da vida (Stuart-Hamilton, 2002; Quarti; Schneider, 2008; Ferreira; Maia, 2009; Freitas, et al., 2013; Sobral; Paul, 2015), atestando que muitas 'pessoas idosas' ficam no sofá e não querem mais sair de casa, ao passo que algumas estão esperando morrer, se entregando, não querem mais viver.

Os rios Tefé, Tarauacá e Ipixuna descrevem a 'pessoa idosa' a partir de uma perspectiva que pode ser percebida dessa mesma maneira, tendo a 'pessoa idosa' como alguém que perdeu muitas coisas e muitas pessoas (Rio Tefé, pergunta 04), alguém que, na percepção da sociedade como um todo, é uma pessoa desvalorizada (Rio Tarauacá, pergunta 01) e uma pessoa que acaba por ser isolada e por vezes recebendo limitações impostas por terceiros (Rio Ipixuna, pergunta 01).

A todas essas problemáticas, prejuízos e limitações, o Rio Tapajós afirma: *“O idoso passa por tudo isso, enfermidades, preocupações, tristezas, mas se ele tiver um retorno da família, carinho e amor, aquele idoso se torna feliz, alegre e sempre mantendo a sua firmeza [...]”* (pergunta 01).

### **3.1.3: Esta viagem requer moldes específicos**

Seis participantes da pesquisa definiram a 'pessoa idosa' a partir de diretrizes de posturas e afazeres. A teoria do poder simbólico de Bourdieu nos apresenta que as classes sociais e frações de classes estão constantemente envolvidas numa luta simbólica para impor definições do mundo social que atendam aos seus interesses, reproduzindo assim hierarquias sociais.

Colocar a 'pessoa idosa' em um lugar de cumprimento de diretivas de comportamento pode ser uma incursão no universo do exercício de poder.

O Rio Purus (pergunta 1) definiu a 'pessoa idosa' como alguém que tem todas as suas coisas no lugar, realiza seus afazeres e participa de atividades. Na informação 'participa de atividades', entendo que ela esteja se referindo aos participantes de um Centro de Convivência, mas isso não foi expresso de forma explicativa em sua fala.

Os Rios Japurá (pergunta 1) e o Rio Solimões (pergunta 3) trouxeram a ideia de que a 'pessoa idosa' deve estar alegre, feliz e seguir em frente. Não é de hoje que promovo reflexões sobre o que denomino de 'ditadura da alegria'. Na internet, há alguns conteúdos sobre isso, mas nenhuma fonte confiável suficiente que mereça estar aqui, então vou compartilhar minha percepção pessoal, embasada na neurociência.

Nosso cérebro possui uma neuroanatomia e uma neurofisiologia coletivas e individuais. Cada pessoa tem uma similaridade anatômica e funcional, porém também possui seus próprios funcionamentos neurais, a partir de suas próprias significâncias de suas experimentações, sua história e suas pré-disposições. Dito isto, é certo que nascemos com um leque vasto de emoções, experimentadas a partir de liberações hormonais orgânicas (Lent, 2008). Querer ou impor a experimentação somente da alegria me soa como um caminho para a frustração, definida como 'estado de um indivíduo quando impedido por outrem ou por si mesmo de atingir a satisfação de uma exigência pulsional' (Chemama, 1995).

O Rio Ipixuna coloca a ideia de 'pessoa idosa' ideal como aquela que se dedica a si mesma, sem impedir que essa pessoa cuide da família, desde que isso não a tire de sua prioridade suprema (pergunta 4). Já o Rio Amazonas afirmou que a 'pessoa idosa' precisa se exercitar (pergunta 6), o que corrobora com o que já foi discutido no tópico anterior sobre “envelhecimento saudável” e “envelhecimento ativo”.

O Rio Tarauacá afirma o seguinte: “[...] a pessoa tem que ser aquilo que é, não adianta. Hoje eu não sou mais o mesmo que eu era há 20, 30 anos atrás, é que eu sou uma ‘pessoa idosa’” (pergunta 04). Isso denota uma certa imposição quando você analisa o discurso como um todo. Em um tom impositivo em relação aos outros, o participante critica as ‘pessoas idosas’ que querem se portar como “garotões”, praticando um preconceito para com as ‘pessoas idosas’, o idadismo.

O “idadismo” é uma forma de discriminação baseada na idade e ocorre quando esta é usada para categorizar e dividir as pessoas, resultando em perdas desvantagens e injustiças, afetando as relações entre as gerações, manifestando-se a partir de percepções estereotipadas,

preconceitos e discriminação, operando em níveis institucional, interpessoal e contra si próprio (Organização Mundial da Saúde, 2022).

#### **3.1.4: Navegantes dessa viagem são felizes e vitoriosos**

05 participantes, descrevem as suas vivências e a 'pessoa idosa' como um período de alegria, de sucesso na vida, vitória e bem-estar. O Rio Mapari, considera a sua vida muito melhor nesse período de experimentação pois desacelerou um pouco de seu ritmo anterior, tendo assim uma vida “*menos corrida*”. “*Olha, para mim, a minha vida melhorou depois que eu fiz 60, porque eu tinha uma vida muito louca, trabalhava muito, acordava de madrugada, passava dia preocupada, uma loucura. Depois que eu fiz 60, eu desacelerei e comecei a me divertir [...]*” (pergunta 01).

O Rio Urucu (pergunta 2) considera a vivência da 'pessoa idosa' melhor também, pois envolve uma vida de lazer, passeio e diálogo, enquanto que o Rio Juruá (pergunta 2) considera o mesmo por poder “*fazer o que quiser*”. O Rio Tefé (pergunta 1) considera que a 'pessoa idosa' é uma pessoa que venceu na vida, enquanto que o Rio Ipixuna faz uma ressalva de que “*algumas*” 'pessoas idosas' são felizes.

Podemos entender que o Rio Tefé percebe sua vida a partir de uma perspectiva de aceitação. Ele ainda acrescenta na discussão que a pessoa venceu 'tudo aquilo', vendo-se como alguém que conquistou algo difícil, realmente vitoriosa, imerso numa representação positiva do envelhecimento. Isso nos remete à reflexão de Erik Erikson (1987), que nos diz que a idade avançada é um período de reflexão sobre suas vidas, e a partir da aceitação ou lamento, os sentimentos experimentados nesta fase são definidos.

Erikson foi um psicanalista e psicólogo do desenvolvimento, posterior a Sigmund Freud, que definiu os aspectos sociais e psicológicos da vida humana em 08 estágios, baseado nas crises psíquicas, e caracterizou a idade avançada como o período marcado pela reflexão sobre suas vidas, gerando desta aceitação ou lamento e definindo os sentimentos experimentados nessa fase a partir de como a própria pessoa classifica toda sua trajetória de vida anterior (Erikson, 1987).

#### **3.1.5: Viagem feita por um barquinho capacitado e não limitado**

05 participantes da pesquisa definiram a 'pessoa idosa' a partir de uma perspectiva de alguém capacitado e não limitado, alguns não generalizaram, enquanto outros, sim. O Rio

Urucu, na pergunta 3, afirmou que "*tem alguns que são ativos*", trazendo a ideia de que algumas 'pessoas idosas' cumprem com seus afazeres gerais e mantêm as funções motoras gerais ativas, nos levando novamente aos conceitos de envelhecimentos "funcional" e "ativo".

Rio Purus, na pergunta 4, define que a idade não limita uma pessoa como podemos ver na fala a seguir: "*[...] não é porque tu é idosa que tu não pode fazer isso, que tu não pode fazer aquilo, tu tem que ver que tu é capaz de fazer outra coisa e dar conta*" (Rio Purus, pergunta 04). Rio Jari, corrobora: "*[...] o idoso não é aquele que você diz: 'ah, porque você tá no seu fim, você já vai ficar paralisado', não é assim não, você tem que lutar, você tem que se esforçar, você tem que trabalhar, lutar*" (Rio Jari, pergunta 01), dando a entender que as condições na qual a 'pessoa idosa' se encontra dependem do seu esforço e de sua força de vontade.

Crer nesta premissa pode colocar a pessoa em uma posição de opressora, pois invalida a individualidade de cada um. Não é o objetivo aqui argumentar que uma 'pessoa idosa' seja "incapaz", mas trazer a discussão à individualidade, conceito indispensável para que não se produzam poderes arbitrários e preconceitos, como neste caso, etários.

O termo idadismo, também conhecido como etarismo, foi introduzido por Robert Butler em 1969, um renomado gerontólogo americano que liderou o Instituto Nacional do Envelhecimento nos Estados Unidos. Embora o idadismo tenha raízes históricas que se estendem por séculos em diversas culturas e países, sua conceituação ainda é relativamente recente e não está presente em todos os idiomas. Conforme já discutido brevemente anteriormente, "idadismo se refere aos estereótipos, aos preconceitos e à discriminação com base na idade dirigidos a outros ou a si mesmo" (Organização Mundial da Saúde, 2022).

Em contrapartida, um estudo conduzido por pesquisadores das faculdades de medicina da Universidade de Boston e de saúde pública de Harvard revela que o otimismo é um verdadeiro impulsionador da longevidade. Os resultados indicam que esse aspecto psicossocial tem o poder de promover um envelhecimento saudável. Manter uma atitude positiva não significa ignorar os desafios, mas sim enfrentá-los de maneira construtiva, conforme as participantes defenderam. A pesquisa, realizada ao longo de uma década com cerca de 70 mil mulheres e mais de 1.400 homens, revelou que os indivíduos mais otimistas tiveram uma expectativa de vida de 11% a 15% maior, além de apresentarem de 50% a 70% mais chances de alcançar os 85 anos em comparação com os menos otimistas. Os resultados também destacam que pessoas otimistas tendem a adotar hábitos de vida mais saudáveis, demonstrando maior capacidade de lidar com o estresse e enfrentar dificuldades (A relação..., 2022).

Sobre outra perspectiva, o Rio Juruá define que a 'pessoa idosa' é uma pessoa que sabe o que faz, "*[...] eu sou idosa, eu sei o que eu faço, eu sei sair, sei chegar*" (pergunta 01),

enquanto que o Rio Purus define que esta é uma pessoa totalmente capaz de aprender coisas novas. Esta é uma agradável e oportuna discussão para se estabelecer nesse trabalho pois até bem pouco tempo, acreditava-se e pregava-se que a ‘pessoa idosa’ só possuía apenas declínios em seus aprendizados, ao ponto de ser inviável estabelecer novos, porém recentemente a neurociência identificou o inverso.

Hoje, já existem vastas evidências sugerindo que o cérebro de uma 'pessoa idosa' pode ser influenciado por meio de treinamento cognitivo ou participação em tarefas desafiadoras, o que pode resultar em melhorias na função cognitiva. Geralmente, os benefícios mais duradouros tendem a estar relacionados à tarefa específica treinada. Ainda há muito a ser compreendido sobre se essas mudanças na função cerebral representam plasticidade neural ou simplesmente mudanças na estratégia, sendo importante também considerar a qualidade da experiência. Atividades de lazer desafiadoras podem ser mais eficazes do que técnicas de treinamento baseadas em computadores, provavelmente devido à capacidade das 'pessoas idosas' em sustentar o interesse nessas atividades por mais tempo (Ferreira, *et. al.*, 2022).

Para encerrar a discussão desse tópico, uma particularidade verbalizada pelo Rio Mamuru me pareceu muito valiosa: *“Eu não gosto quando a pessoa diz assim pra mim ‘ah, isso é da idade’, ninguém devia dizer isso [...]. Não é da idade. É da doença. Se a pessoa tá doente, é da doença, não é a idade. Porque eu vejo que tem pessoa que vai morrer com 100 anos, sadio, que não sente nada.”* (Pergunta 04).

A teoria do “envelhecimento biológico” atesta que este fenômeno, o envelhecer, não significa doença, a presença ou não de uma é uma variação individual, independente da ocorrência de uma doença. O “envelhecimento biológico” significa o envelhecimento natural dos órgãos que acarreta em consequências em seus funcionamentos (Stuart-Hamilton, 2002; Moraes, 2008; Moraes; Moraes; Lima, 2010; Fontaine, 2010; Healthline, 2022), ter alguém no processo de entrevistas que trouxe essa reflexão de maneira natural foi admirável, ainda mais pela ressalva de achar desagradável que as pessoas imponham que condições limitantes sejam naturais ao envelhecimento, me parecem uma boa forma de quebrar premissas internas que promovam o idadismo ou etarismo.

### **3.1.6: Viajem regida a partir de um acumulado de experimentações**

05 participantes da pesquisa trouxeram definições da 'pessoa idosa' como alguém que já passou por diversas situações, alguns especificando essas situações, outros não. O Rio Madeira afirmou que uma 'pessoa idosa' é alguém que já passou por muitas vivências (pergunta 1), e

similarmente, o Rio Tefé trouxe que uma 'pessoa idosa' é alguém que já viu muitas coisas na vida (pergunta 1). Quando a memória e as funções cognitivas permanecem preservadas, esse conhecimento pode ser considerado um acúmulo acessível à pessoa que o detém (Ferreira, *et. al.*, 2022).

Essas duas definições anteriores não entram em aspectos positivos ou negativos, apenas quantitativos. Já os rios Urucu, Amazonas e Tapajós definem a 'pessoa idosa' como alguém que já passou por muito trabalho (Rio Urucu, pergunta 1), já passou por muita luta (Rio Amazonas, pergunta 1), e já passou por muito sofrimento (Rios Marajó e Urucu, pergunta 1).

A OMS se preocupou em reconhecer que o "envelhecimento funcional" impacta diretamente nas modificações do corpo humano, podendo levar a uma diminuição na capacidade funcional de cada pessoa proporcionalmente ao tipo de atividade laboral que esta exerceu e por quanto tempo, colocando fatores como exigências e estresse profundamente relacionados com a manutenção ou perda das capacidades funcionais (Negrini, 2020).

### **3.1.7: Quando possível frequentar um porto de convivência, essa viagem se torna melhor**

04 participantes afirmaram que as 'pessoas idosas' são pessoas melhores quando frequentam um centro de convivência, *“Uma ‘pessoa idosa’ que faz as atividades aqui, é uma pessoa que vive feliz, vive bem de vida, vive alegre, satisfeito. O que faz mal [...] é ficar em casa dormindo, comendo e dormindo, eu acho que para muitos novos também faz muito mal”* (Rio Tapauá, pergunta 02), “aqui” se refere ao local no qual a entrevista estava sendo realizado, o PMI, e surge, nessa percepção, uma alternativa a um estado de adoecimento, de limitações.

Rio Purus, se referindo a vida de uma 'pessoa idosa' e sua rotina no Parque, expressa que *“[...] uma pessoa assim como a gente, que tem várias atividades, você pode viver muito bem, sem dar trabalho pra ninguém”* (Rio Purus, pergunta 02), esta afirmação é similar ao que foi dito pelo Rio Tapauá, porém, indo além da preocupação em ficar limitado ou doente pela ociosidade e colocando a condição de *“dar trabalho”* as pessoas atrelada a esta. De fato, para que o envelhecimento ativo e/ou saudável seja experimentado, a atividade física e interação social estão no *hall* essencial das medidas preventivas (Coelho, 2020).

O Rio Amazonas também traz valor aos Centros de Convivência em sua resposta afirmando que as 'pessoas idosas' que frequentam o PMI estão se realizando e aproveitando a vida (pergunta 2), acrescentando a sua reflexão as programações especiais que o PMI oferece. Ao responder a pergunta 1, o Rio Juruá refletiu: *“[...] a ‘pessoa idosa’ é importante, né?!”*

*Porque a gente sai, a gente estuda, a gente passeia*”, em sua resposta podemos captar o valor que ela sente atribuído a si mesma por conta das atividades que desenvolve no seu dia a dia junto ao PMI, acrescentando valor não somente a questão da saúde, mas neste caso, também a autovalorização.

### **3.1.8: Viagem por vezes conduzida por navegantes maus/ruins**

03 participantes da pesquisa definiram a ‘pessoa idosa’ a partir de algum aspecto negativo relacionado a personalidade. 02 desses colocando-os em uma proporção de “muitos”, não indicando a totalidade e um expressando sua preferência pessoal por pessoas jovens.

O Rio Madeira (pergunta 3) afirmou que sempre preferiu as pessoas jovens, enquanto o Rio Tapauá, demonstrou ter um grande prestígio pela cordialidade nos encontros interpessoais e afirmou que “[...] *tem muitos idosos que a gente fala, mas eles nem respondem [...]*” (pergunta 01), *“tem muitos novos e velhos também, idosos, que é fechado, é cara fechada, cara dura, eu acho que essas pessoas não sentem alegria, não se sente bem, quem sabe lá o que acontece”* (pergunta 02).

No novo dicionário Aurélio do Século XXI, a "velhice" possui cinco definições possíveis similares a essas queixas supracitadas: "Estado da condição de velho; Idade Avançada; Antiguidade, Vetustez; As pessoas velhas; e Rabugice ou disparate próprio de velho". Tal significação parece um tanto preconceituosa em alguns de seus termos e não usufrui do zelo que o Rio Tapajós usou em separar os adjetivos para uma parcela desse público (Ferreira, 1999).

O Rio Purus, adentrando um pouco na questão dos direitos da ‘pessoa idosa’ trouxe a ideia que: *“Mas tem gente, também idosa, que elas são ‘coisa’, porque elas são muito... elas acham que o direito delas tira o direito das outras pessoas, mas não é assim [...]*” (pergunta 03). É sempre importante e interessante que cultivemos o *habitus* de respeitar os direitos, espaços e limites do outro.

*“Aí chega gente dizendo que foi agredido no ônibus, eu nunca fui agredida em ônibus, porque a gente tem que aprender como lidar com as pessoas e como conviver com as pessoas, porque é claro que eu não vou chegar no ônibus que é lotado, as pessoas entrando e eu lá na frente. Nós temos que entrar na porta do meio, na carteira do idoso que a gente tira, está dizendo isso aí, está tudo os direitos que nós temos na carteira do idoso [...] e eu não vou brigar, porque eu sei o meu direito. Então não tem confusão”* (Rio Purus, pergunta 03).



Com a promulgação da Constituição de 1988, os direitos e garantias fundamentais, aliados aos direitos civis e políticos, tornaram-se os pilares do Estado Democrático de Direito brasileiro. A partir de então, surgiram diversas leis e regulamentações com o intuito de proteger e assistir essa parcela da população, como o Código de Defesa do Consumidor, o Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso. Essas legislações têm como fundamentos: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, e o pluralismo político. Além disso, definem que "todo poder emana do povo" por meio de seus representantes eleitos, estimulando, assim, o respeito interpessoal (Brasil, 1990, 1994, 2003; Fabrício; Saraiva; Feitosa, 2018; Secretaria Nacional De Assistência Social, 2004).

### **3.1.9: Os navegantes antigos são mais eficientes que navegantes jovens**

03 participantes da pesquisa trouxeram dados que colocam a 'pessoa idosa' em um patamar superior, em aspectos específicos e explanados por eles, do que a pessoa jovem. O Rio Juruá, em sua resposta à pergunta 2, coloca a 'pessoa idosa' como alguém diferente da pessoa jovem, explicando questões sobre o estilo de vida e separando-os em função disso. Essa separação também pode ser percebida nas falas dos Rios Mamuru, Urucu e Mapari, que serão expostas na discussão que segue.

O rio Urucum (pergunta 5) falando sobre a sua capacidade física, atestou que: *“O que eu faço essas jovens não fazem”*. Corroborativo a isto, o Rio Mamuru também citou algo que denota que a pessoa jovem não tem feito muito pela sua própria saúde, *“meu filho, feliz se você ficar na minha idade, porque hoje não chega mais. Os jovens estão se acabando, os jovens estão se matando. Hoje só os idosos daquele tempo estão seguindo, fazem um esforço, vem pra cá, querem viver, e eles não, tão parece que nem aí”* (pergunta 03).

Já o Rio Mapari, descrevendo alguns hábitos da 'pessoa idosa' colocou-o numa posição de segurança física em comparação aos mais jovens afirmando que: *“Está morrendo mais jovem do que idoso, pode pesquisar, você vê nos jornais, todo dia morre um monte de jovem, é em acidente, é na droga, é na bebida, é confundido com traficante, é assalto... porque ele é jovem, então ele pode sair qualquer hora da noite, e o idoso não, quando dá sete ou oito horas, ele diz ‘não, eu não vou sair essa hora não’, procura se recolher, já vai descansar também, procura dormir mais cedo, procura acordar mais cedo”* (pergunta 02).

O próprio conceito de longevidade, já discutido anteriormente, corrobora com o que o Rio Urucu falou, e estatísticas como os dados do IBGE de 2020 sobre mortalidade no Brasil atestam que as mortes por "acidentes de trânsito", "homicídios" e "suicídios" são maiores entre

os jovens de 15 a 29 anos do que entre os idosos de 60 a 64 anos. Essa premissa se manteve em 2023, não em níveis comparativos com os idosos, mas o Ministério da Saúde atesta que estas são as maiores taxas de mortalidade entre os jovens na mesma faixa etária, representando 32,7% das mortes por "acidentes de trânsito", 26,5% por "homicídios" e 10,4% por "suicídios" (IBGE, 2020; Cerqueira; Bueno, 2023).

Ainda segundo dados do IBGE, a expectativa de vida no Brasil vem aumentando devido a fatores como melhorias nas condições de vida, avanço da ciência, avanços na saúde, entre outros, sempre com a ressalva de que as condições sociais e fatores como sexo, raça, nível de instrução e região do país impactam diretamente nesta expectativa de vida. Em um levantamento realizado através da IA Gemini (2024), nas últimas 05 décadas, a expectativa de vida aumentou em 14 anos no geral, podendo ser visualizada através da seguinte tabela:

**Tabela 3 - Expectativa de vida das últimas 05 décadas, IBGE**

<b>Ano</b>	<b>Expectativa de vida ao nascer (Homens)</b>	<b>Expectativa de vida ao nascer (Mulheres)</b>	<b>Expectativa de vida ao nascer (Total)</b>
2023	74,3 anos	80,4 anos	77,3 anos
2013	72,8 anos	78,7 anos	75,8 anos
2003	68,5 anos	75,4 anos	72,0 anos
1993	63,5 anos	70,6 anos	67,1 anos
1983	60,6 anos	67,2 anos	63,9 anos

Fonte: Própria (2024)

Os comportamentos de risco dos jovens, pontuados por uma pesquisa realizada em 2023 pela pesquisadora Marquezine, estão bem alinhados com os apontados pelas participantes da pesquisa, sendo eles o uso de drogas e álcool, tabagismo, falta de atividade física e alimentação inadequada. Nesta lista, podemos acrescentar dados de outras pesquisas que apontam para a violência em geral, homicídios e acidentes, além da saúde mental, causadora de altos índices de suicídio e envolvimento com drogas lícitas e ilícitas (Jovens..., 2023; Cerqueira; Bueno, 2023).

Portanto, a fala dos participantes da pesquisa, além de assertiva, foi bastante pertinente e oportuna para estabelecer essa discussão e, quiçá, algum nível de conscientização, levando os jovens leitores a refletirem sobre seus hábitos e estimulando o investimento em políticas públicas que promovam a saúde e a segurança dos jovens.

### 3.1.10: Viagem conduzida por navegantes merecedores de respeito e paciência

03 participantes, na oportunidade de definir a 'pessoa idosa', definiram como alguém merecedor de respeito e paciência. Os Rios Tarauacá (pergunta 1) e Marajó (perguntas 1 e 5) as definiram a partir de um merecimento, o merecimento do respeito, colocando as 'pessoas idosas' em uma posição na qual são percebidas por eles como alguém digno e merecedor de ter e receber respeito. Na mesma oportunidade, o Rio Jutaiá (pergunta 1) afirmou que a 'pessoa idosa' merece ser digna de paciência, trazendo uma experiência pessoal dela para com a sua mãe, na qual precisava ter muita paciência com as condições que a 'pessoa idosa' pode vir a ser acometida.

O respeito e a paciência não são meros merecimentos, são direitos irrevogáveis de qualquer ser vivo, em especial das pessoas resguardadas por estatuto próprio. Através do Estatuto da 'pessoa idosa' e da Política Nacional do Idoso, são resguardados 11 direitos básicos, sendo eles: "direito de envelhecer"; "liberdade, respeito e dignidade"; "alimentos"; "saúde"; "educação, cultura, esporte e lazer"; "exercício da atividade profissional e aposentar-se com dignidade"; "moradia digna"; "transporte"; "política de atendimento por ações governamentais e não governamentais"; "atendimento preferencial"; "acesso à justiça" (Brasil, 1994, 2003, 2017; Secretaria Nacional De Assistência Social, 2004).

### 3.1.11: Viagem que pressupõe adaptações

03 participantes da pesquisa trouxeram reflexões de que a 'pessoa idosa' é uma pessoa que precisa passar por adaptações. Os Rios Tefé (pergunta 2) e Solimões (pergunta 3), trouxeram claramente a palavra "adaptar", referindo-se à necessidade de realizar mudanças em suas rotinas e seus comportamentos em prol da idade avançada, o Rio Solimões ainda acrescenta que "*Ás vezes a gente quer fazer uma coisa que já não dá mais pra gente fazer, porque [se fizer] vai se prejudicar de algum modo*", referindo-se a algumas limitações físicas (pergunta 04).

Já o Rio Purus, em sua resposta da pergunta 5, contou uma situação na qual presenciou uma discussão entre uma senhora e seu filho durante a noite em um restaurante, ambos desconhecidos. A discussão girou em torno do valor pago pelo filho em uma tigela de sopa, e sua mãe já idosa que argumentava que não conseguiria comer toda aquela sopa, Rio Purus narrou essa história encerrando com a seguinte reflexão: "*[...] 'mas esse cara é muito ignorante, como é que ele quer que essa senhora aí tome essa sopa toda?' Era muita comida, uma tigela,*

*não pode, gente idosa não come de noite daquele jeito*”. Essa situação narra uma mudança na alimentação da ‘pessoa idosa’ e expressa uma adaptação importante para o familiar da ‘pessoa idosa’ no qual precisa compreender e adaptar-se a novos hábitos e novas necessidades dessa pessoa.

Robert Havighurst, psicólogo e educador, admitindo que o desenvolvimento humano é altamente variável, definiu as fases do desenvolvimento a partir de tarefas e desafios específicos experimentados em cada momento da vida. Estas fases são: infância, fase na qual há o desenvolvimento de habilidades motoras, linguísticas, emocionais e sociais; idade escolar, onde ocorre o desenvolvimento das habilidades acadêmicas, de autocontrole e socialização; adolescência, período em que se desenvolve uma identidade pessoal, estabelecem-se valores e prepara-se para o trabalho e relacionamentos; idade adulta jovem, quando ocorre a iniciação na carreira, na formação de uma família e no gerenciamento da casa; meia-idade, momento em que há a necessidade de atualizar-se, focar ainda na carreira, avaliar as metas de vida e ajustá-las, ajudar as crianças em suas transações; e, por fim, a idade avançada, na qual o desafio é ajustar-se à aposentadoria, lidar com as perdas e enfrentar a própria finitude (Freitas *et al.*, 2013).

### **3.1.12: Viagem marcada pelos efeitos do tempo no barco**

03 participantes da pesquisa trouxeram dados que nos lembram que, a definição 'pessoa idosa', é um marco de idade cronológica. Na Pergunta 5 o Rio Ipixuna afirmou que: *“De idade, eu tenho idade pra ser uma idosa, mas eu não sou uma senhora idosa, eu sou uma senhora jovem”*, ao passo que, o Rio Tapajós, na pergunta 1, descreve a ‘pessoa idosa’ como uma pessoa de idade avançada. Ambos nos remetem a fala de Stuart Hamilton, que gera uma reflexão a respeito da insignificância que é a volta da terra em torno do sol para definir uma pessoa (2002).

O rio Solimões, na pergunta 4, afirmou que: *“[...] meu corpo envelhece, mas a minha mente, a minha alma não envelhece, eu penso em 73 anos, eu só sei que é porque eu sei, porque eu tenho uma artrose na minha mão, tenho uma no joelho, tenho nos pés, mas a minha mente não tá dizendo isso*”. Beauvoir, em seu livro “a velhice”, promove uma reflexão de que “velho é o outro”, mostrando a dificuldade de aceitação que temos em relação à imagem do envelhecimento e à finitude do corpo, colocando está atrelada a um fracasso humano (1990).

### 3.1.13: Navegantes dependentes e indefesos

02 participantes da pesquisa trouxeram dados que colocam a ‘pessoa idosa’ como alguém dependente e indefesa. A participante Rio Solimões expressou, em diversos momentos da entrevista, afirmativas que colocam a ‘pessoa idosa’ nesta posição, conforme podemos ver na seguinte fala: *“Pra mim, uma ‘pessoa idosa’, é indefesa, igual uma criança, não tem como se defender, eu sempre pensei assim”* (pergunta 04), repetindo na resposta da pergunta 2 que a ‘pessoa idosa’ é frágil, dependente e precisa de cuidados e, na pergunta 1: *“[...] o idoso sempre precisa ter um cantinho dele, mas sabendo que tem alguém que cuida, que tá de olho, que tá observando, procurando saber se a pessoa precisar, se a pessoa tá precisando de alguma coisa”*. Já o Rio Jutaí, na pergunta 2, afirma que a ‘pessoa idosa’ é uma pessoa que tem que ser cuidada.

No Brasil, não existe uma lei específica que obrigue a presença de um cuidador para todos os idosos. No entanto, o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, estabelece uma série de direitos visando proteger a dignidade e integridade das pessoas idosas. De acordo com esse estatuto, é dever da família, da comunidade, da sociedade e do Estado garantir a proteção à vida e à saúde dos idosos, incluindo assistência gratuita à saúde e promoção de sua integração à vida comunitária. Em casos de dependência física, cognitiva ou emocional que impeçam o idoso de realizar atividades básicas, como se alimentar ou se vestir, pode ser necessário o auxílio de um cuidador. Resta à família a atenção quanto a esses limites (Brasil, 1994, 2003, 2017).

### 3.1.14: Navegantes livres

O Rio Amazonas atrelou a idade um senso de liberdade na seguinte fala: *“Eu observo isso muito nas nossas festas, as pessoas parecem quietinhas, e quando chegam aí, todas arrumadas, se soltam sabe?! Parece quando você teve um pai muito repressor, um marido muito castrador, aí se livrou de tudo aquilo, tá solta”* (pergunta 01). Ser uma ‘pessoa idosa’, ao ver desta participante, liberta a mulher de certos aprisionamentos interpessoais, promovidos a partir de uma repressão, um poder simbólico (Bourdieu, 2002) não a ‘pessoa idosa’, mas a mulher, a partir de comportamentos classificados como machistas, de dominância, posse, repressão e controle.

Novamente retornando em "A Velhice", Beauvoir explora a vivência do envelhecimento feminino, destacando-o como uma possibilidade de libertação das normas de gênero e da opressão machista, exatamente como é narrado pelo Rio Amazonas. Segundo Beauvoir, à

medida que as mulheres envelhecem e se distanciam das expectativas tradicionais de beleza e papel social, surgem oportunidades de romper com as restrições impostas pelo patriarcado e afirmar sua autonomia e identidade. Beauvoir desafia a concepção de que o envelhecimento feminino implica necessariamente em perda de valor social, enfatizando o potencial de empoderamento e liberdade nessa fase da vida (Beauvoir, 1990).

Uma fala que expressa o descrito por Beauvoir é a do Rio Mapari, quando diz que *“A minha vida de idosa é muito boa. Eu digo que tenho 62 porque está no documento, mas eu não me acho, ainda não caiu a ficha. É uma vida menos corrida, você vive com mais... assim... é que um novo não vive, mas parece que a gente sim. A gente não tem que estar comprando coisas para casa, roupas, nada disso. O que você tem está ótimo, o importante é estar limpa, sem buraquinho, arrumadinha e cheirosa, o resto você não tem que estar correndo atrás [...]”* (pergunta 2).

### **3.1.15: Navegantes que sobreviveram**

O Rio Amazonas, em sua resposta à pergunta 1, diz que a ‘pessoa idosa’ é alguém que sobreviveu, um sobrevivente. Dois teóricos que exploram o conceito de "sobrevivente" ao abordarem o envelhecimento são Erikson e Butler. Erikson destaca a necessidade de integridade do ego na fase tardia da vida, sugerindo que as ‘pessoas idosas’ buscam reconciliar suas experiências passadas em busca de realização pessoal. Ser um sobrevivente, para ele, implica enfrentar os desafios do envelhecimento com resiliência e aceitação, em busca de integridade e paz interior. Butler, por sua vez, enfatiza a adaptabilidade das ‘pessoas idosas’, argumentando que são "sobreviventes" em um sentido mais amplo, superando adversidades ao longo da vida (Erikson, 1987; Butler, 1969).

### **3.1.16: Uma viagem que algumas pessoas oferecem resistência**

O Rio Içá, na pergunta 1, faz uma reflexão a respeito de que algumas pessoas resistem, não querem ficar idosas. De acordo com Debert (2000), é comum em muitas sociedades contemporâneas a tendência de negar o envelhecimento, argumentando que essa postura reflete a maneira como a velhice é frequentemente retratada como um problema social, o que pode levar as pessoas a evitarem ou negarem sua própria idade avançada. Essa negação se manifesta de diversas formas, desde a busca por procedimentos estéticos para parecer mais jovem até a recusa em aceitar limitações físicas associadas à idade, e até mesmo a exclusão social dos

idosos. Destacando a importância de confrontar essa negação, Debert ressalta a necessidade de reconhecer a velhice como uma fase natural da vida, repleta de desafios, mas também de oportunidades de crescimento e contribuição para a sociedade.

### **3.2: Da imposição a experimentação, classificação 'vs' autotransclassificação**

A idade, atrelada ao tempo, é defendida como marcadora de diversos fatores em diferentes momentos de nossa trajetória. O trabalho de divisão das pessoas e das coisas por faixas etárias é uma proposta de várias ciências, classificando as coisas com base no tempo que existem, duram ou se manifestam. De maneira geral, a antropologia faz recortes que retratam o presente dos diversos tempos, a geologia analisa as formações geológicas para definir os métodos e os tempos, a medicina é praticada em relação à idade ou à parte do corpo que você escolhe se aprofundar, a sociologia está à mercê de como o meio reage ao tempo para o seu fazer, etc.

Nesta pesquisa, proporcionamos aos nossos participantes a oportunidade de classificar o que marca e diferencia a 'pessoa idosa', se consideram uma ou não e expressar como se sentem diante dessa premissa. Este tópico fornecerá uma discussão sobre a "classificação" imposta pela legislação vigente em nosso país e pelos sensores científicos e socialmente estabelecidos, em relação à classificação que os participantes da pesquisa percebem a si mesmos e aos outros, a fim de colaborar com a construção dos objetivos: "identificar se há representatividade dos participantes da pesquisa pelo termo 'pessoa idosa'; e registrar como se sente o participante da pesquisa frente à classificação e/ou possibilidade de classificação 'pessoa idosa'".

No Brasil, o conceito legal da "pessoa idosa" é estabelecido pelas Leis, das quais destaco as de nº 8.842/1994 da Política Nacional do Idoso e nº 10.741/2003 do Estatuto do Idoso, ambas definem que a "pessoa idosa" é a "pessoa com idade biológica cronológica igual ou superior a sessenta anos", não diferenciando essa pessoa por fenômenos como dependência, capacidade cognitiva, física ou psíquica; considerando qualquer pessoa com mais de 60 anos como uma "pessoa idosa" para todos os efeitos legais (Brasil, 1994, 2003).

Enfatizando a importância de questionar rótulos predominantes e explorar novas perspectivas, a antropóloga Maria Cecília Minayo organizou um livro denominado "Antropologia, Saúde e Envelhecimento". Nele, ela considerou o envelhecimento como um "fenômeno biológico-social híbrido", um problema e uma questão pública, e defendeu a visão do idoso como um ator social ativo, rejeitando estigmas e buscando uma compreensão mais positiva do envelhecimento. Por "híbrido biológico-social", ela se refere à imprecisão do termo

velhice, destacando a influência cultural na percepção desta e a necessidade de "desnaturalizar a velhice", considerando-a como "uma construção social e cultural". Para tal, ela realiza comparativos geográficos e históricos das diferenças entre os envelhecimentos, inclusive em aspectos biológicos (Minayo; Coimbra Jr., 2002).

Já Veras aborda a questão da definição de quando uma pessoa se torna velha, destacando a complexidade dessa determinação e questionando se a velhice está relacionada à idade cronológica, às condições físicas, mentais, emocionais ou sociais da pessoa, ou se é uma percepção externa baseada em estereótipos e preconceitos. Veras ressalta ainda que não existe um consenso universal sobre a idade em que alguém se torna velho, pois essa definição varia de acordo com diferentes contextos culturais, sociais e individuais. Enfatiza que a velhice não pode ser reduzida a um número específico, mas deve ser compreendida de forma mais ampla, considerando a diversidade de experiências e realidades vivenciadas pelas 'pessoas idosas', sugerindo que a definição de velhice não deve ser rigidamente baseada na idade cronológica, mas sim considerar uma abordagem mais holística que leve em conta as múltiplas dimensões do envelhecimento e da experiência de vida das pessoas (Veras, 2001).

As percepções dos participantes da pesquisa foram coletadas a partir das perguntas 04 e 05 da seguinte maneira: A pergunta 04 mostrou-se um tanto problemática em sua literalidade "Como você classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?". Quando esta foi feita aos participantes, muitos mostraram-se confusos e não compreenderam o que a pergunta queria expressar. Nas minhas tentativas de esclarecer, senti que estava tendenciando os participantes, pois a minha explicação partia de minhas próprias construções sociais.

Um fenômeno que remete à causa dessa confusão tem relação com o que os participantes da pesquisa consideram ser uma 'pessoa idosa' (tópico 4.1). Bourdieu nos diz que é necessário tomar consciência do arbitrário para perceber a existência do arbítrio e, no levantamento do que seria 'pessoa idosa', nenhum dos participantes trouxe a discussão dados de que percebiam este como um termo classificatório, nem nestes termos nem em seus próprios termos. Portanto, quando a pergunta sugere que estes escolham uma classificação, este feito não compõe o imaginário anterior deles, o que seria um requisito, conforme Moscovici, para que se categorize algo, não rompendo com as noções pré-concebidas e o pensamento convencional (Bourdieu, 2002; Bachelard, 1996; Moscovici, 2010).

A solução para que não deixássemos de coletar dados importantes, não prejudicássemos o levantamento dos objetivos da pesquisa nem arriscássemos a tendenciar respostas, deu-se da seguinte maneira: a pergunta foi expressa uma vez e, aos participantes que solicitaram explicação, seja através de linguagem corporal expressando confusão ou através de



questionamento verbal, foi repetida uma pergunta diferente a seguir "Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de 'pessoa idosa'?". Dessa forma, todos puderam expressar suas opiniões sobre a forma como os de idade superior a 60 anos são classificados.

A pergunta realizada da primeira maneira, em sua originalidade, deu origem ao tópico "3.2.1 Como os navegantes acham que deveria ser a separação nominal cronológica que recebem?" e o segundo molde da pergunta, ao tópico "3.2.2 Como os navegantes percebem a separação nominal cronológica que recebem?".

A pergunta 05, "Você se identifica como uma 'pessoa idosa'?", foi proferida ao participante tal qual escrita, exceto pelo termo "você", que alternou entre "senhor", "senhora" ou "você" quando o participante se opunha a um dos primeiros (essa alteração ocorreu em todas as perguntas que comportam o pronome de tratamento "você"). Em seguida à resposta, foi feita a pergunta "Como você se sentiria caso alguém lhe chamasse de 'pessoa idosa'?" ou "Você se ofenderia caso fosse chamado de 'pessoa idosa'?" (todos os diálogos referentes ao processo de entrevista estão transcritos nas entrevistas, podendo ser identificados no anexo 01).

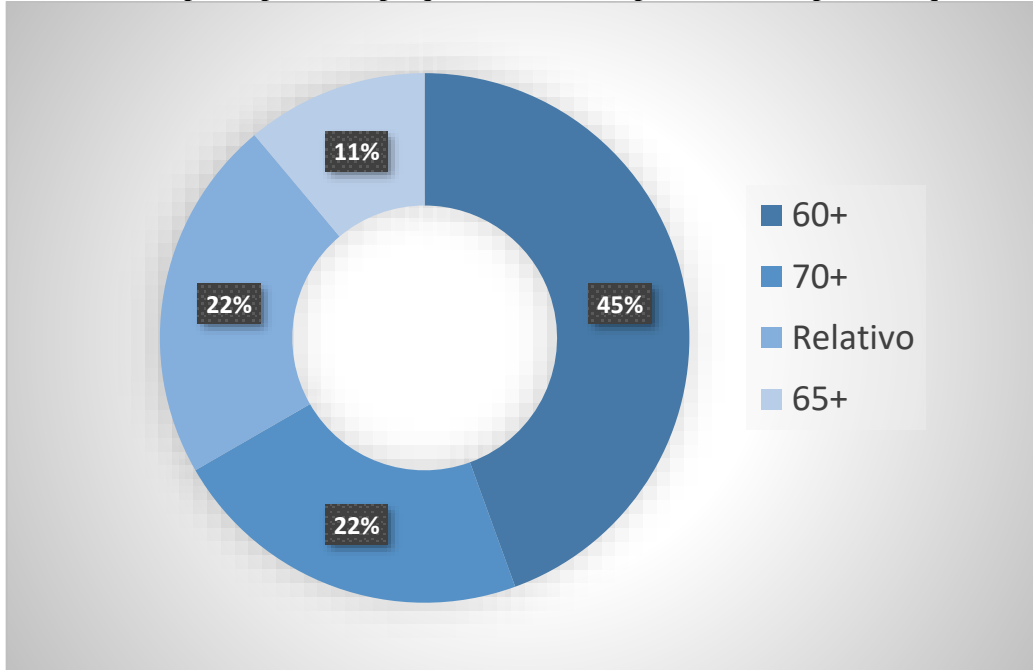
A resposta à primeira parte dessa pergunta deu origem ao tópico "3.2.3 Os navegantes introjetam a separação nominal cronológica que recebem?" e o adendo a ela, ao tópico "3.2.4 Como os navegantes se sentem caso sejam chamados por separações cronológicas?".

Quaisquer contagens, tabelas ou gráficos, nos tópicos subsequentes, correspondem a quantidade de pessoas que corroboraram a discussão da questão específica ao campo, não a totalidade de participantes da pesquisa, sendo sinalizado esse quantitativo de forma textual. Quando ausentes ou diminutos a quantidade de colaboradores nos levantamentos em relação aos participantes, o motivo se deve à ausência de resposta ou resposta insuficiente para tal tópico. Se ausentar de responder é uma premissa da liberdade de participar de uma pesquisa, nesta em específico essa ausência sequer precisava ser sinalizada, bastava o silêncio ou alguma confusão ao responder que a conversação seguia por rumos estratégicos. Para não contaminar os levantamentos, não acrescentei uma análise de "sem respostas" ou "sem opiniões sobre", focando apenas nos dados expressos.

### **3.2.1: Como os navegantes acham que deveria ser a separação nominal cronológica que recebem?**

05 participantes da pesquisa forneceram dados que corroboraram nesta discussão, no qual houveram 04 opiniões diferentes que podem ser visualizadas no seguinte gráfico:

**Gráfico 2 - Os participantes da pesquisa consideram 'pessoa idosa' a partir de qual idade?**



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dos 05 participantes que constituíram esse levantamento, 45% acreditam que a ‘pessoa idosa’ é aquela portadora de 60 anos ou mais, 22% consideram que a ‘pessoa idosa’ é aquela portadora de 70 anos ou mais, 22% consideram que este dado é relativo a o que a pessoa experimentou em toda sua trajetória, podendo inclusive ser um fator de envelhecimento antes até da idade formalmente disposta e, 11% consideram que a ‘pessoa idosa’ é aquela portadora de 65 anos ou mais. Os 22% que colaboraram na contabilidade de “relativo” também consideram que a ‘pessoa idosa’ é aquela portadora de 60 anos ou mais (não coube a mim categorizar uma única opinião a cada participante, apenas expressei-as e interpretei-as neste trabalho).

A representação de que ‘pessoa idosa’ é uma pessoa com idade igual ou superior a 60 anos foi expressa por 03 participantes: os Rio Marajó, Rio Amazonas, Rio Iça (todos na pergunta 5). Enquanto que 01 participante, a Rio Jutai, considera que a pessoa portadora de 60 anos “[...] não está tão idosa, já está um bocadinho mas não está tão idosa [...]” e considera a ‘pessoa idosa’ como alguém com 65 anos ou mais (Pergunta 04).

02 participantes da pesquisa, os Rios Jari e Tapajós, representam que a ‘pessoa idosa’ é aquela portadora de 70 anos ou mais, expressando que: “Pra mim a ‘pessoa idosa’ é com 70, quando eu tinha 60 anos eu ainda namorava (risos)” (Rio Jarí, Pergunta 04), “[...] até os 69, ainda é uma pessoa que é capacitada de fazer suas necessidades, seus trabalhos, costura e faz

*o que quer. Mas a partir de 70, parece que isso se torna mais... devagar”* (Rio Tapajós, Pergunta 04), o Rio Tapauá, não entra nesta contagem pois não expressa separação, mas corrobora na argumentação ao afirmar que depois dos 70, começou a ter limitações na vista e dores nas pernas e nos braços, *“depois que eu peguei os 70, aí eu já senti muita diferença em mim, aparece uma dor aqui na perna, aparece uma dor no braço, aparece uma dor na cabeça, aparece uma dificuldade de vista [...]”* (pergunta 03).

Estas divisões ocorrem atreladas a uma perspectiva negativa da "pessoa idosa", quando a participante Rio Jari afirma que aos 60 "ainda namorava", e retirando a condição de "pessoa idosa" nesse enquadramento, implicitamente ela está afirmando que a "pessoa idosa" não "namora", e isso é uma premissa bastante equivocada e etarista. Butler, um gerontólogo já citado anteriormente na pesquisa, defende a visão de que a sexualidade é uma parte intrínseca e vital da experiência humana em todas as fases da vida, inclusive na terceira idade (Butler; Lewis, 1985).

A sociedade sofre uma tendência em subestimar o papel da sexualidade na vida dos idosos, associando erroneamente o envelhecimento com uma suposta diminuição do interesse e da atividade sexual. Ao contrário, Butler destaca que muitos idosos continuam a experimentar desejos e necessidades sexuais significativas à medida que envelhecem. Sua abordagem abrangente da sexualidade na terceira idade reconhece que a saúde sexual vai além da atividade física, abarcando também aspectos emocionais, psicológicos e sociais, argumentando que promover uma sexualidade saudável entre os idosos é crucial para o seu bem-estar geral e qualidade de vida. Butler ainda enfatiza a importância de cultivar uma atitude positiva em relação à sexualidade na velhice, desafiando os estereótipos negativos e promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa da sexualidade em todas as idades (Butler; Lewis, 1985).

Corroborando a essa discussão, Minayo defende que deveria ser estabelecido "uma nova datação e um novo imaginário sobre as etapas da vida até então vigentes e utilizadas para marcar os rituais de passagem, assim como os direitos e deveres públicos e privados", inspirando-se em uma vertente predominantemente europeia que classifica as pessoas "entre 60 e 75 anos" como "terceira idade", "75 a 85 anos" como "quarta idade" e os portadores de mais de 85 anos como "quinta idade" (Minayo; Coimbra Jr., 2002), promovendo uma percepção similar à exposta pelos participantes que não se contentam completamente ao predito legalmente em nosso país.

Existe um controle social e uma vigilância constante no comportamento das "pessoas idosas", inclusive entre eles próprios: "A sociedade diz que envelhecer é feio, que quando você envelhece não pode mais trabalhar, estudar, namorar, fazer escolhas, você não pode mais existir.

É uma espécie de morte simbólica. O envelhecimento no Brasil é uma morte simbólica e nós envelhecemos muito cedo", disse Mirian Goldenberg, no encerramento da primeira edição do Ageless talks, promovido pelo caderno Viva Bem (UOL, 2020).

Por fim, os Rios Içá e Rio Amazonas, que já contabilizaram nesse tópico, acrescentam flexibilizações, evidenciando alguns fatores de risco para o que consideram "envelhecimento precoce" ou "envelhecer mal", colocando o status de "pessoa idosa" relativo à história pregressa. *“tem pessoas que chegam antes dos 60 anos, e elas já estão sendo uma idosa, muitas vezes a vida delas pra trás foi tão sofrida que chegou a velhice antes dos 60 anos.”* (Rio Içá, pergunta 04), de quanto essa pessoa sofreu (Rio Içá, pergunta 04)

O Rio Amazonas, na pergunta 01, considera que o tipo de trabalho pode ser uma fonte de envelhecimento precoce e, na pergunta 04, atrela os possíveis maus tratos que uma pessoa sofra ao mau envelhecimento, expressando que seria importante separar as pessoas por graus do que chamou de "balanços", graus de dificuldades, assim como Minayo supracitada. O Rio Içá, também na pergunta 04, atrela o sofrimento em vida como um fator de envelhecimento precoce.

Aqui os participantes estão se referindo, muito provavelmente, ao "envelhecimento funcional" e "psicológico", que têm fatores como estilo de vida, atividade laboral, histórico de experimentação da atividade laboral, entre outros, e como a pessoa equilibra suas perdas e seus ganhos, suas expectativas e crenças, seu olhar para si e para o mundo. É comprovado que trabalhadores expostos a situações precárias, como extensas jornadas de trabalho, trabalho repetitivo, ambiente insalubre, entre outros, têm maior risco de desenvolver doenças crônicas, e são extensas também as pesquisas que relacionam o desenvolvimento dessas doenças com o "envelhecimento precoce" (Ministério da Saúde do Brasil, 2001; Stuart-Hamilton, 2002; Negrini, 2020).

A própria OMS destaca que esta é uma preocupação evidente, relacionando o envelhecimento ao trabalho e reconhecendo que este impacta diretamente nas modificações do corpo humano, podendo levar a uma diminuição na capacidade funcional de cada pessoa proporcional ao tipo de atividade laboral que esta exerceu e por quanto tempo, colocando fatores como exigências e estresse profundamente relacionados com a manutenção ou perda das capacidades funcionais (Negrini, 2020). Não é raro também ver algum cidadão conquistando o direito de se aposentar antecipadamente através das vias jurídicas de nosso país devido à incapacidade promovida pelo próprio exercício laborativo.

O desembargador Edson Vidal promove uma reflexão através de um enredo:

Mas mesmo assim perdura o dilema: como pessoas de uma mesma idade podem envelhecer de maneira diferente, quando têm igual qualidade de vida?

- Pelo trabalho! - respondeu um guru indiano que estava lendo eu escrever no meu pequeno telefone celular.

- Como? - acabei indagando.

- Ora, meu filho a resposta é simples: quem trabalha no que não gosta envelhece bem mais cedo do que o outro que faz do trabalho um prazer para viver!

[...] Trabalhar sentindo o peso do trabalho nos ombros é uma tarefa desgastante. Quem no trabalho é escravo do relógio sente o mesmo que estar aprisionado. E têm aqueles que fazem do trabalho um apostolado de vida, marca registrada de suas realizações. Pode o trabalho envelhecer quando ele é um martírio para a alma? (Vidal, 2019)

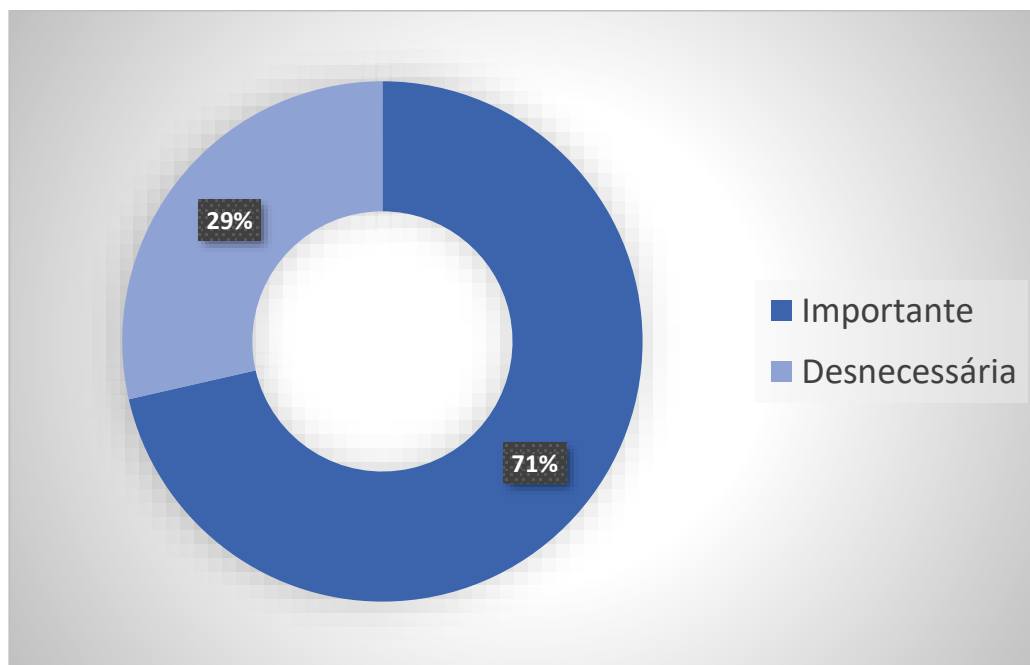
Este já associa o sofrimento à condição de envelhecimento, o desprazer naquilo que se faz e/ou que se vive. Um estudo conduzido por Moisés Bauer, coordenador do Laboratório de Imunobiologia da Escola de Ciências da Saúde e da Vida, revela a impactante relação entre o estresse psicológico e o envelhecimento fisiológico e imunológico. O aumento dos níveis do hormônio cortisol, decorrente de uma sobrecarga emocional, compromete a função dos linfócitos T, essenciais na defesa contra diversos patógenos, incluindo vírus e câncer. Além disso, o estresse crônico, como o vivenciado por cuidadores de pacientes com Alzheimer, está associado a uma imunidade celular ainda mais debilitada, exacerbando os efeitos do cortisol (O Estresse..., 2021).

O estresse também acelera o encurtamento dos "telômeros", indicadores importantes do envelhecimento celular, levando à senescência celular e à interrupção da divisão celular, sendo isso mais pronunciado em indivíduos com transtornos do humor, como o transtorno bipolar do tipo I, que enfrentam uma carga emocional significativa ao longo da vida. Além disso, o estresse está correlacionado com uma maior atividade inflamatória sistêmica, que contribui para o desenvolvimento de doenças neurodegenerativas, metabólicas e câncer (Bauer, 2002).

O estresse, que pode ser causado por inúmeros fatores, dentre eles o trabalho, maus tratos, maus relacionamentos, entre outros, acelera o envelhecimento em jovens adultos. Essas descobertas destacam a importância de abordar o estresse emocional em todas as fases da vida, pois está diretamente ligado a uma imunossenescência acelerada, menor imunidade e maior atividade inflamatória (Bauer, 2002; O Estresse..., 2021).

### 3.2.2: Como os navegantes percebem a separação nominal cronológica que recebem?

Gráfico 3 - Como é percebida a divisão nominal 'pessoa idosa'



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sete participantes da pesquisa forneceram dados que possibilitam este levantamento, sendo eles os rios: Marajó, Solimões, Madeira, Tefé, Tarauacá, Mamuru e Japurá. Todos os dados aqui apresentados foram extraídos da pergunta de número 04. Cinco participantes categorizaram essa divisão como importante: Rios Marajó, Solimões, Madeira, Tefé e Tarauacá, representando um total de 71% de participantes que consideram a divisão etária legal de 60 anos ou mais ser uma 'pessoa idosa' como importante. Dois participantes categorizaram essa divisão como desnecessária: Rios Mamuru e Japurá, representando um total de 29% de participantes que consideram a divisão etária legal de 60 anos ou mais ser uma 'pessoa idosa', como “desnecessária”.

Os Rios Madeira e Solimões que justificaram essa importância a necessidade de se compreender e se adaptar as devidas fases que estão experimentando, admitindo estas em um patamar de “diferente” das demais, “*eu fui criança, passei daquela fase de criança, adolescente, jovem, adulto, e agora sou uma 'pessoa idosa'... a gente precisa adaptar a idade que a gente tá, ser feliz em qualquer idade.*” (Rio Solimões), “*quer dizer que eu já vivi ao meu tempo de adolescente, de jovem, e hoje tô na terceira fase, que é a idade depois de adulto.*” (Rio Madeira).

As adaptações são uma constante em nossa vida, essencialmente necessárias caso se pretenda aliviar o sofrimento causado pelas mudanças. Diversos teóricos de diversas áreas das ciências também admitem a necessidade de diferenciar as fases de desenvolvimento, categorizando nestas comportamentos e adaptações esperados e necessários, dentre os quais destaco os já citados Erick Erikson e Robert Havighurst, ambos dedicaram parte de seus estudos a compreender as fases do desenvolvimento humano e, neste entendimento, pressupõem a adaptação em todas elas (Freitas *et al.*, 2013; Erikson, 1987).

O fenômeno "envelhecimento psicológico" bem-sucedido também depende de uma capacidade de se adaptar não somente ao envelhecimento, mas a todos os ocorridos na trajetória como um todo. Este fenômeno está diretamente relacionado à capacidade que a pessoa tem de se adaptar ao meio que vive e de lidar com os conflitos de seu dia a dia, e traz uma contrapartida em favor da 'pessoa idosa', afirmando que a experimentação e exposição à vida podem gerar mais capacidade em lidar com os desafios, ocasionando ganho em "sabedoria, conhecimento e experiência", sendo a pessoa mais capaz de equilibrar-se e manter-se em um melhor estado de equilíbrio adaptativo (Stuart-Hamilton, 2002; Quarti; Schneider, 2008; Ferreira; Maia, 2009; Sobral; Paul, 2015).

Os Rios Marajó e Tefé consideraram essa divisão importante por conta de fatores que envolvem o direito da 'pessoa idosa'. O Rio Marajó evidencia a oportunidade de descanso de uma vida de muito, citando inclusive que chegou “[...] *naquela parte que praticamente eu queria chegar*”, dando valor a sua experimentação mais leve da vida, sem a correria anterior, vivendo entre amigos no Centro de Convivência e até vivendo um amor recente (fizeram 01 ano na época da entrevista), iniciado em um local de encontro de ‘idosos dançantes’ (ele e sua companheira dançam ativamente e eu tive o prazer de presenciar uma de suas apresentações).

O Rio Tefé considera importante essa divisão em prol dos benefícios de transporte gratuito e prioridade no atendimento. Nossa legislação garante o direito ao transporte coletivo público gratuito para maiores de 65 anos, com exceção de serviços seletivos e especiais. A comprovação da idade é simplificada, exigindo apenas qualquer documento pessoal. Adicionalmente, 10% dos assentos nesses veículos são reservados para idosos. Quanto ao transporte coletivo interestadual, são reservadas duas vagas gratuitas por veículo, com desconto mínimo de 50% no valor das passagens para idosos com renda até dois salários-mínimos. É garantida ainda a reserva de 5% das vagas em estacionamentos públicos e privados e a prioridade no embarque no transporte coletivo (Brasil, 1994, 2003, 2017).

Quanto ao atendimento preferencial, é garantido atendimento "imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população",

tendo como prioridade especial as pessoas com idade superior a 80 anos em relação às demais 'pessoas idosas', promovendo o envelhecimento saudável e a inclusão social dos idosos, preferindo a formulação de políticas sociais específicas e a destinação de recursos públicos voltados para a proteção dessa parcela da população. Além disso, é essencial viabilizar alternativas que promovam a participação, ocupação e convívio intergeracional dos idosos (Brasil, 1994, 2003, 2017).

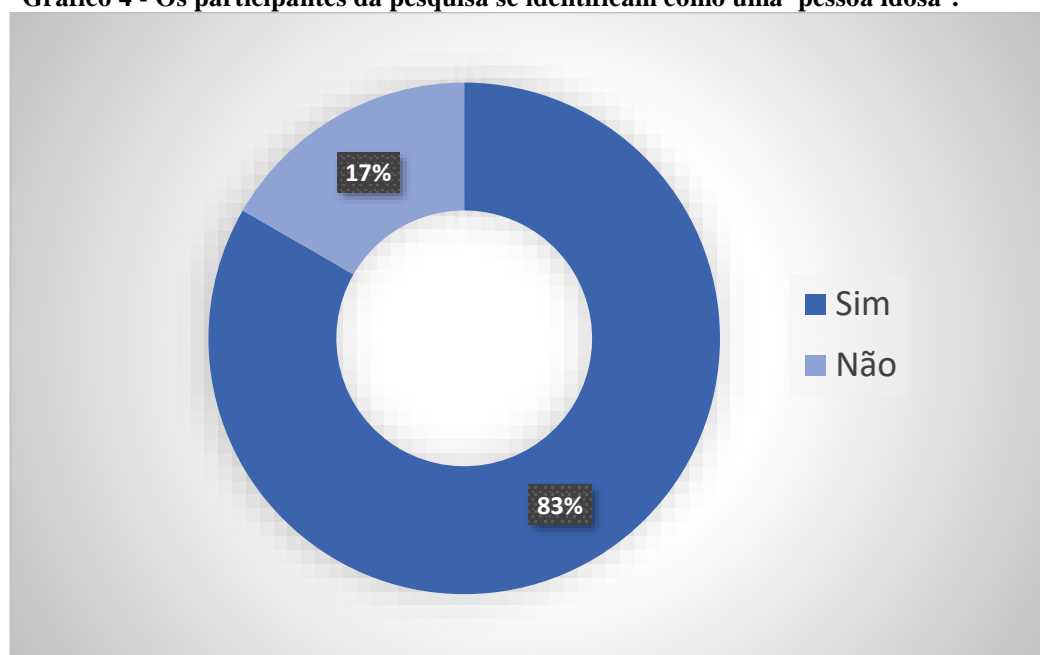
Os Rios Mamuru e Japurá consideraram essa divisão como o que interpretei como “desnecessária”, não fazendo diferença dividir as idades. *“pra mim tudo é uma coisa só, porque tem gente novo que diz assim ‘ai eu não vou fazer isso porque eu tô com preguiça’, eu não sei que preguiça é essa que a pessoa não gosta... não quer trabalhar, porque pra mim, toda a vida eu trabalhei, eu nunca disse assim ‘ah, hoje eu não vou fazer nada’, só se eu estiver muito cansada, porque eu faço tudo, eu lavo roupa, eu passo, eu faço minhas coisas. Minhas filhas dizem assim pra mim: ‘mamãe, eu vou botar uma menina pra fazer tudo aqui em casa, não é pra senhora fazer nada, a senhora vá se deitar’, eu: ‘tá (usando tom de ironia) eu não tô doente pra ficar deitada’”. (Rio Japurá, Pergunta 04).*

O Rio Japurá denota em sua fala, características tanto do envelhecimento ativo experimentado por si, quanto de uma prática de idadismo por parte de suas filhas. Eu gosto de refletir que tudo que fazemos, parte de uma boa intenção, englobando a maioria, se não todos, os feitos humanos, como oriundos de uma boa intenção do praticante, portanto, é perceptível, com as correntes de reflexões e estudos de nossa era, compreender que uma boa intenção não basta para não ferirmos o outro, é preciso mais, é necessário conhecimento, flexibilidade, escuta, validação da individualidade do outro, etc.



### 3.2.3: Os navegantes introjetam a separação nominal cronológica que recebem?

Gráfico 4 - Os participantes da pesquisa se identificam como uma 'pessoa idosa'?



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Todos os 18 participantes da pesquisa corroboraram este levantamento. Os rios Marajó, Purus, Solimões, Juruá, Madeira, Mapari, Amazonas, Tefé, Jutai, Içá, Jari, Tapajós, Japurá, Tapauá e Tarauacá responderam que sim, se consideram uma 'pessoa idosa' na pergunta 05 da entrevista, representando um total de 83% de identificações com o termo classificatório e 15 participantes. Os rios Urucú, Ipixuna e Mamuru responderam que não se consideram uma 'pessoa idosa' na pergunta 05 da entrevista, representando um total de 17% de não identificação com o termo classificatório e 03 participantes.

Todos os 15 participantes que responderam "sim" a esse questionamento o fizeram com bastante concordância, alguns até com um semblante de quem ouve uma pergunta curiosa, uma pergunta óbvia, outros com aceno de cabeça em sinal de concordância, outros expressando um adendo como: *“Uma ‘pessoa idosa’ e de bastante conhecimento, experiência né”* (Rio Marajó, Pergunta 05), ou *“Eu gosto de me chamar de idosa, porque eu não sou nova, né?”*. (Rio Juruá, pergunta 05).

O psicólogo humanista Carl Rogers considera a identidade como um aspecto fundamental da pessoa, intrinsecamente ligado à autoconsciência e à autoaceitação, sendo importante uma congruência entre a autoimagem (como a pessoa se vê) e o self ideal (como a pessoa gostaria de ser). Quando há um alinhamento significativo entre esses dois aspectos, o

indivíduo experimenta um estado de coerência e integridade, contribuindo para um senso de identidade positiva e saudável. Ainda para Rogers, a identidade é moldada pela experiência subjetiva de cada indivíduo e é influenciada pelo grau de congruência entre a autoimagem e o self ideal, bem como pelo ambiente emocional em que a pessoa está inserida (Rogers, 2001).

A participante Rio Solimões, apesar de se considerar uma 'pessoa idosa', fez a seguinte reflexão ao explicar sobre as adaptações que teve que realizar em seus afazeres: *“meu corpo envelhece, mas a minha mente, a minha alma não envelhece, eu penso em 73 anos, eu só sei que é porque eu sei, porque eu tenho uma artrose na minha mão, tenho uma no joelho, tenho nos pés, mas a minha mente não tá dizendo isso”* (pergunta 4), o mesmo acontece com Rio Mapari, que apesar de também se considerar uma 'pessoa idosa', afirmou na pergunta 2 o seguinte: *“[...] eu digo que tenho 62 porque está no documento, mas eu não me acho ainda, não caiu a ficha.”* Essas considerações denotam a percepção experimentada da diferença entre envelhecimento biológico, enquanto um aparato de mudanças que eventualmente promovem certos níveis de limitações, e o envelhecimento psicológico.

Rio Ipixuna, afirmou que: *“eu sou uma pessoa de idade, eu não sou idosa.”* (pergunta 01); *“eu não me considero uma velha, não, eu ainda tô na flor da idade”* (pergunta 5); *“eu tô com essa idade, mas eu tenho... como é que eu vou te dizer... habilidade, a força, mesma coisa que antes, só que piorou um pouco foi o meu joelho, se não fosse o meu joelho, eu tava como aquela menina de 25 anos.”* (pergunta 04), enquanto que a Rio Urucu, que também negou se considerar uma 'pessoa idosa' afirmou: *“Não. Sou uma jovem. Eu sou uma jovem, o que eu faço essas jovens não fazem.”* (pergunta 05).

Tais afirmações poderiam facilmente ser interpretadas como mecanismos de defesa, negacionismo, ou aparatos mentais projetados para o autoengano quando consideramos as ciências ou os discursos isoladamente para interpretar um ser integrado de diversos fenômenos. Convido-os a retornar à Tabela 1 e observar que uma das considerações de ambas as participantes sobre o que representa a 'pessoa idosa' é: "uma pessoa prejudicada e/ou limitada". Convido-os ainda a perceber o esforço que elas fazem para evidenciar sua independência, não só neste trecho, mas em toda sua entrevista (Anexo 1).

Caso realizem a leitura, deixo ainda o singelo convite ao questionamento de que, Rio Ipixuna e Rio Urucu estão negando seu envelhecimento ou estão negando que sejam o que elas representam de uma 'pessoa idosa'? E chamo a atenção ainda para que valorizemos as ciências humanas. Em nosso país, as ciências da saúde sobrepõem em grande número as ciências humanas em pesquisa sobre as 'pessoas idosas' nos estudos nacionais, portanto “[...] é necessário que a área de Ciências Humanas mobilize-se para aumentar a produção de pesquisas

direcionadas ao envelhecimento, em particular, sobre qualidade de vida do idoso, uma vez que se trata de um fenômeno crescente em todo o mundo" (Anacleto et al., 2013).

### **3.2.4: Como os navegantes se sentem caso sejam chamados por separações cronológicas?**

Considerando a possibilidade de que os participantes da pesquisa sejam chamados de 'pessoas idosas', os Rios Marajó, Solimões, Urucu, Juruá, Madeira, Mapará, Içá, Japurá, Jari, Tapauá e Urucu afirmam que não se sentiriam ofendidos e não veriam problema algum neste tipo de tratamento, totalizando 11 participantes que não veem problemática neste tratamento. Nenhum participante afirmou sentir-se ofendido por conta desta nomenclatura, porém houve ressalvas quanto a tratamentos violentos e ao termo "velho".

Sobre 'pessoa idosa', Rio Solimões afirmou: *"Eu não me ofendo porque eu sei que eu sou, entendeu?"* (pergunta 04). Os Rios Marajó e Jari, respectivamente, fizeram ressalvas: *"Quando ele me trata sem violência ('pessoa idosa'), tudo bem. Mas se ele me tratar com violência, chamando de velho, ele vai ouvir, porque tem que ter respeito, o respeito cabe em todo lugar..."* (Rio Marajo, pergunta 05) e *"Eu só não gosto que me chamem de velha, nunca me trataram assim, mas eu vejo com outras pessoas, dizendo 'sai da frente', 'sai do meio', 'vai pra casa', essas coisas, aí isso eu não acho legal"*. (Rio Jarí, pergunta 05).

No relatório mundial sobre idadismo é afirmado que "as palavras têm e transmitem significado, e podem alimentar concepções errôneas que podem induzir ao idadismo. Palavras como 'velho' ou 'nono' suscitam estereótipos de 'pessoas idosas' como sendo universalmente frágeis e dependentes, e são frequentemente usadas com sentido pejorativo", corroborando com o que os participantes sentem frente a esse tipo de tratamento (Organização Mundial da Saúde, 2022).

"O idadismo atinge bilhões de pessoas em todo o mundo e é tanto um problema grave de direitos humanos como um problema de saúde pública de amplo espectro". Dizer para uma 'pessoa idosa' *"vai pra casa"* é um aspecto deste preconceito promovido às pessoas de mais idade, promovido por um estereótipo de que a 'pessoa idosa' é frágil e tem que se resguardar (Organização Mundial da Saúde, 2022). Porém, se referir a alguém com as palavras *"sai da frente"*, *"sai do meio"*, como foi abordado pelo Rio Jarí, é uma questão que transcende a imensa questão do idadismo ao limiar da educação, ou a falta dela. Referir-se dessa maneira a qualquer ser vivo, de qualquer idade, me soa agressivo e ignorante, violando o princípio constitucional da dignidade à vida (a minha representação).

O Rio Tapauá aproveitou a discussão sobre como se sente uma ‘pessoa idosa’ frente a esse tratamento para expressar que: *“eu acho ruim quando a mulher ou o homem diz: ‘Ah, o que você quer saber da minha idade? Só porque eu tenho 70 anos, 70, 80 anos, você quer saber da minha idade?’”* (pergunta 05), chamando a atenção para aspectos que novamente, considero primórdios da educação. Há um limite de respeito interpessoal que deve ser preservado. Às vezes, não queremos responder a algo, principalmente quando se tratam de informações pessoais, mas existem maneiras de comunicação que são menos violentas do que outras.

O psicólogo Marshall Rosenberg é conhecido por desenvolver a abordagem da Comunicação Não Violenta, bastante disseminada nos dias atuais em treinamentos corporativos. Essa abordagem expressa um processo de comunicação e resolução de conflitos baseado na empatia, honestidade, autenticidade e respeito mútuo, concentrando-se em expressar sentimentos e necessidades de forma clara e empática, enquanto ouve atentamente os outros. Em contraste, a comunicação violenta é caracterizada por críticas, julgamentos, culpas e demandas, criando barreiras na comunicação que frequentemente resultam em conflitos (Rosenberg, 2006). Não somente ele trabalhou este conceito, mas é um dos mais utilizados nessas abordagens.

Por fim, o Rio Urucu, que afirmou não se considerar uma ‘pessoa idosa’ no levantamento anterior, afirmou que se sentiria bem em ser denominado assim, mas teve a necessidade de fazer a seguinte ressalva: *“mas sou uma idosa assim... Ativa né. Que eu ando, graças a Deus, perturbo quase ninguém, se eu estiver doente, só eu e Deus que me cuida”* (pergunta 05). Com isso, promovo a reflexão de que, talvez, essa ‘pessoa idosa’, quando tratada como tal, sinta a necessidade de realizar essa explicação. Cabe a nós tentar promover uma comunicação nos moldes que Rosenberg apresentou de Comunicação Não Violenta, abordando as angústias das representações que porventura o outro possua.

### **3.3: Uma tempestade: a ‘última viagem’ na esfera coletiva**

Este tópico foi elaborado a partir da pergunta 03 da entrevista (ANEXO 3): *“O que você acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa?’”*, não estando estritamente alinhado com algum objetivo específico, mas colaborando com o aprofundamento no objetivo de *“registrar como se sente o participante da pesquisa frente à classificação e/ou possibilidade de classificação ‘pessoa idosa’”*, neste caso, registrando como ele se sente na esfera coletiva em relação ao tratamento que ele recebe dos demais navegantes com os quais se encontra.

Este foi o tópico menos prazeroso de escrever. Os demais tiveram conteúdos e levantamentos delicados sim, mas este não teve corpo mínimo suficiente de considerações positivas que compusessem um subtópico positivo, apenas algumas ressalvas por parte de alguns participantes de que alguns são bons, porém, sempre seguidos por um “mas”, como podemos ver nas falas do Rio Tefé ao responder à pergunta 03. “[...] *tem muita gente que dá atenção pro idoso, mas [...]*”, “[...] *tem muitos que consideram também, não são todos, mas [...]*”.

O Rio Urucu, na mesma questão, considerou que: “*Tem umas que me tratam bem, outras não me tratam bem [...], tem de todo tipo, de todo jeito*”, e eu concordo ideologicamente com o que este navegante representou, porém, o levantamento realizado demonstra que o que está fixado em suas representações, ao se tratar da 'sociedade', ou como expliquei a alguns participantes quando solicitado, 'as pessoas em geral', são tratamentos indignos, desonrosos, degradantes e por vezes até agressivos e violentos.

Essa etapa da pesquisa não estimulou a fala específica sobre alguns aspectos, mas foi pessoalmente surpreendente a recorrência de algumas queixas. A presença delas não me surpreendeu, muitas ou a maioria destas queixas já compunham meu policiamento interno para me preservar de cometer tais injustiças. Por ser sensível à temática, ou minha percepção ou meus diálogos já me alertavam para algumas ocorrências, como, por exemplo, o fato dos ônibus em nossa cidade não pararem para 'pessoas idosas'. Há muito percebi este fenômeno, e há muito faço sinal de parada junto com essa pessoa, mesmo que eu não vá embarcar. Apesar de já ter acontecido comigo, foram raríssimas as vezes que me ocorreu de um ônibus não parar ao meu sinal, o sinal de uma jovem estereotipada (não me agrada falar nestes termos, mas a verdade é essa e a verdade me agrada).

Eu poderia preencher um capítulo inteiro desta dissertação falando sobre minhas percepções e experiências de bons modos para com esse público, mas esta é uma pesquisa de levantamento e visa retratar a realidade representada, e por consequência experimentada, não por mim, mas pelas pessoas do público 60+. Portanto, com muito foco, seguiremos expondo os dados e, na conclusão retomarei a alguns devaneios de medidas pessoais que promovem o bom viver coletivo.

Assim como no tópico 3.1, não reduzi arbitrariamente nenhum participante a uma única representação, portanto o mesmo participante por vezes irá compor diversos campos e, para facilitar esse entendimento, foi construída uma tabela no mesmo padrão da que foi construída no tópico 3.1. Não elaborei gráficos percentuais para este tópico pois não gostaria de olhar para

estas ocorrências em termos de proporções a fim de não correr o risco de imputar menos gravidade quando menos proporcionalidade de ocorrência da queixa.

Os subtópicos dessa pesquisa foram construídos apenas com a finalidade de organizar as ideias, mas os referenciais teóricos compostos em cada um dialogam com todos os demais por se tratar de uma mesma temática, os destratos sociais à 'pessoa idosa'. Cada subtópico comporá um gráfico "SmartArt" elaborado pela autora compondo as variadas expressões utilizadas para compor cada representação, ainda sem tratamento quantitativo ou percentual. Os levantamentos quantitativos comporão normalmente o conteúdo da tabela e textual.

**Tabela 4 - Representações de como a sociedade percebe os navegantes.**

Representações de como a sociedade percebe a 'pessoa idosa':	Participantes da Pesquisa:															Total de participantes que abordam tal representação			
	Rio Amazonas	Rio Içá	Rio Ipixuna	Rio Japurá	Rio Jari	Rio Juruá	Rio Jutai	Rio Madeira	Rio Mamuru	Rio Mapari	Rio Marajó	Rio Purus	Rio Solimões	Rio Tapajós	Rio Tapauá		Rio Tarauacá	Rio Tefé	Rio Urucu
Os navegantes recebem tratamentos indignos	x	x	x		x		x		x	x	x		x			x	x	x	12
Os navegantes vivenciam situações degradantes de ordenamento público	x	x	x	x	x					x	x	x		x	x	x			11
Os outros navegantes são impositivos em relação aos "meus" comportamentos			x						x	x		x					x		5
Os navegantes recebem tratamentos violentos	x											x	x					x	4
Os navegantes são representados sem apreço													x		x		x		3
<b>Total de representações expressas por participantes</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

### 3.3.1: Os navegantes recebem tratamentos indignos

Contribuíram com dados ao levantamento da representação de que a sociedade dispõe de tratamentos indignos às 'pessoas idosas' os rios: Amazonas, Içá, Ipixuna, Jari, Jutai, Mamuru, Mapari, Marajó, Solimões, Tarauacá, Tefé e Urucu. Todos esses participantes expressaram, em suas falas, conteúdos que podem ser alocados nesta qualificação 'tratamentos indignos', e todas as representações deste tópico constam expressas no gráfico a seguir, seguida de uma exposição textual detalhada do levantamento:

**Gráfico 5 - Conteúdos expressos que demonstram tratamentos indignos as 'pessoas idosas'**



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Nem sempre as pessoas com mais de sessenta anos de idade foram consideradas como uma categoria própria (Beauvoir, 1990). Podemos idealizar isso facilmente se pensarmos na liquidez de nossos conhecimentos, na fluidez cultural, nas mudanças de termos, divisões, estimas, e todo o resto de fenômenos que circundam nossa sociedade. As mudanças são uma constância na trajetória humana.

Ao revisitar os registros históricos, é possível observar uma dualidade na percepção da 'pessoa idosa' na Grécia antiga, onde seu status social influenciava significativamente a forma como eram vistos. Aqueles com poder político, econômico e cultural eram reverenciados como sábios e detentores de conhecimento, enquanto os menos privilegiados eram muitas vezes relegados a um status de invalidez e negligência. Essa dicotomia refletia uma cultura que valorizava a juventude e a beleza, relegando a velhice a um papel secundário (Almeida, 2005; Horn, 2013; Dardengo; Mafra, 2018). Essa visão contrasta com as sociedades chinesa e japonesa, conforme já citado anteriormente no tópico 3.1.9, onde a tradição e o respeito pelos mais velhos eram fundamentais para a harmonia social, conferindo-lhes um status privilegiado

de sabedoria e autoridade. Platão, por sua vez, enaltecia a velhice como uma época de prudência e sabedoria (Beauvoir, 1990).

No contexto da medicina, a 'pessoa idosa' era frequentemente definida por uma sucessão de perdas e doenças, uma abordagem que remonta aos tempos de Galeno e Aristóteles e persiste até os dias de hoje. O surgimento de instituições de longa permanência, como os asilos, reflete essa concepção e sua história remonta a épocas antigas, com iniciativas filantrópicas e religiosas (Beauvoir, 1990; Borges, 2007). No Brasil, o atendimento ao idoso em instituições asilares iniciou-se com a chegada da corte portuguesa, sendo o primeiro asilo para idosos fundado no Rio de Janeiro em 1782, pela Ordem 3<sup>a</sup> da Imaculada Conceição, com capacidade para trinta leitos. Posteriormente, em 1794, foi construída a 'Casa dos Inválidos' no centro da Cidade do Rio de Janeiro, destinada a acolher soldados com idade avançada, vindos de Portugal, que se encontravam cansados dos serviços prestados à pátria (Fabrício; Saraiva; Feitosa, 2018).

No período durante e pós revolução industrial, surgiram alguns comparativos do corpo humano com maquinários, percebendo o envelhecimento como um desgaste, de forma que Bacon e Descartes imputavam na ciência a incumbência de descobrir métodos para vencer as transformações da velhice, ficando estes, em muitas sociedades, marginalizados e em condições de moradores de rua por não poderem mais exercer atividade produtiva capaz de gerar seu sustento, associando a 'pessoa idosa' com incapacidade produtiva. Estes eram ignorados pela elite dominante até que, devido ao aumento quantitativo de 'pessoas idosas', estes alcançam visibilidade e recebem o status de "etapa da vida, caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais" (Almeida, 2005; Debert, 2000).

A partir dessa percepção de 'etapa da vida', o estudo e implementação de pensões e aposentadorias começaram a surgir, marcando assim uma nova política social, emergindo a noção de 'idoso' e 'terceira idade', surgindo assim uma categoria social e conseqüentemente a construção formal do significado social do envelhecimento humano (Debert, 2000).

No século XX, as instituições filantrópicas se transformaram em verdadeiros empreendimentos lucrativos, e essa tendência se espalhou consideravelmente, especialmente aqui no Brasil. Na década de 1970, testemunhamos o surgimento de vários movimentos sociais liderados pelas classes populares, trazendo consigo novas formas de participação social e política. Esses movimentos tinham como objetivo protestar contra as crises econômicas, as desigualdades sociais e exigir do Estado uma redistribuição de recursos, mais oportunidades de emprego, além de questionar a ausência de políticas públicas efetivas. Isso implicou na regulamentação de leis que deveriam assegurar a dignidade da pessoa humana, as relações de consumo e o acesso a tratamentos especiais para os menos favorecidos, em todas as áreas do



direito, passando a ser esta, uma temática de preocupação central para juristas e estudiosos (Fabrício; Saraiva; Feitosa, 2018).

Nos dias de hoje, a Constituição assegura, em seus tramites iniciais, "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação", tendo ressalva para, nesta discussão, o aspecto 'idade', que conforme a discussão anterior, foi motivo de segregação e desprestígio em diversos momentos históricos. O legislador positivou ainda, no art. 230, ser dever da família, da sociedade e do estado "amparar as 'pessoas idosas', assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida", constando no inciso primeiro que "os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares" (Brasil, 1990).

Mas, ao fazermos o questionamento de "como a sociedade percebe a 'pessoa idosa', temos o seguinte retrato: *“É praticamente parecido com preconceito, sabe, pra mim, isso é isso, quando a pessoa que olha uma pessoa de outra cor ou diferente e faz aquele olhar de desprezo, é igual como quando olha pro idoso. O idoso não fica diferente disso, dá pra perceber. Não é todo mundo mas em muitos casos é. O idoso já é aquela coisa que já passou, que já não serve mais [...] eu pensei nessa resposta porque o preconceito não é só com a pessoa deficiente, não é só com a pessoa de outra cor, o idoso sofre a mesma coisa, a classe mais nova, muitas vezes vê assim, no ônibus, pra dar o lugar, eles olham assim (simulou olhar de desdém, desprezo), e viram a cara, então, é diferente do preconceito? Eu não vejo muita diferença”* (Rio Içá, pergunta 03).

Considerando que **a sociedade não respeita a ‘pessoa idosa’** estão as falas dos Rios Marajó (pergunta 01), Amazonas (perguntas 02 e 03), Jutai (pergunta 03), Solimões (pergunta 03) e Mamuru (pergunta 03). Todos, com exceção do Rio Jutai, trazem a palavra “respeito em seu discurso”. Jutai foi incluso a partir da afirmação de que, dependendo do lugar onde a ‘pessoa idosa’ está, ela é tratada com grosseria. Contraditório mas que agrega ao levantamento, Rio Tapajós atrelou sua alegria a presença do respeito em sua vida *“[...] eu me sinto feliz com uma ‘pessoa idosa’, pelo respeito que eu recebo da minha família, netos, todos me respeitam”* (pergunta 05).

Em uma breve busca sobre o que significa respeito, foi identificado que este é um valor ou uma virtude humana, considerado um dos pilares fundamentais da vida em sociedade, permeando as relações interpessoais e manifestando-se em diferentes contextos, adaptando-se aos diversos níveis de poder e hierarquia presentes nas interações humanas. Nas relações onde

há uma figura detentora de poder superior, o respeito se associa à obediência, como acontece para com as leis e regras institucionais (Equipe..., 2019).

Em cenários de igualdade, a lealdade, honestidade e justiça são valores respeitados, como nas relações afetivas ou profissionais. Já em contextos de desigualdade, o respeito se revela na tolerância e consideração, como no tratamento das minorias, das crianças ou dos idosos. É importante ressaltar que o respeito implica não apenas em não impor a vontade de forma autoritária, mas também em reconhecer a dignidade e os direitos de cada indivíduo, promovendo uma convivência harmoniosa e justa (Equipe..., 2019).

O Rio Solimões considera que, *“hoje, devido à lei, as pessoas respeitam mais, dão respeito, têm mais respeito”*, “dão” “mais” não significa que a pessoa é respeitada, significa que, para ela, melhorou em comparação do que era. Diametralmente oposto, Mamuru afirma que: *“Pra eles, a gente já tá velha (usando de um desdém fonético na palavra velha), antigamente ainda respeitavam as pessoas, hoje em dia tão nem aí, principalmente esses menino novo, eu prefiro nem falar com eles, porque eles nunca recebem a gente direito, eu evito”*. Estas polaridades expressam a diversidade de representações e experimentações variadas de acordo com o contexto histórico de cada pessoa.

Os Rios Tarauacá (pergunta 01), Amazonas (pergunta 03), e Tefé (pergunta 03), trouxeram indicativos de que **a sociedade não valoriza a ‘pessoa idosa’**. *“[...] tem muito menino novo que dá a mínima pro velho, essa garotada acha que o velho já saiu de linha”* (Rio Tefé), acrescentando como agravante a isto que as vezes nem os próprios filhos valorizam esta pessoa. Já os Rios Mapari (pergunta 05), Jutai (pergunta 03) e Içá (pergunta 02), consideraram que **a sociedade despreza a ‘pessoa idosa’**.

Os Rios Amazonas (pergunta 3) e Mapari (pergunta 05), consideraram que **a sociedade percebe a ‘pessoa idosa’ como alguém descartável**. *“A grande maioria trata como uma peça descartável, que está ali só para te dar trabalho, vive doente, dá trabalho, não é produtivo, então, é um ser descartável”* (Rio Amazonas), *“eu fico ofendida se eu estou sozinha num lugar ou então só outro idoso e alguém diz assim ‘deixa pra lá que ele é idoso’. Aí eu digo, ‘poxa, por que a gente é idosa e a gente não pode...’ [...]”* (Rio Mapari).

O Rio Ipixuna atestou que **a sociedade representa a ‘pessoa idosa’ como alguém que “já viveu o que tinha que viver”** (pergunta 03), enquanto que o Rio Jari afirmou que **a sociedade olha a ‘pessoa idosa’ “com maus olhos, tem umas pessoas que, desculpa eu dizer, uma pessoa bem vestida, bem calçada, que tem dinheiro, essas mesmo que vira a cara pra uma pessoa que é simples. Eu percebo muito isso, difícil uma pessoa que tem dinheiro, que tem carro, que ela fale contigo, ela te vê lá no cantinho, com o cabelo branco, ela vem, vem, vem,**

*ela pode falar com o fulano, com o cicrano, chegar contigo, ela não fala, e eu já vi acontecer isso até dentro da igreja. Se eu andar com uma roupa assim, mais ou menos, um sapato mais ou menos, cabelo bem ajeitado e se tiver uma assim, uma mulher mais simples de que eu, sandalinha no pé, uma roupinha bem simples, preste bem atenção, essa pessoa, ela fica ali. Então eu vejo assim, não é a sociedade toda, mas a maioria é. As pessoas se acham. Tudo por causa da roupa, por causa do sapato, eles estão jogando o idoso pra trás, deixando de lado, fazendo como que o idoso não exista” (pergunta 03).*

Em último levantamento deste tópico, temos a fala do Rios Solimões (pergunta 04), Tefé (pergunta 03) e Urucu (pergunta 02), que expressam que **tem pessoas que fazem piada ou não gostam da ‘pessoa idosa’**.

O preconceito contra as 'pessoas idosas' recebe atualmente os nomes "idadismo", "etarismo" ou "ageísmo", e os dados levantados pela OMS apontam que uma em cada duas pessoas pratica atitudes discriminatórias contra a 'pessoa idosa'. A mídia, composta por representações estereotipadas e sub-representação das 'pessoas idosas', contribui para a disseminação do "idadismo" (Organização Mundial da Saúde, 2022).

A discriminação contra pessoas mais velhas é uma realidade constante e sistêmica na sociedade, marcada por falta de paciência, piadas maldosas e deboche, além de poucas oportunidades de inserção no mercado de trabalho e invisibilidade social. Essa prática marginaliza e exclui uma parcela significativa da população idosa, naturalizando o preconceito etário a ponto de muitas vezes passar despercebida (Preconceito..., [2022 ou 2023]).

Estereótipos são reforçados cotidianamente, seja na representação caricata de idosos na mídia ou no uso pejorativo do termo "velho" para ofender alguém, até mesmo na infantilização dos mais velhos. Recentemente, enquanto descansava da escrita, deparei-me com um anúncio de carros em uma rede social que trazia a frase de efeito: "porque tudo que é novo é bom", associando o conceito de "velho" a algo que não é bom. É claro que, ao se tratar de um carro, o ideal é o novo, mas a frase não foi "porque todo carro novo é bom".

O Ageísmo ou Idadismo se manifesta quando a idade é utilizada para categorizar ou dividir pessoas, resultando em desvantagens e injustiças sociais e pessoais, muitas vezes associadas a outras formas de preconceito, como deficiência física, raça e sexo. Essa discriminação impacta significativamente na participação social, na saúde e na longevidade, com evidências apontando que atitudes negativas em relação ao envelhecimento estão associadas a uma recuperação mais lenta das incapacidades e uma redução média de 7,5 anos na expectativa de vida em comparação àqueles com atitudes positivas e maior integração social (Preconceito..., [2022 ou 2023]).

O relatório mundial sobre o idadismo produzido pela OMS em março de 2021 reuniu diversas evidências sobre a natureza e o impacto do preconceito etário, destacando como a pandemia Covid-19 evidenciou estereótipos negativos em relação a pessoas mais velhas, inclusive na alocação de recursos médicos. O preconceito de idade permeia várias esferas da sociedade, afetando a saúde física e mental dos idosos, aumentando o isolamento social e contribuindo para desigualdades financeiras e até mesmo para a depressão (Organização Mundial da Saúde, 2022).

Outro conceito que cabe nesta discussão é o da antropóloga Minayo, que discute sobre o "envelhecimento como problema", referindo-se ao conceito de velhice como uma "carga econômica", que perdura no imaginário social há longos tempos, com escassas exceções históricas, tais como o reconhecimento dos anciãos pelas sociedades indígenas ou dos ricos e famosos no ocidente. Os demais sofrem uma constante discriminação cultural, rotulando-os como "descartáveis" ou "peso social", compondo assim uma visão negativa do envelhecimento (Minayo; Coimbra Jr., 2002).

Minayo destaca ainda que na sociedade brasileira a questão do envelhecimento, por muito tempo, foi tratada como um assunto privado, de caridade pública ou simplificada como uma questão médica. O aumento proporcional de 'pessoas idosas' compondo a nação tem causado impacto nas dinâmicas familiares, gerando mais demandas de cuidados e aumentando assim o que caracterizou como "problemas", referindo-se aos custos sociais, principalmente pelo sistema de saúde (Minayo; Coimbra Jr., 2002).

Segundo a OMS, o "idadismo" pode ainda se cruzar com outros "ismos", como sexismo, capacitismo e outros, ampliando seus impactos cumulativos, resultando em desigualdades ainda maiores ao longo da vida, influenciando a experimentação da vida pela pessoa que sofre tal violência. Esta pode ocorrer de maneira intencional ou inconsciente, baseada em aspectos internalizados e não refletidos criticamente pelo promotor da prática (Organização Mundial da Saúde, 2022).

O preconceito, infelizmente, é praticado, ao passo que afeta tanto os mais velhos quanto os mais jovens. O relatório global destaca que políticas e leis que abordam o preconceito, atividades educacionais que promovem a empatia e atividades intergeracionais que reduzem o preconceito podem ajudar a diminuir a discriminação, investindo em políticas públicas para combater o preconceito, visando proteger os idosos de qualquer forma de discriminação (Preconceito..., [2022 ou 2023]).

A conscientização social e o respeito civil devem ser promovidos através da educação nas escolas, incluindo questões relacionadas ao envelhecimento no currículo. Além disso, é

fundamental uma mudança de atitudes não apenas na sociedade em geral, mas também dentro das famílias, onde os idosos devem ser tratados como adultos maduros, não infantilizados, estimulando uma vida ativa e participativa (Preconceito..., [2022 ou 2023]).

### **3.3.2: Os navegantes vivenciam condições degradantes de ordenamento público**

Contribuíram com dados ao levantamento de que os participantes sofrem devido a condições degradantes de ordenamento público os Rios: Amazonas, Içá, Ipixuna, Jari, Mapari, Marajó, Purus, Tapajós, Tapauá e Tarauacá. Todos esses participantes expressaram, em suas falas, conteúdos que denunciaram graves falhas (para dizer o mínimo) nas prestações de serviços das esferas federais, estaduais e municipais, que deveriam garantir os direitos das 'pessoas idosas'.

Tais levantamentos me soaram surpreendentes, pois não foram estimulados de maneira pontual, mas foram abordados pelos participantes de forma suficiente para construir um subtópico dedicado somente a esta discussão. Este momento definiu minha temática de uma próxima pesquisa. Fiquei bastante motivada a descobrir quais dados teríamos, caso perguntássemos diretamente a estas pessoas sobre as condições cotidianas que atropelam seus direitos.

É válido, neste momento, lembrar das falas dos participantes Rios Amazonas e Purus já abordadas nos tópicos 3.1.1 e 3.1.7, onde discorrem sobre o Programa de Melhoria da Infraestrutura (PMI) promover conhecimento à 'pessoa idosa' através de eventos, palestras e às vezes até conversações entre eles. Eu imagino que, quando alguém sofra alguma condição de maus tratos ou dificuldades, ao compartilhar entre eles no ambiente harmonioso e carinhoso que convivem ali (veremos a discussão dessa afirmação no tópico 3.4), eles próprios transmitam conhecimentos uns aos outros, adquirindo conhecimento através do canal de aprendizagem "colegas", abordado por Illich em seus ensinamentos sobre aprendizagem como pessoas que estimulem a compreensão de algo, que sirvam também como competidores do conhecimento ou questionem algum conhecimento, cooperando assim com a compreensão de um fenômeno (1985).

Os levantamentos trazidos pelos participantes no que tange às perguntas foram os seguintes:

**Gráfico 6 - Conteúdos expressos que demonstram falha na preservação dos direitos e garantias da 'pessoa idosa'**



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Este levantamento não incluiu citações sobre questões financeiras, embora vários transtornos relacionados a isso tenham sido mencionados. No entanto, por motivos éticos, essas questões, mesmo que existentes, não foram transcritas em anexo, pois não foram abordadas durante a entrevista devido à falta de métodos e autorizações para tal demanda.

Vamos iniciar nossa discussão pela **falha na locomoção urbana**, narrando o seguinte caso: Uma das atividades oferecidas pelo PMI é a Hidroginástica, a qual ocorre na piscina sob regras específicas de vestimenta. Os participantes vão ao PMI com suas roupas habituais, dirigem-se ao banheiro e trocam de roupa, guardando suas roupas anteriores em uma bolsa que também deve comportar uma toalha para se secarem após a atividade. Ao terminar a atividade e colocar novamente as roupas anteriores para se dirigirem para casa ou para a próxima atividade, a bolsa agora contém roupas e toalha molhadas, o que representa um peso significativo a mais para carregar.

Uma das participantes, Rio Amazonas, 79 anos, começou a apresentar algumas dificuldades de mobilidade no braço, que se estendiam do ombro aos dedos. Após uma investigação médica, foi concluído que ela não poderia mais carregar uma bolsa suspensa e deveria substituí-la imediatamente por uma com rodinhas para ser arrastada.

Rio Amazonas possui um carro, o que lhe permitiu continuar participando da hidroginástica. Com a mudança na bolsa, ela questionou “[...] *‘para andar com ela na rua?’*, *a gente não tem calçada, aí vai sair arrastando ela por onde? Por isso eu já não ando mais sem o carro [...]*” (pergunta 02). No caso dela, isso não foi impedimento para que ela participasse da atividade por possuir um bem material facilitador e até promotor de sua própria independência, mas e os demais? Quantos não estão em condições similares ou até mesmo estão adquirindo problemas físicos por conta deste peso e sequer têm a oportunidade desta avaliação médica?

Não entra na contagem oficial desta pesquisa, mas um caso me chamou atenção e acredito ser oportuno narrar nesta discussão. No primeiro dia em que eu apresentei a pesquisa, uma senhora aceitou participar, assinou os termos, se mostrou solícita, gentil e "conversadora", nós ficamos algum tempo após a aula fazendo o que eu chamo de "trocando ideia", ela estava feliz com a presença de uma psicóloga no PMI e na turma dela. Após alguns minutos, ela abriu um guarda-chuva e se despediu, uma das colegas de sala dela me cutucou e disse: ela vai andando. Eu não sei a idade dela, mas o estereótipo que construí dela foi de fragilidade, era notório o baixo peso, a curvatura postural, os passos bastante vagarosos, a fala similar aos passos, mas ok, deixei a preocupação de lado e combati tais conclusões vazias.

Passados alguns dias que seguimos nos comunicando normalmente, ela chegou machucada e eu já não a encontrava mais, nem eu nem ninguém. A pessoa que se apresentou a mim não era a mesma, ela pouco falava, pouco se expressava, o semblante agora havia mudado drasticamente, no lugar do sorriso e do calor acolhedor, ela dispensava olhares franzidos e símbolo de "não" com o dedo indicador. As colegas comentavam que ela havia caído no caminho para o PMI e se machucado, havia tropeçado em alguma calçada. Conferi a informação com a professora e procedia. Abri mão da participante com a mesma leveza que iniciamos nosso contato, no final da pesquisa nos despedimos e nos abraçamos, comemoramos o encerramento todos juntos, inclusive ela que já estava recuperada e voltava a esboçar sorrisos.

Essa foi uma história de reflexão, não estou alegando causa e efeito com ela. Vamos focar ao caso que sim, é um dado da pesquisa. O Rio Amazonas, caso fosse impedido de realizar suas atividades, por problemas de locomoção configuraria uma violação de diversos direitos, amparados por leis e normas, dentre eles, dois artigos do Estatuto da 'pessoa idosa':

Estatuto do Idoso, artigo 3: "garante o direito à vida digna, com acesso a serviços que assegurem sua autonomia, participação e integração a sociedade"; artigo 23: "garante o direito à acessibilidade, com a eliminação de barreiras físicas e de comunicação que impeçam a participação plena do idoso em atividades sociais" (Brasil, 2003).

Não é difícil apresentar essa causa na prática em nossa cidade, quem mora aqui sabe, em no próprio local em que eu resido, há um degrau de escada que ocupa a calçada, mas como não foi objetivo de minha pesquisa, e o curso de mestrado passa temporalmente bastante rápido, eu não tenho imagens coletadas para demonstrar as condições de nossas calçadas, porém, espero poder fazer esse levantamento em momento posterior para exposição e publicação.

Um segundo que abordaremos configura uma problemática à lei, **a falha no atendimento preferencial**. O Rio Tapajós atestou o seguinte: “[...] *as vezes a fila da prioridade demora mais do que a dos jovens, às vezes eu não prefiro a prioridade, prefiro a dos jovens, porque a prioridade às vezes tem idoso que ainda vai procurar o documento, não lembra de algo, ainda vai pensar, e o jovem não, anda rápido*” (pergunta 03). Após essa reflexão, comecei a prestar atenção na dinâmica das filas preferenciais em meu dia a dia, e em diversos casos minha pergunta interna foi "prioridade pra quem?"

Não em todos, mas em alguns casos, a fila preferencial definitivamente demorava mais ou até muito mais do que a fila comum, configurando assim, ao meu ver, um esvaziamento da fila comum em relação à fila "preferencial", sendo, portanto, uma prioridade para os mais jovens serem atendidos mais brevemente e não para os mais velhos. A palavra "prioridade" (utilizada para "preferencial" pelos participantes) aparece mais vezes nas entrevistas, alguns atestando que gostam da prioridade, outros questionando uma possível segregação a partir dela, como podemos ver na fala do próprio Rio Tapajós: “*No tratamento, digamos que nós vamos num banco, aí eu tenho a prioridade, já tem aquela divisão, dos novos pros idosos, aí a gente percebe que nós estamos na idade avançada, porque nós temos aquela prioridade, chega no médico, prioridade, sempre tem aquela divisão*” (pergunta03).

Do atendimento preferencial, é garantido atendimento "imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população", tendo como prioridade especial as pessoas com idade superior a 80 anos em relação às demais 'pessoas idosas', promovendo o envelhecimento saudável e a inclusão social dos idosos, preferindo a formulação de políticas sociais específicas e a destinação de recursos públicos voltados para a proteção dessa parcela da população. Não se encerrando nisso, é essencial viabilizar alternativas que promovam a participação, ocupação e convívio intergeracional dos idosos (Brasil, 1994, 2003, 2017).

O dado **falha no acolhimento a ‘pessoa idosa’ por parte da delegacia do idoso** surgiu por parte da fala do participante Rio Marajó: “[...] *tudo se torna difícil para o idoso. Até para você dar queixa... tomar assim... parte de um conhecimento pela delegacia do idoso, se você for, eles não respeitam. Só respeitam se você levar uma testemunha. Se você levar [alguém],*



*tudo bem. Se você for na delegacia do idoso sozinho, eles botam você para assistente social, você não vai direto com o delegado fazer a queixa. Agora, se você levar uma testemunha, aí tudo bem, aí eles botam até o carro da polícia para ir buscar a pessoa. E é assim, tudo é difícil [...]”* (pergunta 01).

Notem que escolhi uma palavra específica para descrever este caso: falha no "acolhimento". O Rio Marajó não se queixou da prestação de serviços, não relatou algum nível de agressão, mas se queixou sobre alguma diferenciação no tratamento percebida por ele. O resultado disso foi que ele não se sentiu acolhido, não sentiu que sua queixa foi recebida com a devida importância que ele estimava, e isso, ao meu ver, é o mais relevante deste levantamento e me poupa de cometer algum nível de injustiça.

Às vezes, uma medida preventiva por parte de nós, profissionais da assistência humana, já nos auxilia a quebrar algumas barreiras, mas porventura há barreiras representacionais que não há compensação que transpasse. Esta demanda será investigada a fundo em trabalho futuro. Foi registrada ainda uma fala que expôs **falhas na segurança pública**. Rio Ipixuna, na pergunta 05, se referindo ao PMI, retratou o seguinte: *“Aqui também está sem segurança, meu carro já foi arrombado, de uma amiga minha foi assaltado aí na frente, a realidade agora desse horário é muito diferente* (a participante costuma frequentar o parque pela manhã e estava excepcionalmente de tarde neste dia para acompanhar uma amiga), *eu me sinto insegura quando eu saio daqui cinco horas da tarde, por que parece que nem guarda tem, o guarda não vai abordar essas pessoas e já teve casos de ameaça aqui, já arrebatam essa grade não sei quantas vezes para poder entrar aqui de noite”*.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023, divulgado recentemente, o Amazonas enfrenta uma crise desafiadora, impulsionada pelo avanço do crime organizado e do narcotráfico. Apesar de uma redução de 9,3% nos índices de violência em 2022 em comparação com o ano anterior, o estado permanece como o terceiro mais violento do Brasil, com uma taxa de mortes violentas intencionais (MVI) de 38,8 por 100 mil habitantes, ficando atrás apenas do Amapá e da Bahia. Manaus, sua capital, figura como a vigésima terceira cidade mais violenta do país, com uma taxa de MVI de 53,4, sendo a terceira mais violenta entre as capitais brasileiras (Assessoria de Comunicação ALEAM, 2023).

Somente no primeiro quadrimestre de 2023, aconteceram 6.821 assaltos na cidade de Manaus, o equivalente a uma média de 77 assaltos por dia. Segundo o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil enfrenta um aumento na média de roubos e furtos. Somente os relacionados a aparelhos celulares representam 2 ocorrências por minuto, havendo um

crescimento de 16,6% nesses tipos de crimes entre os anos de 2021 e 2022, sendo registradas 1 milhão de ocorrências em todo o país no ano de 2022 (Assaltantes..., 2023; Brasil..., 2023).

Outro estudo promovido pelo Centro de Ciência Aplicada à Segurança Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV) revelou que o número de roubos ocorridos é três vezes maior do que os registrados oficialmente nas delegacias do país. Segundo a pesquisa, a taxa de roubo anual é de 2.226 a cada 100 mil habitantes, enquanto a de registros de roubos nas delegacias é de 683 a cada 100 mil habitantes, indicando uma subnotificação considerável (Brasil..., 2023).

Uma condição que me soou curiosa foi a ausência de informações a respeito de roubos e/ou furtos na base oficial infográfica do governo, oferecida pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, de forma que tive que embasar esse levantamento em dados jornalísticos (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023), porém, a SSP-AM forneceu os dados, os quais selecionei para visualização os anos de 2021 a 2023 a fim de comparações:

**Gráfico 7 - Roubos na cidade de Manaus 2021, 2022 e 2023**



Fonte: SSP-AM (2023)

Os números se mostram bastante expressivos: os roubos a transeuntes alcançaram a marca de 23.813 notificações em 2023, enquanto que os roubos a comércios foram 1.468 notificações no mesmo período. Os roubos de veículos diminuíram mais da metade em comparação a 2021, porém ainda atingiram a marca de 1.078 notificações. Em relação ao transporte coletivo, foram registradas 1.309 ocorrências, e às residências, 478 notificações em 2023, este último também teve uma margem de diminuição em mais de 50% em comparação a 2021. Um agravamento a este quadro é que hoje Manaus conta com menos da metade da frota policial mínima necessária para fazer o policiamento da cidade. Outro dado alarmante foi que os casos de estupro no estado aumentaram em impressionantes 37% em apenas um ano (2022-

2023), representando o maior aumento nacional nesse tipo de crime (Assessoria de Comunicação ALEAM, 2023; SSP-AM, 2023).

Esta insegurança é uma realidade bem presente em nosso dia a dia, e ela já é parte da eterna vigilância narrada por Foucault (1987, tópico 1.5). Não foram poucas as vezes que fui chamada atenção por estar com um relógio ou um celular à mostra, alguns com delicadeza, outros explicando grosseiramente que eu serei assaltada e a culpa é minha. No entanto, é um fenômeno bastante comum em nossa cidade. Nossos próprios comportamentos se moldam para nos proteger dessas ocorrências: não costumamos sair à noite sozinhas, sempre estamos atentos a onde estamos, onde mexemos no celular, qual a melhor posição para deixar a bolsa no corpo. Nunca andamos com laptops em ônibus, expostos ou não, os bolsos de nossas roupas raramente ou nunca servem para carregar um aparelho eletrônico, não usamos acessórios caros à mostra, etc. O relógio em questão que citei acima é uma dessas medidas, devido à alta incidência de pessoas me perguntando "as horas" e à baixa confiança de buscar o aparelho celular na bolsa, me adaptei a utilizar um relógio para poder responder a estas solicitações de maneira mais confortável a mim (eu tenho ciência da opção de negar a resposta, mas o mais confortável para mim não seria esse retorno).

Convido o leitor a ir ao PMI às 09h da manhã e depois retornar às 17h da tarde para contemplar o que foi narrado. Tenho esperanças de que a problemática seja solucionada e esse retrato que é exposto aqui seja considerado uma mentira ou um passado. No entanto, a partir das 16:30h da tarde, o parque começa a se encher de uma diversidade grande de pessoas, torna-se veloz e barulhento, o oposto do que é percebido no restante do dia.

Este local de pesquisa foi um local onde me senti bastante acolhida e à vontade. Em diversos momentos, dispus de um tempo para conversar trivialidades com pessoas esporádicas, e em algumas dessas conversas surgiram dados que não são oficiais da pesquisa, mas fazem parte da história atual do local e corroboram com essa discussão. Há uma problemática atualmente nas noites do PMI, o local fica povoado por pessoas em condições de vulnerabilidade social que utilizam o espaço para passar suas noites, e alguns participantes, ao chegarem no local, ainda se deparam com algumas pessoas dormindo por lá. Essa problemática não seria sinal de preocupação se não estivessem ocorrendo algumas depredações ao patrimônio neste período noturno. Um agravante a esta condição, que é de conhecimento público, é que a área na qual o PMI se localiza é fronteira com uma área considerada área de risco ou área vermelha.

O dado levantado neste campo com maior incidência de queixas foi o levantamento de falha no transporte público, contando com falas dos rios Marajó, Mapari, Içá, Japurá, Jari, Purus, Tapauá e Tarauacá, e as queixas envolveram 03 problemáticas.:

**Gráfico 8 - Principais problemáticas no transporte coletivo às 'pessoas idosas'**



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Do direito ao transporte, é garantida a gratuidade no transporte coletivo público para maiores de 65 anos, com exceção de serviços seletivos e especiais. A comprovação da idade é simplificada, exigindo apenas qualquer documento pessoal. Adicionalmente, 10% dos assentos nesses veículos são reservados para idosos. Quanto ao transporte coletivo interestadual, são reservadas duas vagas gratuitas por veículo, com desconto mínimo de 50% no valor das passagens para idosos com renda até dois salários mínimos. É garantida ainda a reserva de 5% das vagas em estacionamentos públicos e privados e a prioridade no embarque no transporte coletivo (Brasil, 1994, 2003, 2017).

Os Rios Marajó (pergunta 01), Mapari (pergunta 05), Içá (pergunta 02), Jari (pergunta 01) e Tarauacá (pergunta 03) não conseguem usufruir plenamente do direito ao transporte, enfrentando assim problemas para se locomover, pois o motorista do coletivo, por diversas vezes, não para ao sinal da 'pessoa idosa', mesmo que esta esteja posicionada corretamente no ponto de embarque e faça a parada antecipada. *“A primeira coisa que você percebe é no dia a dia do coletivo, você faz a parada pro coletivo e o motorista passa direto porque você é o idoso,*

*entendeu (Rio Tarauacá). “[...] às vezes, eles não param para o idoso. Passando das 7 horas da noite, é difícil para a pessoa pegar um ônibus, porque eles não querem parar. De noite a pessoa já faz... a vista... não dá para enxergar de longe, já enxerga quando já vai passando, aí não dá tempo para eles pararem. É assim. A vista fica menor, fica mais difícil de ver os números...” (Rio Marajó, pergunta 01).*

Acredito que qualquer leitor deste trabalho que utilize o transporte coletivo em nossa cidade (mediante pesquisas identifiquei que isso ocorre em outras localidades) já pôde ou poderá contemplar esse fenômeno empiricamente em seu dia a dia. Não é difícil visualizar uma 'pessoa idosa' sendo "invisível" ao motorista de um ônibus. Posso especular os motivos dessa ocorrência aqui, mas prefiro me aprofundar nesta temática em uma próxima pesquisa para não incorrer em erro. No entanto, creio que este não seja um problema tão simples a ponto de ser resolvido apenas com orientações de 'pare para a pessoa idosa'.

Uma problemática configurada como de maior gravidade é o fato dos ônibus não esperarem a 'pessoa idosa' subir, descer e/ou se acomodar no ônibus antes de se movimentar, fazendo com que muitos caiam e se machuquem gravemente. Os Rios Rios Purus (pergunta 03), Içá (pergunta 02), Japurá (pergunta 03) e Tapauá (pergunta 04) colaboraram com dados a este levantamento. “[...] uma vez o motorista fechou a porta e eu não tinha saído ainda, só que eu não caí, se eu tivesse caído talvez a roda tinha passado em cima de mim, eu passei 05 anos sem usar o transporte coletivo, voltei agora por conta do Parque” (Rio Içá, pergunta 02).

Rio Içá teve que passar pelo enfrentamento de um trauma que vivenciou em um transporte coletivo, lidando com isso sem suporte e enfrentando pela necessidade. A participante da pesquisa Rio Japurá não conseguiu responder à pergunta 03, mas já havia me contado que estava machucada pois caiu do ônibus ao descer. Eu visualizei o grande machucado à mostra no joelho dela assim que a vi e, quando oportuno, perguntei o que houve. Esta narrativa ficou gravada e quando ela disse “não sei”, a pergunta 03, eu questionei se poderia narrar o acidente e ela confirmou.

Rio Japurá iria descer no centro, acionou o que chamou de “cigarra” e o motorista parou. Antes que ela alcançasse o chão, ainda com um pé no último degrau e outro no chão, o motorista movimentou o ônibus de saída. Os populares que estavam dentro do ônibus gritaram, mas ela já havia caído de joelhos no chão. Populares da rua a acudiram e o motorista do ônibus seguiu seu caminho normalmente sem nenhum intercurso em seu dia de trabalho. A participante tinha um ferimento aberto e bastante hematomas circundando os joelhos. Rio Purus também narrou que essa situação acontece, denotando certa frequência “[...] as vezes tem gente que cai até da porta do ônibus, que eles nem deixam entrar direito” (pergunta 03).

Com o Rio Tapauá foi diferente, ele afirma que: *“No transporte é meio difícil, eu já peguei uns três apertos na porta do ônibus [...]”* (pergunta 04), o aperto seria quando o motorista fecha a porta do ônibus antes do passageiro subir ou descer e isso eu já vi acontecer também. *“Porque ele não espera?”* Disse ainda Tapauá na sequência, *“sabe que é um idoso, porque ele não espera o idoso sentar?, mas não, ele dá uma arrancada se não tiver segurando, cai mesmo”* (Rio Tapauá, pergunta 04). Essa pergunta, na entonação que o participante fez, ainda ecoa na minha cabeça: *“por que ele não espera?”*.

Sempre ouvi falar um dito popular que aponta três condições que levam a 'pessoa idosa' ao óbito. Traduzindo este dito para termos mais adequados a este contexto, a lista é composta por quedas, problemas intestinais e problemas respiratórios. Pesquisando para o levantamento deste tópico, descobri que quedas são a terceira maior causa de morte entre as 'pessoas idosas'. Rone Carvalho (2024) publicou, através da BBC News, uma pesquisa realizada em 2023 expondo dados alarmantes a respeito disto.

Uma média de 63 idosos buscam atendimento hospitalar diariamente no Brasil após sofrerem quedas da própria altura e desses casos, 19 resultam em óbito. Os dados alarmantes do Ministério da Saúde apontam para um crescimento acelerado desse tipo de acidente no país. Em 2013, foram registradas 4.816 mortes de idosos por queda da própria altura, número que saltou para 9.592 em 2022. Essa triste realidade coloca as quedas como a terceira principal causa de mortalidade entre pessoas com mais de 65 anos, totalizando 70.516 óbitos no período de 2013 a 2022 (Carvalho, 2024).

Em 2022, 33.544 'pessoas idosas' procuraram o SUS para atendimento em decorrência de quedas. Neste mesmo ano foram registrados 9.592 óbitos em decorrência de quedas. Outro retrato exposto pela matéria é que entre os anos de 2000 e 2019 houve 132.209 óbitos em decorrência de quedas entre os idosos, sendo que 17,57% são de pessoas entre 60 e 69 anos, 26,31% entre 70 a 79 anos e 56,12% de pessoas com mais de 80 anos (Carvalho, 2024). Estes dados corroboram a discussão anterior a respeito da infraestrutura.

Uma condição que pode aumentar o risco de queda de 'pessoas idosas' no transporte coletivo é o fato de que as pessoas não cedem mais lugar para que a 'pessoa idosa' se assente. *“[...] esses alunos aí de hoje, dão até a costa e finge que está no telefone só pra não dar lugar para o idoso, finge que está dormindo, vira de costa”* (Rio Tapauá, pergunta 04); *“[...]dentro do coletivo, a pessoa chega e vê que é um idoso e faz assim (simulou olhar para o outro lado), finge que tá dormindo [...]”*, (Tarauacá, pergunta 03).

Este também não é um fenômeno difícil de ser percebido, e facilmente de ser registrado. Em breve, espero ter a oportunidade de fazer esse levantamento. Inclusive, estendo essa perda

cultural não só aos lugares nos ônibus, mas nas filas, nos bancos de espera e diversos outros locais. Se a legislação não atuar por intermédio de um responsável do local ou estabelecimento impondo a preferencialidade ou prioridade, dificilmente vemos o “cidadão comum” se articulando para colocar aquela ‘pessoa idosa’ à frente de si. Embora o Estatuto do Idoso garanta aos maiores de 65 anos o transporte coletivo público gratuito e a reserva de 10% dos assentos para idosos, não há uma previsão legal expressa de prioridade em relação aos demais bancos do ônibus. Contudo, acredito firmemente que existe sim um dever legal de ceder lugar no ônibus para idosos.

O artigo 3º do Estatuto do Idoso estabelece claramente a obrigação da sociedade e do Poder Público em assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, diversos direitos fundamentais, incluindo a dignidade e o respeito. Não seria ceder o assento para um idoso uma forma de garantir esses direitos básicos? Apesar de não ser uma obrigação estritamente legal, é um dever moral, uma questão de cidadania. É uma oportunidade para os jovens demonstrarem gentileza e educação, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e solidária (Munhoz, 2015).

O Rio Purus expos um relato que coletou no PMI, *“Aí chega gente dizendo que foi agredido no ônibus [...]”* (pergunta 03), neste relato ela estava explanando sobre suas próprias medidas para não ser agredida, mas vamos voltar um passo e nos questionar hipoteticamente: eu, enquanto ‘pessoa idosa’, preciso dispor de medidas para não ser agredida no transporte público? Ela se referia a agressões físicas, mas não temos dados de participantes que retratem isto porém, o Rio Jari trouxe um retrato de uma agressão verbal em sua fala: *“[...] as vezes até o motorista chama você de velho, as vezes não gosta porque tem uns que andam devagarzinho demais pra embarcar no ônibus, as vezes é uma dificuldade [...]”* (pergunta 01).

O advogado e presidente da Associação Brasileira da Cidadania Sênior - ABRACS, lançou uma nota em 2017 sobre a criminalidade dos tratamentos que acontecem nos ônibus destinados aos passageiros idosos, atestando que a recusa de motoristas de ônibus em parar para permitir o embarque de pessoas com mais de 60 anos e a falta de espera para que os idosos se acomodem adequadamente nos assentos do veículo constituem atos de violência contra essa parcela da população idosa, demonstrando por meio desta que isto não é uma ocorrência somente em nossa cidade (Freitas, 2017).

Tais atitudes configuram crime e acarretam responsabilização penal por parte dos condutores, além da responsabilidade da empresa empregadora por não fornecer o devido treinamento. Em casos de lesões, a empresa pode ser condenada ao pagamento de danos materiais e morais. A condenação por parte de alguns juízes busca não apenas reparação, mas também a conscientização sobre a importância de garantir a segurança e o respeito aos idosos

durante o transporte público. É essencial que os usuários denunciem tais casos e que as empresas invistam na capacitação de seus profissionais, conforme previsto no Código de Defesa do Consumidor (Freitas, 2017).

Em 2021, o G1 Amazonas fez uma matéria afirmando que "Impedir acesso de idoso e deficientes a ônibus e veículos de aplicativo pode levar à prisão, alerta polícia: práticas discriminatórias podem resultar em até três anos de prisão, além de multa", mas ao ler a matéria, os passos para tal me parecem um pouco complicados de serem seguidos: primeiro, a ocorrência deve ser gravada, depois a empresa de ônibus deve ser acionada, posteriormente, caso a empresa não tome medidas de afastamento e/ou punição do condutor, a pessoa deve se dirigir à delegacia para dar queixa (G1-AM, 2024). Sinceramente, não sei se alguém teria ânimo para tanta burocracia, salvo em situações bastante graves.

Com o crescimento da população idosa no Brasil, previsto para ultrapassar os 30 milhões até 2025, Freitas ainda apela para a necessidade de uma mudança de comportamento e de uma maior conscientização sobre o direito à dignidade e ao respeito no acesso aos serviços de transporte público (Freitas, 2017).

O Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade do Rio de Janeiro, Veras, destaca a importância de reconhecer a velhice como uma questão pública, envolvendo o Estado, o saber científico e as próprias 'pessoas idosas' como agentes ativos na promoção de um envelhecimento saudável e de uma sociedade mais inclusiva (Veras, 2001).

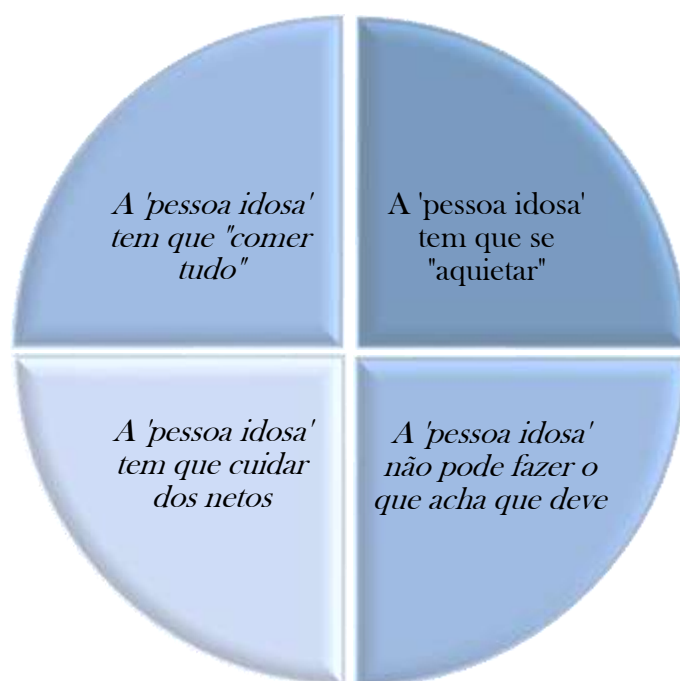
Veras defende essa visão porque reconhece a importância de valorizar e respeitar a 'pessoa idosa' como um membro ativo e participativo da sociedade, observando que a velhice não deve ser vista apenas como um problema individual ou familiar, mas sim como uma questão social que demanda atenção e ação por parte do Estado, da comunidade e da própria 'pessoa idosa'. Ao destacar a necessidade de uma abordagem mais ampla e inclusiva em relação à velhice, Veras busca promover uma mudança de paradigma que reconheça a diversidade, a vitalidade e as contribuições significativas das 'pessoas idosas' para a sociedade, enfrentando os preconceitos e estereótipos, crendo que a valorização e o respeito aos idosos como agentes ativos e importantes da sociedade contribuem para a construção de uma comunidade mais justa, inclusiva e solidária (Veras, 2001).



### 3.3.3: Os outros navegantes são impositivos em relação aos “meus” comportamentos

Contribuíram com dados a este levantamento os participantes Rio Ipixuna, Mamuru, Mapari, Purus e Tefé, trazendo dados que demonstram que a sociedade, as pessoas em geral ou as próprias famílias, tentam controlar a maneira que a 'pessoa idosa' se comporta, expressando suas percepções ou vontades de maneira impositiva em relação a eles. Os dados coletados comportam os seguintes controles:

**Gráfico 9 - Exemplos de comportamentos impostos a 'pessoa idosa'**



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Os Rios Ipixuna (pergunta 01 e 03) e Mapari (pergunta 03), trouxeram falas que expressa que a sociedade percebe a 'pessoa idosa' como alguém que *“tem que se aquietar”* (Rio Ipixuna), *“[...] o filho não deixa sair de casa, [não deixa] fica[r] sozinha porque tá idosa, não pode ir ao banco porque tá idosa, não pode ir ao mercado sozinha porque tá idosa”* (Rio Ipixuna). Expressando uma percepção de que *“[...] o idoso tem que estar em casa, tem que dormir, tem que estar assistindo televisão”* (Rio Mapari), limitando, desta forma, as ações dessas pessoas.

Se voltarmos ao tópico 3.1.1, veremos que vários dos participantes consideraram que a pessoa ficar em casa, sem fazer nada, como representaram “da cama pra rede, da rede pro sofá, do sofá pra cama”, a pessoa adoece, fica dolorida, “entravada”, cheia de dores, etc. “[...] *minhas filhas dizem assim pra mim: ‘mamãe, eu vou botar uma menina pra fazer tudo aqui em casa, não é pra senhora fazer nada, a senhora vá se deitar’, eu: ‘tá (usando tom de ironia) eu não tô doente pra ficar deitada’*” (Rio Japurá, pergunta 04).

Dependendo da forma que se trata a pessoa, e do nível de poder e autoridade que se tem sobre ela, isso desperta sentimentos bastante delicados nessas pessoas “[...] *as vezes a gente quer fazer alguma coisa que a gente não pode, primeiro que os filhos não deixam, você vai mexer em alguma coisa e os filhos já dizem ‘não, não vai mexer nisso aí não’ e a gente se sente assim, que a gente tá inútil [...]*” (Rio Tefé, pergunta 02).

Ora, se a intenção é cuidar dela e da saúde dela, o mínimo de coerência imputa que isso não cause graves danos a ela, é como tentar impedir um machucado no dedo arrancando ele. O sentimento de inutilidade pode levar uma pessoa a desesperança e desesperança a morte, causada ou natural. Esse nível de controle “[...] *foi muito forte no período da pandemia, eu vi muitos com depressão, não podia sair, esculhambavam na rua, a pessoa tava andava indo pra casa e gente gritando ‘tu quer morrer? tu quer morrer?’ , ih, eu vi muito isso no meu bairro*” (Rio Mapari, pergunta 03).

A eterna vigilância descrita por Foucault (1987) entra em ação e forma as pessoas para que elas controlem umas às outras. O uso da idade cronológica como único critério para medidas de isolamento físico pode ser considerado discriminatório, negligenciando as diversas capacidades e necessidades das populações de 'pessoas idosas', ao passo que a representação generalizada das 'pessoas idosas' como um grupo homogêneo, vulnerável e necessitado de proteção na cobertura midiática contribuiu para a promoção do 'idadismo' (Organização Mundial da Saúde, 2022).

O próprio relatório mundial sobre idadismo da OMS citou o impacto que esta tentativa de controle exacerbado causou na pandemia de COVID-19. Além dos impactos devastadores na saúde, principalmente das 'pessoas idosas' e com comorbidades, a pandemia também expôs estereótipos e discriminações contra esse grupo das 'pessoas idosas', com práticas discriminatórias no acesso aos serviços de saúde e a outros recursos críticos à vida (Organização Mundial da Saúde, 2022).

Alguns dos participantes da pesquisa moram sozinhos e gostam dessa condição, guardando profundo apreço pela sua liberdade e privacidade. Eu promovo o seguinte questionamento: quem irá fazer as compras de mantimentos do mês para essa pessoa se não ela

mesma? Estes fenômenos de controle não ocorrem apenas de instituição para pessoas, ele também ocorre entre pessoas e da própria pessoa para consigo mesmo, mediante seus próprios preceitos sobre si e sobre o envelhecimento. As percepções sobre o processo de envelhecimento humano têm um grande poder sobre o comportamento, se partirmos do princípio que Moscovici defendeu em sua tese de representações sociais e do que Bourdieu estabeleceu como poder dos símbolos.

Durante a pandemia de COVID-19, foi observado um aumento significativo nos casos de violência contra os idosos. Enquanto parte do grupo de risco, essa população viu-se obrigada a adotar medidas de isolamento para preservar sua saúde. No entanto, mesmo sendo uma precaução eficaz para conter a propagação do vírus, o distanciamento social resultou em um aumento alarmante de casos de violência contra os idosos em 2020. Segundo dados do Disque 100, canal que recebe e analisa denúncias de violação dos direitos humanos, o número de chamadas relatando violência contra idosos saltou de 48,5 mil em 2019 para cerca de 77 mil em 2020, representando um aumento de 53%. Até o primeiro semestre de 2021, as denúncias ultrapassaram 30 mil. Tal pesquisa aponta que a principal causa deste aumento foi o confinamento no seio familiar, porém, não foram poucos os relatos de 'pessoas idosas' sendo agredidas na rua para que voltassem para casa, presenciando eu mesma a narrativa de alguns destes relatos, inclusive compartilhado por um colega em uma das aulas do curso do mestrado onde discutíamos esta temática.

Um dado curioso sobre a pandemia foi a reflexão que Rio Mamuru trouxe sobre a gripe. Irei destacá-lo aqui apenas para fins de coerência discursiva: *“A gripe antigamente a gente pegava e depois de três dias, pronto, já tava bom, até com banho ele ficava bom, hoje não tem mais isso, a gripe de hoje tá ruim, eu já peguei umas gripes assim que a gente fica assustado, parece que vai morrer, quando me ataca eu vou pro hospital, mas, tirando isso, eu tô bem pra tudo”* (pergunta 01).

O Rio Ipixuna afirmou que a sociedade representa e percebe a ‘pessoa idosa’ como alguém que tem que cuidar de seus netos, das crianças da casa, fazendo uma crítica a isso e colocando seu exemplo pessoal como alguém que se importa sim com seus netos, ama e cuida deles, porém coloca-se a si mesma como prioridade de cuidados e zelos, instruindo que as outras pessoas devem agir assim também (pergunta 03).

Um conflito em um restaurante, presenciado pela participante Rio Purus, serviu a este levantamento de como a sociedade se relaciona com a ‘pessoa idosa’, controlando seus comportamentos, inclusive alimentares. Em uma discussão entre o que ela identificou como mãe e filho, *“[Ela dizia:] ‘meu filho, eu vou passar mal’, [ele dizia:] ‘mamãe, mas a senhora*

*tem que comer que eu comprei a comida', como se o dinheiro dele fosse mais do que a mãe dele"* (pergunta 05).

Trazendo novamente as visões de Veras, ele aborda a 'pessoa idosa' como um sujeito ativo e participativo na sociedade, capaz de redefinir as percepções negativas e estereotipadas associadas à velhice, destacando a importância de reconhecer a diversidade e a vitalidade das 'pessoas idosas', que não se encaixam nos estereótipos tradicionais de fragilidade e dependência. A participante que afirmou que as filhas querem que ela não faça nada participa de atividades e expressa grande vigor (Veras, 2001).

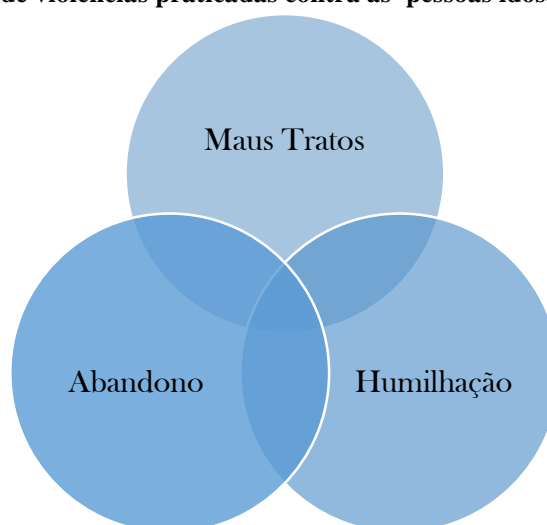
É necessária a mudança do paradigma em relação à velhice em toda a sociedade. No PMI, essa já passou a ser vista como uma fase da vida com potencialidades e oportunidades, em contraste com a visão de outros locais de declínio e limitações, valorizando a participação ativa dos idosos na sociedade, incentivando a promoção do envelhecimento saudável e da qualidade de vida na terceira idade (Veras, 2001).

Não é incomum no PMI ouvirmos os jovens adultos dizerem sobre as 'pessoas idosas': "eles têm mais energia que eu". Eu mesma acompanhava os participantes por um trajeto de aproximadamente 150 metros, da porta de uma sala à outra, e em determinado momento, uma das participantes afirmou que precisava de ajuda para atravessar, pois estava sofrendo de desequilíbrio. No que se apoiou em mim e fomos. No trajeto, eu pontuei com muito gracejo e carinho que na velocidade que estávamos indo, corríamos o risco de cair ambas, pois as passadas estavam sendo produzidas muito mais rápido do que eu estava habituada, ao passo que ela riu e diminuiu o ritmo, explicando que ela sempre andava rápido daquela forma e isso era algo que as pessoas pontuavam a ela.

### **3.3.4: Os navegantes recebem tratamentos violentos**

Este dado foi levantado a partir das falas dos Rios Amazonas, Purus, Solimões, Tapauá e Urucu e foram expressos a partir das seguintes ocorrências:

**Gráfico 10 - Levantamento de violências praticadas contra as 'pessoas idosas' a partir das entrevistas.**



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Conforme já expresse na breve introdução a estes subtópicos, que traduzem uma tempestade nos encontros sociais, há uma comunicação entre eles, complementando-se uns aos outros. Em todos os demais tópicos foram citados dados que configuram violência à 'pessoa idosa', mas neste, serão retratadas a percepção de graves violências por parte da sociedade em relação às 'pessoas idosas'. Nenhum dos participantes se colocou como vítima, mas todos trouxeram retratos do que ouvem nos relatos de convivência.

O Rio Amazonas afirmou que, no Brasil, as pessoas em geral são maltratadas (pergunta 04), enquanto o Rio Purus citou que 'pessoa idosa' por vezes é maltratada até pelos próprios filhos. O Rio Urucu, na pergunta 02 disse que *“tem gente que maltrata a gente”*. Novamente o Rio Purus, (pergunta 01), Rio Solimões (pergunta 03), Rio Urucu (pergunta 01) e Rio Tapajós (pergunta 02), trouxeram o dado de abandono, citando novamente que, às vezes, até a própria família abandona. *“[...] tem neto que eu vejo aí, que nem liga nem pra vó, tô te dizendo, ninguém quer nem saber. Até os próprios filhos mesmo, maltrata”* (Rio Purus, pergunta 01).

O Rio Tapauá (pergunta 04) afirma que por vezes há um descuido com a 'pessoa idosa', uma falta de cuidado, de zelo, de consideração. O Rio Amazonas se apresenta, em diversos momentos, bastante antenado as injustiças e trouxe a narrativa de uma história que apresentou como “muito comum”: *“A vida inteira de luta, a pessoa trabalha, trabalha, de sol a sol, envelhece, às vezes, precocemente, e tem uma vida, também social, meio difícil, casa, separa, tem um monte de filhos, aí o homem sai para comprar cigarro, vai embora, desaparece, aí 20 anos, 30 anos depois vem um velho doente dizendo que é o pai das crianças e a idosa, normalmente já é idosa, é obrigada a aceitar aquela peça de volta, para cuidar e mesmo que*

*ela não queira, às vezes, os filhos se exigem”* (Rio Amazonas, pergunta 01), explicando que percebe isso como uma humilhação.

Ainda acrescenta na pergunta 02: “[...] *eu vi que tem uns que fala para os filhos ‘chegou minha conta de luz minha filha, você paga pra mim?’*, eu acho isso uma humilhação. E a gente ainda escuta assim *‘porra, passa a vida inteira trabalhando e não conseguiu uma aposentadoria nem pra pagar essa luz, isso é uma velha imprestável’*, eu fico calada, porque você fica sentada aqui do lado e escuta, mas eu fico constrangida, eu vou devagarzinho me afastando, acho uma humilhação e uma falta de respeito dos filhos com esse tipo de procedimento, imagina o que essa velhinha está ouvindo e sentindo [...]” (Rio Amazonas, pergunta 02).

Veras aborda a questão da velhice e recursos, destacando a importância de garantir que as 'pessoas idosas' tenham acesso a recursos adequados para viver de forma digna e satisfatória na terceira idade, ressaltando que a falta de recursos financeiros, sociais e de saúde pode impactar negativamente a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos, tornando-os mais vulneráveis a situações de exclusão, isolamento e precariedade (Veras, 2001). Estes dados parecem ser poucos para alguns, mas não custa reforçar que esta não foi a temática deste trabalho, não houve perguntas direcionadas a desrespeito, descasos, maus tratos, desrespeitos, etc. A maioria destes dados foi coletada nas perguntas 02 (como você considera a vida de uma 'pessoa idosa') e 03 (o que você acha que a sociedade pensa sobre a 'pessoa idosa').

Uma nova tendência que tem sido amplamente explorada aqui no Brasil é a nomeação de meses a cores, referindo-se a uma causa, um campo que está em luta pela conquista de seus direitos. Os mais populares são o setembro amarelo, que representa o mês de conscientização e prevenção ao suicídio; outubro rosa, conscientização e prevenção ao câncer de mama; e novembro azul, conscientização e prevenção ao câncer de próstata. Todos os meses há ao menos uma coloração representando uma causa, e junho é considerado o violeta, visando sensibilizar a população sobre a necessidade de combater a violência contra 'pessoas idosas'.

Nestes meses, toda a sociedade é convocada a prestar informações, dentro de suas áreas, a respeito dessas temáticas, participando entidades públicas ou privadas, colaborando seja com pesquisas, divulgações, eventos informativos ou outros. Como parte dessa iniciativa, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania promoveu um destaque para os diversos tipos de violações enfrentadas por essa faixa etária (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023).

Entre os casos mais comuns estão os abusos físicos, psicológicos, patrimoniais, sexuais, o abandono e a discriminação. Apenas nos primeiros cinco meses do ano de 2023, o Disque

100, operado pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, recebeu 47 mil denúncias, registrando 282 mil violações relacionadas a idosos. De acordo com o Secretário Nacional dos Direitos da 'pessoa idosa', reconhecer o tipo de violência sofrida pelos idosos facilita o processo de denúncia e encaminhamento às autoridades competentes. "É crucial que a população esteja ciente das violações mais comuns, saiba como identificá-las e como agir. Sem dúvida, isso fará diferença na resposta às ocorrências", ressalta (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023).

Juliana Seidl, psicóloga especialista em consultoria para longevidade, enfatiza que, mesmo com a idade avançada e a bagagem de vida, os idosos podem carregar traumas de violências sofridas, destacando o desafio de incentivá-los a buscar ajuda. "Esses maus-tratos podem resultar em distúrbios sociais, emocionais, isolamento, sentimentos de culpa, traumas físicos e até mesmo em um óbito prematuro", acrescenta (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023).

De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (2023), as violações mais comuns, possuem as seguintes expressões:

- Violência física: Os abusos físicos podem assumir formas menos óbvias, como beliscões, empurrões e tapas, muitas vezes não deixando marcas visíveis. A maioria das agressões físicas ocorre dentro do ambiente familiar.

- Abuso psicológico: Inclui agressões verbais, tratamento com desprezo, humilhação e restrição à liberdade de expressão, afetando a autoestima e a identidade do idoso.

- Negligência, abandono e violência institucional: Manifestam-se pela recusa ou omissão de cuidados necessários ao bem-estar do idoso, tanto no âmbito familiar como institucional.

- Abuso financeiro: Caracteriza-se pela exploração indevida dos recursos financeiros do idoso, muitas vezes cometida por familiares ou conhecidos.

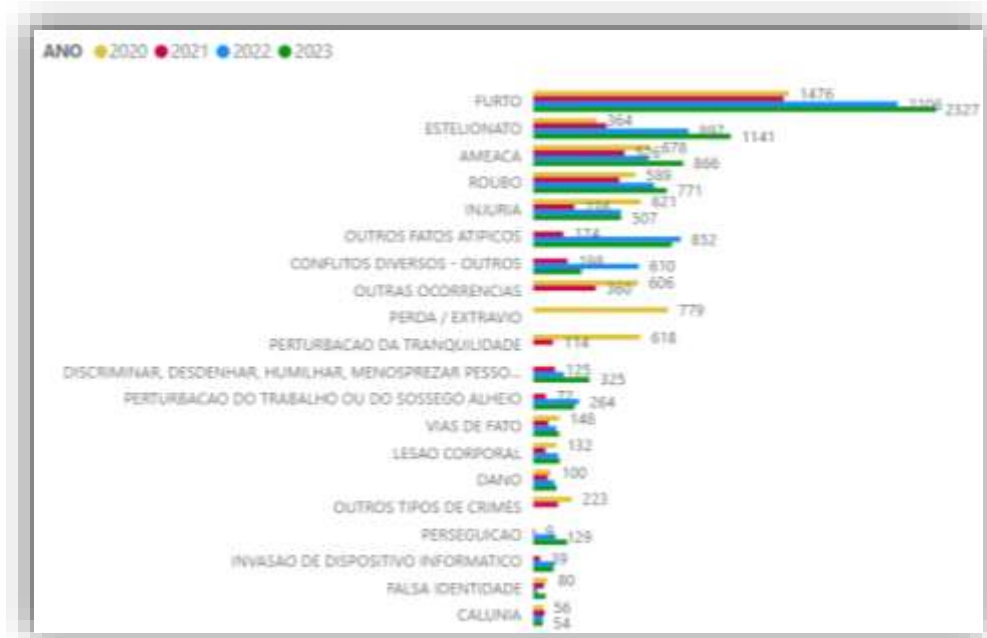
- Violência patrimonial: Envolve práticas ilícitas que comprometem o patrimônio do idoso, como forçá-lo a assinar documentos ou realizar transações financeiras sem seu consentimento.

- Violência sexual: Inclui práticas coercitivas de natureza sexual, podendo ocorrer dentro do ambiente familiar ou institucional, afetando especialmente idosos com limitações físicas ou cognitivas.

- Discriminação: Reflete-se em atitudes ofensivas e desrespeitosas em relação à idade do idoso, prejudicando seus direitos fundamentais e seu bem-estar social.

Os principais índices de violências contra idosos reportados na cidade de Manaus nos anos de 2020 a 2023, informados pela SSP-AM foram:

**Gráfico 11 - Indicadores de crimes reportados contra a 'pessoa idosa' em Manaus**



Fonte: SSP-AM (2023)

Há uma necessidade urgente de políticas públicas e programas sociais que promovam a inclusão social, a segurança financeira, o acesso a serviços de saúde e o apoio emocional para as ‘pessoas idosas’, sendo fundamental garantir que os idosos tenham acesso a recursos que lhes permitam viver de forma autônoma, participativa e saudável, contribuindo ativamente para a sociedade e desfrutando de uma velhice digna e plena. Isso garante que os idosos tenham acesso a recursos adequados para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades que surgem durante o processo de envelhecimento, promovendo uma velhice mais saudável, ativa e satisfatória (Veras, 2001).

No entanto, isso não exclui o papel social individual de cada um em desenvolver melhores posturas para com as ‘pessoas idosas’, cultivar bons valores e princípios para regar as relações sociais ou, ao menos e no mínimo, respeitar as leis que regem nosso país.

### **3.4: Um porto seguro: o parque municipal “das ‘pessoas idosas’”**

Este último tópico foi elaborado com base no sexto questionamento: “O que significa o Parque Municipal de Idosos para você?”. O psicólogo humanista Rogers, já citado



anteriormente, destacou a importância do ambiente facilitador para o desenvolvimento da identidade. Um ambiente que oferece aceitação incondicional, empatia genuína e congruência por parte dos outros promove um crescimento saudável da identidade. Isso porque permite que a pessoa se sinta valorizada, compreendida e capaz de explorar e expressar livremente quem realmente é (Rogers, 2001).

Em uma pesquisa bibliográfica visando definir “em quais aportes científicos da neurociência se baseiam os fatores que contribuem para o envelhecimento saudável”, foram identificados diversos fatores psicológicos, físicos e sociais que desempenham papel crucial na saúde e no bem-estar das ‘pessoas idosas’. Elementos como menor incidência de hipertensão arterial, controle da diabetes, prática regular de atividade física moderada a intensa, redes sociais mais amplas, interações sociais, hábitos de vida saudáveis, moderação no consumo de álcool, situação econômica confortável, níveis educacionais mais elevados, número reduzido de filhos, engajamento em trabalhos voluntários, manutenção dos próprios dentes e a percepção de saúde foram destacados como contribuições positivas. Além disso, foram considerados que, aspectos emocionais como empatia, esperança, resiliência, gratidão, perdão interpessoal, autoafirmação, reconhecimento afetivo, sensação de felicidade, autoestima e autoconfiança, impactam diretamente no bem-estar, autonomia e independência na velhice (Coelho, 2020).

Veras aborda a teoria de Fries, que enfatiza a importância do estilo de vida na promoção do envelhecimento saudável e na ampliação da expectativa de vida. Segundo Fries, as escolhas individuais em relação ao estilo de vida, como evitar o tabagismo, praticar exercícios físicos, controlar o estresse e adotar uma dieta equilibrada, podem influenciar diretamente a longevidade e a qualidade de vida na terceira idade. Veras destaca que a teoria de Fries tem um componente ideológico explícito, que distingue os cidadãos entre aqueles que contribuem positivamente para a própria saúde e para a sociedade, e aqueles que oneram o sistema de saúde por não adotarem hábitos saudáveis. Essa abordagem enfatiza a responsabilidade individual na promoção da saúde e na prevenção de doenças relacionadas ao envelhecimento. Portanto, Veras reconhece a relevância da teoria de Fries ao destacar a importância do estilo de vida na promoção da saúde e na ampliação da expectativa de vida, ressaltando a importância das escolhas individuais na busca por um envelhecimento saudável (Fries, 1987 *apud* Veras, 2001).

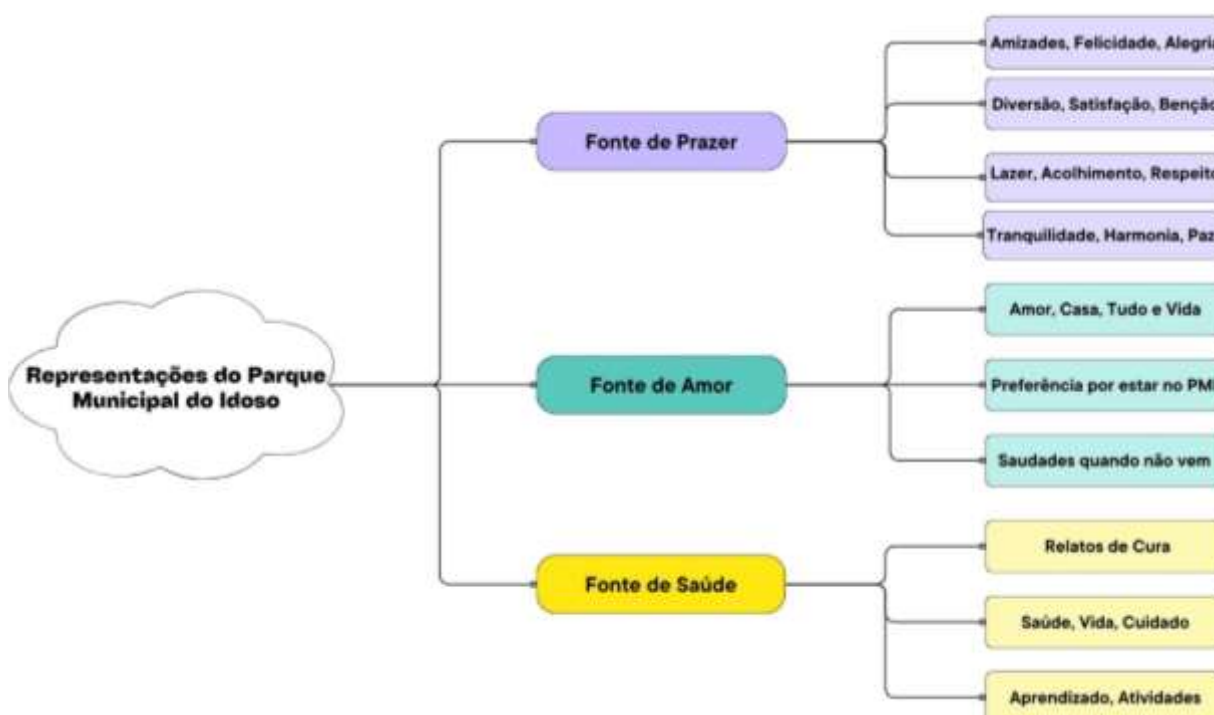
Dentre as linhas de ações para promoção de um “envelhecimento saudável” estão: “promover políticas públicas e alianças para o envelhecimento saudável na Região das Américas”; “apoiar o desenvolvimento de ambientes amigáveis, adaptados a todas as ‘pessoas idosas’”; “alinhar os sistemas de saúde para que atendam às necessidades específicas das ‘pessoas idosas’”; “desenvolver sistemas sustentáveis e equitativos de prestação de cuidados de

longo prazo” e “melhorar a mensuração, o monitoramento e a pesquisa sobre envelhecimento” (Brasil, 2019; Organização Ministério da Saúde, s.d.).

Por meio dos dados coletados a partir da pergunta 6, podemos contemplar que o parque é um desses ambientes que Roger descreveu e contribuem, em alguns aspectos, para a promoção do envelhecimento saudável que Fries através de Veras, a OMS e a neurociência descreveram.

A minha proposta para este tópico foi confeccionar um modelo de gráfico geral com as principais categorias classificatórias ao PMI, descrever os dados, construir uma escrita poética, mesclando falar minhas e falas dos participantes das pesquisas em uníssono como uma narrativa só, contendo dados que componham o que representa o PMI para eles e encerrar com um fechamento.

**Gráfico 12 - Principais Representações do PMI aos participantes**



Fonte: Elaborado pela autora através da plataforma online canva.com (2024).

Foram expressas as seguintes representações:

“Amizade”: Rios Japurá, Purus, Solimões, Urucu, Amazonas, Tefé e Tapauá (todos na pergunta 06); “Felicidade”: Rios Urucu, Tapajós e Tapauá (todos na pergunta 06); “Diversão”: Rios Purus e Amazonas (todos na questão 06); “Alegria”: Rio Purus (perguntas 2 e 6); “Satisfação”: Rio Purus (perguntas 2 e 6); “Bênção”: Rio Madeira (pergunta 06), “Lazer”: Rio

Amazonas (pergunta 06); “Acolhimento”: Rio Urucu (pergunta 1); “Tranquilidade”: Rio Tefé (pergunta 06); “Harmonia”: Rio Içá (pergunta 06); “Paz”: Rio Solimões (pergunta 06); “Respeito”: Rio Içá (pergunta 06) e “lugares relacionados ao PMI tratam muito bem”: Rio Purus (pergunta 03). Todos estes foram inclusos no macro aspecto prazer, contabilizando a categoria:

**O Parque Municipal do Idoso é uma fonte de prazer.**

Foram expressos os seguintes sentimentos em relação ao Parque:

“Amam estar no PMI e não faltam as atividades”: Rios Marajó, Mapari, Tefé, Içá e Tapajós; “Amam estar no PMI e preferem estar no PMI”: Rios Marajó e Jari; “Ama estar no PMI e sente saudade *“quando não tem”*”: Rio Tefé; “Representa o PMI como se fosse sua casa”: Rio Mamuru; “Representa o PMI como se fosse sua segunda casa”: Rio Urucu; “O PMI é *“tudo”*”: Rios Mapari, Mumuru e Jari e “O PMI é *“minha vida”*”: Marajó e Madeira. Todos os levantamentos deste paragrafo foram coletados de dados que constam nas respostas da pergunta 06. Todos estes foram inclusos no macro aspecto amor, contabilizando a categoria:

**O Parque Municipal do Idoso é uma fonte de amor.**

Foram expressas as seguintes narrativas em relação ao Parque:

Relatos reais de cura: Rios Mamuru, Tapajós e Tapauá (todos na pergunta 06); “O PMI é fonte de saúde”: Mamuru e Tapauá (todos na pergunta 06); “O PMI é fonte de vida”: Rio Purus (pergunta 06); “O PMI é fonte de cuidado”: Purus (pergunta 06); “O PMI é fonte de Aprendizado”: Rio Purus (pergunta 1); “O PMI promove atividades”: Rio Purus (pergunta 06); e frequentar o PMI significa “viver sem dar trabalho”: Rio Purus (pergunta 2). Todos estes foram inclusos no macro aspecto saúde, contabilizando a categoria: **O Parque Municipal do Idoso é uma fonte de saúde.**

A seguir consta o texto elaborado a partir das falas dos participantes da pesquisa a respeito do PMI. Cada fala será devidamente sinalizada em parêntese, porém, com a seguinte observação: somente será pontuada a numeração das perguntas quando os dados não corresponderem a pergunta 06, portanto, quando não houver sinalização de a qual pergunta a fala corresponde, subentende-se automaticamente que a referência seja da 06ª questão. Os indicadores de referências serão colocados em fonte 10 para que o leitor possa usufruir de uma leitura sem interrupções e ainda assim possa acessar a referência de quem disse. As pontuações das falas podem ter sido alteradas para ajuste na coerência textual. As falas podem ter sofrido alterações mínimas, somente para fins de ajustes textuais, sem alterar palavras ou estilo, apenas

suprimindo repetições ou alterando o gênero textual quando necessário a coerência desta produção.

### 3.4.1: O Meu Porto Seguro

O Parque Municipal da ‘pessoa idosa’ né, “*o parque precisa ajustar o nome dele... [parque municipal d]a ‘pessoa idosa’. Não é mais ‘idoso’ que usa, [agora] é a ‘pessoa idosa’*” (Rio Solimões, pergunta 04). Eu gostei desse nome, acho que ficou mais adequado a nos representar. Sabe de uma coisa curiosa, “*quando eu era jovem, eu trabalhava. Depois eu fiquei sozinha, sem marido, e eu sempre pensava: como vai ser? Como vou ficar idosa? Se eu não morrer antes, como vai ser?*” (Rio Solimões)

Aí como em um piscar de olhos, eu já estava idosa e eu não estava nada bem. “*Eu tava em crise de asma e diabetes*” (Rio Mamuru), também “*vivia com uma enfermidade no joelho*” (Rio Tapajós) e tive uma “*depressão fortíssima*” (Rio Mapari). Um dia “*eu estava numa clínica, e aí uma senhora perguntou pra mim assim: ‘tu faz atividade?’ e eu disse que não, nunca tinha feito, aí ela disse: ‘menina procura o Parque do Idoso pra ti fazer atividade’*” (Rio Tapajós). “*Eu estava morrendo*”, (Rio Mamuru) eu sentia isso, eu até cheguei a me perguntar “*‘mas eu vou pra lá fazer o quê? Pra quê? Eu não preciso’*” (Rio Mapari), acho que nem esperança mais e tinha. Mas parece que quando a gente não tá bem, a gente topa qualquer coisa. Aí eu decidi e disse: “*‘eu vou’. Comecei a fazer as atividades aqui e começou a melhorar*” (Rio Mamuru), não demorou muito e “*o sofrimento acabou*” (Rio Mapari).

“*Eu penso assim: Deus estava preparando um lugar que [Ele] sabia que hoje, eu ia precisar*” (Rio Solimões). “*Olha, tem vezes que eu fico em casa observando certas coisas. Quando eu fico o dia todo em casa, quando eu levanto, eu tô toda doída, toda travada, é junta, é tudo. E quando eu tô andando por aqui, eu nem sinto nada. Nada, nada*”, nada (Rio Tapauá), “*quando eu faço atividade, eu não me sinto mal*” (Rio Mamuru), “*aqui eu me sinto muito bem, “o parque faz muito bem pra gente e eu me sinto muito feliz por isso*” (Rio Tapauá), aqui eu sinto que “*eu estou em casa*” (Rio Mamuru). “*Se eu não tivesse aqui, eu ia tá fazendo o que lá fora?*” (Rio Madeira)

Aqui “*a gente é acompanhado por médicos, a gente tem a nossa psicóloga também na aula de memória, tudo a gente tem aqui, sabe? Então*” (Rio Purus, pergunta 02), aqui eu sinto que “*a gente VIVE, a gente sai daqui alegre e satisfeito, come bem*” (Rio Purus, pergunta 02), dorme até melhor quando chega em casa.

Eu sinto que aqui a gente é cuidada, que as pessoas têm zelo pela gente, nos olham diferente do que lá fora. *“Até essas pessoas que trabalham aqui, nossa, as vezes elas são de sentar no teu lado e ficar conversando, então isso foi maravilhoso”* (Rio Mapari). Não deveria ser né, acho que poderia ser um pouco mais normal conversar com uma ‘pessoa idosa’, mas não é, na verdade é bem raro quando isso acontece lá fora.

Sabia que aqui tem festas? Nossa, *“quando tem festa a gente vai pra casa todo contente, todo satisfeito, é muito bom”* (Rio Purus). *“Eu gosto de dançar”* (Rio Marajó), E aqui tem várias pessoas que também gostam de dançar, *“e a gente vem para cá”* (Rio Marajó), a gente se encontra e *“a gente brinca, conversa, é aquela folia com as minhas amigas. Eu não conhecia assim muitas amigas, agora já conheço tudinho e é muito bom”* (Rio Japurá).

Ah, às vezes também tem festa ali na Fundação. Esse ano conseguiram juntar as turmas. Nossa, quando *“a gente vai pra festa ali na Fundação Doutor Tomas, é uma animação”* (Rio Purus). E os eventos? *“No evento que teve no dia 12 de setembro, veio a ordem dos advogados, o ministério público”* (Rio Purus) e todo esse pessoal, *“foi muito lindo, foi o dia todinho sobre o que é o direito que a gente tem que a gente nem sabia”* (Rio Purus). Olha o cuidado que eles estão tendo com a gente! De fato *“são eles que tão cuidando [da gente], né? Se não fosse o pessoal do parque fazendo isso pela gente, promovendo esse cuidado, quem estaria?”*

São por esses motivos que eu *“Eu gosto, acho muito bom aqui”* (Rio Japurá), aqui *“tem várias idades, mas a gente tem um entendimento maravilhoso”* (Rio Içá). *“O Parque do Idoso é minha vida, eu não passo um dia sem vir para cá”* (Rio Marajó). *“Quando é domingo eu já estou pedindo a Deus que chegue segunda para mim vir para cá”* (Rio Marajó), e *“quando diz que é feriado? Eu fico é triste”* (Rio Mapari). *“Dá uma saudade quando tem esses feriados”* (Rio Tefé).

*“Não tem um dia que eu falto”* (Rio Tapajós). Quer dizer, *“às vezes não dá, por causa da saúde mesmo, quando eu tenho dinheiro eu ainda consigo vir de Uber, mas quando eu não tenho e tô me sentindo meio ruim, eu não consigo vir mesmo”* (Rio Jarí). Mas sempre *“eu procuro não perder, só se eu tiver doente mesmo ou tiver alguma consulta naquele horário que não dá pra trocar”* (Rio Içá)

Nossa, sabe o que eu me lembrei aqui falando com você?! Do tempo da pandemia. *“Foi muito triste. Nós passamos dois anos sem participar aqui do parque, isso aqui ficou fechado 2020 e 2021. Dois anos. Foi reabrindo em 2022, aos poucos, a gente usava máscara o tempo todo”* (Rio Purus). Sabia que até hoje não voltou a ser como era? *“Uma hora dessa estava cheio de idoso fazendo atividade; tinha o som aqui no lanche; tinha um cantor de música ao vivo. Era muito mais alegre, dava umas cem, duzentas pessoas, todo o dia”* (Rio Marajó, pergunta 03),

“*era muito mais animado, tinha muito mais gente*” (Rio Amazonas), eu sinto falta desse calor humano, mas ainda assim, “*eu me sinto feliz, me sinto muito feliz*” (Rio Tapauá, pergunta 05).

Então quando você me pergunta, o que o parque representa pra mim, uma voz ecoa na minha cabeça, sabe aquela voz de televisão, parecida com a de um locutor quando ele narra um romance? Pois é, ela diz bem assim: “*Ah, muitas coisas, muitas coisas...*” (Rio Tapauá).

“*É minha vida o Parque do Idoso*” (Rio Marajó), “*é minha segunda casa*” (Rio Urucu). O pessoal aí sabe minhas situações, e elas dizem assim: “*se é pra eu estar lá em casa só, que eu venha pra cá que eu tô feliz com as minhas amigas, com meus amigos, meus colegas*” (Rio Urucu). “*O parque pra mim é tudo, depois de Deus é ele*” (Rio Mamuru), a sensação que me dá é de que eu “*cheguei naquela parte que praticamente eu queria chegar*” (Rio Marajó, pergunta 04).

Aqui “*representa paz, representa amizade, amigos*” (Rio Solimões), “*representa tudo, minha saúde*” (Rio Mamuru). “*Pra mim foi uma benção*”. Eu não lembro se eu já disse, mas “*aqui, representa tudo*” (Rio Jari) “*a minha vida é aqui, eu não posso faltar um dia*” (Rio Madeira). Eu peço muito a Deus que isso aqui nunca mude, que essas pessoas sempre continuem buscando forças todos os dias parar virem trabalhar ajudando a gente e para que eu tenha forças e saúde para vir. Para elas, isso aqui pode ser o ganha pão, mas pra mim, é tudo isso que eu te contei.

*Fim!*

Gostaria de encerrar esse tópico com a seguinte reflexão da participante Rio Amazonas: “[...] *os que frequentam aqui o parque, são pessoas que estão mais conscientes do direito que eles tem, do que pode exigir, do que pode fazer e tentando viver, tá chegando no final, mas tá tentando aproveitar parte da vida que ainda resta. Então eu acho que são pessoas que estão se realizando, não são pessoas realizadas, mas são ‘pessoas idosas’ que estão se realizando, fazendo coisas que não faziam antes, ou porque não podia, ou porque era proibido, não tinha condições de ir. Estudar, por exemplo, tem muita gente que diz ‘eu não estudei porque a gente não podia, a gente não tinha escola, a escola que tinha mal ensinava a escrever, ler e assinar um nome que já tava de bom tamanho. Então, ‘eu vou estudar’ (simulando a pessoa falando), nós temos aula de alfabetização aqui, tá cheio de idosos começando a estudar. Então algumas estão aqui, tentando, eu não sei se resgatar a parte da vida, eu encaro isso assim [...]*” (pergunta 02); “[...] *tem gente aqui que vem de manhã e só sai final da tarde a semana todinha, as vezes não tem ninguém em casa, os filhos vão trabalhar, os netos vão trabalhar, não tem ninguém, e a pessoa ficava lá lavando roupa, lavando louça, limpando casa, molhando planta, lavando o cachorro e percebe que isso não é vida para ela e vem pra cá*” (pergunta 03).

## **CONCLUSÃO: Um porto para chegar ou um barco para chamar de lar?**

Iniciar esta última etapa dessa escrita me desperta até emoções. Eu não me lembro da última vez que foi tão desafiador concluir algo por não querer encerrá-lo, mas aqui vamos. A proposta deste estudo de campo foi realizar um levantamento de dados representacionais do que é 'pessoa idosa' para pessoas com 60 anos ou mais frequentadoras do Parque Municipal do Idoso de Manaus, a fim de identificar como se sentem frente a esta classificação e verificar se se sentem representadas por ela.

Mediante a isto, foram construídos métodos e ferramentas, pesquisas e levantamentos de dados, não a respeito do que eu poderia descobrir, mas a respeito dos fenômenos classificatórios e das legislações que permeiam essas classificações. Um ponto muito especial que foi definido ainda no início desta pesquisa foi a abdicação de uma hipótese. Agora, olhando toda a trajetória, vislumbro esta como uma decisão assertiva, pois percebo que hipótese alguma abarcaria todos os dados apresentados nesse extenso mapa.

Em profundo alinhamento com os métodos das ciências humanas, esta pesquisa promoveu um estudo a partir da perspectiva do próprio classificado, permitiu-nos adentrar no universo singular de 18 pessoas classificadas como idosas, nos forneceu retratos atemporais e estatizados. Os dados aqui levantados contribuem para a construção de medidas mais assertivas em relação a este público, traçam rotas de concertos importantíssimos e essenciais de serem feitos, viabilizam a construção de mudanças realmente significativas a este público, nos inspiram a sermos cidadãos melhores, permitem que dezenas de futuras pesquisas sejam traçadas e realizadas a partir desse, nos permitem conhecer e adentrar em universos singulares ao mesmo tempo que são coletivos, nos proporcionam a visualização e humanização do outro, que parece tão longe, mas está a apenas alguns giros solares de nós, nos permitem sonhar em envelhecer em um mundo melhor para as 'pessoas idosas'.

Eu acredito que o conhecimento aqui produzido, somado aos levantamentos de dados da maneira que foi realizado, proporciona uma rica contribuição à década do envelhecimento saudável. Este trabalho desnudou as dores de muitas pessoas que habitam a região norte da América do Sul, e a maioria delas abarca questões de políticas públicas, algumas abarcam as relações afetivas e/ou familiares. Se bem manejadas essas demandas, há uma grande probabilidade de projetarmos uma melhoria na saúde das 'pessoas idosas' deste nicho, assim como disponibilizar mais centros de convivências às 'pessoas idosas' e estimular a frequência das pessoas. Este fator se mostrou primordial para que este trabalho não se tornasse um boletim médico, inclusive na própria percepção dos participantes.

Desde quando eu iniciei meus estudos nas ciências humanas e me familiarizei com o significado de cultura, eu me encantei com o conceito de "teias". Ele se encaixou muito bem e aprimorou o que eu chamava de "universos". Eu sempre considerei, metaforicamente, cada ser como um universo inteiro em razão de sua complexidade, nunca me satisfiz com definições rasas e generalistas e, quando me deparei com a ideia de teias de conexões, teias de significados, eu logo comecei a conectar, representacionalmente, "meus universos" uns aos outros, percebendo o porquê de pontos de encontro e pontos de ruptura através desses entendimentos.

O resultado de como os navegantes percebem a última viagem se teceu como uma teia, um emaranhado de ideias, muitas se cruzando, outras se opondo, algumas complementando-se, outras anulando-se umas às outras, algumas positivas, outras negativas. Nenhuma percebida como uma classificação preposta, ficando claro que todos têm uma representação descritiva e adjetivista da 'pessoa idosa', sem questionar o termo.

Foi bastante libertador poder contar com a interdisciplinaridade dessa pesquisa e apresentar as teorias mediante os levantamentos; do contrário, essa escrita seria consideravelmente mais extensa e bastante repetitiva. O dado mais abarcado neste primeiro levantamento foi a representação de que toda a trajetória da pessoa define sua experimentação. O que a pessoa fez e faz de sua vida define como ela vai experimentar seu envelhecimento. Com esta representação, pudemos inserir o conceito de envelhecimento saudável.

O segundo maior levantamento do que seria a 'pessoa idosa' para os participantes revelou esta pessoa como alguém vítima de prejuízos e limitações; neste momento, pudemos trabalhar as diversas faces do envelhecimento, abordando o que é denominado de envelhecimento biológico e envelhecimento funcional, sempre com base no que o participante trazia de representações.

Conforme exposto na abertura do tópico 3.1, percebeu-se inviável e desinteressante reduzir cada participante a uma única opinião, de forma que, por vezes, o mesmo participante é citado em diversos tópicos. Como explicar isso melhor do que através da representação de uma teia, com diversas ramificações, vertentes, conexões, sólida ao ponto de ser uma casa e frágil ao ponto de reformatar com o vento?! É o retrato ideal da leitura do tópico 3.1, a pluralidade é inerente à existência humana.

A terceira maior categoria representacional é de que, para existir, a 'pessoa idosa' precisa seguir algumas diretrizes de comportamentos e pensamentos específicos. Neste tópico, discutimos o conceito de idadeísmo pela primeira vez no trabalho, e este nos acompanhou até o final de nossas interpretações. Enquanto que a quarta representação mais abordada foi a de que a 'pessoa idosa' é uma pessoa vitoriosa e feliz, explorando um pouco da dificuldade que é a



vida, a correria, a labuta e quão gratificante é, para alguns participantes, ter chegado na parte em que se tem “*uma vida menos corrida [...]*” (Rio Mapari, pergunta 02). Neste tópico, foi trabalhada mais uma variedade de envelhecimento conforme a ciência, o “envelhecimento psicológico”.

A quinta maior representação expressa a capacidade que as pessoas idosas mantêm. As falas oportunizaram discussões, novamente a respeito do idadismo, acrescentando a exposição de uma pesquisa que revela o impacto de uma visão otimista na vida das pessoas idosas em promover a longevidade e da capacidade de manter a plasticidade neural que estas ainda mantêm, conforme descobertas mais recentes da neurociência.

A sexta representação mais abordada refere-se à pessoa idosa ser resultado de um acumulado de experimentações, algumas positivas, outras negativas, que nos remetem, novamente, à teoria do “envelhecimento funcional”. A sétima representação mais abordada faz a primeira exposição positiva do PMI, um local pelo qual vimos no tópico 3.4, os frequentadores guardam muita estima e carinho. Neste tópico, pudemos retomar ao conceito de envelhecimento saudável e expor alguns benefícios percebidos pelos participantes do PMI.

A oitava maior representação expõe um pouco dos conflitos interpessoais e integração, citando algumas problemáticas comportamentais que, por conta de um possível idadismo, foram categorizadas as pessoas idosas pelos próprios pares, caracterizando o que é denominado de autoidadismo.

A nona representação é uma dualidade entre pessoa jovem e pessoa idosa, na qual as pessoas idosas consideram que são melhores que os jovens em questões de autocuidado e preservação da vida. Investigando as afirmações, expus dados que demonstram a coerência discursiva dos participantes, com base em altos índices de mortalidade entre os jovens devido a homicídio, acidentes e a saúde mental.

A décima é um apelo: a pessoa idosa representa alguém merecedora de respeito e paciência. Conectamos essas afirmações à legislação de direitos básicos que rege o Brasil e garante estes princípios, não como merecimento, mas como direito. A décima primeira representação expõe que a pessoa idosa necessita realizar adaptações para que sua experimentação seja bem sucedida, e isso é exatamente o que alguns psicólogos descobriram em suas pesquisas, que a vida, mas principalmente o envelhecimento, é adaptar-se. Abordamos este conceito neste campo.

A décima segunda representação é a representação de que esta viagem é marcada pelos efeitos do tempo no corpo, abordando conceitos do “envelhecimento biológico” e “cronológico”, evidenciando que este processo produz “marcas” externas, porém não alteram a

essência do que uma das participantes denominou de alma. Por vezes, no senso comum não empírico, esperamos que os giros solares provoquem mudanças psíquicas em nós, ledo engano.

A décima terceira maior representação foi de que as pessoas idosas são dependentes e indefesas, dependente de cuidados e atenção de seus familiares. A legislação é citada novamente em seus termos que imputam a família, a comunidade, a sociedade e ao estado garantir a proteção a vida da pessoa idosa e por extensão minha, a qualquer pessoa.

O décimo quarto levantamento expôs a representação de que a pessoa idosa é uma pessoa livre, uma exposição promovida pelos Rios Amazonas e Mapari que poderia ser facilmente confundido com um discurso de Simone de Beauvoir, tamanho alinhamento discursivo de ambas, expondo os alinhamentos delas, podemos contemplar a libertação das normatividades de gênero impostas pelo poder do símbolo "mulher", citando também neste campo, Bourdieu.

O décimo quinto e penúltimo levantamento expôs a representação de que a pessoa idosa é uma sobrevivente, reforçando a dificuldade que a existir impõe, os desafios de se chegar a velhice principalmente em um país onde os direitos e garantias são uma luta intensa. Butler usa exatamente dessa expressão, sobreviventes para falar das pessoas idosas, representando alguém que superou inúmeras adversidades ao longo da vida.

Por fim, o décimo sexto levantamento retrata a resistência ao envelhecimento, discurso também encontrado e sinalizado neste encontro, em Debert que traz o envelhecimento como problema social em diversas sociedades, levando a negação e diversas tentativas de modificar as premissas do envelhecimento.

Além da percepção de uma teia de significados entre universos, este primeiro levantamento me promoveu, ao menos, a possibilidade da construção de 17 artigos, um para cada levantamento. Neste trabalho, os autores foram cautelosamente citados evitando repetições exaustivas do mesmo para que a leitura não se tornasse extremamente desgastante, mas ao produzir um material separado, trabalhei os mesmos conceitos diversas vezes.

Os conceitos teóricos abarcados nesta etapa do trabalho são conceitos bastante alinhados com a realidade e representam o todo, a pluralidade, não só das representações, mas também das experimentações é bastante evidente ainda que para um grupo consideravelmente homogêneo, pessoas idosas que frequentam o PMI, imaginemos a extensão disso para além destes muros?! Uma coisa é certa, não está dado por encerrada a análise promovida neste primeiro campo.

No tópico 3.2 foi discutida a imposição do termo pessoa idosa em relação à representação que eles têm por si próprios enquanto pessoa idosa ou não. Nesta etapa da

discussão incluímos a antropóloga Maria Cecília Minayo e seu livro *Antropologia e envelhecimento com o conceito de envelhecimento problema* e o Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade do Rio de Janeiro, Renato Veras e sua vasta pesquisa sobre o processo, a diversidade e a necessidade de respeito e consideração ao processo de envelhecimento humano, retomamos também as teorias de poder.

Este tópico gerou 04 categorias de análises, como os participantes percebem, que deveria ser a divisão de classe pessoa adulta para pessoa idosa. A maioria introjeta bem a divisão nos 60 anos de idade, seguido por um empate entre pessoas que percebem a pessoa idosa a partir dos 70 anos e pessoas que consideram o próprio processo de envelhecimento relativo. Somente uma pessoa considerou que a divisão deveria ser aos 65 anos.

As pessoas que consideraram que a divisão adequada seria aos 70 anos o fizeram com base em preconceitos ao termo pessoa idosa, tais como definir a idade com base em algum desempenho em "namorar" ou na presença de dores, imputando a pessoa idosa a presença de consideráveis declínios e definindo idade para estes ocorrerem, tais medidas foram rebatidas com os pesquisadores que realizaram estudos a respeito da sexualidade no envelhecimento, condição inestimável à saúde na terceira idade, indo muito além do ato sexual em si.

Esta homogeneização dos corpos não deve ser reforçada por quem produz conhecimentos sobre eles. A condenação dos seres por uma opinião equivocada também não é meu caminho, após me aprofundar nos estudos sobre a cultura que nos circunda, nos define e nos direciona, eu, já anteriormente encantada pelos direitos e diversidades, me apaixonei ainda mais pela prática das virtudes de respeito e honra às expressões da vida, humana ou não.

Quando relativizada a idade da pessoa idosa, foram levantadas argumentações empíricas a respeito do "envelhecimento funcional", este é inclusive reconhecido pela OMS como fator de grande relevância para definir os moldes cronológicos individuais do envelhecimento da pessoa. Baseado na quantidade e qualidade do trabalho produzido ao longo da vida, a função exercida pela pessoa tem o poder de modificar seu corpo, alterando o impacto dos anos às suas funções, gerando prejuízo e declínio entre pessoas que trabalham em condições insalubres ou de intensa energia, contando inclusive com o reconhecimento jurídico deste fenômeno e a exposição de um parecer de um desembargador a respeito dessa temática.

Uma participante trouxe representações similares ao que demonstra a teoria europeia abordada por Minayo, de que existem níveis de envelhecimento, expressas na teoria por terceira idade, quarta idade e quinta idade. Essas comparações pontuais me remontam à teoria de Moscovici, que aborda a forma de adquirirmos nossos conhecimentos, considerados senso comum, com base em teorias científicas de uma maneira inconsciente e não intencional.

A participante que referiu-se a 'pessoa idosa' como aquela portadora de 65 anos ou mais afirmou isso em tom de “não sei”, mas nos remonta à própria divisão da OMS que considera 'pessoa idosa' como aquela 60+ em países em desenvolvimento e 65+ em países desenvolvidos, evidenciando a luta pela sobrevivência como algo que impacta diretamente nas reações de nossos corpos.

Na penúltima categoria deste tópico temos o levantamento de dados a respeito de quem e se se consideram 'pessoas idosas' e, a marca de 83% dos participantes se consideram 'pessoas idosas' e os 17% que não se consideram não se ofendem caso sejam tratados por essa denominação, porém, alguns fariam ressalvas sobre seus funcionamentos, novamente baseado em um estereótipo da 'pessoa idosa'.

Este último dado é bastante interessante se pensarmos nas rivalidades registradas por alguns autores entre psicologia e sociologia. Um psicólogo assim que ouve alguém falar “eu não sou uma ‘pessoa idosa’” remete-se imediatamente ao mecanismo de defesa “negação”, teorizado e ensinado por Freud quando, nas ciências humanas, lemos Foucault que nos ensina sobre as palavras e as coisas, e chegamos a Bourdieu que nos traz o ensinamento dos símbolos e seus poderes e, nos poucos psicólogos que resolveram arriscar uma aproximação, temos Moscovici nos alertando de que precisamos pensar nos símbolos sim, mas também nos seus signos, nas suas representações, nos seus significados.

Inclusive, foi-me imposto levantar dados que corroborem com a negação ao processo de envelhecimento e sim, esse dado surgiu, lá no tópico 3.1.17, quando uma participante trouxe esse retrato, porém, meu lócus de pesquisa foi propositalmente um Parque Municipal de Idosos, pois eu queria um público que já tivesse o termo introjetado em si, para não correr o risco de um desencontro ou uma ofensa mediante perguntas que pudessem feri-lo caso ele tivesse uma problemática emocional muito intensa com o termo.

Quando as participantes me disseram que não eram 'pessoas idosas' e eu me aprofundei no assunto, descobri que elas não estavam negando o seu processo de envelhecimento, elas estavam negando um processo de adoecimento, isso remete a uma má significação do que é uma 'pessoa idosa' e não a um mecanismo de fuga da realidade. Eu consegui fugir e vencer a imagem primeira de minha formação inicial e percorrer novos caminhos e novas imagens, mais alinhadas ao meu ideal de pessoas enquanto universos singulares e relativamente similares.

Na última categoria deste tópico, sondamos como o participante se sente caso seja chamado por 'pessoa idosa'. Todos se apresentaram solícitos ao tratamento, alguns com algumas ressalvas conforme já citado e muitos consideraram que tratamentos sem violência são válidos,

mas, quando com violência, aí já é desagradável para eles, cada um reagindo à sua maneira. A terminologia “velho” foi abordada como tratamento violento por alguns dos participantes.

Estes dois tópicos nos trouxeram os resultados dos objetivos específicos dessa pesquisa, mas os levantamentos não se encerraram por aí. O próprio objetivo geral poderia ser dado como levantado a partir destes, mas eu queria me aprofundar, queria ir além, então adentrei em campos sociais, discutindo a respeito da sociedade para com a 'pessoa idosa' e os pesquisados para com o PMI.

O tópico 3.3 foi o mais impactante aos meus olhos. Ao questionar sobre o que os participantes percebiam que a sociedade pensava sobre eles, não houve dados suficientes para uma análise positiva desta relação. Todos os que abordaram aspectos positivos foram seguidos de “mas” ou eram expressos em tons de dualidades opostas, como “tem uns que tratam bem, outros tratam mal” ou descrições que consideram que hoje em dia está um pouco melhor em x aspecto, porém ainda evidenciando que não está bom.

A análise dos dados do tópico 3.3, que seguindo a metáfora da vida como uma viagem de barco, foi denominada de “tempestade” gerou 04 categorias de análises, evidenciando a presença de tratamentos indignos, tais como falta de respeito, falta de consideração, desprezo, dispensando piadas, a alguém que consideram por vezes descartável, alguém que já viveu o que tinha que viver, alguém vista com maus olhos.

Foi oportuno neste momento trazer um pouco do contexto histórico da divisão da 'pessoa idosa' que por vezes foi segregada, afastada da sociedade para que a mesma não visualizasse a miséria do outro. Esse comportamento é produzido até hoje institucionalmente e pessoalmente pela maioria de nós e este sim, remonta a negação descrita por Freud.

Quando não queremos abrir nosso aplicativo de banco com medo de ver nosso saldo, não queremos ligar um jornal com medo de ver as notícias, quando não queremos ir a determinado bar ou restaurante em determinada região pois existem muitos pedintes ou muitos animais em condições de rua e aquilo me machuca ou me entristece, quando colocamos toda uma parte indesejável aos olhos em uma separação de mim, aí sim negamos nossas realidades e não nos oportunizamos assumir uma postura de enfrentamento.

A 'pessoa idosa' merece ser vista, as pesquisas precisam continuar, os órgãos precisam apoiar e chamar a causa, o corpo acadêmico deve se atentar a seu próprio futuro e construir lençóis para cobrir suas próprias camas. Os estudos de Minayo de envelhecimento problema e o idadismo foram aprofundados neste momento da pesquisa, a conscientização é emergente e as atuais iniciativas em nosso estado estão no limite, quando não passado dele, do suportar de participantes, é preciso expandir.

A segunda maior categoria que foi possível visualizar neste levantamento foram problemáticas em relação aos serviços públicos. Uma informação que já foi citada, reforçada e agora ressaltada novamente é de que não houveram questionamentos diretos quanto a qualidade dos serviços públicos, mas estes dados emergiram de forma orgânica, de perguntas que estimulavam o participante a falar da vida das 'pessoas idosas', da sociedade para com as 'pessoas idosas'. Em nenhum momento questionou-se diretamente sobre os desafios enfrentados por essas pessoas.

Este fenômeno foi o principal motivo de não apresentar os dados coletados nessas categorias em porcentagem, em um segundo momento, quando eu fui me aprofundar nestes termos, trabalhei especificamente na coleta de problemáticas e desafios enfrentados para então apresentar porcentagens.

As problemáticas em relação aos direitos e garantias básicas apontaram para falhas nas condições básicas a locomoção urbana por conta das estruturas de nossas calçadas ou, acréscimo meu, a falta delas. Falha no funcionamento do atendimento preferencial, onde, por vezes, demora mais que o atendimento disponibilizado aos mais jovens. Falha no acolhimento por parte da delegacia do idoso. Falhas na segurança pública do PMI e graves falhas no transporte público para com a 'pessoa idosa', promovendo até lesões corporais a estes.

Não é segredo que as calçadas de nossas cidades são uma problemática, não somente, mas prioritariamente para as 'pessoas idosas' e pessoas com deficiências. Quem nunca caiu por um tropeção em alguma elevação ou buraco em nossas calçadas se prontifique, pois eu mesma até recentemente fiz um grande ferimento no joelho e no ego devido a uma dessas quedas.

Uma pessoa, dos 18 participantes da pesquisa, e uma segunda que seria uma participante, mas não deu procedência a sua participação, estavam feridas devido a quedas, ambas na rua, uma devido a alguma alteração abrupta no nível do chão e outra devido ao ônibus ter se movimentado no momento em que ela estava descendo deste.

Os dados coletados e apresentados na pesquisa nos apresentam a queda como o terceiro maior causador de óbitos entre as 'pessoas idosas'. Será que haveria alguma maneira de fazer com que a sociedade reflita sobre seus atos, indiretamente, poderem matar alguém? Perdão a dureza do termo, mas essa discussão não me parece maleável a cordialidades no trato. Educação e respeito sempre, mas é difícil relativizar as construções criminosas de escadinhas ou rampas nas calçadas, os motoristas que não esperam seus passageiros estarem em segurança para se locomover e as ausências de fiscalizações e punições.

Eu já articulei uma parceria com um acadêmico de direito que tem o mesmo campo de estudo que eu, para expandirmos estes levantamentos e começarmos a nos articular,

inicialmente por meio da pesquisa e posteriormente nos dirigindo aos órgãos fiscalizadores, visando promover, no mínimo, uma conscientização e uma melhoria na fiscalização e quem sabe, chegarmos a promover inspirações a mais pesquisadores, fecharmos mais parcerias e promovermos uma real mudança.

A terceira categoria deste tópico revelou imposições comportamentais impostas às 'pessoas idosas', retomamos as práticas indiscriminadas do ageísmo, aos abusos dos poderes simbólicos e as pesquisas de Veras. Conteúdos revelando que a sociedade percebe a 'pessoa idosa' como alguém que “tem que se aquietar”, tem que ficar descansando, sentada ou deitada, não pode fazer o que quer, tem que ficar em casa cuidando dos netos, tem que comer a quantidade que o filho estipula, foram expressos nesse campo como práticas impositivas.

E eu te pergunto: precisamos ir longe para visualizar estes fenômenos? Eu mesmo não. Já presenciei e até percorri em algum momento alguns desses pensamentos. Nossas medidas de cuidado para com o outro por vezes são agressivas e tóxicas. Não pretendo banalizar as adaptações e cuidados necessários a 'pessoa idosa' nessa pesquisa, seria negligência e até criminoso de minha parte, mas ao dizermos que uma 'pessoa idosa' não deve subir em um telhado, lhe soa correto? E aí eu te pergunto, qualquer pessoa deveria estar subindo em um telhado sem proteção? E aprofundo ainda mais, se a 'pessoa idosa' em questão demonstrar vigor e aptidão, com as devidas proteções, ela não poderia realizar tal atividade se fosse de sua vontade? São perguntas para reflexão, assim como várias expressas neste trabalho.

Pude perceber por meio deste tópico que as imposições familiares são uma problemática. Mas não por meio dessa pesquisa, e sim por meio de meus estudos anteriores, tenho ciência de que o autoconhecimento, o autocuidado e o amor próprio são pouco cultivados em nossa sociedade.

Uma premissa que todo esse trabalho me fez refletir é que nada é tão simples ao óbvio de ser resolvido. Vou expor novamente minha experiência pessoal para argumentar, meu vizinho de 98 anos não tem o mínimo apreço por sentar com as pernas para o alto. Se alguma das filhas não o orienta ou às vezes até manda que ele levante os pés um pouco, ele não o fará de maneira espontânea, sentirá dores, terá dificuldades para dormir, e tomará remédios.

Este trabalho não abarcou uma ILPI, mas meu TCC sim, e por vezes via as cuidadoras negociando incansavelmente medidas de autocuidados básicos, principalmente as 'pessoas idosas' acamadas, nunca forçando a nada, mas sempre negociando com eles as permissões para os cuidados. No ambiente doméstico geralmente há uma baixa disposição para a negociação e um ímpeto a ordenança, haja vista que, na maioria das vezes por coerção, ela funciona.

Os delineamentos das relações nunca são tão óbvios, tudo está refém das personas envolvidas e todos os seus aspectos, físicos, psíquicos, sociais e por vezes, espirituais. Mas tudo se torna mais claro as solicitações esdrúxulas, de que a 'pessoa idosa' não pode fazer nada, de que esta pessoa deve cuidar dos netos, de que essa pessoa deve comer a quantidade que o cuidador ordenar, estes dados foram apresentados pelos participantes da pesquisa, a maioria a partir de experiências pessoais.

Nesta categoria a pandemia apareceu, desde a época em que ela estava instalada em nosso país eu visualizava a problemática imposta às 'pessoas idosas' que moravam sozinhas, que não tinham uma rede de apoio, que dependiam de sua "caminhadinha" para manter a sanidade e, uma das participantes trouxe exatamente esse retrato, os xingamentos e ofensas que ela presenciou de pessoas que queriam controlar o local que esta pessoa estava à força. A própria OMS colocou em seu relatório mundial sobre o idadismo dados referentes a isso e acrescentou informações a respeito do descaso dos sistemas de saúde para com as 'pessoas idosas'.

No levantamento desta tempestade, a categoria violência, tendo como descrição o fato das 'pessoas idosas' passarem por maus-tratos, humilhações e muitos sofrerem abandono por parte, às vezes da família, às vezes da comunidade, às vezes do estado. Os dados de violência contra a 'pessoa idosa' vêm crescendo ano a ano, isso pode estar relacionado ao fato dos levantamentos serem realizados em números absolutos e não em percentuais. Me deparei com diversas reportagens que atestam rasamente que isso se deve a maior confiabilidade das pessoas aos números disponíveis no disque denúncia, eu me sentiria mais estimulada a crer nisso caso visualizasse o que os levou a informar desta maneira, pois o sistema não mudou. A delegacia do idoso registra a queixa, mas não recolhe o agressor nem remove o agredido imediatamente, na maioria dos casos.

O mês de junho é o mês da conscientização da violência contra a 'pessoa idosa', apesar de haver esse campo específico de análise neste tópico, todos os demais levantamentos configuram violência. A fala da entrevista extra resume bem todo este levantamento. A professora de 'pessoas idosas' entrevistada, que convive com eles todos os dias vai além de suas funções, exercendo o papel de ouvinte e amiga. Antes mesmo dessas categorizações, ela narrou sua resposta à pergunta "O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma 'pessoa idosa'?":

*“Eu vejo que ainda falta muita coisa em relação ao idoso, porque a gente vê quantos idosos que a família despreza. Infelizmente os dados comprovam, e se você for na delegacia do idoso você vai observar que são as pessoas que eram para proteger, que eram para cuidar, são os que maltratam. E eles sofrem vários tipos de violência, psicológica, física, financeira... e a gente vê realmente um índice muito alto. Infelizmente ainda tem muito isso, da falta de cuidado*



*da família, existe muito desprezo. Uma pessoa que a vida toda se dedica a um filho e são abandonados pela família. Em relação à sociedade eu acho que ainda precisa muito ser trabalhado um outro olhar, tem pessoas que realmente têm a questão da discriminação, do preconceito. Quando a gente trabalha esse tema na sala de aula eles falam, se você perguntar 'você já sofreu algum tipo de discriminação, de preconceito?' eles falam 'já'... dentro do ônibus, inclusive até por conta de estudar, falam, 'papagaio velho não aprende mais', aí eles respondem 'aprendem sim'. Então eles sofrem e eu acho que como um todo, precisa realmente ter um outro olhar, a sociedade precisa desse olhar com mais uma relevância, de mais respeito, em todas as questões, uma fila de banco... porque eu fico imaginando que direito é esse da sua prioridade, que a fila do idoso é muito maior do que a fila normal? Para mim a prioridade deveria ser do idoso chegar e já avançar, qualquer fila. Tem questão do sistema de saúde também. Mas o ruim mesmo é em relação aos ônibus, aqui mesmo aconteceu vários casos, inclusive esses dias agora, aconteceu um caso que o idoso se machucou... existem muitos desses casos. Eles falam que o ônibus passa, quando só tem idoso eles não param, mas quando tem uma novinha eles param. Então a gente vê assim, olhando assim, de modo geral, que realmente ainda deixa a desejar muita coisa” (Entrevista extra, Anexo 06).*

Por fim, que o porto seguro PMI, o lugar de prazer, amor e saúde, o acolhimento e o oásis que promoveu e manteve a vida de muitos, não mude para pior, mas sim melhore, aflore, cresça, expanda; que nunca piore, pois o papel deste local é dar, promover e manter a vida. Eu já me encantava com a ideia de ocupar-nos, dentro de nossas limitações, no experimentar da 'velhice'; agora, tenho provas de que meu encantamento me direcionava intuitivamente às medidas e pesquisas mais alinhadas à retidão, à longevidade.

Novamente, as falas da professora vêm agregar nestas considerações: *“Tem gente que entrou [ , no PMI] de cadeira de roda, começou a fazer as várias atividades físicas, que passam a voltar a andar. A pessoa chega aqui com a autoestima lá embaixo, quando a gente vê, ela diz: ‘aqui é minha casa, aqui é minha vida, eu preciso disso, se eu ficar em casa eu adoço mais’, então assim, é maravilhoso. Sinceramente eu sou uma pessoa encantada e realizada na minha vida profissional, eu não me arrependo de ter trilhado por esse caminho, trabalhar com pessoas da terceira idade foi algo que veio no meu coração e eu louvo a Deus por essa oportunidade. Hoje a qualidade de vida para eles, são oportunidades que eles não tiveram quando eram mais jovens. Quando eram crianças eles moravam em um lugar que não tinha escola, todos tiveram que casar, cuidar dos filhos, criar os filhos, educar os filhos... a gente vê pessoas que os filhos são formados e eles não. Então o parque do idoso vem com um resgate. A gente não falava em idoso antes em relação a educação, falava em educação de jovens e*

*adultos. Uma vez me perguntaram para que que o idoso ia estudar já nessa idade, na hora veio a resposta: 'olha, a criança, ela estuda por futuro e o idoso é pelo aqui e agora'. Porque a maioria deles tem dificuldade de pegar o ônibus, às vezes não assina o nome, são coisas básicas do dia a dia. É por isso que a gente trabalha coisas bem corriqueiras e cotidianas, uma lista de receita, uma lista de fazer o rancho, coisas que eles já vivenciam, que eles têm contato e que contribui para a vida deles” (Entrevista extra, Anexo 06).*

Inclusive, a proposta inicial deste trabalho era evidenciar quais medidas promoviam uma experimentação de uma melhor qualidade de vida no envelhecimento. Este dado se deu de maneira consequencial a este fazer por meio do questionamento solicitado pelo locus de pesquisa "o que o PMI representa pra você", estando as respostas profundamente alinhadas com os conceitos de envelhecimento saudável, envelhecimento ativo e longevidade.

Eu já costumava orientar pessoas que me buscavam para auxiliar sobre o que fazer com seus familiares idosos em x ou y questões. Na maioria dos casos, estimular a pessoa a refletir sobre as rotinas que eles têm tido e os tratamentos que têm sido dispensados a eles, ensinando como se colocar no lugar deles, faz com que as demandas sejam solucionadas organicamente, sem muita dificuldade para que a pessoa compreenda onde ela deve mudar/melhorar. O 'idoso' é uma pessoa que, assim como quaisquer outras pessoas, precisa viver, precisa se mover, precisa se interessar pela sua própria existência caso queira experimentar uma boa condição de vida em sua velhice.

Esta pesquisa cumpriu com seus objetivos, findando com as seguintes descrições: o termo 'pessoa idosa' é uma teia complexa que abarca uma quantidade indeterminada de representações. 83% dos participantes se consideram uma 'pessoa idosa'. Nenhum dos participantes se sentiria violado caso fossem tratados pela nomenclatura 'pessoa idosa'; muitos pontuaram que o que os ofende são os tratamentos violentos e citaram 'velho' como exemplo.

O objetivo geral englobou estes resultados supracitados e muito mais. Ser uma 'pessoa idosa' representa estar à mercê de uma pluralidade de fenômenos, começando pela idade que influencia toda a experimentação corporal. Considerar que a partir dos 60 anos mantém-se uma linearidade de experimentação não representa a realidade apresentada neste levantamento. Diversos participantes afirmaram, principalmente os de mais idade, que quanto mais giros solares em relação à Terra, mais impacto isso tem na experimentação do corpo.

Ser uma 'pessoa idosa' é estar à mercê de todas as outras pessoas à sua volta, mas isso não é um mérito do envelhecimento humano, é uma condição arraigada à dependência de ter que estar em uma sociedade para nossa sobrevivência. Mas na experimentação desta fase, as

relações interpessoais foram expostas a partir da prática de diversos preconceitos e diversas violências.

Ser uma 'pessoa idosa' é ser uma pessoa classificada por um termo que representa seguridade de direitos e garantias e ter os mesmos violados em diversas, se não todas as esferas.

Ser uma 'pessoa idosa' com a oportunidade de frequentar um centro de convivência de idosos é experimentar, durante sua estadia no centro de convivência, o que deveria ser sua experimentação em todos os demais momentos; é ter cuidado, carinho, respeito, consideração, estima e diversos outros bons tratos.

A teoria do "Poder Simbólico" de Pierre Bourdieu foi especialmente relevante neste trabalho para analisar como a sociedade atribui valores, prestígio e status com base em categorias sociais, como a idade, argumentando que o poder simbólico influencia a percepção das pessoas e molda suas ações por meio de sistemas de representações culturais e sociais. No contexto das 'pessoas idosas', essa teoria nos permitiu acessar, conhecer e compreender como a hierarquização do envelhecimento afeta a maneira como os idosos são detectados e tratados.

Por outro lado, a "Teoria das Representações Sociais" (2010) de Serge Moscovici fornece uma lente para examinar como as pessoas constroem e adquirem conhecimento sobre o envelhecimento. Moscovici argumenta que as representações sociais emergem de diálogos sociais, refletindo crenças, valores e experiências coletivas de grupos. Ao aplicar essa teoria à pergunta "como as pessoas com mais de 60 anos percebem o termo 'pessoa idosa'?", pudemos explorar essas representações e perceber que se originaram em conversas cotidianas a partir dos mais variados estudos da psicologia, sociologia e antropologia, englobando tanto quantas representações expressas, mas não deixando o trabalho em um limbo acadêmico e sim revelando coerências e concordâncias teórico-argumentativas.

Ser uma pessoa nos projeta a, quem sabe, sermos uma 'pessoa idosa' um dia. Deveríamos nos atentar mais a este tema, como uma conexão a todos nós, um ponto de união central da Teia. As teorias da cultura me capacitaram a argumentar alternativas, argumentar o resgate de valores de respeito e honra aos mais velhos, expressando dignidade e admiração a eles, repensando no mandamento "honra teu pai e tua mãe" e "ame a teu próximo", considerando-os bons valores para lutar pelas classes, promovendo uma sociedade sem violência a partir do estímulo ao amor e à honra.

Este me parece um caminho bastante adequado e simples, que de pessoa em pessoa, através do exemplo, quaisquer um podem iniciar e estimular mudanças nos tratamentos para com essas pessoas, cedendo mais lugares a eles, ouvindo suas vozes, tendo paciência e tolerância à sua marcha diferenciada da minha, relevando tanto quanto possível quando o outro

tiver agredindo seu espaço e tomando proporcionais e adequadas quando não possível a relevância.

A pesquisa, os órgãos e as leis devem caminhar expandindo o conhecimento desta temática e para isto, podem contar comigo e com a continuidade das pesquisas. Esta pesquisa já gerou um retorno ao locus de pesquisa com sua devolutiva e todos estes ensinamentos aos frequentadores e colaboradores do PMI e continuará a ser levada a mais lugares.

E se você pensa que não é com você estas considerações, segue uma última reflexão: *“Você acha que essa turma que está aí, idosa, de 60, 70, 80, 90, 100 anos, pensou diferente de você? Você vai ver e pensava do mesmo jeito, que a juventude nunca vai passar, que a vida sempre vai ser essa maravilha, mas o tempo não perdoa ninguém e ele segue o seu ritmo. Esse daí é implacável. As vezes falam assim: ‘eu vou me alimentar bem’, sim, você pode ter uma velhice saudável, uma velhice mais confortável, melhor que muita gente, mas isso não quer dizer que você vai ficar jovem, não. A idade não vai te perdoar. Quando você chega aos 50, você sente um certo balançado. Chega aos 60, chega aos 70, você pensa ‘o que é isso? O que que está acontecendo comigo?’ Às vezes você não quer aceitar, mas você sente. 80... eu as vezes paro pra pensar ‘eu fazia isso, não faço mais’, ‘eu pensava assim, agora eu penso assim’, quer dizer, o tempo vai te mostrando algumas coisas que não tem jeito, então, eu acredito que a sociedade brasileira não está preparada ainda para aceitar a longevidade de uma maneira mais saudável, mais humana, digamos assim, aceitando as coisas [...]”* (Rio Amazonas, pergunta 03).

Pensar no nosso próprio envelhecimento tem um nome: “longevidade”, que significa projetarmo-nos para envelhecer, nos preparar para ser uma ‘pessoa idosa’, assim como Rio Içá, nos descreve pedagogicamente: *“[...] eu já me preparei desde antes, porque você nasce, começa lá no ventre da mamãe, pequenininho, vai crescendo e é como uma árvore, uma plantinha pequenininha, cresce e depois as folhas vão caindo”* (pergunta 01).

Pensar nesses conceitos, não é culturalmente natural a nós até este momento, por vezes é até ofensivo (me lembro de encarar muitos olhares desanimados ao expor meu tema de pesquisa), mas uma forma de termos responsabilidades para conosco mesmos é nos conhecer em nossa pluralidade de causalidades e nos projetar dentro de nossa realidade a nossas próprias melhores versões, independentemente da idade cronológica que tenhamos alcançado, é sermos plenos e encontrarmos maneiras de lidar com as adversidades e nos preparar para elas, interna ou externamente.

## REFERENCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução de novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice**. São Paulo, 2005. 259 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALVES, G. ‘Doutor Thomas’ agora é uma instituição de longa permanência. **AM 1 informação de qualidade**, Amazonas, 12 nov. 2019. Disponível em: <<https://amazonas1.com.br/doutor-thomas-agora-e-uma-instituicao-de-longa-permanencia/>>. Acesso em: 22/12/2023.

ANACLETO, G. M. C.; et. al. Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 30, n. 03, p. 393-403, set/2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000300009>>. Acesso em: 10/12/2021

A RELAÇÃO entre otimismo e longevidade. **Bradesco Seguros**, 29 set., 2022. Disponível em: <<https://www.bradescoseguros.com.br/clientes/noticias/noticia/relacao-entre-otimismo-e-longevidade>>. Acesso em: 30/12/2023.

ASSALTANTES invadem festa de casamento em Manaus e roubam convidados. **Correio Brasiliense**, Brasil, 17 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2023/12/6672125-assaltantes-invadem-festa-de-casamento-em-manaus-e-roubam-convidados.html>>. Acesso em: 22/12/2023.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO ALEAM. Dan Câmara comenta os números da violência no Amazonas e destaca plano emergencial. **Poder Legislativo, Assembleia Legislativa do Amazonas**, Manaus, 20 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.aleam.gov.br/dan-camara-comenta-os-numeros-da-violencia-no-amazonas-e-destaca-plano-emergencial/>>. Acesso em: 18/10/2023.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. Estresse: como ele abala as defesas do corpo? **Ciência Hoje**. s.l., v. 30, n. 179, p. 20-25, jan./fev. 2002. Disponível em: <[https://www.academia.edu/34020303/Estresse\\_como\\_ele\\_abala\\_as\\_defesas\\_do\\_corpo](https://www.academia.edu/34020303/Estresse_como_ele_abala_as_defesas_do_corpo)>. Acesso em: 22/12/2023.

BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELLUSCI, S. M.; FISCHER, F. M. Envelhecimento funcional e condições de trabalho em servidores forenses. **Revista Saúde Pública**, v. 33, n. 6, p. 602-609, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/MFbNfWKxVnQ8VQmvcDVmpGz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 22/10/2023.

BORGES, M. B. O. **Envelhecimento Humano: Aspectos históricos e sociais**. Brasília, 2007. 80 p. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de ciências da saúde, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2991/2/20262462.pdf>>. Acesso em: 25/04/2023.

BOUDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. Compreender. In: BOURDIEU, P (Org.). **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: BOURDIEU, P (Org.). **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. **Planalto, Brasília**. 07 dez. 1993. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8742.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm)>. Acesso em: 04/05/2022.

\_\_\_\_\_. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Planalto, Brasília**. 04 jan. 1994. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm)>. Acesso em: 04/05/2022.

\_\_\_\_\_. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Planalto, Brasília**. 01 de outubro de 2003. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)>. Acesso em: 04/05/2022.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 9.921, de 18 de julho de 2019. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo federal que dispõem sobre a temática da pessoa idosa. **Planalto, Brasília**. 18 jul. 2019. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm#art48](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm#art48)>. Acesso em: 04/05/2022.

\_\_\_\_\_. Lei n. 14.423, de 22 de julho de 2022. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente. **Planalto, Brasília**. 22 de julho de 2022. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/114423.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/114423.htm)>. Acesso em: 04/05/2022.

\_\_\_\_\_ registra uma média de 2 roubos e furtos de celulares por minuto; alta de 16%. **Vila Velha**, Espírito Santo, 17 out. 2023. Disponível em: <<https://vilavelha.com.br/brasil-registra-aumento-na-media-de-roubos-e-furtos-de-celulares/#>>. Acesso em: 22/10/2023.

BRITTO, V; GOMES, I. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. **Agencia IBGE Notícias**, Brasil, 2023. Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos#:~:text=A%20idade%20mediana%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o,de%200%20a%2014%20anos>>. Acesso em: 22/11/2023.

BUTLER, R. N.; LEWIS, M. I. **Sexo e Amor na Terceira Idade**. 2. ed. São Paulo: Summus editorial, 1985.

BUTLER, R. N. **Por Que Envelhecemos: O que a Ciência tem a Dizer**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1969.

CARNEIRO, D. G. S.; MAGALHÃES, C; M. C. Percepção de idosos urbanos e ribeirinhos sobre o processo de envelhecimento. **Brazilian Journal of health Review**. Curitiba, v. 03, n. 02, p. 2263-2277, mar./abr. 2020.

CARVALHO, R. O que explica o aumento das mortes de idosos por quedas no Brasil. **BBC News Brasil**, São José do Rio Preto. 02 jan. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72y598dp07o>>. Acesso em: 12/01/2024.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (cord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>. Acesso em: 30/11/2023.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COELHO, M. L. **Fatores determinantes do envelhecimento saudável: contribuições da neurociência**. Belo Horizonte, 2020. 53 p. Monografia (Especialização em Neurociência) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG - Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34686/1/Fatores%20determinantes%20do%20envelhecimento%20saud%C3%A1vel%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20da%20neuroci%C3%A4ncia.pdf>>. Acesso em: 20/11/2023.

COUTRIM, R. M. E. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. **Revista Brasileira Geriátrica e Gerontológica**, Rio de Janeiro, v. 09, n. 03, p. 67-88, set./dez. 2006.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DARDENGO, C. F. R. MAFRA, S. C. T. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação? **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 18, n. 2, jul./dez. p. 1-23, 2018

DEBERT, G. G. O significado da velhice na sociedade brasileira. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 12, p. 147-158, 2000.

EQUIPE editorial de Conceito.de. Respeito - O que é, conceito e definição. **Conceito.de**. 9 dez. 2010, atualizado em 5 jun. 2019. Disponível em: <<https://conceito.de/respeito>>. Acesso em: 20.10.2023.

EMTEMPO. Fundação Dr. Thomas anuncia concurso com salários de até R\$ 4,7 mil em Manaus. **Em tempo**, Manaus. 18 set. 2023. Disponível em: <<https://emtempo.com.br/172608/economia/fundacao-dr-thomas-anuncia-concurso-com-salarios-de-ate-r-47-mil-em-manaus/>>. Acesso em: 24/11/2023.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FABRÍCIO, T. C. M.; SARAIVA, J. M.; FEITOSA, E. S. C. Contexto sócio histórico em que surgem e evoluem as políticas de proteção à pessoa idosa no Brasil: da caridade ao direito a ILPI. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 29, n. 2, p. 259-277, 2018.

FDT. **A Prefeitura de Manaus, através do Programa Conviver - Parque Municipal do Idoso, abre as inscrições...** Manaus, 05 dez., 2022. Publicação, Instagram: @fundacaodrthomas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/ClyUPzFOcYa/?igsh=MXgwajZ4ZDBmMWsyYw%3D%3D>>. Acesso em: 22/01/2024.

FDT. **A Prefeitura de Manaus, através do Programa Conviver - Parque Municipal do Idoso, encerra as inscrições...** Manaus, 06 dez., 2022. Publicação, Instagram: @fundacaodrthomas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cl09jczugpO/?igsh=NXR2YnpidjdrdDV2>>. Acesso em: 22/01/2024.

FDT. **A Prefeitura de Manaus, por meio do programa Conviver – Parque Municipal do Idoso (PMI), abre o agendamento para as inscrições nas atividades...** Manaus, 04 dez., 2023. Publicação, Instagram: @fundacaodrthomas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C0blRRGom3D/?igsh=MW1haWpoY3RndWw0Ng==>>. Acesso em: 22/01/2024.

FDT. **A Prefeitura de Manaus, através do programa Conviver – Parque Municipal do Idoso (PMI), encerra as inscrições para as atividades...** Manaus, 04 dez., 2023. Publicação, Instagram: @fundacaodrthomas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C0b01ZkO9uo/?igsh=MTJmcWUyZXJ6NGlkdA==>>. Acesso em: 22/01/2024.

FDT. **Na tarde desta quinta-feira, 9/02, a Prefeitura de Manaus através...** Manaus, 05 fev., 2024. Publicação 10/10, Instagram: @fundacaodrthomas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C0b01ZkO9uo/?igsh=MTJmcWUyZXJ6NGlkdA==>>. Acesso em: 22/01/2024.

FDT [instagram: @fundacaodrthomas]. **Chegar aos 60 anos é uma caminhada de experiências e transformações. Vivenciar essa fase é crucial...** Publicação. 22 jan., 2024. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C2Z0aLFueoD/?igsh=N25rZmpld3BhMzMx>>. Acesso em: 22/01/2024.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, C. L.; MAIA, E. L. C.; Envelhecimento e desafios adaptativo. *In*: FALCÃO, D. V. S.; ARAÚJO, L. F.. (Org.). **Psicologia do envelhecimento: relações sociais, bem-estar subjetivo e atuação profissional em contextos diferenciados**. 1. ed. Campinas, SP: Alínea, 2009, p. 119-135.

FERREIRA, *et. al.* Efeitos do treinamento resistido em idosas com declínio cognitivo. **Fisioterapia em Movimento**. v. 35, n. 1, ago./mar. p. 2-10, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fm/a/YsxgwSsM9sthXNn6nL6L9Gz/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11/12/2023.



FILHO, M. A. Parque do Idoso será revitalizado. **Mario Adolfo**, Manaus. 21 mai., 2019. Disponível em: < <https://marioadolfo.com/parque-do-idoso-sera-revitalizado/>>. Acesso em: 11/12/2023.

FONTAINE, R. **Psicologia do envelhecimento**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANCELIN, M.M. **Ordem dos conceitos na organização da informação e do conhecimento**. São Paulo, 2010. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FREITAS, M. M. O. Motoristas imprudentes e empresas de ônibus que não respeitam os idosos praticam violência que pode configurar crime e gerar indenização! **ABRACS – Associação Brasileira da Cidadania Sênior**, Brasil. 10 set., 2017. Disponível em: < <https://abracs.org.br/motoristas-imprudentes-e-empresas-de-onibus-que-nao-respeitam-os-idosos-praticam-violencia-que-pode-configurar-crime-e-gerar-indenizacao/>>. Acesso em: 17/12/2023.

FREITAS, E. R.; *et. al.* Tarefas de Desenvolvimento e História de Vida de Idosos: Análise da Perspectiva de Havighurst. **Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 26, n. 4, mar./out. p. 809-819, 2013.

FUNDAÇÃO Doutor Thomas amplia serviços para idosos em Manaus. **Amazonas Atual**, Manaus. 12 nov. 2023. Disponível em: < <https://amazonasatual.com.br/fundacao-doutor-thomas-amplia-servicos-para-idosos-em-manaus/>>. Acesso em: 22/12/2023.

G1-AM. Impedir acesso de idoso e deficientes a ônibus e veículos de aplicativo pode levar à prisão, alerta polícia. **G1**, Amazonas. 06 ago., 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/08/06/impedir-acesso-de-idoso-e-deficientes-a-onibus-e-veiculos-de-aplicativo-pode-levar-a-prisao-alerta-policia.ghtml>>. Acesso em: 18/11/2023.

GEERTZ, C. A. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEMINI. **Qual a expectativa de vida em 2023, 2013, 2003, 1993 e 1983 segundo o IBGE?** Bard versão de 18 dez. 2023. Inteligência Artificial. Disponível em: < <https://gemini.google.com/app>>. Acesso em: 04/01/2024.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. v. 35, n. 3, mai./jun. p. 20-29, 1995.

HEALTHLINE. Envelhecimento cronológico e envelhecimento biológico. Tradução e adaptação: Redação CDD – Crônicos do Dia a Dia. **CDD – Crônicos do Dia a Dia**, São

Paulo. 15 dez. 2022. Disponível em: <<https://cdd.org.br/estilo-de-vida/envelhecimento-cronologico-e-envelhecimento-biologico/#:~:text=O%20que%20C3%A9%20envelhecimento%20cronol%C3%B3gico,as%20pessoas%20definem%20sua%20idade>>. Acesso em: 30/11/2023.

HOLANDA, A. G. Parque Municipal do Idoso. **Google Fotos**, Manaus. 2018. Disponível em: <[https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipOqigOrFuXiaeW1cCv06Di\\_QtvDtfPqt-NgbuBO=s680-w680-h510](https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipOqigOrFuXiaeW1cCv06Di_QtvDtfPqt-NgbuBO=s680-w680-h510)>. Acesso em: 20.12.2023.

HORN, V. Q. **A Imagem da velhice na contemporaneidade**. Rio Grande do Sul, 2013. 37 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - UNIJUÍ, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2013.

IBGE. **Tábuas Completas de Mortalidade**. Brasil: 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9126-tabuas-completas-de-mortalidade.html?edicao=32297>>. Acesso em: 20.12.2023.

ICONOGRAFIA: foto aérea da fundação dr. Thomas. **Instituto Durango Duarte**. *s.d.* Disponível em: <<https://idd.org.br/iconografia/foto-aerea-da-fundacao-dr-thomas/>>. Acesso em: 18/10/2023.

ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

JOAO. Parque Municipal do Idoso. **Google Fotos**, Manaus. set., 2021. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/contrib/114475935866721550920/photos/@-3.0980383,-60.0180878,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipM5SdXwh-aRcISQV0Blv0zeGgIoBKDVO5PwcbGR!2e10!3e12!6shttps:%2F%2F5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipM5SdXwh-aRcISQV0Blv0zeGgIoBKDVO5PwcbGR%3Dw461-h260-k-no!7i4000!8i2252!4m3!8m2!3m1!1e1?entry=tту>>. Acesso em: 10/11/2023.

JOHNSON, A. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

JOVENS apresentam 21% mais comportamentos de risco para DCNT do que idosos, afirma estudo. **Faculdade de Medicina UFMG**, Minas gerais. 22 mai., 2023. Disponível em: <<https://www.medicina.ufmg.br/jovens-apresentam-comportamentos-de-risco-para-dcnt-21-maior-que-idosos-afirma-estudo/#:~:text=Grande%20parte%20da%20sua%20ocorr%C3%Aancia,%C3%A9%20comum%20entre%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o.>>. Acesso em: 23/12/2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: Projeto de pesquisa/ pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 22. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LENT, R. (Coord.) **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

LIMA, I. T. L. S.; GUIMARÃES, M. R. C. Práticas de atividades turísticas em Unidades de Conservação: o contexto dos parques urbanos em Manaus – AM. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 19, n. 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/1154/115459473015/html/>>. Acesso em: 20/01/2024.

MACIEL, J. Pais serão homenageados pela Prefeitura de Manaus com tarde dançante no Parque Municipal do Idoso. **Amazonas Pix**, Amazonas. 07 ago., 2023. Disponível em: < <https://amazonaspix.com.br/pais-serao-homenageados-pela-prefeitura-de-manaus-com-tarde-dancante-no-parque-municipal-do-idoso/>>. Acesso em: 20/11/2023.

MANAUS (Município). Dr. Thomas Fundação Municipal. **Prefeitura Municipal de Manaus**, Amazonas. s.d. Disponível em: < <https://www.manaus.am.gov.br/fdt/>>. Acesso em: 20/11/2022.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 2584, de 23 de outubro de 2013. Dispõe sobre o regimento interno da fundação de apoio ao idoso "doutor thomas" - fdt, e dá outras providências. **Leis Municipais**: Diário Oficial Eletrônico nº 3279 de 23.10.2013 - pág. 19. 2013.

\_\_\_\_\_. Fundação de Apoio ao Fundação de Apoio ao Idoso "Doutor Thomas" Idoso "Doutor Thomas". **ISSU**, Manaus, 2022. Disponível em: < <https://issuu.com/prefeiturademanaus/docs/mensagemgovernamental2022/s/14728893>>. Acesso em: 30/10/2023.

\_\_\_\_\_. **Prefeitura de Manaus amplia projeto Viver Bem na Terceira Idade**, Manaus, 15 dez. 2023. Disponível em: < <https://www.manaus.am.gov.br/fdt/prefeitura-de-manaus-amplia-projeto-viver-bem-na-terceira-idade/#:~:text=Pensando%20em%20chegar%20ao%20p%C3%BAblico,grupos%20de%20idosos%20de%20Manaus.>>. Acesso em: 30/12/2023.

MARINHO, G.; VLAXIO, E. Fumaça encobre Manaus: por que cidade registrou a segunda pior qualidade do ar no mundo? **Estadão**, 11 out., 2023. Disponível em: < <https://www.estadao.com.br/sustentabilidade/fumaca-encobre-manaus-por-que-cidade-registrou-a-segunda-pior-qualidade-do-ar-no-mundo-nprm/#:~:text=Manaus%2C%20capital%20do%20Amazonas%2C%20registrou,danos%20C3%A0%20sa%C3%BAde%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 11/11/2023.

MATRÍCULAS para o Parque do Idoso podem ser agendadas em janeiro. **D24am Amazonas**, Manaus. 30 dez. 2021. Disponível em: < <https://d24am.com/amazonas/matriculas-para-o-parque-do-idoso-podem-ser-agendadas-em-janeiro/>>. Acesso em: 24/11/2023

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Nalfy, 2003.

MELO, M. A. F.; BRÄSCHER, M. Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de Dahlberg e Hjørland. **Revista IBICT**. v. 41, n. 1, jan./abr., p.67-80, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL, Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001. Disponível em: < <https://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/seguranca%20e%20saude%20no%20trabalho/Saudedotrabalhador.pdf> >. Acesso em: 20/12/2023.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. Violências contra a pessoa idosa: saiba quais são as mais recorrentes e o que fazer nesses casos. **Gov.br**. 15 jun. 2023. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/violencias-contra-a-pessoa-idosa-saiba-quais-sao-as-mais-recorrentes-e-o-que-fazer-nesses-casos>>. Acesso em: 20/12/2023.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. Introdução: Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. *In*: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MONTEIRO, E. Fumaça de queimadas coloca Manaus entre cidades com pior qualidade do ar no mundo: **G1-AM**. 11 out. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/10/11/fumaca-de-queimadas-coloca-manaus-entre-cidades-com-pior-qualidade-do-ar-no-mundo.ghtml>>

MONTEIRO, B. D. S.; BARROS, K. M.; DIB, R. D. Políticas públicas no município de manaus: um estudo de caso. **Revista Ft**, v. 28, n. 128, nov., 2023. Disponível em: <<https://revistaft.com.br/politicas-publicas-no-municipio-de-manaus-um-estudo-de-caso/>>. Acesso em: 20/12/2023.

MORAES E.N.; MORAES F.L.; LIMA S.D.P.P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista Medicina Minas Gerais**. v. 20, n. 1, dez./fev. p. 67-73, 2010.

MORAES E.N. Processo de envelhecimento e bases da avaliação multidimensional da pessoa idosa. *In*: BORGES, A. P. A.; COIMBRA, A. M. C. (Org.). **Envelhecimento e saúde da Pessoa Idosa**. Rio de Janeiro: EAD/Ensp, 2008, p. 151-176. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/444168/mod\\_resource/content/1/Envelhecimento\\_e\\_saude\\_da\\_pessoa\\_idosa.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/444168/mod_resource/content/1/Envelhecimento_e_saude_da_pessoa_idosa.pdf)>. Acesso em: 22/12/2023.

MORAES, H. Parque Municipal do Idoso. **Google Fotos**, Manaus. Set., 2021. Disponível em: <[https://www.google.com/maps/@-13.1971681,-55.5863909,16760098a,13.1y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipMXdJY46HW\\_OIWP8bzAKbTHleBzoZGkvan0C6Yq!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMXdJY46HW\\_OIWP8bzAKbTHleBzoZGkvan0C6Yq%3Dw378-h260-k-no!7i4064!8i2794?entry=tту](https://www.google.com/maps/@-13.1971681,-55.5863909,16760098a,13.1y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipMXdJY46HW_OIWP8bzAKbTHleBzoZGkvan0C6Yq!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipMXdJY46HW_OIWP8bzAKbTHleBzoZGkvan0C6Yq%3Dw378-h260-k-no!7i4064!8i2794?entry=tту)>. Acesso em: 18/11/2023.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2010.

MUNHOZ, A. B. J. Ceder lugar no ônibus para idosos, dever legal ou moral? **JusBrasil**, Brasil. 2015. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/ceder-lugar-no-onibus-para-idosos/212196097>>. Acesso em: 19/11/2023.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. Assembleia Geral da ONU declara 2021-2030 como Década do Envelhecimento Saudável. **Nações Unidas, Brasil**, 2020. Disponível em <<https://brasil.un.org/pt-br/105264-assembleia-geral-da-onu-declara-2021-2030-como-decada-do-envelhecimento-saudavel>>. Acesso em: 10/12/2022.

NEGRINI, E. L. D. **Envelhecimento e funcionalidade**: uma análise de trajetórias. São Paulo, 2020. 144 f. Tese (Doutorado em Epidemiologia) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O ESTRESSE está envelhecendo as pessoas mais rápido, aponta pesquisa. **PUCRS**. 28 set., 2021. Acesso em: <<https://www.pucrs.br/blog/imunossenescencia-o-estresse-esta-envelhecendo-as-pessoas-mais-rapido/>>. Disponível em: 18/12/2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento Saudável**. *s. d.* Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/envelhecimento-saudavel>>. Acesso em: 22/04/2023.

\_\_\_\_\_. **Relatório mundial sobre o idadismo.** Washington DC, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.37774/9789275724453>>. Acesso em: 22/11/2023.

\_\_\_\_\_. **Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030).** 2021. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>>. Acesso em: 10/03/2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **A Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos como ferramenta para promover a Década do Envelhecimento Saudável.** Washington, DC: OPAS; 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.37774/9789275726945>>. Acesso em: 05/10/2023.

PARANÁ (Estado). Cartilha direitos pessoa idosa: Conhecendo os direitos da pessoa idosa. **Governo do Estado do Paraná:** Secretaria da Justiça, Família e Trabalho, Conselho Estadual dos Direitos dos Idosos, s.d. Disponível em: <[https://www.cedi.pr.gov.br/sites/cedi/arquivos\\_restritos/files/documento/2021-02/cartilhadireitospeessoaidosa.pdf](https://www.cedi.pr.gov.br/sites/cedi/arquivos_restritos/files/documento/2021-02/cartilhadireitospeessoaidosa.pdf)>. Acesso em: 18/12/2023.

PRECONCEITO contra o idoso evidencia sua exclusão social. **Grupo L. Formolo,** Rio Grande do Sul. 19 jul., [2022 ou 2023]. Disponível em: <<https://www.lformolo.com.br/post/Preconceito+contra+o+idoso+evidencia+sua+exclusao+social/95>>. Acesso em: 21/01/2024.

PREFEITURA de Manaus leva emoção da Copa do Mundo aos idosos da Fundação Doutor Thomas. **Banzeiro News,** Manaus. 24 nov., 2022. Disponível em: <<https://banzeironews.com/prefeitura-de-manaus-leva-emocao-da-copa-do-mundo-aos-idosos-da-fundacao-doutor-thomas/>>. Acesso em: 22/12/2023.

PREFEITURA inicia atividades no Parque Municipal do Idoso no dia 7/2. **Portal do Zacarias,** Manaus. 31 jan., 2023. Disponível em: <<https://portaldozacarias.com.br/site/noticia/prefeitura-inicia-atividades-no-parque-municipal-do-idoso-no-dia-7-2/>>. Acesso em: 29/01/2024.

PREFEITURA DE Manaus realiza Feira de Artesanato Natalina no Parque Municipal do Idoso. **Portal do Zacarias,** Manaus. 24 nov., 2023. Disponível em: <<https://portaldozacarias.com.br/site/noticia/prefeitura-de-manaus-realiza-feira-de-artesanato-natalina-no-parque-municipal-do-idoso/>>. Acesso em: 29/01/2024.

PREFEITURA de Manaus inicia atividades no Parque Municipal do Idoso em 30 de janeiro. **Portal do Zacarias,** Manaus. 25 jan., 2024. Disponível em: <<https://portaldozacarias.com.br/site/noticia/prefeitura-de-manaus-inicia-atividades-no-parque-municipal-do-idoso-em-30-de-janeiro/>>. Acesso em: 29/01/2024.

QUARTI, T. I.; SCHNEIDER, R. H. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia.** v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008.

ROGERS, C. **Tornar-se Pessoa: Reflexões sobre a Psicoterapia.** São Paulo: Martins Fontes. 2001.

ROSENBERG, M. **Comunicação Não Violenta: Uma Linguagem da Vida**. São Paulo: Ágora, 2006.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta pedagógica educação para jovens, adultos e idosos da rede pública municipal de ensino de Manaus**. Manaus, 2022.

SOBRAL, M. PAUL, C. Reserva cognitiva, envelhecimento e demências. **Revista E-PSI**. v. 5, n. 1, ago./fev. p. 113-134, 2015.

SSP-AM. Painel de Indicadores Criminais, Crimes contra o idoso, Amazonas. **Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas**. Power Bi: 2023. Disponível em: <<https://www.ssp.am.gov.br/>>. Acesso em: 20/11/2023.

STUART-HAMILTON, I. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

UOL. Queimadas: Manaus é tomada por fumaça e registra qualidade do ar 'perigosa'. **UOL**, São Paulo. 11 out., 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2023/10/11/manaus-queimada-fumaca.htm>>. Acesso em: 18/11/2023.

UOL. Mirian Goldenberg: "Envelhecimento no Brasil é visto como morte simbólica". Ageless Talks: Um encontro virtual da geração que desafia a idade. **UOL: Viva Bem**, São Paulo. 03 dez., 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/12/03/envelhecimento-no-brasil-e-morte-simbolica-e-precisamos-combater-velhofobia.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 30/12/2023.

VERAS, P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciências e Saúde coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csc/v9n2/20396.pdf>>. Acesso em: 24/03/2023.

VERAS, R. **Fórum envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde pública, 2007.

VIDAL, E. Quando o Trabalho Envelhece? **Ações legais**, 27 ago., 2019. Disponível em: <https://www.revistaacoeslegais.com.br/flagrantes-do-mundo-juridico/1202-quando-o-trabalho-envelhece>>. Acesso em: 26/12/2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

**ANEXOS**

## ANEXO 01: Transcrição das entrevistas

### Transcrição da entrevista do participante da pesquisa: Rio Marajó

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para o Sr.?

**Rio Marajó:** “Para mim, a ‘pessoa idosa’ tem muitos direitos, né? Porque ele já é idoso, ele tem bastante conhecimento. E mesmo pelo sofrimento que ele já passou, tem que haver o respeito por ele. Eu tenho assim, porque muitas pessoas não respeitam a ‘pessoa idosa’, dentro do ônibus, às vezes, eles não param para o idoso. Passando das 7 horas da noite, é difícil para a pessoa pegar um ônibus, porque eles não querem parar. De noite a pessoa já faz... a vista... não dá para enxergar de longe, já enxerga quando já vai passando, aí não dá tempo para eles pararem. É assim. A vista fica menor, fica mais difícil de ver os números... aí pronto, tudo se torna difícil para o idoso. Até para você dar queixa... tomar assim... parte de um conhecimento pela delegacia do idoso, se você for, eles não respeitam. Só respeitam se você levar uma testemunha. Se você levar [alguém], tudo bem. Se você for na delegacia do idoso sozinho, eles botam você para assistente social, você não vai direto com o delegado fazer a queixa. Agora, se você levar uma testemunha, aí tudo bem, aí eles botam até o carro da polícia para ir buscar a pessoa. E é assim, tudo é difícil [...]”.

**Pergunta 02:** Como o Sr. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Marajó:** “Eu considero normal. Não é boa, boa, boa, mas eu considero normal. Só que para mim, eu desde criança eu sofri muito; porque eu fui criado sem pai, [por] uma mulher sozinha, batalhadora, minha mãe, ela... [era] lavadeira de roupa. Aí foi quando eu abandonei o meu estudo para vender “saco”, para poder arrumar o dinheiro para levar o peixe para mamãe fazer para a gente almoçar (**Informações de fonte popular:** As roupas na região eram feitas com sacos, como por exemplo, os sacos de açúcar, de pano ou estopa, então eram embainhados e ajustados para não se desfazer, e era aplicada anilina para tingir e posteriormente fazer roupas). Então tudo isso eu sofri desde criança. Nunca tinha um tempo assim... de criança para brincar. Quando ela me colocou na escola eu só estudei até a terceira série por causa disso. Com a falência do meu padrasto e logo atrás da falência dela, aí pronto, fiquei sozinho [...]. Daí eu tomei conta da minha vida, já estava com quase 20 anos. Mas é assim, todo tempo foi de sofrimento. Nunca tive... assim um... um prazer de dizer que estava bem, sempre lutei pela minha sobrevivência, trabalhando [...]”.



**Pergunta 03:** O que o Sr. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Marajó:** “Eu acho que aqui no Parque do Idoso é difícil a pessoa pensar nisso, a pessoa pensa mais nele do que nos outros. Nós somos muito desprezados sobre isso. Já foi muito bom o Parque do Idoso, mas agora não está mais como era”. **Entrevistadora:** O que o senhor percebe de diferente aqui no Parque? **Rio Marajó:** “Muita diferença, tanto a atividade como a qualidade, tudo. Até a cozinha antigamente era melhor, o alimento. Eu estou com 20 anos aqui, mas mudou tudo. A alegria... antigamente era mais alegre aqui. Uma hora dessa estava cheio de idoso fazendo atividade; tinha o som aqui no lanche; tinha um cantor, música ao vivo aqui. Era muito mais alegre. Essa pista de caminhada aqui, tinha uma pérgula assim (gesticulando), foi plantada uma rameira, que ela ia cobrir esse espaço para fazer sombra. Mas não aguaram, plantaram a rameira, mas não aguaram, aí ela secou e aí acabou. Aí tiraram os paus da travessia, mas era muito bonito o parque e era muito ativo, dava umas cem, duzentas pessoas, todo o dia”.

**Pergunta 04:** Como o Sr. classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?

**Rio Marajó:** “Já é idosa eu acho. Quando eu era novo, “pelo eu ver” minhas “descendências ir-se embora” assim novo, com 30 anos, 40, eu achava que 50 anos era o máximo. Eu mesmo pensava em mim: ‘Ah! Só quero viver até os 50 anos’. Eu falava pra mim no meu pensamento. Quando eu chego aos 50 anos: ‘Meu Deus! Tá tudo bem comigo, eu tô em paz, tô com saúde, tô trabalhando, eu não quero ir agora’. Eu mesmo entreguei minha vida para o senhor e até hoje eu estou aqui, com 86 anos, e eu quero chegar aos 100, se Deus quiser [...]”. **Entrevistadora:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’? **Rio Marajó:** “É importante, porque a gente passou por tanta dificuldade na vida... chegar aos 50 anos... eu já trabalhei nas florestas, trabalhei no foz do rio doce, tudo por aí eu trabalhei [...], e agora eu estou com a expectativa de chegar aos 100 anos e muito feliz, porque eu gosto de dançar, a dona xxxxx (companheira) também gosta. E a gente vem para cá. Cheguei naquela parte que praticamente eu queria chegar. Apesar de não chegar bem, porque eu fiz muita loucura quando era novo [...] era pra mim ter: um sítio, no interior que eu quisesse, ter minha casa e estar bem aposentado, ter meu peixe sadio, vivo [...]”.

**Pergunta 05:** O Sr. se considera uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Marajó:** “Considero!!! Uma ‘pessoa idosa’ e de bastante conhecimento, experiência né”.

**Entrevistadora:** Como o Sr. se sentiria caso alguém lhe chamasse de ‘pessoa idosa’? **Rio**

**Marajó:** “Não acharia ruim não. [Agora,] ‘Ei velho!’ (simulando alguém falando)... muitas vezes a pessoa trata gente assim, se ele me tratar com violência, chamando de velho, ele vai

ouvir, porque tem que ter respeito, o respeito cabe em todo lugar, e o idoso tem que ter respeito. Quando me trata sem violência, tudo bem. Uma vez o motorista... eu fiz sinal e ele não parou aonde deveria parar, ele parou em um local ruim de descer, aí eu chamei a atenção dele, eu já estava pronto pra chamar o policial pra corrigir ele, porque ele tá totalmente errado. Eu, na profissão dele, não faria isso. Depois ele me pediu desculpa, tudo bem. Eu desci no bloco, já adiante, aí voltei a pé, mas eu só considerei porque ele pediu desculpa, tudo bem. E é assim”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para o Sr.?

**Rio Marajó:** “O Parque do Idoso é minha vida, eu não passo um dia sem vir para cá. Quando é domingo eu já estou pedindo a Deus que chegue segunda para mim vir para cá. É minha vida o Parque do Idoso, [aqui] eu já fiz natação, já fiz musculação, eu já fiz várias atividades aqui. Aí foi enjoando, eu fui abandonando, aí fiquei só com musculação e dança de salão, aí ultimamente eu fiquei só com dança de salão, é só que eu faço aqui e o estudo”.

**Entrevistadora:** Quanto tempo o senhor está estudando aqui? **Rio Marajó:** “Mais ou menos de 10 a 15 anos, participo das aulas todo dia, não falho um dia. Eu sou o aluno que não falho, não falho a aula. Todos eles falham, mas eu não, é difícil, a não ser que eu tenha um problema com o médico para resolver, aí eu não venho. Mas assim mesmo eu digo para eles, eu sou o aluno que não falho um dia”.

**Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Purus**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Purus:** “O que significa? Ah minha filha, significa muita coisa. É assim ó, a gente tem nossas atividades, a gente tem os nossos afazeres em casa, eu aqui já aprendi crochê, já aprendi bordado, aprendi um monte de coisas, já são 13 anos que eu convivo aqui [...]. Quando meu marido morreu eu vivia em casa, tava me acabando, aí eu: ‘quer saber? Eu vou trabalhar fora’. Eu fiquei viúva cedo né, fui trabalhar fora que eu tinha três filhas e um filho, aí eu fui trabalhar fora, fui pra uma empresa, aí eu melhorei rapidinho [...] Esse meu neto aí, que vai pro Japão, ele me liga dia de domingo, 11 horas da noite. Ele passa uma hora no whatsapp conversando comigo, precisa tu ver esse menino, é um velho”. **Entrevistadora:** Por que a senhora diz que ele é um velho? **Rio Purus:** “Tudo assim sabe, tudo no lugar. Ele me chama de xxxxx (um apelido carinhoso), ele diz assim: ‘xxxxx te cuida’, (ela responde:) ‘Eu tô me cuidando’, ‘Tá se alimentando bem?’, ‘Tô meu filho’... E a gente vai lá pra cima com isso. Porque tem neto que

eu vejo aí, que nem liga nem pra vó, tô te dizendo, ninguém quer nem saber. Até os próprios filhos mesmo, maltrata”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Purus:** “A vida de uma ‘pessoa idosa’ depende muito da pessoa. Depende muito da pessoa [por] que olha, uma pessoa assim como a gente, que tem várias atividades, você pode viver muito bem, sem dar trabalho pra ninguém. O meu filho fica lá com o WhatsApp da professora (do CIMEAPI), tudinho, sabe? Por que qualquer coisa, né? Mas eu digo: não vai acontecer nada tão cedo não, meu filho, a gente é acompanhado por médicos, a gente é acompanhado por... aqui a gente tem a nossa psicóloga também na aula de memória, e tudo a gente tem aqui, sabe? Então a gente VIVE aqui (com ênfase fonética em ‘vive’). A gente sai daqui alegre e satisfeito, dorme bem, come bem. Quando tem evento ali na SEMED a gente vai, o ônibus vem buscar e vem deixar, é muito legal, eu venho sentada, o ônibus é só pra carregar a gente [...], se tiver muito cheio, o Sr xxxxx (motorista da linha que atende o PMI) para e pede pra dar lugar, é tudo controlado, eles levantam e dão lugar pra gente”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Purus:** “Isso é muito diferente, nesses lugares que a gente vai, eles tratam a gente muito bem, mas tem lugares que tratam muito mal. É assim, por exemplo, eu pego o ônibus daquele dali, que vai ali pelo centro (expressando que não é o ônibus que alimenta o parque) e as vezes tem gente que cai até da porta do ônibus, que eles nem deixam entrar direito. Tratam muito mal as pessoas. Eu não, porque eu sou assim: eu tenho a minha carteira, tenho a carteira do idoso, tenho a minha identidade, né, e eu nunca vou entrar pela porta de trás do ônibus, só se o motorista mandar, aí sim. Mas tem gente, também idosa, que elas são ‘coisa’, porque elas são muito... elas acham que o direito delas tira o direito das outras pessoas, mas não é assim, a gente tem que pensar, porque eles pagam passagem e é caro, então eles têm o direito de entrar pela porta da frente do ônibus e a gente entra pelo meio. Isso é que falta, os idosos se educarem, porque olha, se tu paga a passagem, eu já paguei, mas no tempo que eu pagava era pouquinho, agora não é mais aquele preço. Tu paga duas passagens por dia, se tu não tiver mais, tu fica com fome, e a gente tem que pensar também nas pessoas. Aí chega gente dizendo que foi agredido no ônibus, eu nunca fui agredida em ônibus, porque a gente tem que aprender como lidar com as pessoas e como conviver com as pessoas, porque é claro que eu não vou chegar no ônibus que é lotado, as pessoas entrando e eu lá na frente. Nós temos que entrar na porta do meio, na carteira do idoso que a gente tira, está dizendo isso aí, está tudo os direitos que nós

temos na carteira do idoso. Por exemplo, se eu vou para o município do Castanho, eu pego a lancha aqui e eu não pago a passagem na lancha, eu vou atrás do motorista. Se tiver as 4 vagas disponíveis, eu não pago, mas se não tiver eu pago só meia passagem, e eu não vou brigar, porque eu sei o meu direito. Então não tem confusão [...]. No evento que teve [no PMI], dia 12 de setembro (2023), veio a ordem dos advogados, [o] ministério público, foi muito lindo, foi o dia todinho sobre o que é o direito que a gente tem que a gente nem sabia. Agora é eles que tão cuidando, né? Aí menina, olha, e veio o delegado da delegacia do idoso, a delegada da delegacia do idoso, [agora] a gente conhece todas essas pessoas”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Purus:** “Eu acho importante, porque a gente tá vivendo até ali e tá curtindo, a gente tá vivo, a gente tá andando, a gente tem que agradecer minha filha, nós temos que agradecer a Deus pelo dia que a gente amanhece andando, tu sabe que isso é uma verdade, né? Olha, eu faço minhas compras, eu recebo minha aposentadoria, eu recebo a pensão do meu marido (falecido), tudo isso eu aprendi, era minha neta que fazia isso, mas ela não pode mais fazer. O meu filho ainda fica comigo, mas ele tem muito trabalho. [...] tem gente aí que é muito mais nova do que eu, como aquela xxxxx, maninha, aquela senhora não... não... olha, tudo as pessoas que tem que fazer, e ela tem só 67 anos, hoje uma mulher daquela dá pra fazer tudo, uma atividade, tudo. Não vê? Como ela nem levanta? Os outros que tem que levantar ela, eu acho a diferença muito grande, é do esforço da força de vontade também, não é porque tu é idosa que tu não pode fazer isso, que tu não pode fazer aquilo, tu tem que ver que tu é capaz de fazer outra coisa e dar conta”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Purus:** “Sim”. **Entrevistadora:** A senhora já foi tratada de uma maneira desrespeitosa ou ruim por causa da idade? **Rio Purus:** “Não, graças a Deus que não, nunca aconteceu, eu tenho muito cuidado, porque a gente tem que saber onde a gente pisa, porque muitas coisas acontecem, você sabe por quê? Por causa da mal educação das pessoas; tô lhe dizendo. A gente chegou num restaurante, uma soparia. [...] eu vi uma atitude de um rapaz com uma mãe lá, ele queria que ela tomasse toda a vasilha de sopa dela, não pode! disse que ela tinha feito ele gastar o dinheiro lá, e [isso] bem perto da nossa mesa (estava entre família e amigos). Meu xxxxx disse depois: ‘mas esse cara é muito ignorante, como é que ele quer que essa senhora aí tome essa sopa toda?’ Era muita comida, uma tigela (gesticulando uma tigela grande), não pode,

gente idosa não come de noite daquele jeito. [Ela dizia:] ‘meu filho, eu vou passar mal’, [ele dizia:] ‘mamãe, mas a senhora tem que comer que eu comprei a comida’, como se o dinheiro dele fosse mais do que a mãe dele. Aí a senhora estava passando era mal, a pessoa não pode fazer isso, não é assim, quando a gente vai se servir é outra coisa”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Purus:** “O parque representa pra mim uma diversão, uma coisa muito boa, tenho muitas amizades boas, e a gente aqui, quando tem festa assim, a gente vai pra casa todo contente, todo satisfeito, é muito bom. A gente vai pra festa ali na Fundação Doutor Tomas, é uma animação, conseguiram juntar esse ano”. **Entrevistadora:** E a senhora percebe alguma diferença de como era antes e como é agora o parque? **Rio Purus:** “Era melhor, essa hora aqui estava cheia de gente, depois da pandemia isso aqui piorou muito e está difícil de voltar o que era. Só mesmo quando tem as festas [...]. Foi muito triste, nós passamos dois anos sem participar aqui do parque, isso aqui ficou fechado 2020 e 2021, dois anos, aí foi reabrindo em 2022, aos poucos, mas a gente usava máscara aí o tempo todo [...]”.

**Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Solimões**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Solimões:** “Para mim, eu acho que uma ‘pessoa idosa’ é uma pessoa frágil, que depende de cuidados, depende de carinho; essas coisas que eu penso. Eu como idosa, é o que eu penso. Todo ser humano precisa, mas assim na minha opinião, o idoso precisa mais, mas todas as pessoas, crianças, toda pessoa precisa de cuidados, de carinho também, de um abraço gostoso, sorrisos, é muito bom uma pessoa sorrir para gente, a gente sorrir para uma pessoa, um abraço é uma coisa maravilhosa”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Solimões:** “Assim, eu considero essa a vida de uma ‘pessoa idosa’, isso que eu já falei sobre cuidados. Uma ‘pessoa idosa’, ela... eu, pelo menos penso assim, o idoso sempre precisa ter um cantinho dele, mas sabendo que tem alguém que cuida, que tá de olho, que tá observando, procurando saber se a pessoa precisar, se a pessoa tá precisando de alguma coisa. Eu acho que a ‘pessoa idosa’ precisa disso”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Solimões:** “Eu acho que hoje em dia, devido à lei, a gente vê que as pessoas têm mais um respeito com as ‘pessoas idosas’, porque antes não tinha muito, nem mesmo a própria família. Hoje em dia também, muitas famílias desprezam seus idosos, mas hoje, devido à lei, as pessoas respeitam mais, dão respeito, têm mais respeito”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Solimões:** “Agora tá esse nome, até o parque precisa ajustar o nome dele, ‘a pessoa idosa’. Não é mais ‘idoso’ que usa, é a ‘pessoa idosa’. Agora tá melhor. O ‘parque municipal do idoso’ agora é o ‘parque municipal da pessoa idosa’”.

**Entrevistadora:** E a Sra. acha importante essa divisão? **Rio Solimões:** “Eu acho que sim, porque a gente tem que adaptar pra a idade da gente, eu fui criança, passei daquela fase de criança, adolescente, jovem, adulto, e agora sou uma ‘pessoa idosa’. A gente precisa se adaptar a idade que a gente tá, ser feliz em qualquer idade.

**Entrevistadora:** A Sra. pode me dar um exemplo do que a Sra teve que adaptar na fase de ‘pessoa idosa’? **Rio Solimões:** “O que eu tive que me adaptar mais em, assim, parar mais.

Porque eu gostava muito de estar me movimentando, fazendo alguma coisa, e às vezes... porque eu penso assim, meu corpo envelhece, mas a minha mente, a minha alma não envelhece, eu penso em 73 anos, eu só sei que é porque eu sei, porque eu tenho uma artrose na minha mão, tenho uma no joelho, tenho nos pés, mas a minha mente não tá dizendo isso. Às vezes a gente quer fazer uma coisa que já não dá mais pra gente fazer, porque [se fizer] vai se prejudicar de algum modo. Mais ou menos isso. **Entrevistadora:** Se alguém chega pra senhora e chamar a senhora de ‘pessoa idosa’, como a senhora se sente? **Rio Solimões:** “Se a pessoa me chama de ‘pessoa idosa’, eu não me ofendo, eu não me ofendo porque eu sei que eu sou. Agora, eu poderia não gostar da pessoa me maltratar, com palavras que me ofendam, mas não de ‘pessoa idosa’, eu sou uma ‘pessoa idosa’, por que eu vou ficar ofendida? É diferente de chegar com ignorância, por exemplo, chamar de velho, aí já não é legal isso. Depois que eu me separei, eu me separei com 22 anos, ainda tive um namorado, ele tinha muita raiva de idoso, idoso, criança, por isso que eu não quis mais [namorar com ele]. Pra mim, uma ‘pessoa idosa’, é indefesa, igual uma criança, não tem como se defender, eu sempre pensei assim. Então, tem pessoas que não gostam de idoso [...]”

**Pergunta 05:** A Sra. se considera uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Solimões:** “Eu me considero”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Solimões:** Olha, o parque do idoso pra mim é da ‘pessoa idosa’, o parque da ‘pessoa idosa’ pra mim foi uma coisa preparada por Deus pra essa época, pra essa minha idade agora, então representa muito pra mim. Representa paz, representa amizade, amigos e muitas outras coisas. Até porque, quando eu era jovem, que eu trabalhava, depois que eu fiquei sozinha, sem marido, eu sempre pensava, como vai ser? Como vou ficar idosa? Se eu não morrer antes, como vai ser? Eu penso assim, Deus estava preparando hoje um lugar que sabia que eu hoje, ia precisar dele [...]. Então é assim, a gente vai levando a vida aí como dá pra ser, confiando em Deus no primeiro lugar e agradecendo. Na nossa vida não temos nada. Tudo que nós temos hoje aqui, o parque, é porque Deus preparou, porque nós precisávamos desse lugar, Deus usou alguém que deu essa ideia de fazer... Tenho muita fé no Deus. Porque assim, nós somos a semelhança de Deus, é o fôlego dele que tá em nós, nós somos descendentes de Deus, então, sem ele, nada somos e nada podemos fazer, então vamos confiar”.

#### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Urucu**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Urucu:** “A ‘pessoa idosa’ é assim, a pessoa já trabalhou muito, já tá com todos os netos, já sofreu muito... eu sou uma menina muito sofrida, eu sou uma filha do interior, eu vim com oito anos de idade pra cá, tudo era mato, era encharcado, mas graças a meu Deus que eu tô por aqui ainda, porque muitos dos meus amigos já se foram [...]. Tem umas que são melhores de situação, mas os filhos também abandonam [...], eu ensino meus netos direitinho, a não mexer em nada de ninguém. Eu fui criada assim, família do interior, pobrezinha, passei fome na minha vida, mas eu tô aqui, eu tô aqui pra contar minha história. Às vezes, quando eu tô assim, mais assim (simulando um semblante triste, e acenando com a cabeça com abanos pros dois lados), a professora [pergunta] ‘tu tá bem, xxxxx?’ Eu digo: ‘tô senhora’ [ela diz:] ‘você não tá bem, não, você não tem alguma coisa, eu te conheço’, ela já sabe, ela fica comigo, ela vai pra lá comigo”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Urucu:** “A vida de uma ‘pessoa idosa’ é assim pra ela, já criou os netos, já criou os filhos, então é uma vida de lazer, de passeio, de dialogar com as pessoas; mas tem gente que maltrata a gente, eu não esquento, não, chamam a gente de piada, eu não esquento, fazem piada, não ligo, tomo de conta e entrego na mão de Deus, se o Sr. puder ainda levar, leve [...]”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Urucu:** “É uma pessoa que... tem muitos ativos e muitos que não sabem. Tem uns que é na cadeira de rodas, tem uns que não vão pra todo lugar, mas tem muitos que... eu sou uma, eu vou pra todo canto [...]”. **Entrevistadora:** e como as pessoas de fora tratam a ‘pessoa idosa’ no dia a dia? **Rio Urucu:** “Tem umas que me tratam bem, outras não me tratam bem, eu ligo não, tem de todo tipo, de todo jeito”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Urucu:** “Não. Sou uma jovem, eu sou uma jovem. O que eu faço essas jovens não fazem. **Entrevistadora:** Se alguém chega pra senhora e lhe chamar como ‘pessoa idosa’, como a senhora se sente? “Me sinto bem, me sinto bem porque eu sou mesmo, mas sou uma idosa ativa, que eu ando, graças a Deus, perturbo quase ninguém, se eu estiver doente é só eu e Deus que me cuida. Eu peguei a COVID três vezes, ninguém sabia que eu passei, 62 dias dentro na minha casa, que eu ficava lá em cima e eu não podia chamar ninguém, vinha uma vizinha e fazia um caldo de caridade pra mim, às vezes tinha outro [...]”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Urucu:** “Ah, tudo, é minha segunda casa. Elas (as amigas do PMI) dizem que se é pra eu estar lá em casa só, que eu venha pra cá que eu tô feliz com as minhas amigas, com meus amigos, meus colegas”.

**Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Juruá**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Juruá:** “Eu não sei nem falar, eu sei que a ‘pessoa idosa’ é importante, né?! Porque a gente sai, a gente estuda, a gente passeia”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Juruá:** “Não sei nem falar, porque a idosa tem um jeito e o novo tem outro, porque umas são jovens e outras são idosas. O idoso vira criança de novo, porque quando a gente é adulta, a gente faz tudo e quando a gente fica na nossa idade, a gente faz o que a gente faz, vira criança de novo, faz o que a gente quer. A gente sai por aí, os filhos não empatam, eles falam pra eu



tomar cuidado, perguntam pra onde eu vou, eu digo que eu não sou mais nova, não, eu sou idosa, eu sei o que eu faço, eu sei sair, sei chegar”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Juruá:** “Sim. Pode me chamar de idosa. Eu gosto de me chamar de idosa, porque eu não sou nova, né”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Juruá:** “É muita coisa que ele faz bem para a gente, pra saúde, faz muito tudo. Eu estou aprendendo a fazer algumas coisas, estou aprendendo a fazer o nome, fazer as letras”.

### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Madeira**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Madeira:** “Deixa eu ver se consigo responder a isso. Isso significa que a gente já viveu muito tempo, e eu pelo menos tiro por mim, quero ter saúde pra continuar, viver mais”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Madeira:** “Olha, eu tô bem eu acho. Eu acho que pra mim, porque eu tenho saúde, eu vou tirar só por mim, é, eu sei lá, não sei como é que eu vou falar, mas é que a gente já viveu muitas coisas, e agora tá nessa fase de idade. A nossa idade é essa, eu acho assim”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Madeira:** “Quando eu tinha o meu comércio, eu sempre tinha amizade com os meninos mais jovem, eu gostava disso, eu tinha amizade com as pessoas bem jovens, sempre preferia as pessoas jovens”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Madeira:** “ É importante, quer dizer que eu já vivi ao meu tempo de adolescente, de jovem, e hoje tô na terceira fase, que é a idade depois de adulto. Não vou dizer que é muito boa, porque muita coisa boa já se passou no tempo da gente jovem, mas eu nunca fui uma pessoa de estar em festa, não fui namorada, sempre fui uma pessoa muito reservada e agora eu continuo, pra mim tá muito bem”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Madeira:** “Sim”. **Entrevistadora:** Se alguém lhe chamar de ‘pessoa idosa’, a senhora fica triste, chateada? **Rio Madeira:** “Não, não fico triste não, nem chateada.”

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Madeira:** “Ah, pra mim foi uma benção, a minha vida é aqui, eu não posso faltar um dia. Eu gosto muito daqui, se eu não tivesse aqui, eu ia tá fazendo o que lá fora? Então eu tô aqui, eu gosto daqui, faço atividade. Já participei daí da hidroginástica, não tô fazendo agora porque eu acho chato é ter que trazer roupa, trocar roupa, esse negócio todo, mas eu participo do alongamento ali na quadra e agora eu faço ginastica ‘elaborada’.”

**Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Mapari**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Mapari:** “Olha, para mim, a minha vida melhorou depois que eu fiz 60, porque eu tinha uma vida muito louca, trabalhava muito, acordava de madrugada, passava dia preocupada, uma loucura. Depois que eu fiz 60, eu desacelerei e comecei a me divertir [...]”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Mapari:** “A minha vida de idosa é muito boa. Eu digo que tenho 62 porque está no documento, mas eu não me acho, ainda não caiu a ficha. É uma vida menos corrida, você vive com mais... assim... é que um novo não vive, mas parece que a gente sim. A gente não tem que estar comprando coisas para casa, roupas, nada disso. O que você tem está ótimo, o importante é estar limpa, sem buraquinho, arrumadinha e cheirosa, o resto você não tem que estar correndo atrás, tem que aproveitar cada dia como que seja o último, você tem que aproveitar o dia de hoje, porque o dia de amanhã não lhe pertence, quem sabe dele é Deus, se você vai ou se você vem, então você vive o momento como que seja o último [...]. Está morrendo mais jovem do que idoso, pode pesquisar, você vê nos jornais, todo dia morre um monte de jovem, é em acidente, é na droga, é na bebida, é confundido com traficante, é assalto... porque ele é jovem, então ele pode sair qualquer hora da noite, e o idoso não, quando dá sete ou oito horas, ele diz ‘não, eu não vou sair essa hora não’, procura se recolher, já vai descansar também, procura dormir mais cedo, procura acordar mais cedo. Tudo isso”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Mapari:** “É que o idoso tem que estar em casa, tem que dormir, tem que estar assistindo televisão. É isso. Eu fico um pouquinho assim (semblante triste), mas entra aqui e sai aqui.

**Entrevistadora:** a senhora concorda com isso que eles falam? **Rio Mapari:** “Não, a ferrugem vai tomar conta e daqui a pouco você tá todo travado, eu acho que idosos tem que sair mesmo e tem que ficar no meio dos outros idosos. Isso foi muito forte no período da pandemia, eu vi muitos com depressão, não podia sair, esculhambavam na rua, a pessoa tava andava indo pra casa e gente gritando ‘tu quer morrer? tu quer morrer?’, ih, eu vi muito isso no meu bairro”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Mapari:** “Olha, eu costumo dizer que isso é no papel, mas às vezes dá certo. Prioridade por exemplo, eu gosto muito. Às vezes eu estou na fila dos que não são idosos, aí eu já escuto ‘quantos anos você tem?’ eu digo ‘sessenta e dois’, ‘então sua fila é alí’, e eu ‘nossa, obrigada, que eu tenho sessenta anos”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Mapari:** “Sim, com certeza. **Entrevistadora:** Como a Sra. se sentiria caso lhe chamassem de ‘pessoa idosa’? “Normal. Eu fico ofendida se eu estou sozinha num lugar ou então só outro idoso e alguém diz assim ‘deixa pra lá que ele é idoso’. Aí eu digo, ‘poxa, por que a gente é idosa e a gente não pode...’ dá vontade de eu ir lá e dizer ‘tu não vai ficar velho, né, e nem os seus pais não é idoso’ [...]. E também a situação do ônibus, eu tenho uma amiga que ela tem um lanche, e ela sai do trabalho doze e meia da noite. Ela tem que ir a pé porque o motorista do ônibus não para pra ela, se ela estiver sozinha na parada, ele não para e nessa hora não tem mais ninguém. **Entrevistadora:** Isso já aconteceu com a senhora? **Rio Mapari:** “Já, perto da minha casa, duas vezes eu vindo pra cá”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Mapari:** “Ele é tudo. Quando dá domingo, eu já arrumo minha bolsa, que essa daqui é só do parque, eu tenho as bolsas para cada coisa, aí essa daqui é do parque, eu coloco a minha roupa, eu coloco minhas coisinhas que eu preciso aqui, coloco tudo aqui. E de manhã, na segunda de manhã, eu digo que é o dia da preguiça, mas para o parque não tem preguiça, nem tem chuva, nem tem sol. [...] (Após o esposo falecer devido a COVID-19) eu fiquei com depressão fortíssima, por isso que eu vim pra cá, a psicóloga mandou eu vim pro Parque do

Idoso. Eu disse: ‘mas eu vou pra lá fazer o quê? Pra quê? Eu não preciso’, ela disse: ‘Precisa. Você precisa ter um outro mundo na vida, precisa de coisas pra você, você vivia pra ele e ele vivia pra você (essa fala da participante se refere ao seu falecido marido, a qual considera como seu melhor amigo, com o qual teve uma bela história), agora você vai viver pra si, e conviver com outras pessoas’. Aí eu vim, graças a Deus que o sofrimento acabou. Aqui eu me sinto muito bem, eu não fico à toa, eu ficava atoa, passava o dia deitada, trocava só de rede, da rede para cama, da cama para rede, e isso faz um mal para a gente. Aqui eu faço caminhada, quando diz que é feriado, eu fico triste, ‘poxa, eu vou ficar em casa?’ Aí eu não fico não, vou para Ponta Negra, dar uma caminhada lá, quando a gente podia tomar banho, depois da caminhada, eu me jogava na água”.

### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Amazonas**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Amazonas:** “‘pessoa idosa’? É assim, pessoa que já lutou a vida toda, chegou... quer dizer, sobreviveu, porque aqui no Norte, eu não sei como é no mundo todo por aí, mas aqui a gente tem uma vida muito sacrificada. A vida inteira de luta, a pessoa trabalha, trabalha, de sol a sol, envelhece, às vezes, precocemente, e tem uma vida, também social, meio difícil, casa, separa, tem um monte de filhos, aí o homem sai para comprar cigarro, vai embora, desaparece, aí 20 anos, 30 anos depois vem um velho doente dizendo que é o pai das crianças e a idosa, normalmente já é idosa, é obrigada a aceitar aquela peça de volta, para cuidar e mesmo que ela não queira, às vezes, os filhos se exigem. Eu acho que uma ‘pessoa idosa’ aqui, para nós, é uma pessoa muito sofrida, poucas são pessoas felizes. Eu observo isso muito nas nossas festas, as pessoas parecem quietinhas, e quando chegam aí, todas arrumadas, se soltam sabe?! Parece quando você teve um pai muito repressor, um marido muito castrador, aí se livrou de tudo aquilo, tá solta”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Amazonas:** “É uma pessoa que, digamos, hoje, os idosos, pelo menos os que frequentam aqui o parque, são pessoas que estão mais conscientes do direito que eles tem, do que pode exigir, do que pode fazer e tentando viver, tá chegando no final, mas tá tentando aproveitar parte da vida que ainda resta. Então eu acho que são pessoas que estão se realizando, não são pessoas realizadas, mas são ‘pessoas idosas’ que estão se realizando, fazendo coisas que não faziam antes, ou porque não podia, ou porque era proibido, não tinha condições de ir. Estudar,

por exemplo, tem muita gente que diz ‘eu não estudei porque a gente não podia, a gente não tinha escola, a escola que tinha mal ensinava a escrever, ler e assinar um nome que já tava de bom tamanho. Então, ‘eu vou estudar’ (simulando a pessoa falando), nós temos aula de alfabetização aqui, tá cheio de idosos começando a estudar. Então algumas estão aqui, tentando, eu não sei se resgatar a parte da vida, eu encaro isso assim, na minha vida, eu como idosa, eu me sinto bem, porque apesar de todas as dificuldades que nós passamos, eu passei, não me arrependo de nada o que eu fiz, os sacrifícios que eu fiz, estudei com sacrifício, mas consegui fazer alguma coisa, cheguei, me aposentei, hoje vivo tranquilamente, não preciso de alguém para dizer, ‘paga essa conta de luz pra mim’, porque eu vi que tem uns que fala para os filhos ‘chegou minha conta de luz minha filha, você paga pra mim?’, eu acho isso uma humilhação. E a gente ainda escuta assim ‘porra, passa a vida inteira trabalhando e não conseguiu uma aposentadoria nem pra pagar essa luz, isso é uma velha imprestável’, eu fico calada, porque você fica sentada aqui do lado e escuta, mas eu fico constrangida, eu vou devagarzinho me afastando, acho uma humilhação e uma falta de respeito dos filhos com esse tipo de procedimento, imagina o que essa velhinha está ouvindo e sentindo [...]. (Sobre suas condições e adaptações atuais:) eu tenho dificuldade de mobilização nos joelhos, problemas na coluna e você vai perdendo as forças nos braços. Eu venho com a mochila (aponta para uma mochila de rodinhas) por recomendação do ortopedista, porque eu andava com a sacola aqui lado, e eu venho de tênis, legs, essas coisas, mas aí quando chega na hora da saída, quando sai da piscina, as peças de roupa estão todas molhadas e pesa. Eu colocava na sacola e ia, só que eu estava ficando com mais problemas e ele disse que eu não devo mais andar carregando bolsa, pra eu comprar uma mochila que tenha quatro rodas que permita você andar puxando, mas por exemplo, ‘para andar com ela na rua?’, a gente não tem calçada, aí vai sair arrastando ela por onde? Por isso eu já não ando mais sem o carro [...].”

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Amazonas:** “Não tem respeito nem consideração. A grande maioria trata como uma peça descartável, que está ali só para te dar trabalho, vive doente, dá trabalho, não é produtivo, então, é um ser descartável. Eu considero que esta é a visão, eu não digo que é da maioria, mas que tem muita gente que eu já ouvi falando assim. Eu penso que todos nós temos que respeitar qualquer idade, que amanhã você vai ser um velho se você não morrer. (Simulando uma conversa com as pessoas que pensam assim ela diz:) ‘você vai ser um imprestável, não é?’ (a pessoa:) ‘não, eu vou trabalhar até eu morrer’, assim é que as pessoas pensam, mas nem sempre é o que você quer. Você acha que essa turma que está aí, idosa, de 60, 70, 80, 90, 100 anos,

pensou diferente de você? Você vai ver e pensava do mesmo jeito, que a juventude nunca vai passar, que a vida sempre vai ser essa maravilha, mas o tempo não perdoa ninguém e ele segue o seu ritmo. Esse daí é implacável. As vezes falam assim: ‘eu vou me alimentar bem’, sim, você pode ter uma velhice saudável, uma velhice mais confortável, melhor que muita gente, mas isso não quer dizer que você vai ficar jovem, não. A idade não vai te perdoar. Quando você chega aos 50, você sente um certo balançado. Chega aos 60, chega aos 70, você pensa ‘o que é isso? O que que está acontecendo comigo?’. Às vezes você não quer aceitar, mas você sente. 80... eu as vezes paro pra pensar ‘eu fazia isso, não faço mais’, ‘eu pensava assim, agora eu penso assim’, quer dizer, o tempo vai te mostrando algumas coisas que não tem jeito, então, eu acredito que a sociedade brasileira não está preparada ainda para aceitar a longevidade de uma maneira mais saudável, mais humana, digamos assim, aceitando as coisas, e eu acredito que quando o Alfredo fez esse parque aqui como parte do Doutor Thomas ali em cima, eu acredito que ele teve uma visão um pouco mais ampla e teve uma boa assessoria que mostrou para ele a necessidade de aqui em Manaus ter um lugar de amparo para os idosos. E tem gente aqui que vem de manhã e só sai final da tarde a semana todinha, as vezes não tem ninguém em casa, os filhos vão trabalhar, os netos vão trabalhar, não tem ninguém, e a pessoa ficava lá lavando roupa, lavando louça, limpando casa, molhando planta, lavando o cachorro e percebe que isso não é vida para ela e vem pra cá”.

**Pergunta 04:** Como a Sra. classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?

**Rio Amazonas:** “Acho que são idosos. Não quer dizer que todos que completam 60 anos são idosos, assim, no sentido de não ter mais capacidade para o trabalho, de não ter mais capacidade na parte cognitiva. Mas que eu acho que a vida ainda pode ser aproveitada. Mas tem muitas pessoas que já não tem mais isso, não sei se é porque, aqui no Brasil, as pessoas são tão maltratadas...”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Amazonas:** “Sim, claro”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Amazonas:** “Hoje representa uma área de lazer, ver amizades, os colegas, ter um círculo de pessoas boas enquanto você vai fazendo as atividades físicas que você precisa. Ao longo da idade você vai precisando se exercitar, e a gente tem muito espaço aqui, aqui a gente brinca,

tem festinhas, tem aniversários, e tem as atividades, que a gente precisa aqui, é divertido. Eu estou aqui desde 2004, 2005, isso aqui era muito mais animado, tinha muito mais gente”.

### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Ipixuna**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Ipixuna:** “É aquela pessoa isolada, aí não vai, não sai de casa, o filho não deixa sair de casa, fica sozinha porque tá idosa, não pode ir ao banco porque tá idosa, não pode ir ao mercado sozinha porque tá idosa. Olha, tem duas coisas sobre a ‘pessoa idosa’. Tem a ‘pessoa idosa’ feliz e tem a ‘pessoa idosa’ que está esperando morrer. Tem gente que com 60 anos que pensa que o mundo já acabou pra ela, nessa hora a gente escuta, porque a gente não pode ficar interferindo na forma que ela pensa, então, pra mim, assim, tem a ‘pessoa idosa’ que pensa que agora tem que orar, rezar e esperar Jesus chamar. Eu não, eu já sou diferente, eu sou uma pessoa de idade, eu não sou idosa. Eu vou ao banco, eu vou ao mercado, eu vou à festa, eu vou com as minhas amigas, eu vou sozinha, eu dirijo, eu vou pra todo canto, eu viajo sozinha, não tem essa de ‘ah, ela tá com 75 anos, tem que alguém acompanhar’, que nada! Eu vou pro aeroporto, não precisa cadeira de rodas, nada disso, eu vou andando, tem que andar, andar, andar, andar, e eu ando numa boa”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Ipixuna:** “Na minha percepção, a gente tem que procurar amigas, procurar ser feliz, procurar argumentos pra viver feliz, não ficar pelos cantos, esperando o quê? Não tem que esperar nada, tem que procurar ser feliz porque tá mais perto da gente viajar nessa viagem só de ida, sem volta, do que ficar por aqui, então tem que aproveitar os momentos, aproveitar a vida... também não é ser sem vergonha, né? Só de vez em quando, (risos)”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Ipixuna:** “Ah, agora é uma pergunta um pouco difícil. Uns pensam que o idoso tem que se aquietar, que já viveu o que tinha que viver, que agora tem que cuidar dos netos, que não é a minha área. Eu amo meus netos, eu dei banho em todas as três netas, fui eu que peguei elas no hospital, eu que cuidei. Mas primeiro a gente tem que dedicar a nossa vida, viver. Pra mim a vivência de idoso é assim, eu quero viver, eu quero ser feliz”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Ipixuna:** “Pra mim não tem, não tem essa diferença não, porque eu tô com essa idade, mas eu tenho, como é que eu vou te dizer, a habilidade, a força, mesma coisa que antes, só o que piorou um pouco foi o meu joelho, se não fosse o meu joelho, eu tava como aquela menina de 25 anos”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Ipixuna:** “Não, eu vou fazer 75 anos no mês que vem, mas eu não me considero uma velha, não, eu ainda tô na flor da idade”. **Entrevistadora:** e caso alguém se dirigisse a Sra. lhe chamando de ‘pessoa idosa’? **Rio Ipixuna:** “Olha, claro que eu não ia brigar, não vou xingar, né? Mas, eu ia responder: ‘de idade, eu tenho idade pra ser uma idosa, mas eu não sou uma senhora idosa, eu sou uma senhora jovem’”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Ipixuna:** “Ainda dá para fazer uma hidro, mas eu tenho que falar o que é verdade, pilates é muito fraco, eu não tenho frequentado o alongamento porque diz que nunca tem vaga, outras coisas que eu quis fazer, diz que não tem vaga, faço pilates, mas é muito fraquinho, para mim é, eu queria um pilates mais atrevido. E também eu encontro algumas das minhas amigas aqui, que me satisfaz muito, poucas, acho que tem só tem umas seis das antigas. Antes do COVID, aqui era um PARQUE (com ênfase fonética em ‘parque), um parque bem movimentado, alegre, a gente vinha para cá cedo para poder dançar, para poder se reunir, para rir, lanchar aí na lanchonete; agora está tudo morto, acabou o parque, a gente chega aqui, olha para um lado, olha para outro e cadê as colegas? Cadê as amigas? Tudo está diferenciado. Botaram uma autoridade aqui, não sei o que que a direção daqui fez, que separaram a gente tudo, a maioria está de manhã porque não tem vaga, e tu vai nos cantos e tem vaga sim. Separaram a gente para caramba, tudo separado, então aqui está muito triste, eu ainda venho por causa da hidro e não do pilates, a hidro é ótima, bem alegre, bem animada, já até fiz novas amizades, porque não tem nenhuma de antes do COVID. Aqui também está sem segurança, meu carro já foi arrombado, de uma amiga minha foi assaltado aí na frente, a realidade agora desse horário é muito diferente (a participante costuma frequentar o parque pela manhã e estava excepcionalmente de tarde neste dia para acompanhar uma amiga), eu me sinto insegura quando eu saio daqui cinco horas da tarde, por que parece que nem guarda tem, o guarda não vai abordar essas pessoas e já teve



casos de ameaça aqui, já arrebetam essa grade não sei quantas vezes para poder entrar aqui de noite”.

### **Transcrição da entrevista do participante da pesquisa: Rio Tefé**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para o Sr.?

**Rio Tefé:** “Para mim, eu acho que é uma pessoa vitoriosa, porque ele venceu a vida, tá com 60 anos, já viu muita coisa na vida e já venceu aquilo tudo aquilo”.

**Pergunta 02:** Como o Sr. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tefé:** “Por uma parte não é ruim não, mas por outra não é bom também não, porque as vezes a gente quer fazer alguma coisa que a gente não pode, primeiro que os filhos não deixam, você vai mexer em alguma coisa e os filhos já dizem ‘não, não vai mexer nisso aí não’ e a gente se sente assim, que a gente tá inútil, mas é a vida, a gente tem que se adaptar e tocar. E o lado bom é porque a gente já viveu muito, estando com saúde é muito bom ter um cantinho para morar, ter a família, paz, é bom”.

**Pergunta 03:** O que o Sr. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tefé:** “Tem vários fatores, porque tem muita gente que dá atenção pro idoso, mas já tem outros que não gostam do idoso, eles pensam que não vão ficar velhos, não é todo mundo, mas tem muita gente, principalmente esses meninos novos, tem muito menino novo que dá a mínima pro velho, essa garotada acha que o velho já saiu de linha, tem muitos que consideram também, não são todos, mas tem outros que não consideram, as vezes os próprios filhos da pessoa não considera ela. Graças a Deus que meus filhos até hoje, todos eles quando passam de manhã ou à noite eles tomam bênção, é ‘bença pai’, ‘bença mãe’”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Tefé:** “Eu acho uma coisa boa, porque uma pessoa quando chega com 60 anos, ele vai perdendo as coisas, e tem muitas coisas que ajudam, primeiro é o transporte que a gente anda de graça, é várias coisas, as vezes vai num posto de saúde que a gente tem prioridade, a gente não tinha isso”.

**Pergunta 05:** O Sr. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tefé:** “Sim”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para o Sr.?

**Rio Tefé:** “Olha, é muito bom, muito bom mesmo. Eu até admiro como é que tem isso aqui e eu nunca pensei em frequentar, eu não pensei que era tão bom assim, é uma tranquilidade, o pessoal, a professora, os amigos, é muito bom, é muito bacana, a gente sempre vem e dá uma saudade quando tem esses feriados”.

### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Mamuru**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Mamuru:** “Minha filha, a ‘pessoa idosa’ é aquela pessoa que não pode mais andar, que fica sentado no sofá, que não quer mais sair de casa, eu acho que eles são idosos, é isso que eu considero, aquelas pessoas que não querem mais viver, parece que estão se entregando”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Mamuru:** “Quando chega a idade da gente, tudo fica difícil, mas pra mim, a minha tem sido muito bem, graças a Deus, mas eu tenho muito medo assim, de pegar chuva, gripe... pessoal tão gripado, eu tô me cuidando. A gripe antigamente a gente pegava e depois de três dias, pronto, já tava bom, até com banho ele ficava bom, hoje não tem mais isso, a gripe de hoje tá ruim, eu já peguei umas gripes assim que a gente fica assustado, parece que vai morrer, quando me ataca eu vou pro hospital, mas, tirando isso, eu tô bem pra tudo. Eu digo pra minhas filhas, às vezes, tem coisa que eu faço e vocês não fazem, porque meu Deus do céu...”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Mamuru:** “Pra eles, a gente já tá velha (usando de um desdém fonético na palavra velha), antigamente ainda respeitavam as pessoas, hoje em dia tão nem aí, principalmente esses menino novo, eu prefiro nem falar com eles, porque eles nunca recebem a gente direito, eu evito. Eu penso em falar pra eles: ‘meu filho, feliz se você ficar na minha idade, porque hoje não chega mais’. Os jovens estão se acabando, os jovens estão se matando. Hoje só os idosos daquele tempo estão seguindo, fazem um esforço, vem pra cá, querem viver, e eles não, tão parece que nem aí”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Mamuru:** “Eu não gosto quando a pessoa diz assim pra mim ‘ah, isso é da idade’, ninguém devia dizer isso [...], não é da idade, é da doença, se a pessoa tá doente, é da doença, não é a idade. Porque eu vejo que tem gente que vai morrer com 100 anos, sadio, que não sente nada. Eu tenho uma vizinha, ela é bem nova, tem 60 anos, tá uma cadeira de roda, se entregou, não quer sair de casa, as filhas delas falam: ‘eu queria tanto que a mamãe fosse que nem a senhora, andasse por ai, saísse’, ela sente muita dor nas pernas e não se cuida, não procura fazer uma atividade nem nada”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Mamuru:** “Eu não me considero idosa não”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Mamuru:** “O parque representa tudo, minha saúde. Eu cheguei aqui, quando eu entrei no parque, eu tava em crise de asma e diabetes, eu estava morrendo, mas eu dizia: ‘eu vou’, aí comecei a fazer atividade. O parque pra mim é tudo, depois de Deus é ele, porque olha, do jeito que eu sofri, eu sofri muito, muita falta de ar, desde os dois anos, aí comecei a fazer as atividades aqui e começou a melhorar, quando eu não faço atividade, eu não me sinto mal, às vezes eu chego em casa e eu não vou lavar louça não porque me dá dor nas costas, aí minha filha diz, ‘a mamãe aqui não pode lavar louça, não pode banhar uma casa, mas lá no parque ela dança, faz isso, faz aquilo’, quando a gente está fazendo uma coisa que a gente está se divertindo, a gente consegue, agora quando a gente faz um negócio que não quer fazer, na obrigação, no primeiro dia dá certo, no segundo mais ou menos, no terceiro, já se a gente força, o nosso corpo começa a travar. E aqui eu me sinto muito bem, eu estou em casa”.

**Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Jutai**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Jutai:** “É uma pessoa que tem que ter paciência, como foi a minha mãe, quem cuidou dela foi eu e meu marido, ela criou meus irmãos, criou meu sobrinho, criou um neto, tudo isso, então ela merecia essa paciência”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Jutai:** “É um cuidado o tempo todo, como eu trato ele (o esposo), igual um filho, um irmão, é tudo pra ele na mesa, na hora certa, remédio, tudo isso. Tem que ter cuidado”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Jutai:** “Tem uns que tratam bem, tem outros que não tratam bem, são grosseiros, vai do lugar”.

**Pergunta 04:** Como a Sra. classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?

**Rio Jutai:** “Ela não está tão idosa, já está um bocadinho mas não está tão idosa, vai ter muita vida pela frente. Nos 60 anos é quase idosa, pra mim é idosa com 65, por aí”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Jutai:** “Sim”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Jutai:** “Eu estou gostando daqui, estou a pouco tempo mas tenho gostado bastante”.

#### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Içá**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Içá:** “Olha, pra mim, eu não estranhei nada, porque eu já me preparei desde antes, porque você nasce, começa lá no ventre da mamãe, pequenininho, vai crescendo e é como uma árvore, uma plantinha pequenininha, cresce e depois as folhas vão caindo. Pra mim não teve nada que eu me assustei, não achei ruim, como as vezes a gente vê, as pessoas resistindo pra não querer ficar velho, pra mim não teve isso, eu gosto, a única coisa que eu estranhe, que eu achei um pouquinho ruim foi de eu não ter me preparado pra hoje eu ter uma renda, a parte financeira, uma aposentadoria mínima, porque eu me dediquei a família e aí deixei esse lado. Mas não me arrependo também tanto, porque eu consegui criar meus filhos muito bem, são pessoas hoje maravilhosas, eu até digo pra eles, eu não estudei, também porque tenho preguiça e porque eu fui muito castigada pelo trabalho, hoje eu me sinto formada quando eu vejo que eles se realizaram. Isso pra mim foi a minha maior alegria, uma pessoa que não estudou formar os filhos, eu tenho um filho que tem duas faculdades, eu me sinto bem com isso, então não tenho tristeza por isso”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Içá:** “Eu acho que quando a pessoa toma esse cuidado desde o início, ela chega a essa idade sem muita dificuldade, no meu caso eu procuro tá sempre resolvendo as minhas coisas eu ando sozinha eu resolvo minhas coisas sozinhas. Mas o transporte é meio ruim, uma vez o motorista fechou a porta e eu não tinha saído ainda, só que eu não caí, se eu tivesse caído talvez a roda tinha passado em cima de mim, eu passei 05 anos sem usar o transporte coletivo, voltei agora por conta do Parque. E as vezes os motoristas, muitos não param, passam direto, é complicada essa parte”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Içá:** “É praticamente parecido com preconceito, sabe, pra mim, isso é isso, quando a pessoa que olha uma pessoa de outra cor ou diferente e faz aquele olhar de desprezo, é igual como quando olha pro idoso. O idoso não fica diferente disso, dá pra perceber. Não é todo mundo mas em muitos casos é. O idoso já é aquela coisa que já passou, que já não serve mais, eu não me sinto mal, mas dá pra perceber porque me dói por outras ‘pessoas idosas’, não aconteceu comigo, mas eu vejo em outras pessoas, pra mim, foi o que veio minha mente, eu pensei nessa resposta porque o preconceito não é só com a pessoa deficiente, não é só com a pessoa de outra cor, o idoso sofre a mesma coisa, a classe mais nova, muitas vezes vê assim, no ônibus, pra dar o lugar, eles olham assim (simulou olhar de desdém, desprezo), e viram a cara, então, é diferente do preconceito? Eu não vejo muita diferença”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Içá:** “Eu acho que é importante ter a ‘pessoa idosa’. Eu não me sinto diferente dos 60 pros 70 anos, acho que vai de pessoa pra pessoa, mas tem pessoas que chegam antes dos 60 anos, e elas já estão sendo uma idosa, muitas vezes a vida delas pra trás foi tão sofrida que chegou a velhice antes dos 60 anos, eu conheço pessoas que tá mais acabada do que eu e que não tem 60 anos ainda”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Içá:** “Sim”. **Entrevistadora:** Se alguém lhe chamasse por ‘pessoa idosa’, a Sra. se sentiria mal? **Rio Içá:** “Não, de jeito nenhum”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Içá:** “Olha, a convivência com outros idosos, eu achei bom isso sabe, o entendimento, aí a gente já não vê isso aí que você vê lá fora, o preconceito, aqui a gente não vê isso. Até essas pessoas que trabalham aqui, nossa, as vezes elas são de sentar no teu lado e ficar conversando, então isso foi maravilhoso, a nossa convivência aqui. Tem várias idades, mas a gente tem um entendimento aqui maravilhoso, graças a Deus, eu gosto de vir, eu procuro não perder, só se eu tiver doente mesmo ou tiver alguma consulta naquele horário que não da pra trocar. Eu amo vir pra cá, é uma convivência muito boa, porque você sente o mesmo com o outro, esse respeito, então o parque é um local assim, muito bom”.

### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Jari**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Jari:** “Sei nem te dizer, mas eu acho que ‘feliz é aquele que chega aos 80 anos, que a mãe chega aos 70 e pouco e assim vai’, é difícil hoje, mas é bom, eu pelo menos, eu tenho assim, eu adoço, mas eu coloco Deus no primeiro lugar, e sobrevivo, então eu vou levando assim. Eu levo aquela vida simples, simples, mas com Deus, mas eu me gosto, eu gosto de me aprontar, me ajeitar, eu gosto da igreja, vou pra igreja, venho pra cá, saio pra todo lugar, então eu me considero, ainda me considero uma pessoa assim, que eu não sou dependente de ninguém. Por exemplo, eu pego minhas coisas, tá no horário, eu venho pro rumo, sem depender de ninguém, então por isso pra mim, eu me sinto uma vitoriosa. Na minha casa, eu consigo fazer minhas coisas. Então o idoso não é aquele que você diz: ‘ah, porque você tá no seu fim, você já vai ficar paralisado’, não é assim não, você tem que lutar, você tem que se esforçar, você tem que trabalhar, lutar. Agora tem o idoso, que ele é assim, muito, como diz, as vezes até o motorista chama você de velho, as vezes não gosta porque tem uns que andam devagarzinho demais pra embarcar no ônibus, as vezes é uma dificuldade, mas a gente tem que entender que nós já fomos novos e hoje nós somos velhos”. **Entrevistadora:** Já aconteceu da senhora fazer parada e o ônibus não parar pra senhora? **Rio Jari:** “Já, já aconteceu muito”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Jari:** “Bom, depende muito, uma ‘pessoa idosa’ ela chega bem até a idade dela, setenta, setenta e quatro, mas umas já não chegam bem por causa do sofrimento, as vezes desprezadas pelos filhos, fica doente, fica acamada dentro de casa, então essa aí já é ruim, não é boa, vai muito de cada situação”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Jari:** “Com maus olhos, tem umas pessoas que, desculpa eu dizer, uma pessoa bem vestida, bem calçada, que tem dinheiro, essas mesmo que vira a cara pra uma pessoa que é simples. Eu percebo muito isso, difícil uma pessoa que tem dinheiro, que tem carro, que ela fale contigo, ela te vê lá no cantinho, com o cabelo branco, ela vem, vem, vem, ela pode falar com o fulano, com o cicrano, chegar contigo, ela não fala, e eu já vi acontecer isso até dentro da igreja. Se eu andar com uma roupa assim, mais ou menos, um sapato mais ou menos, cabelo bem ajeitado e se tiver uma assim, uma mulher mais simples de que eu, sandalinha no pé, uma roupinha bem simples, preste bem atenção, essa pessoa, ela fica ali. Então eu vejo assim, não é a sociedade toda, mas a maioria é. As pessoas se acham. Tudo por causa da roupa, por causa do sapato, eles estão jogando o idoso pra trás, deixando de lado, fazendo como que o idoso não exista”.

**Pergunta 04:** Como a Sra. classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?

**Rio Jari:** “Pra mim a ‘pessoa idosa’ é com 70 anos, quando eu tinha 60 anos eu ainda namorava (risos)”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Jari:** “Sim. Eu só não gosto que me chamem de velha, nunca me trataram assim, mas eu vejo com outras pessoas, dizendo ‘sai da frente’, ‘sai do meio’, ‘vai pra casa’, essas coisas, aí isso eu não acho legal”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Jari:** “Aqui representa tudo, aqui pra mim é muito bom, desde essa sala aqui, a professora, os exercícios, o restaurante, eu não tenho nada que falar daqui. Se eu pudesse, todo dia eu tava aqui, mas às vezes não dá mas é por causa da saúde mesmo, quando eu tenho dinheiro eu ainda consigo vir de Uber, mas quando eu não tenho e tô me sentindo meio ruim e não tem, não consigo vir mesmo”.

### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Tapajós**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Tapajós:** “Pra mim são essas pessoas que a idade vai avançando, avançando, e ela fica uma ‘pessoa idosa’ né, e cada vez mais a pessoa vai enfraquecendo, vem as enfermidades. O idoso passa por tudo isso, enfermidades, preocupações, tristezas, mas se ele tiver um retorno da

família, carinho e amor, aquele idoso se torna feliz, alegre e sempre mantendo a sua firmeza, como uma ‘pessoa idosa’. Não é olhar e dizer assim: ‘ai, tô ficando velha, tô ficando idosa, não presto pra nada’... não, ele sempre tem que olhar, e pensar: ‘eu já tô envelhecendo, mas eu quero envelhecer com força, coragem, ânimo e alegria’”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapajós:** “Tem muitos que quando chegam a partir de 60 anos, estão muito enfermos, fica prostrado, fica ali, tem vezes que a família não dá atenção, é uma pessoa abandonada. Mas tem muitas que envelhecem com saúde, não digo aquela saúde, mas que possa caminhar, possa fazer as suas coisas, dar uma fugidinha pra fazer as compras... ainda podem fazer isso”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapajós:** “No tratamento, digamos que nós vamos num banco, aí eu tenho a prioridade, já tem aquela divisão, dos novos pros idosos, aí a gente percebe que nós estamos na idade avançada, porque nós temos aquela prioridade, chega no médico, prioridade, sempre tem aquela divisão. Isso é bom por uma parte, porque nós somos as primeiras a ser atendidas, somos prioridade, muitos não gostam, mas eu gosto, só que as vezes a fila da prioridade demora mais do que a dos jovens, às vezes eu não prefiro a prioridade, prefiro a dos jovens, porque a prioridade às vezes tem idoso que ainda vai procurar o documento, não lembra de algo, ainda vai pensar, e o jovem não, anda rápido”.

**Pergunta 04:** Como a Sra. classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?

**Rio Tapajós:** “Pra mim, eu acho que a ‘pessoa idosa’ é dos 70 pra lá, porque até os 60, até os 69, ainda é uma pessoa que é capacitada de fazer suas necessidades, seus trabalhos, costura e faz o que quer. Mas a partir de 70, parece que isso se torna mais devagar. Porque vai passando as idades, vai enfraquecendo, vai ficando mais fraquinho, mas até os 69, pra mim, ainda tem aquela força. Eu acompanhava a minha mãe e eu percebi que depois de 70 ela já não tinha mais aquela força de caminhar, aquela força pra viver, doente, já, perde a força de viver, muitos não querem mais nem viver, querem morrer mas tem que lutar muito pra viver”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapajós:** “Sim. Eu me sinto bem, eu me sinto feliz com uma ‘pessoa idosa’, pelo respeito que eu recebo da minha família, netos, todos me respeitam”.



**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Tapajós:** “Pra mim, esse parque eu descobri em tempo, eu vivia com uma enfermidade no joelho e eu estava numa clínica, e aí uma senhora perguntou pra mim assim: ‘tu faz atividade?’ e eu disse que não, nunca tinha feito, aí ela disse: ‘menina procura o Parque do Idoso pra ti fazer atividade’, e eu vim, aí quando eu cheguei, tinha uma moça que ela disse: ‘a Sra. veio atrás de vaga? Não tem mais vaga’, eu disse: ‘tá bom, mas eu vou pedir uma informação’, aí eu fui lá na secretaria e a moça disse: ‘a senhora veio atrás de atividade?’ Eu disse: ‘sim’, aí ela disse: ‘qual é a atividade que a senhora quer fazer?’ eu falei: ‘hidroginástica’, aí ela disse: ‘tem uma vaga’, e eu já fiquei, tirei meus documentos, me preparei e vim pro parque, e não tem um dia que eu falto, só se eu for pra médico, alguma coisa, mas eu gosto de estar no parque, eu gosto de estar na aula, eu me sinto bem, eu me sinto feliz, eu sou feliz.”.

#### **Transcrição da entrevista da participante da pesquisa: Rio Japurá**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

**Rio Japurá:** “Tem que seguir pra frente, até o dia que o Senhor Deus quiser né, tem que estar alegre, eu tenho 06 irmãos que morreram todos, mas eu continuo aqui pra contar a história”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Japurá:** “Eu acho bom, porque sabe, é difícil adoecer, eu não vivo doente. Agora o que eu tenho é problema de pressão, só, mas outra doença assim eu não tenho. Eu gosto de andar, passear, eu tenho força ainda pra andar, trabalhar, costurar.”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Japurá:** “Não sei não (a participante, estava com um ferimento no joelho e narrou, em outro momento da conversação, que caiu do ônibus quando estava descendo. O motorista movimentou o ônibus ‘arrancando’ enquanto ela descia a escada de forma que ela caiu de joelhos na rua, sendo ajudada por populares que estavam próximo, além do mais, ela estava com o tempo curto e não achei adequado estimular essa questão específica portanto, esse dado foi quantificado aqui porém não transcrito pois não é a resposta que a participante deu durante a entrevista, portanto não fora gravado para transcrição)”.

**Pergunta 04:** Como a Sra. classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?

**Rio Japurá:** “Pra mim tudo é uma coisa só, porque tem gente novo que diz assim ‘ai eu não vou fazer isso porque eu tô com preguiça’, eu não sei que preguiça é essa que a pessoa não quer trabalhar, porque pra mim, toda a vida eu trabalhei, eu nunca disse assim ‘ah, hoje eu não vou fazer nada’, só se eu estiver muito cansada, porque eu faço tudo, eu lavo roupa, eu passo, eu faço minhas coisas, minhas filhas dizem assim pra mim: ‘mamãe, eu vou botar uma menina pra fazer tudo aqui em casa, não é pra senhora fazer nada, a senhora vá se deitar’, eu: ‘tá (usando tom de ironia) eu não tô doente pra ficar deitada”.

**Pergunta 05:** A Sra. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Japurá:** “Sim, e não me ofendo com isso, porque eu sou idosa mesmo”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para a Sra.?

**Rio Japurá:** “Eu gosto, acho muito bom aqui, a gente brinca, conversa, é aquela folia com as minhas amigas, eu não conhecia assim muita amiga, agora já conheço tudinho e é muito bom”.

#### **Transcrição da entrevista do participante da pesquisa: Rio Tapauá**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para o Sr.?

**Rio Tapauá:** “Eu acho que eu me sinto tão feliz de ver uma ‘pessoa idosa’, homem ou mulher, alegre sabe, uma pessoa alegre, porque tem muitos idosos que a gente fala, mas eles nem respondem, esses me fazem muito mal. Me faz muito mal ver uma pessoa dessa. Agora esses que brincam, que gostam de brincar, gostam de conversar, eu me acho tão feliz com uma pessoa dessa. E o jovem também, o jovem também é a mesma coisa, se vim conversar comigo, a gente brinca, a gente conversa, a gente se sente muito bem com isso”.

**Pergunta 02:** Como o Sr. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapauá:** “Uma ‘pessoa idosa’ que faz as atividades aqui, é uma pessoa que vive feliz, vive bem de vida, vive alegre, satisfeito. O que faz mal, que eu tenho certeza que para mim faz mal, é ficar em casa dormindo, comendo e dormindo, eu acho que para muitos novos também faz muito mal. Tem muitos novos e velhos também, idosos, que é fechado, é cara fechada, cara dura, eu acho que essas pessoas não sentem alegria, não se sente bem, quem sabe lá o que acontece”.

**Pergunta 03:** O que o Sr. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapauá:** “Olha, como eu digo, eu tiro por mim, depois que eu peguei os 70, aí eu já senti muita diferença em mim, aparece uma dor aqui na perna, aparece uma dor no braço, aparece uma dor na cabeça, aparece uma dificuldade de vista, mas eu não me sinto ruim não, eu me sinto bem, eu me sinto bem, graças a Deus, quando eu pego uma gripe, uma coisa assim, eu vou logo me cuidar e me trato e logo eu estou bem de novo”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapauá:** “No transporte é meio difícil, eu já peguei uns três apertos na porta do ônibus, aí eu sou meio ‘brabinho’ também, pergunto logo se ele está agoniado, se ele está com chifre grande (risos). Porque ele não espera?, sabe que é um idoso, porque ele não espera o idoso sentar?, mas não, ele dá uma arrancada se não tiver segurando, cai mesmo. Então eu acho que isso é falta de respeito, falta de mais cuidado, o motorista não tem paciência, já arranca antes de a gente embarcar, antes de a gente subir direito no ônibus, eu já escapei de cair, já me apertaram umas três vezes na porta do ônibus, acontece muito, e eu fico ‘coisa’ porque não acontece só comigo, acontece comigo e com os outros. Agora eu digo assim, isso é falta de respeito, porque o motorista, vendo que é idoso, tem que esperar o idoso sentar, ou então se aguentar, se segurar. E lugar também não dão, esses alunos aí de hoje, dão até a costa e finge que está no telefone só pra não dar lugar para o idoso, finge que está dormindo, vira de costa. Às vezes, quando eu estou com a perna, esse lado aqui, o carro me bateu, aí eu caí com esse lado, quase quebrei o braço, quase quebrei a perna, aí quando eu tô que não me aguento de tão ruim dessa perna, quando eu não posso estar em pé, eu vou com alguém e digo: ‘ei, não quer me dar de seu lugar aí, porque eu não posso me aguentar com esse lado da perna de pé’, eu peço com todo respeito, educado”.

**Pergunta 05:** O Sr. se considera uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tapauá:** “Me considero, me considero idoso e me sinto feliz. Eu acho é ruim quando a mulher ou o homem diz: ‘Ah, o que você quer saber da minha idade? Só porque eu tenho 70 anos, 70, 80 anos, você quer saber da minha idade?’, poxa, eu me sinto é mal com uma resposta dessa, eu conto a minha idade, se a pessoa quer saber em que eu trabalhava, eu conto, o que eu tenho na vida... eu não tenho nada errado, graças a Deus, nunca fiz mal a ninguém, nunca ninguém me fez mal, eu me sinto feliz, me sinto muito feliz”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para o Sr.?

**Rio Tapauá:** “Ah, muitas coisas, muitas coisas (com um tom de quem narra um amor). Eu já participei de todas essas brincadeiras aqui, de tudo, jogar bola, carnaval, quadrilha, todos os tipos de brincadeiras de idoso, tinha minha foto ali no painel, agora tiraram, mas tinha minha foto ali jogando bola (atividade com bola). Você sabe que o que faz muito mal pra nós é nós ficarmos em casa dormindo o dia todo, dia e noite dormindo, só comendo e dormindo, isso faz muito mal pra nós, olha, tem vez que eu fico em casa observando certas coisas, quando eu fico o dia todo em casa, quando eu levanto, eu tô todo doído, todo travado, é junta, é tudo, e quando eu tô andando por aqui, eu nem sinto nada, nada, nada. Então o parque faz muito bem pra gente e eu me sinto muito feliz por isso, tenho muitas amizades, muitos colegas, muitos conhecidos mulher, homem, criança, tudo eu faço amizade, na parecida é a mesma coisa também (Centro Estadual de Convivência do Idoso Aparecida, onde ele faz hidroginástica), só na molecagem aí com os colegas, brincando, na piscina, aquela maior bagunça”.

**Rio Tapauá:** “Se vocês são novos, nós somos idosos, mas isso não tem diferença nenhuma. A diferença que tem só é vocês respeitarem os idosos, assim como os idosos também podem respeitarem também, porque não é só você respeitar idosos, que a idosa não vai respeitar ninguém, o idoso tem que respeitar também. Então o que você deve fazer é isso, estudar, eu digo assim porque eu não tenho chance para estudar, eu me achei muito ruim, muito, muito ruim meu estudo foi de trabalho”.

### **Transcrição da entrevista do participante da pesquisa: Rio Tarauacá**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para o Sr.?

**Rio Tarauacá:** “Eu acho que a ‘pessoa idosa’, para os jovens, não tem mais valor, para a sociedade como um todo. Você vê pelo tratamento no coletivo, na fila do banco, você já percebe que é uma pessoa desvalorizada, são muitas coisas assim, infelizmente a gente tem essa realidade também, no meu ponto de vista, a ‘pessoa idosa’, tem que ser tratada como uma pessoa, ser respeitada”.

**Pergunta 02:** Como o Sr. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tarauacá:** “Muda em vários aspectos, um deles é porque você deixa de fazer várias coisas que você não pode fazer mais como antigamente no caso. Tem o caso da visão, tem o caso do cansaço, tem o caso da fraqueza, você não tem aquela resistência, não pode estar subindo em árvore, não pode estar caindo. Até que isso aí eu ainda faço, tem telhado, eu vou fazer, consertar

telhado, e outras coisas, isso aí ainda dá condições para fazer, até porque, desde de novo, eu sou acostumado a trabalhar, eu nunca fui assim de ficar ‘paradão’, estar em casa, deitar, essas coisas, não, eu gosto de estar nativa.”.

**Pergunta 03:** O que o Sr. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

**Rio Tarauacá:** “A sociedade, como todos os locais que a gente frequenta no dia a dia, um banco, um ônibus, um lugar, as pessoas olham diferente porque essa pessoa é uma pessoa mais velha, as pessoas tratam diferente. A primeira coisa que você percebe é no dia a dia do coletivo, você faz a parada pro coletivo e o motorista passa direto porque você é o idoso, entendeu, outra coisa é dentro do coletivo, a pessoa chega e vê que é um idoso e faz assim (simulou olhar para o outro lado), finge que tá dormindo. Pra mim não tem problema isso, porque o meu objetivo é chegar ao meu destino, não interessa ir em pé ou sentado, mas tem idoso que precisa, que ele tá mais debilitado. E também aqui (no PMI), a gente ouve muitas vezes as pessoas criticar o próprio colega, por conta de fofquinha, porque aqui é pra você vir pra cá e aproveitar o que o parque oferece, então se eu tô aqui com você, eu tô no mesmo barco, não tem o que tá lhe criticando, né? ‘Vem pra cá, nosso dia é brincar, se divertir, conversar’ (simulando como deveria ser), falta essa concentração, fazer daquele dia o melhor possível pra gente conviver ali naquele dia pra dar certo, e muita gente não faz isso, você vê no dominó, você vê na sinuca, você vê lá na fila do restaurante, tudo isso vira confusão”.

**Pergunta 04:** Como você percebe essa divisão que a idade de 60 anos recebe, sendo chamada de ‘pessoa idosa’?

**Rio Tarauacá:** “Precisa, porque a pessoa tem que ser aquilo que é, não adianta. Hoje eu não sou mais o mesmo que eu era há 20, 30 anos atrás, é que eu sou uma ‘pessoa idosa’”.

**Pergunta 05:** O Sr. se identifica como uma ‘pessoa idosa’?


**Rio Tarauacá:** “Sim. Eu já vi gente dizer, ‘ah, eu não me considero velho não, eu sou um garotão’, e não é né, a gente sabe que a vida ela vai chegando, a velhice mesmo, que é a ‘pessoa idosa’, vai chegando à velhice, querendo ou não”.

**Pergunta 06:** O que o Parque Municipal do Idoso representa para o Sr.?

**Rio Tarauacá:** “Olha, [...] tem os colegas que são maravilhosos, são gente boas, graças a Deus... nunca tive nenhum tipo de problema comigo, graças a Deus, sempre me trataram bem, eu também, graças a Deus, sempre procurei tratar bem também, pra poder ser tratado bem. [...]

só que muitos talvez não saibam aproveitar para melhor usufruir daquilo que o Parque oferece, ele oferece as atividades justamente para o idoso, para a ‘pessoa idosa’ e tem gente que frequenta e não sabe aproveitar as atividades. As vezes também a pessoa está limitada a aquele ritmo ali da vida dela, talvez não acha, assim, uma forma de mudar. Olha, eu convidei xxxxx muitas vezes para vir para cá, mas ela é daquela que não veste shorts, sabe, não veste uma calça cumprida, porque ela é do interior, ela nunca foi acostumada, ela não acostumou com isso, então ela não aproveita o que o parque oferece”.

## ANEXO 02: Ficha de inscrição



**Parque Municipal do Idoso**



*Documentos Necessários para Admissão.*

- ◇ 2 Fotos 3X4 recente
- ◇ RG e CPF (Original e Cópia)
- ◇ Comp.de Residência (Original e Cópia)
- ◇ Atestado Cardiológico ou Geriátrico (Original e Cópia)
- ◇ Carteira de Vacinação da Covid-19, 1ª, 2ª e 3ª dose (Original e Cópia)

**Agendamento pelo site:**

[doutorthomas.manaus.am.gov.br](http://doutorthomas.manaus.am.gov.br)

**Contato: 98842-1289 / 98844-5699**

 <b>FDT</b> <small>Fundação Doutor Thomas</small>		 <b>Manaus</b> <small>Prefeitura Municipal</small>	
<b>ATESTADO MÉDICO CARDIOLÓGICO OU GERIÁTRICO</b>			
Atesto para os devidos fins que _____ foi submetido (a) a exames médicos especializados e encontra-se, no momento, apto (a) para prática de atividades físicas de intensidade: _____			
Manaus, ___ / _____ / _____			
_____ <small>CARIMBO E ASSINATURA - CARDIOLOGISTA OU GERIATRA</small> <small>CRM _____</small>			
OBSERVAÇÃO:			
<b>GRAU DE INTENSIDADE</b>		<b>ATIVIDADES OFERECIDAS</b>	
LEVE	- Alongamento, Ginastica Elaborada, Ginastica Terapeutica, Canto, Oficina da Memória, Oficina de Direito e Cidadania, Palestras Sócio-Educativas, Meditação, Artesanato e Violão.		
MODERADA	- Ginastica, Hidroginástica, Pilates Solo, Natação, Dança de Salão, Dança Coreográfica, Rítmicos, Balé Clássico, Balé Sentado.		
Projeto <b>ENVELHECER FELIZ</b> - Pessoas de <b>50 a 59 anos de idade</b> , poderão ser inscritas para fazer atividades somente no <b>período da tarde</b> .			



**ANEXO 03: Entrevista**

1. O que significa 'pessoa idosa' pra você?
2. Como você considera a vida de uma 'pessoa idosa'?
3. O que você acha que a sociedade pensa sobre uma 'pessoa idosa'?
4. Como você classificaria uma pessoa quando ela completasse 60 anos?
5. Você se identifica como uma 'pessoa idosa'?
6. O que o Parque Municipal do Idoso representa para você?

#### **ANEXO 04: Termo de consentimento livre e esclarecido**

Você está sendo convidado a participar de um Projeto de Pesquisa Científica intitulado “‘pessoa idosa’: Um estudo de Representações em um Parque Municipal de Idosos na cidade de Manaus” e sua participação é voluntária. Esta pesquisa tem como objetivo geral: captar a representação social atribuída pela pessoa com mais de 60 anos de idade cronológica ao termo classificatório “‘pessoa idosa’” e tem como justificativa fazer um estudo englobando uma visão integrada do ser, sem reduzir os estudos a condições biológicas e/ou psicológicas, gerando mais conhecimento no campo do processo de envelhecimento humano.

Esta pesquisa será realizada por meio de uma entrevista, gravada em áudio, constituída por uma média de 06 questões tendo duração média de 30 minutos. Todo conteúdo gravado em sua íntegra e seus dados não serão disponibilizados a ninguém que não sejam a pesquisadora e coordenadora deste projeto e estarão sobre a tutela da pesquisadora. Seus dados serão registrados somente internamente. Para o público que irá acessar esta pesquisa futuramente e eventos gerados a partir dela você terá um codinome e quaisquer informações que levem a identificá-lo será suprimida de forma que é garantido o anonimato a você e sua participação.

Esta pesquisa não gera nenhum tipo de remuneração financeira ou custos ao Parque Municipal do Idoso ou a você, e conta com um programa de devolutiva ao final dela (após março de 2024) em forma de Palestras e Workshops, tanto a você, quanto a equipe de colaboradores do parque. Esta pesquisa tem caráter de riscos mínimos e possui protocolo para eventuais ocorrências. Sobre os riscos estão: possibilidade de constrangimento ao responder o questionário, desconforto, medo, vergonha, estresse, quebra de sigilo, cansaço ao responder as perguntas e quebra de anonimato.

Esta pesquisa não possui riscos de caráter físico. Sobre o protocolo a ser cumprido mediante a ocorrência de danos aos participantes estão as seguintes medidas: é garantido o direito a ressarcimento em caso de despesas relacionadas à sua participação, é garantido o direito a indenização em caso de danos nos termos da Lei Geral da Proteção de dados (LGPD – Lei 13.709/19) ou quaisquer outros tipos de danos resultantes de sua participação e, assegurado o acesso a assistência integral imediata de forma gratuita pelo tempo que for necessário em casos de danos recorrentes da pesquisa.

Você pode se recusar a participar da pesquisa e retirar seu consentimento em qualquer momento, antes durante ou depois da entrevista, e isso não gerará nenhum tipo de dano ou ônus a você ou a pesquisa. É direito seu ainda escolher não responder a alguma(s) pergunta(s), sem necessidade de justificar este feito ou sua desistência voluntária de participação.

Este estudo será realizado pela psicóloga mestranda Sâmela de Freitas Valamatós, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gimima Silva pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA), subsidiada pela Fundação de Amparo a Pesquisas do Estado do Amazonas (FAPEAM), em parceria com o Parque Municipal do Idoso (PMI) e aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP).

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar voluntariamente do presente estudo, autorizo o uso dos dados obtidos na minha participação para fins acadêmicos e estou ciente dos procedimentos dessa pesquisa, o que terei que fazer, bem como os riscos, benefícios e segurança de minha participação assim como segurança de minha participação ser anônima. Declaro que me foi explicado que as informações que fornecerei contribuirão para o fazer científico, e que posso me recusar a participar do estudo, retirar meu consentimento ou deixar de responder a quaisquer questionamentos. Tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de quaisquer dúvidas relativas à pesquisa posso procurar informações e/ou ajuda a qualquer momento com a pesquisadora através do contato (92) 99507-4354 ou do endereço eletrônico sdfv.mic22@uea.edu.br em horário e dia comercial quando ocorrência comum ou, em qualquer horário e dia quando caráter de urgência ou, com o Comitê de Ética em Pesquisa, colegiado multidisciplinar defensor dos direitos dos participantes da pesquisa, contato telefônico: (92) 3878-4368, endereço eletrônico: cep@uea.edu.br, localizado na Av. Carvalho Leal, 1777, Chapada CEP: 69065-001 e seu atendimento ocorre de segunda a sexta de 08:00 (oito) as 17:00 (dezessete) horas.

---

Sâmela de Freitas Valamatós  
Psicóloga 20/08869

---

Participante da Pesquisa

Manaus-AM, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**ANEXO 05: Termo de autorização de gravação em áudio e uso de depoimento**

Eu \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa “‘pessoa idosa’: Um estudo de Representações em um Parque Municipal de Idosos na cidade de Manaus”, bem como de estar ciente da necessidade do uso de gravação em áudio do depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Sâmela de Freitas Valamatos e Orientadora Gimima Silva, responsáveis pelo projeto, a realizar as gravações em áudio que se façam necessárias e colher meu depoimento sem quaisquer ônus ou bônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destes depoimentos transcritos em conformidade com os acertes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores e da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam o Estatuto da ‘pessoa idosa’ (Lei N.º 10.741/2003) e da Lei Geral da Proteção de dados (Lei 13.709/19).

---

Sâmela de Freitas Valamatos  
Psicóloga 20/08869

---

Participante da Pesquisa

Manaus-AM, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**ANEXO 06: Entrevista extra com uma professora que leciona para ‘pessoas idosas’**

**Pergunta 01:** O que significa ‘pessoa idosa’ para a Sra.?

“São pessoas que têm uma grande experiência, uma história de vida, que contribuem muito com a gente, com as nossas experiências. A gente tem muito o que aprender. Eu acho que é uma pessoa que já passou por diversas experiências na vida, porque o ser humano nasce, cresce, fica adulto, e depois chega nessa fase. Então, eu vejo como pessoas que têm uma grande experiência, uma experiência vasta, que têm muito contribuir com pessoas mais jovens, eu vejo eles assim. E são pessoas que têm uma bagagem de respeito, de amor, que realmente têm muito contribuir com as nossas vidas, com a família e pessoas que precisam de respeito, pessoas que têm realmente seus direitos, que têm seus deveres. São pessoas maravilhosas. A pessoa viver mais de 80 anos, é uma maravilha, é uma bênção de Deus, quantos jovens que morrem tão cedo, e eles estão com toda essa idade, e tem umas que tem um pique até mais do que eu, tem uma energia, são pessoas que são bem dinâmicas mesmo, eu digo ‘olha, vocês fazem coisas que eu não faço’”.

**Pergunta 02:** Como a Sra. considera a vida de uma ‘pessoa idosa’?

“É assim, alguns tem algumas limitações, com grandes dificuldades, muitas vezes, e a gente sabe ainda que tem aqueles idosos ainda que... que precisam ainda sair do seu mundinho. Hoje já tem um grande avanço, porque antes os idosos era só se aposentar, cuidar dos netos, fazer crochê e umas atividadezinhas ali. Mas hoje eu vejo assim que já tem um grande avanço, o estatuto do idoso assegura isso, dá muitos direitos, porque a Constituição Brasileira já assegurava e o estado do idoso vem e dá uma reforçada. Então eu vejo assim, que houve alguns avanços mas precisa muito mais, porque ainda vivemos no país, principalmente na região onde nós moramos, ainda existe muito desrespeito em relação ao idoso. A gente observa isso dentro do ônibus... em várias situações... na questão da prioridade da fila... então ainda precisa muito pra que realmente se coloque em prática, tudo aquilo que está em lei no papel. Preciso haver isso. Eu acho que é também algo cultural, que os pais precisam educar os pequenos em relação ao idoso. Então assim, eu vejo que já houve algumas melhorias, mas que precisa melhorar muito mais ainda para que se tenha uma boa qualidade de vida. Aqui o parque municipal do idoso, que foi o ônibus primeiro, esse espaço aqui é algo fantástico, porque entra aqui a pessoa sem andar, quando a gente vê a pessoa já está andando. Em todas as atividades tem toda uma equipe de trabalho. (Entrevistadora: Essas histórias de superações estão registradas?) Não sei, deve ter. Tem gente que entrou de cadeira de roda, começou a fazer as várias atividades físicas, que

passam a voltar a andar. A pessoa chega aqui com a autoestima lá embaixo, quando a gente vê, ela diz ‘aqui é minha casa, aqui é minha vida, eu preciso disso, se eu ficar em casa eu adoço mais’, então assim, é maravilhoso. Sinceramente eu sou uma pessoa encantada e realizada na minha vida profissional, eu não me arrependo de ter trilhado por esse caminho, trabalhar com pessoas da terceira idade foi algo que veio no meu coração e eu louvo a Deus por essa oportunidade. Hoje a qualidade de vida para eles, são oportunidades que eles não tiveram quando eram mais jovens. Quando eram crianças eles moravam em um lugar que não tinha escola, todos tiveram que casar, cuidar dos filhos, criar os filhos, educar os filhos... a gente vê pessoas que os filhos são formados e eles não. Então o parque do idoso vem com um resgate. A gente não falava em idoso antes em relação a educação, falava em educação de jovem e adulto. Uma vez me perguntaram para que com o idoso ia estudar já nessa idade, na hora veio a resposta: ‘olha, a criança, ela estuda por futuro e o idoso é pelo aqui e agora. Porque a maioria deles tem dificuldade de pegar o ônibus, às vezes não assina o nome, são coisas básicas do dia a dia. É por isso que a gente trabalha coisas bem corriqueiras e cotidianas, uma lista de receita, uma lista de fazer o rancho, coisas que eles já vivenciam, que eles têm contato e que contribui para a vida deles”.

**Pergunta 03:** O que a Sra. acha que a sociedade pensa sobre uma ‘pessoa idosa’?

“Eu vejo que ainda falta muita coisa em relação ao idoso, porque a gente vê quantos idosos que a família despreza. Infelizmente os dados comprovam, e se você for na delegacia do idoso você vai observar que são as pessoas que eram para proteger, que eram para cuidar, são os que maltratam. E eles sofrem vários tipos de violência, psicológica, física, financeira... e a gente vê realmente um índice muito alto. Infelizmente ainda tem muito isso, da falta de cuidado da família, existe muito desprezo. Uma pessoa que a vida toda se dedica a um filho e são abandonados pela família. Em relação à sociedade eu acho que ainda precisa muito ser trabalhado um outro olhar, tem pessoas que realmente têm a questão da discriminação, do preconceito. Quando a gente trabalha esse tema na sala de aula eles falam, se você perguntar ‘você já sofreu algum tipo de discriminação, de preconceito?’ eles falam ‘já’... dentro do ônibus, inclusive até por conta de estudar, falam, ‘papagaio velho não aprende mais’, aí eles respondem ‘aprendem sim’. Então eles sofrem e eu acho que como um todo, precisa realmente ter um outro olhar, a sociedade precisa desse olhar com mais uma relevância, de mais respeito, em todas as questões, uma fila de banco... porque eu fico imaginando que direito é esse da sua prioridade, que a fila do idoso é muito maior do que a fila normal? Para mim a prioridade deveria ser do idoso chegar e já avançar, qualquer fila. Tem questão do sistema de saúde também. Mas o ruim

mesmo é em relação aos ônibus, aqui mesmo aconteceu vários casos, inclusive esses dias agora, aconteceu um caso que o idoso se machucou... existem muitos desses casos. Eles falam que o ônibus passa, quando só tem idoso eles não param, mas quando tem uma novinha eles param. Então a gente vê assim, olhando assim, de modo geral, que realmente ainda deixa a desejar muita coisa”.